

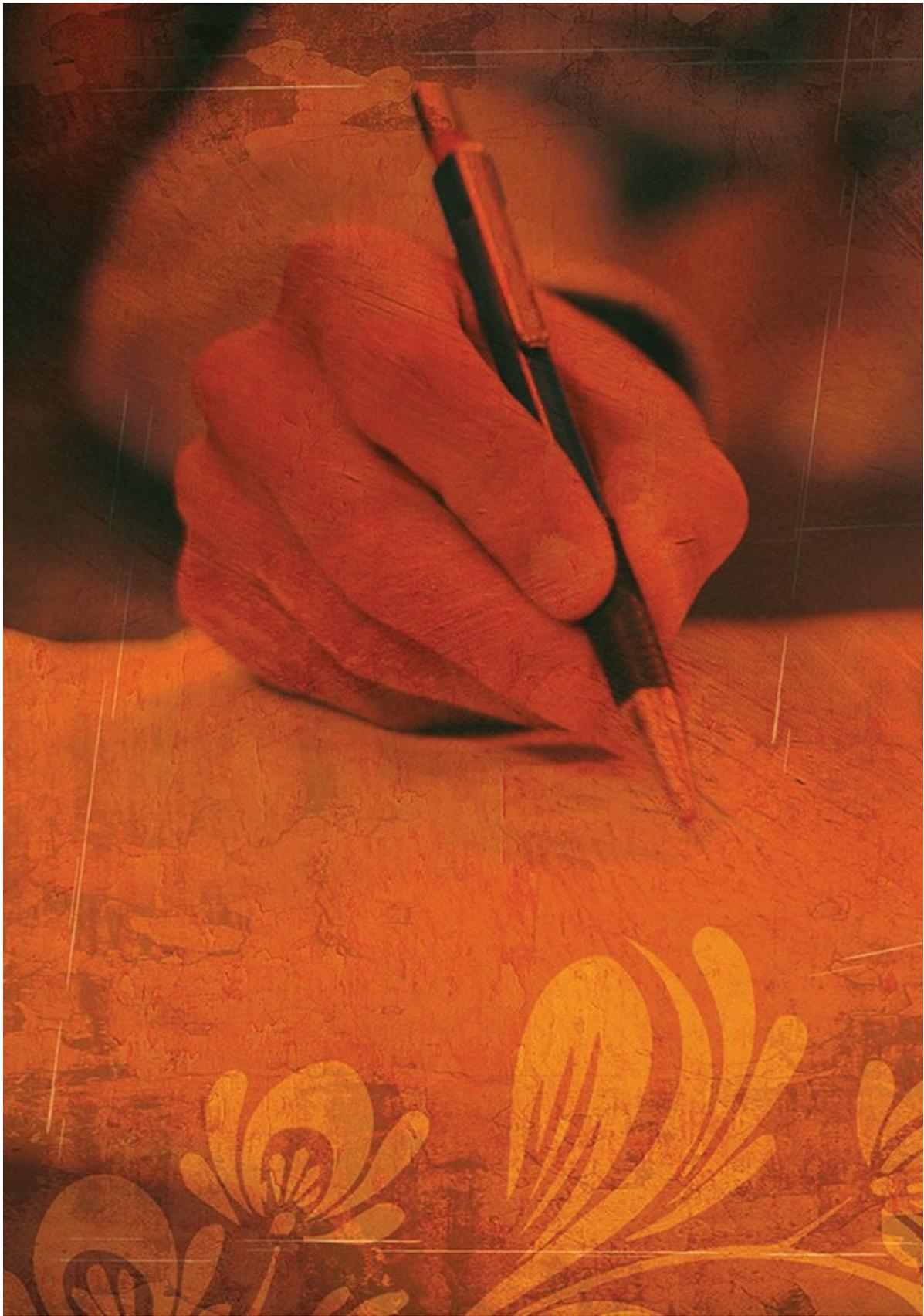
# Espiritismo

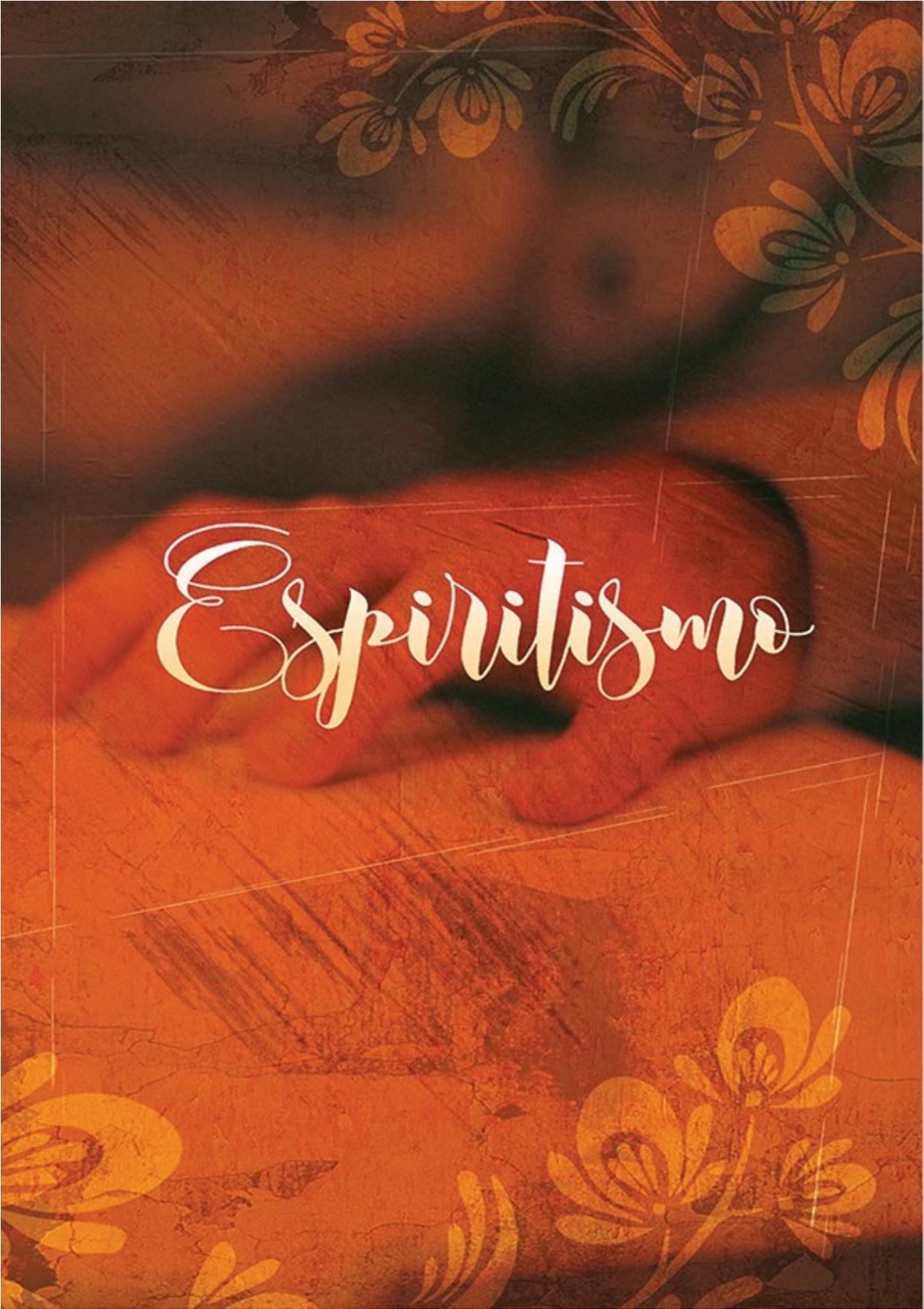
*RAZÃO COMO MÉTODO*  
*MEDIUNIDADE COMO LABORATÓRIO*  
*MORAL COMO OBJETIVO*

Irvênia L. S. Prada









# *Espiritismo*



2019 | Espiritismo - razão como método,  
mediunidade como laboratório, moral como objetivo - 1ª edição  
Copyright © - FE Editora Jornalística Ltda.  
Todos os direitos reservados.

**Editor**  
**Conrado Santos**

**Capa & Projeto Gráfico**  
**Dimitrius Gutierrez (JiMy M4Rt3)**

**Editoração Eletrônica**  
**Cassius Gutierrez**

**Revisão Textual**  
**Gaia Revisão Textual**

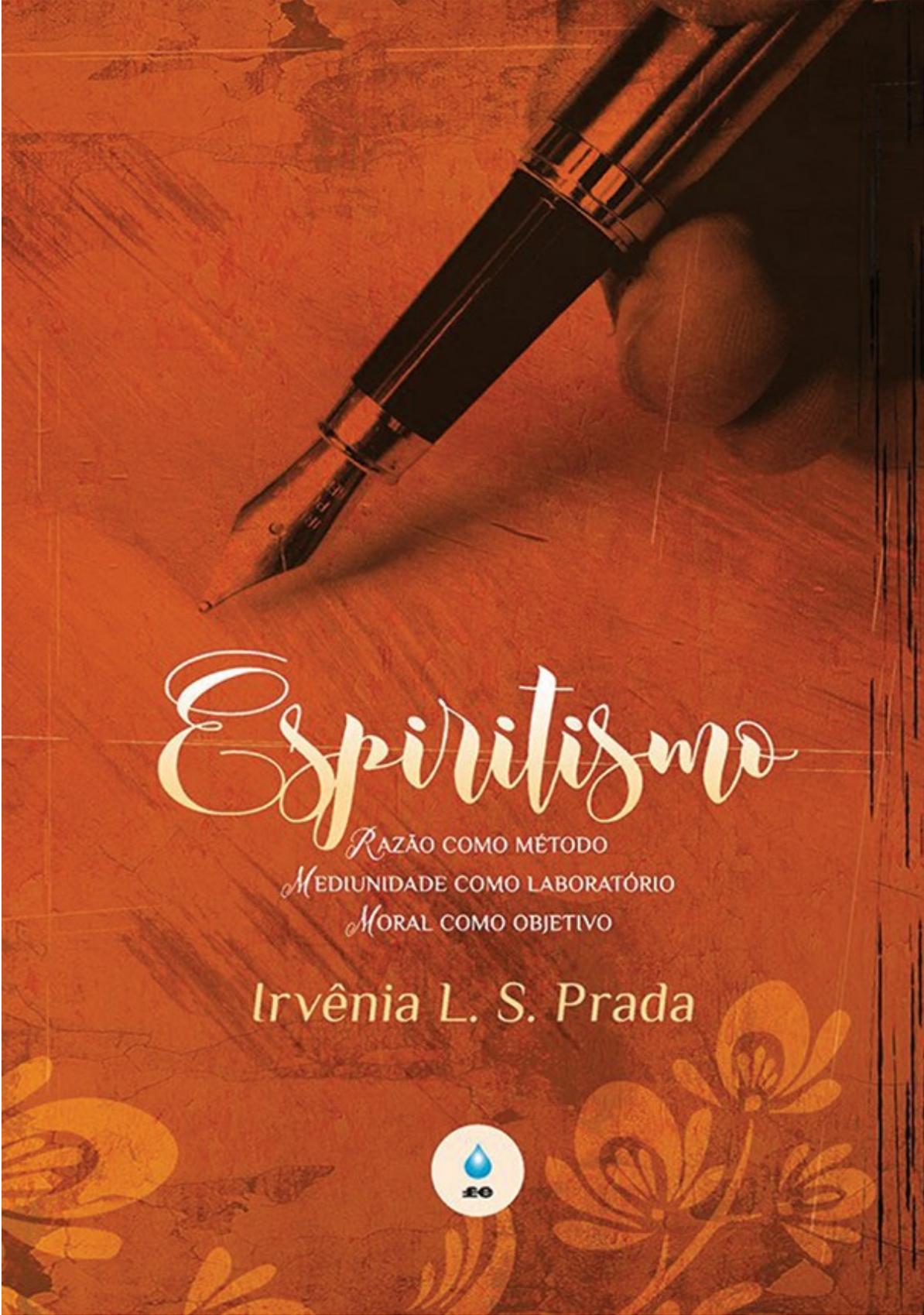
**Fotos | Texturas**  
**Internet | Unsplash**

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (cip)

Prada, Irvênia L. S.  
Espiritismo - razão como método,  
mediunidade como laboratório, moral como objetivo  
São Paulo, 2019 | 1ª edição  
320 P.; 16x23cm  
COD - 133  
ISBN -

FE Editora Jornalística Ltda.  
Av. Pedro Severino, 325 - Jabaquara  
São Paulo - SP - 04310-060  
(11) 5585-1977  
[www.folhaespirita.com.br](http://www.folhaespirita.com.br)  
[folhaespirita@folhaespirita.com.br](mailto:folhaespirita@folhaespirita.com.br)





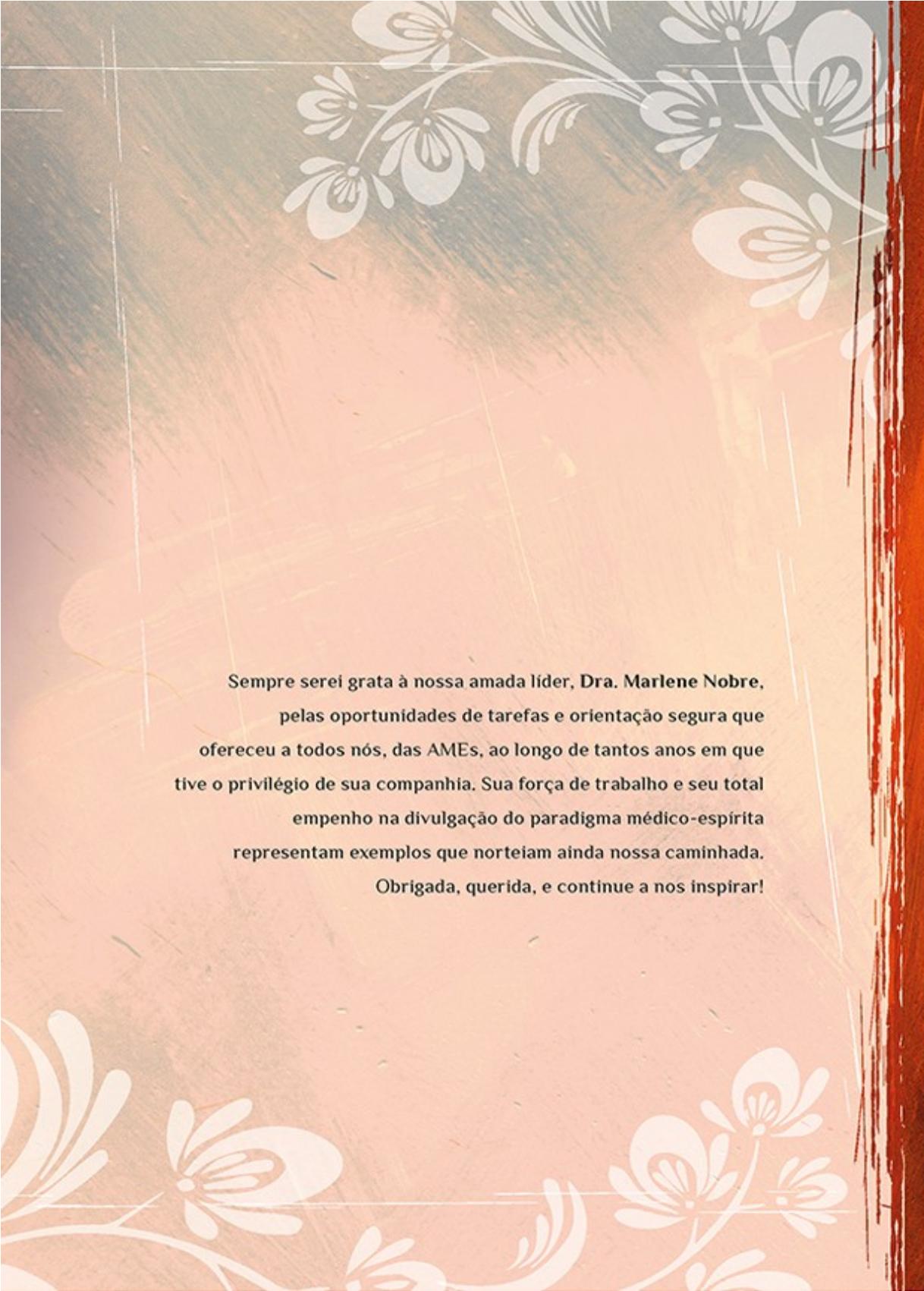
# Espiritismo

RAZÃO COMO MÉTODO  
MEDIUNIDADE COMO LABORATÓRIO  
MORAL COMO OBJETIVO

Irvênia L. S. Prada







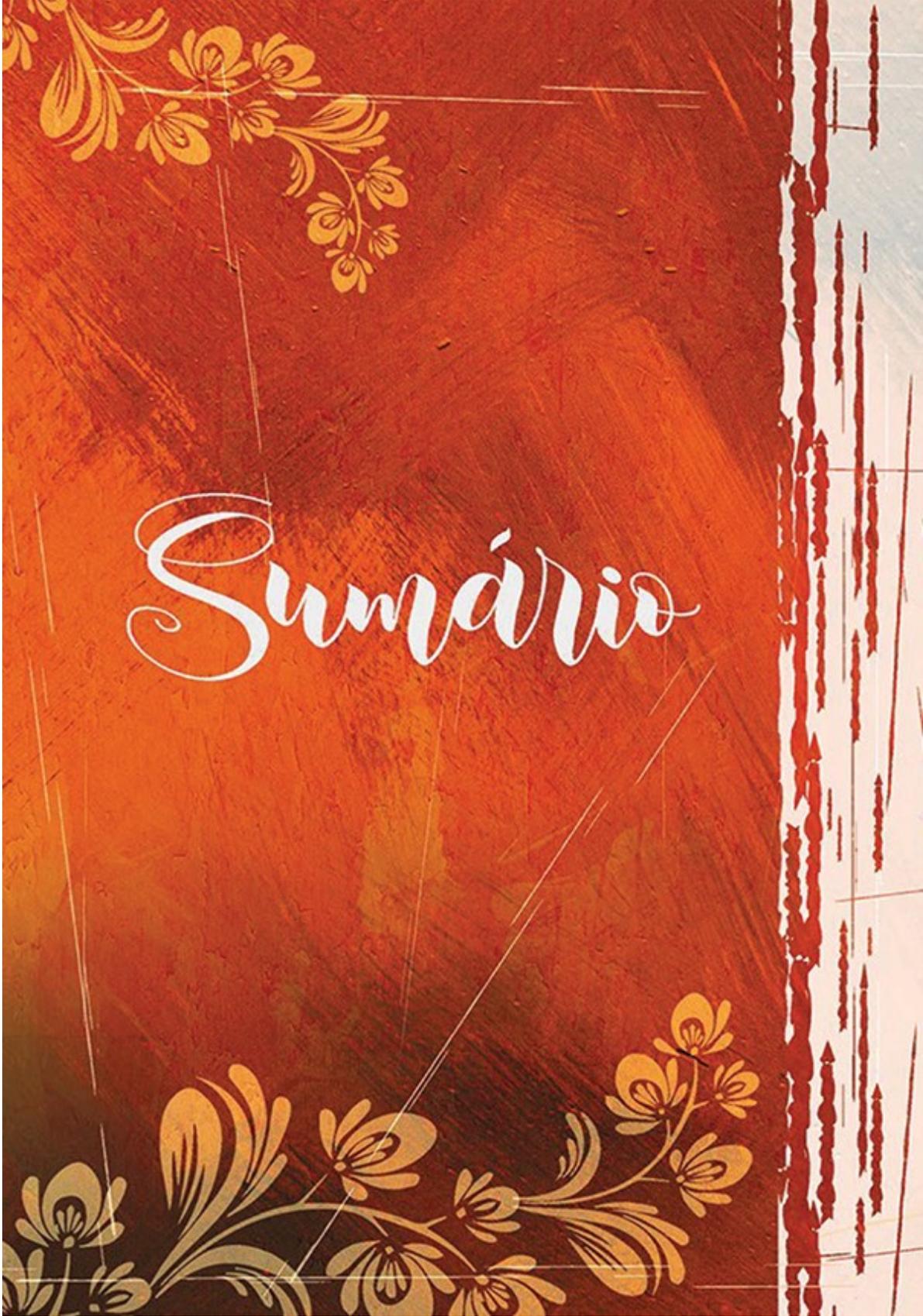
Sempre serei grata à nossa amada líder, **Dra. Marlene Nobre**, pelas oportunidades de tarefas e orientação segura que ofereceu a todos nós, das AMEs, ao longo de tantos anos em que tive o privilégio de sua companhia. Sua força de trabalho e seu total empenho na divulgação do paradigma médico-espírita representam exemplos que norteiam ainda nossa caminhada. Obrigada, querida, e continue a nos inspirar!





Dedico este livro à minha irmã  
Regina Célia de Santis Feltran

*em reconhecimento, com admiração, ao seu dedicado trabalho  
meritório dentro da casa espírita e à firme convicção doutrinária  
com que embasa todos os atos de sua vida... e, ainda,  
por ser a irmã que todo mundo gostaria de ter!*



# Sumário

# SUMÁRIO

1. [Capa](#)
2. [Créditos](#)
3. [Folha de Rosto](#)
4. [Prefácio](#)
5. [Apresentação](#)
6. [1 Espiritualismo e Espiritismo](#)
7. [2 Estrutura e características de Doutrina Espírita](#)
8. [3 Os livros da Codificação Espírita](#)
9. [4 A mediunidade como laboratório](#)
10. [5 Mediunidade e cérebro triúno](#)
11. [6 A mediunidade através dos tempos](#)
12. [7 Moral - Jesus é a referência](#)
13. [8 É necessário viver de novo - a reencarnação](#)
14. [9 Homenagem a um pioneiro](#)
15. [Referências](#)

## Landmarks

1. [Capa](#)

2. [Página de Créditos](#)

3. [Folha de Rosto](#)

4. [Epígrafe](#)

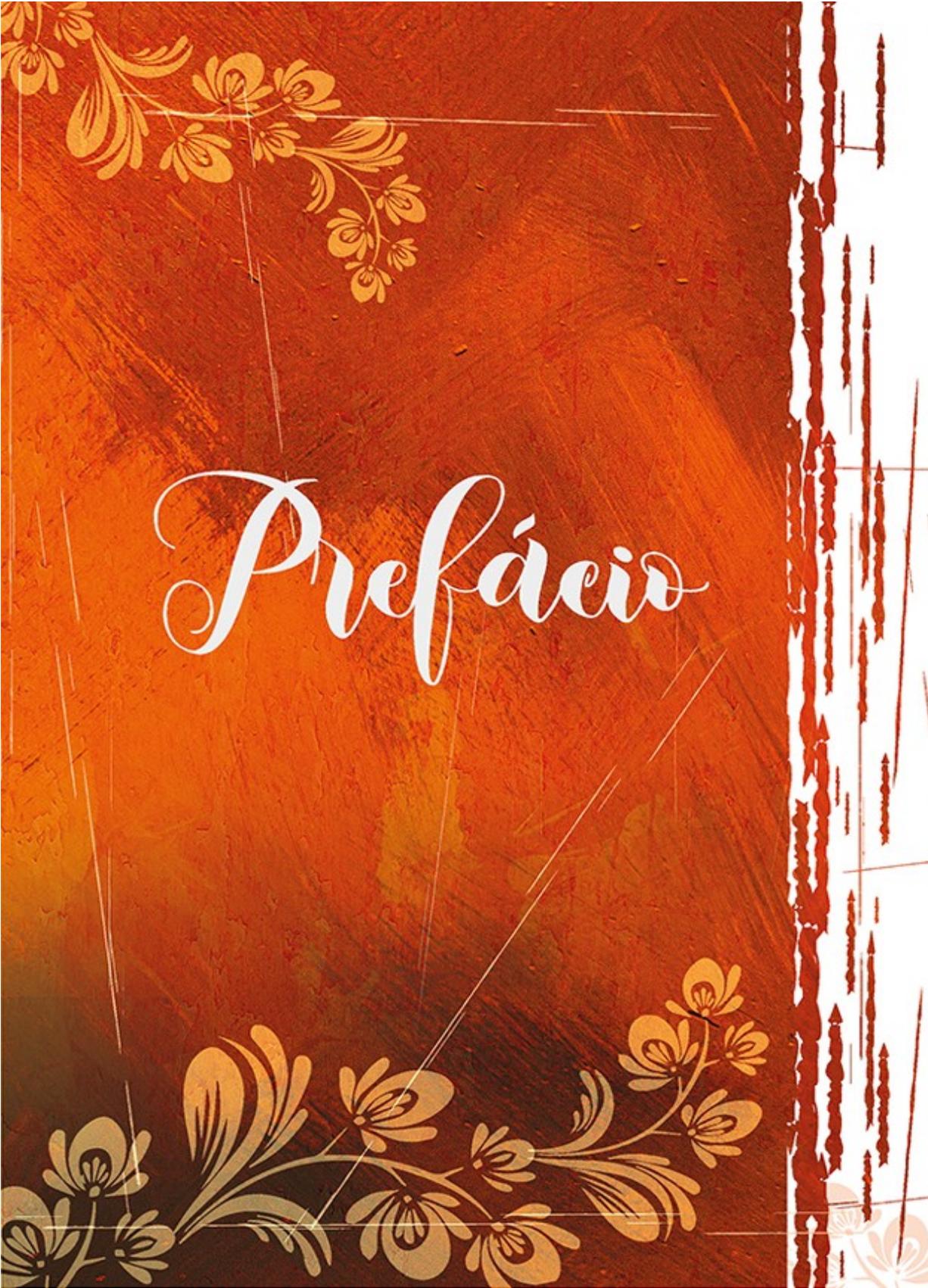
5. [Dedicatória](#)

6. [Sumário](#)

7. [Prefácio](#)

8. [Início](#)





# Prefácio

A obra que a Dra. Irvênia Luiza de Santis Prada nos brinda é um marco para a Doutrina Espírita Kardecista, pois o panorama por ela traçado para sua compreensão é profundo e balizado por vários temas.

O que também me anima, entretanto, a falar desta obra, é a pessoa da autora, que conheço desde tenra idade e que, com o tempo e com a convivência fraterna, em razão dos laços de amizade dela com minha saudosa e inesquecível mãe, Marlene Nobre, me fez admirá-la cada vez mais. Porém, a tarefa não fica mais simples quando a afeição toca o nosso coração, e o esforço para apresentar a obra se amplia quando há tantos elementos fundantes a serem compreendidos, desde a primeira distinção empreendida entre Espiritismo e espiritualismo, que nos impressiona pela manifesta intenção da autora de nos guiar entre dados que forçosamente impellem a uma compreensão maior da Doutrina Espírita.

O livro apresenta-se como um guia seguro para os estudos da Doutrina Espírita, especialmente pelo modo como a Dra. Irvênia descreve a obra de Allan Kardec. Aliás, é digna de nota a pesquisa que terminou por elaborar o quadro sobre a estrutura da Doutrina, que desemboca no esforço inicial do Codificador, tornando firmes os contornos da racionalidade, da filosofia e da religião que iluminam nossas mentes e nos permitem buscar o avanço consciente em direção à nossa libertação, tudo bem representado nos três fundamentos da Doutrina, que sempre merecem menção: *(i) fora da caridade não há salvação; (ii) nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, essa é a Lei; e (iii) a única fé inabalável é a que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade.*

Embora não esteja habilitado para reforçar os elementos científicos pelos quais a obra caminha, na segura compreensão da autora, posso dizer que os três capítulos sobre a mediunidade engrandecem imensamente nossa compreensão sobre o fenômeno, em especial pela lembrança de que “desde que passaram a existir seres humanos aqui em nosso planeta, concomitantemente a mediunidade também passou a se manifestar por intermédio desses indivíduos”. A mediunidade expressa o intercurso entre encarnados e desencarnados e por isso é matéria-prima para os princípios em que se funda o Espiritismo.

O tema, entretanto, está longe de ser simples, por isso a Dra. Irvênia refere autores como Herculano Pires, Ernesto Bozzano, Herbert Spencer e Max Freedom Long de forma acessível, permitindo compreender suas elaboradas teorias. Do ser gregário até o ser social, muito caminhou a humanidade, e ainda um longo caminho apresenta-se para o futuro. Mas com a iluminação da Doutrina Espírita, o futuro já desponta como um raio de esperança, pois sabemos que estamos todos em franco processo evolutivo, com um guia seguro de como podemos nos aprimorar para nos aproximar da verdade e da libertação.

Não posso deixar de me referir ao maravilhoso capítulo sobre a mediunidade e o cérebro triúno, em que a grande capacidade da autora, como pesquisadora atenta, fica evidenciada nos excelentes quadros que ela compõe para explicar a composição de nossa casa mental. Em suas palavras, “a mediunidade, em sua natureza, alicerça-se em um fenômeno de sensopercepção”.

Aqui é importante reforçar que nossa capacidade de sentir e perceber é ainda mais relevante em momentos graves, de grande polaridade política, de crises econômicas, de grandes resgates coletivos, como aquele que vivemos nos dias atuais. A sintonia com os mundos sutis, de elevação e de amor, faz-se ainda mais necessária e urgente, e é a Doutrina que nos guia e nos equilibra nesse entendimento.

Nesse gancho sobre o médium, gosto muito da trajetória que a autora remonta desde o horizonte tribal da humanidade, que evoluiu para agrícola, civilizado, profético e espiritual. Nesse aspecto evidencia-se a importância de procurarmos compreender o nosso processo evolutivo, em especial quando as lutas da vida se acirram.

Ao sentirmos os caminhos que a humanidade retoma, sempre pode nos assaltar um receio pelo futuro que estamos construindo, mas a Doutrina nos ensina que a evolução é caminho sem volta. Não podemos retroceder em relação aos atributos morais e éticos que conquistamos. Aqueles de nós que assim se encaminham, recrudescendo as lutas, fomentando a discórdia, terão que retomar o rumo da evolução. Como recorda a autora, “assim temos, na Doutrina Espírita, precioso recurso de libertação de nossas consciências, de todos os resíduos que possam ainda permanecer, em nossas mentes, nesse longo percurso histórico”.

A inspiração para nossa libertação vem de Jesus Cristo, nosso guia e modelo. A narrativa da autora sobre o contexto histórico do nascimento de

Jesus e sua trajetória acrescenta significado crescente à história de cada um de nós, em trânsito por este planeta, evidenciando que a única saída está na caridade, que se expressa no amor, o amor de Jesus, que nos envolveu de maneira definitiva e que nos sustenta. Serve ainda para lembrar-nos que a humanidade vive da mesma forma, com episódios de acirramento do ódio, com perseguição e violência praticada entre Homens que possuem entendimentos diversos e conceitos variados. Cada tempo expressa suas próprias dificuldades, e a cada um de nós cabe sustentar e espalhar o amor que conseguimos compreender e assimilar.

A obra termina com as considerações sobre a reencarnação, elemento que nos consola e que nos ajuda a manter a fé raciocinada na continuidade do sentido de nossas vidas. Bendito seja Hippolyte Léon Denizard Rivail, nosso Allan Kardec, e sua esposa, Amélie Gabrielle Boudet, que resistiram bravamente às forças contrárias à Doutrina Espírita para que ela se fizesse Luz. Bendito seja o inesquecível e incomparável médium Francisco Candido Xavier – Chico Xavier – pelo seu inestimável legado de mais de 450 livros; mais de 50 milhões de exemplares vendidos; mais de 10 mil cartas recebidas dos Espíritos, e tudo isso sem qualquer contrapartida, doando todos os direitos autorais às casas espíritas. Benditos sejam as milhares de irmãs e os milhares de irmãos anônimos que com seus esforços trouxeram esclarecimentos e luzes aos mais necessitados por intermédio da divulgação da Doutrina Espírita, a quem rendo as minhas homenagens nas pessoas das Doutoras Marlene Nobre e Irvênia L. S. Prada.

Concluo certo de que a presente obra se tornará não apenas um importante guia a quantos se iniciam hoje na Doutrina Espírita, em busca da consolação que nos enviou a espiritualidade, a fim de nos dar coragem para seguir nosso caminho evolutivo, vibrando sempre nas ondas do amor e da fraternidade, mas, principalmente, como um livro profundo nas questões espirituais trazidas por Kardec, repleto de esclarecimentos para todos aqueles que têm sede de conhecimento. Que assim seja!

*Marcelo Nobre*





# Apresentação

De início, devo dizer que sou profunda admiradora da obra do jornalista e filósofo espírita Herculano Pires. Tanto isso é verdade que o subtítulo deste livro foi inspirado em algumas palavras de seu livro *Mediunidade: vida e comunicação – conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*: “[Espiritismo] O mundo é seu objeto de estudo, a razão é seu método, e a mediunidade é seu laboratório”.<sup>1</sup>

Os escritos de Herculano me ajudaram a valorizar a estrutura da Doutrina Espírita – ciência, filosofia e moral –, o que me levou a reconhecer o valor do conhecimento (*da realidade do espírito*) cujo significado, fruto de reflexão filosófica, alicerça nossas condições de decidir, de escolher, ou seja, de exercitar de maneira adequada nosso livre-arbítrio. Nesse sentido, é preciosa a “Introdução ao livro dos Espíritos” da edição especial da Editora LAKE de *O livro dos Espíritos* que Herculano redigiu para comemorar o centenário dessa obra!<sup>2</sup>

Quanto a Allan Kardec, mais do que admiração a esse Espírito missionário – que é imensa –, tenho um sentimento de gratidão. Difícil imaginar como ele conseguiu, em apenas 15 anos, trazer para o mundo tantas informações e revelações. Kardec tirou o fenômeno mediúnic do mistério das sombras, demonstrando que os Espíritos, que desde sempre se comunicam com os chamados vivos, não são deuses nem demônios, mas, sim, simplesmente, seres humanos desencarnados, que se encontram em diferentes níveis evolutivos, tanto intelectual quanto moralmente.

Essa conclusão levou-o a outra, a da falibilidade dos Espíritos, que nada mais sendo do que a alma dos seres humanos, agora desencarnados, emitem informações segundo sua bagagem cultural do momento. Kardec também reconheceu o caráter progressista da Doutrina Espírita, que, tendo em sua base o arcabouço de ciência, pode e deve rever e atualizar informações contidas em seus textos, conforme o avanço natural dos conhecimentos.

Apesar de isso tudo ter sido colocado e divulgado de forma clara nas obras doutrinárias básicas, tenho percebido que nem todo espírita, mesmo dedicado no desempenho de tarefas meritórias, tem acesso a esse conhecimento e mesmo oportunidade de uma reflexão a respeito. Assim foi surgindo a motivação para este livro – dar vazão ao meu entusiasmo para com a estrutura dessa nossa abençoada doutrina e, por outro lado, oferecer

ao prezado leitor, particularmente aos iniciantes nos estudos do Espiritismo, alguns textos alusivos a seus princípios fundamentais.

De início vem um histórico, embora resumido, do Espiritualismo Moderno e do surgimento do Espiritismo, codificado com sabedoria e responsabilidade pelo mestre lionês. Segue-se um estudo sobre as características básicas da Doutrina Espírita como ciência (*que ciência?*), filosofia (*a dialética espírita*) e moral (*enquanto bem comum*), com destaque para o Movimento de Ciência e Espiritualidade, a proposta de um novo paradigma para uma “ciência pós-materialista” e uma análise a respeito da Doutrina Espírita ser ou não reconhecida como “religião”.

Os livros básicos da Codificação Espírita (*o pentateuco espírita*) e outros apensos a ela são abordados no Capítulo 3, no qual consta um resumido histórico a respeito de cada um deles e suas finalidades.

A mediunidade como laboratório é analisada em vários de seus aspectos no Capítulo 4: a manifestação da mediunidade desde sempre, a proibição bíblica do exercício da mediunidade, a mediunidade na Pátria do Evangelho e as bases físicas de manifestação da mediunidade (*circuito mediúnico*). Este capítulo tem como base as revelações de André Luiz, particularmente em sua obra *Mecanismos da mediunidade*<sup>3</sup>, com clara conceituação a respeito dos mecanismos de afinidade, de sintonia e de atuação dos chamados agentes de indução. Também é abordada a participação do médium nas Manifestações de Efeitos Inteligentes (em que age como *intermediário* no fenômeno) e nas Manifestações de Efeitos Físicos (em que se comporta apenas como *doador* de fluidos), além da reflexão de Kardec sobre os fenômenos que poderiam ser mais propriamente classificados como anímicos do que mediúnicos (*videntes, audientes, sensitivos ou impressionáveis* e “*médiuns*” de cura).

Em alusão ao livro *O cérebro triúno a serviço do Espírito*<sup>4</sup>, que publiquei em parceria com os prezados amigos Dr. Décio Iandoli Jr. e Dr. Sérgio Lopes, o Capítulo 5 trata do envolvimento das várias estruturas cerebrais durante o transe mediúnico (na *psicofonia consciente* e na *psicofonia inconsciente*), com proposta de um modelo sobre a dinâmica de atuação da mente no cérebro. É ainda comentado o papel dos “*transdutores cerebrais*”, estruturas que teriam a capacidade de mediar a interface mente-cérebro (*sistema centroencefálico* e *sistema límbico*, além do *neocórtex terciário dos lobos frontal e temporal*).

A visão antropológica de Herculano Pires<sup>5</sup> a respeito da evolução das formas de manifestação da mediunidade, que expõe em seu livro *O Espírito*

e o tempo, foi fundamental para a elaboração do Capítulo 6. Sendo a mediunidade uma faculdade humana, é muito interessante a observação de como ela foi manifestando-se de diferentes maneiras, ao longo dos tempos (*mediunismo primitivo, mediunismo oracular, mediunidade personalizada nos profetas e mediunidade racional*), e esclarecida pelo Espiritismo à medida que o ser humano foi evoluindo de ser gregário para ser social, ser ético, ser moral e, finalmente, ser espiritual.

Como Kardec teve a lucidez de acoplar aos aspectos científico e filosófico do Espiritismo a questão moral, toma Jesus como referência, sendo, portanto, imperativo nesse contexto uma abordagem – o que foi feito no Capítulo 7 – sobre a figura que devemos reter desse Mestre: a de um “salvador” de nossas almas, a de um agente de curas ou a de um agente de autocuras, educando a moral das criaturas? Afinal, aos que atendia, sempre acrescentava: “A tua fé te curou, vai e não peques mais [...]”.

Ainda dentro dos princípios básicos da Doutrina Espírita, o tema da reencarnação foi tratado no Capítulo 8, com destaque para os argumentos com que Kardec o defendia e para a interessante abordagem de Hermínio Miranda<sup>6</sup> em *A reencarnação na Bíblia*, com relatos de várias passagens que evidenciam a vivência desse conceito no cristianismo de origem. Faz-se também uma análise de pesquisas acadêmicas sobre fatos sugestivos de reencarnação e da maneira como aconteceram as primeiras encarnações humanas na Terra, concluindo-se que a Antropologia e a Biologia atuais confirmam o exposto a respeito em *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, de Kardec<sup>7</sup> (cap. XI). Ao final, a oportunidade da reencarnação é valorizada como instrumento de superação das dificuldades e aprimoramento espiritual.

No Capítulo 9, faço uma homenagem especial a meu avô paterno, Caetano de Santis, por sua coragem de romper com suas antigas convicções e assumir-se como espírita em uma época em que essa atitude era malvista e combatida preconceituosamente. Eu não o conheci pessoalmente, mas sempre dediquei a ele um carinho especial e muito respeito. Na comemoração dos 100 anos da instituição espírita que ele fundou em minha cidade natal, Itobi-SP, em 2017, fiz uma palestra, emocionada, na abertura do evento. Agora pretendo, neste livro, homenagear esse pioneiro que ofereceu aos meus conterrâneos e à nossa família a oportunidade de conhecimento dessa doutrina de libertação das consciências. Para isso, apresento fatos pitorescos da vida do casal – meu avô e minha avó –,

desejando que eles recebam, onde quer que estejam, um abraço de gratidão, com muito carinho!

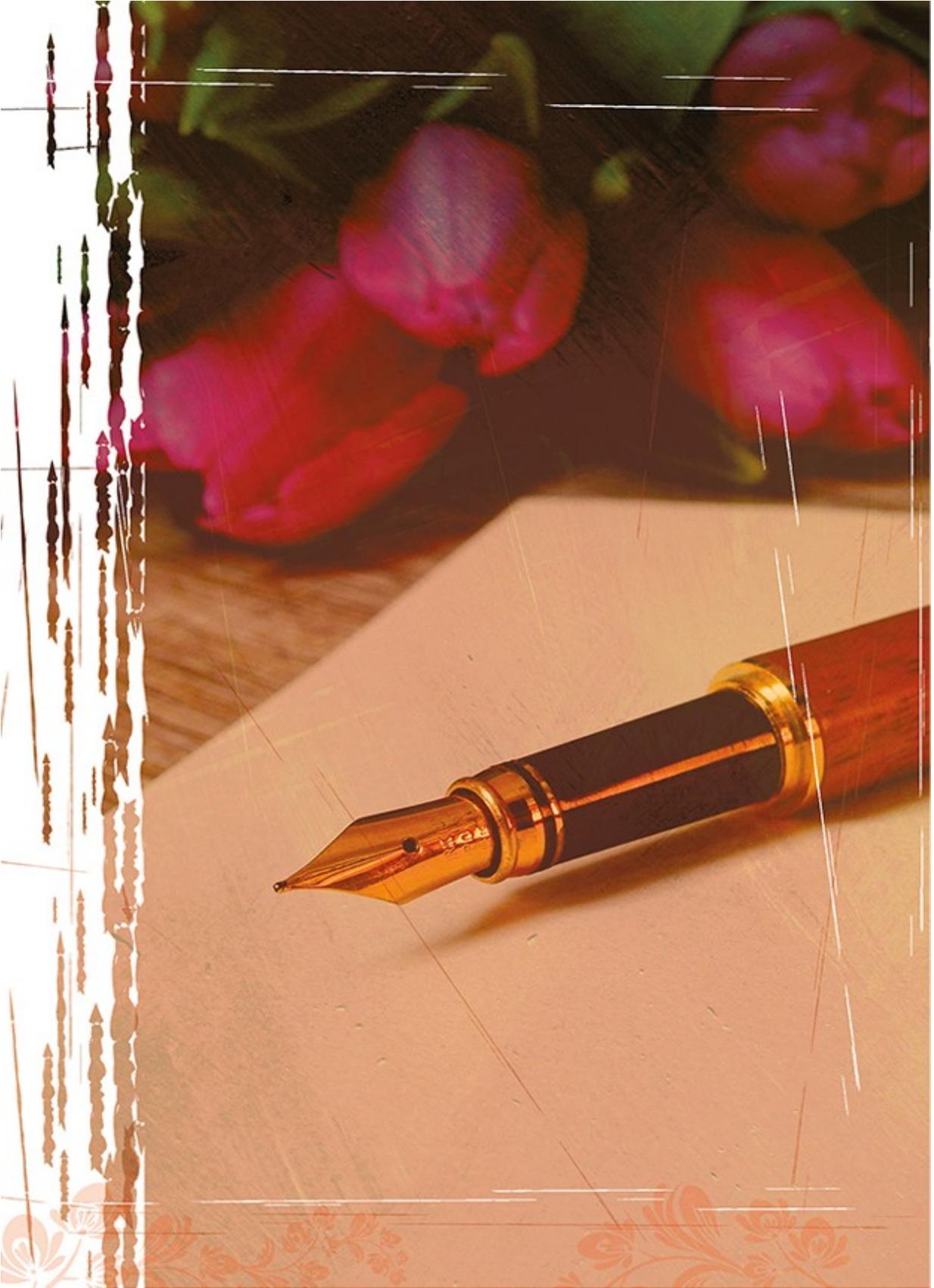
Aos prezados leitores, também sou grata pela atenção com que se interessaram por este livro, esperando que, de alguma forma, ele lhes seja útil.

Fraternalmente,

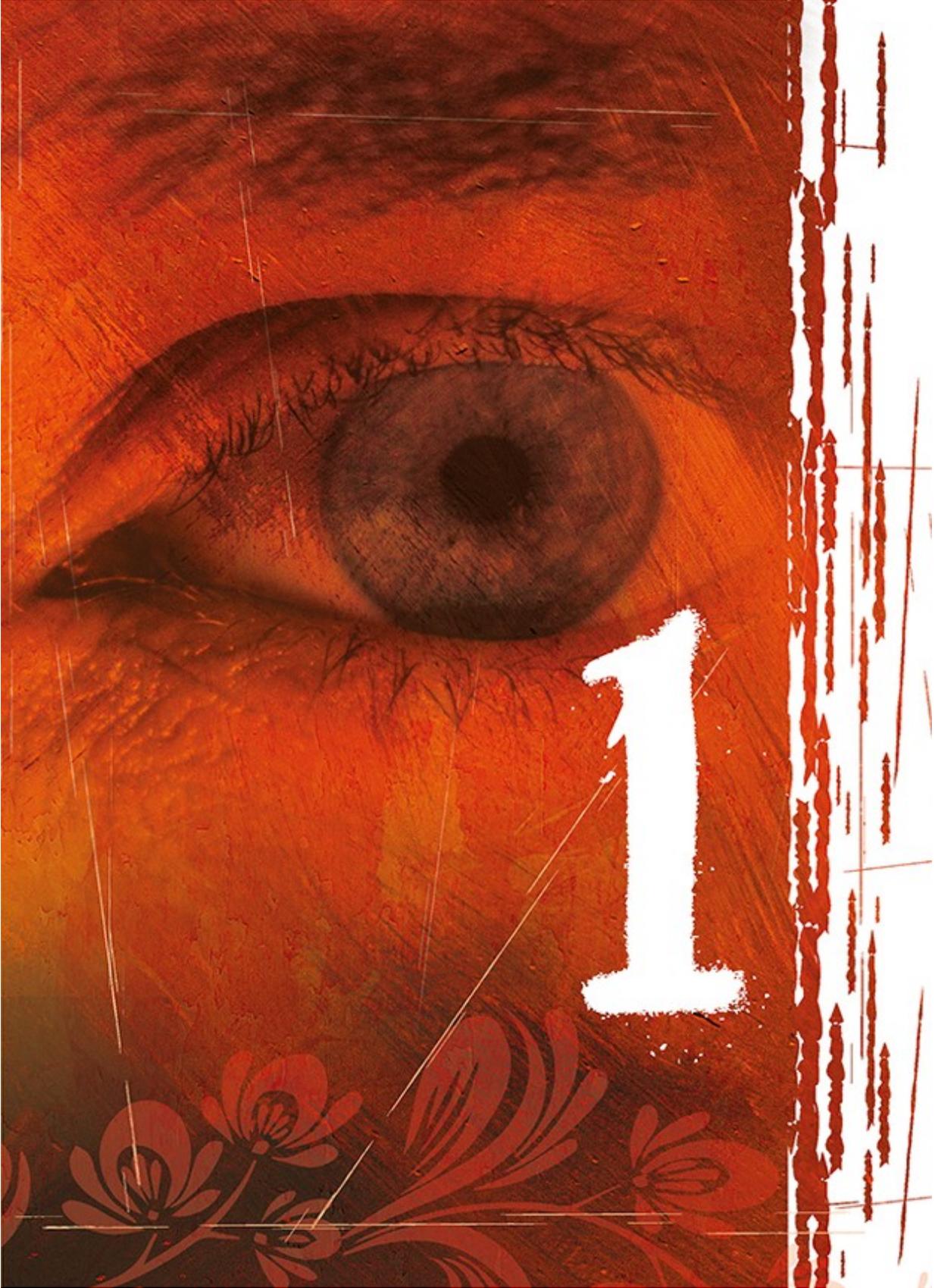
*Irvênia L. S. Prada*

---

- [1](#) PIRES, José Herculano. *Mediunidade: vida e comunicação – conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. São Paulo: EDICEL, 1978.
- [2](#) PIRES, José Herculano. Introdução ao livro dos Espíritos. In: KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. São Paulo: LAKE, 1957.
- [3](#) LUIZ, André (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1959.
- [4](#) PRADA, Irvênia L. S.; IANDOLI JR., Décio; LOPES, Sérgio S. *O cérebro triúno a serviço do Espírito*. São Paulo: AME-Brasil Editora, 2017.
- [5](#) PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.
- [6](#) MIRANDA, Hermínio C. *A reencarnação na Bíblia*. São Paulo: Pensamento, 2017.
- [7](#) KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.









# Espiritualismo e Espiritismo

Em meados do século XIX, fatos inusitados que aconteceram nos Estados Unidos chamaram a atenção de diversas pessoas, particularmente por se relacionarem a “coisas do outro mundo”! Até essa época, as várias correntes religiosas e filosóficas que se caracterizavam como “espiritualistas” – por admitirem a existência de outra dimensão, diferente e separada do mundo físico em que vivemos – sempre se mostraram envoltas por um halo de mistério, sem que se tivesse conhecimento racional das causas desses

fenômenos estranhos que, por vezes, aconteciam. No entanto, fatos novos vieram mudar esse cenário, inaugurando-se assim a fase do chamado “espiritualismo moderno”.

O **espiritualismo moderno** é um movimento cultural filosófico-religioso cuja característica marcante é a da evidência de que os Espíritos de mortos podem se comunicar com os vivos. A data de 31 de março<sup>8</sup> de 1848 foi convencionalmente estabelecida como a do início do espiritualismo moderno, por conta de vários acontecimentos que foram registrados nos Estados Unidos.

O conhecido escritor britânico Conan Doyle<sup>9,10</sup>, em seu livro *A história do Espiritismo*, comenta minuciosamente a respeito da personalidade e da vida do notável médium norte-americano Andrew Jackson Davis<sup>11</sup> (Fig. 1.1), merecendo destaque o seguinte trecho:

Para nós o que é importante é o papel representado por Davis no começo da revelação espírita [...] De suas notas tomamos a passagem seguinte, que traz a data significativa de 31 de março de 1848: “Esta madrugada, um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz, suave e forte dizer: Irmão, um bom trabalho foi começado – olha! surgiu uma demonstração viva”. Fiquei pensando o que queria dizer semelhante mensagem.

Conan Doyle continuou seu comentário indicando que isso seria o prenúncio do enorme movimento espiritual que se anunciava.

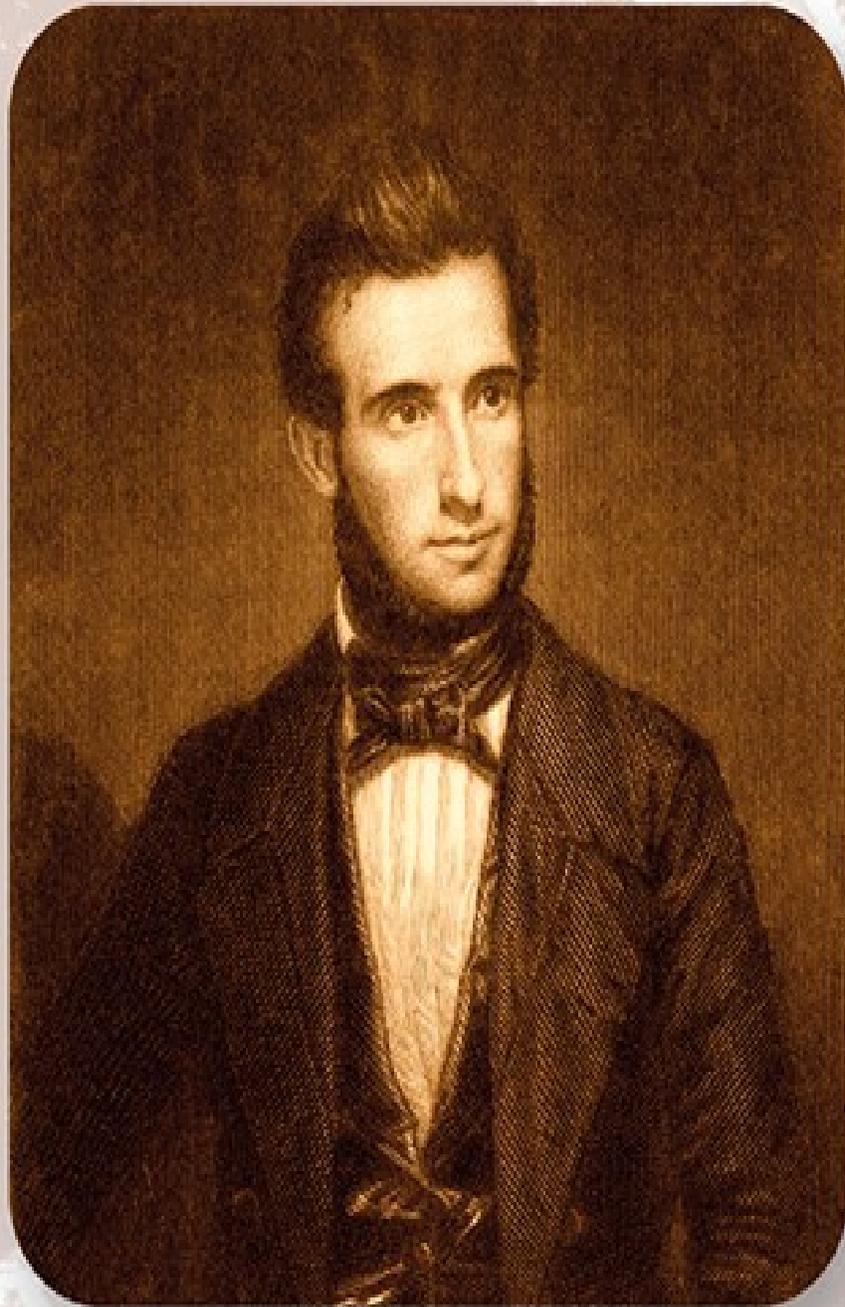


Fig. 1.1 – Andrew Jackson Davis (1826-1910) em 1847, aos 21 anos de idade

Outros acontecimentos marcantes, envolvendo essa data, ocorreram nos Estados Unidos, no município de Hydesville, estado de New York, com a família metodista do Sr. John D. Fox. A casa para a qual haviam se mudado, em 11 de dezembro de 1847, tinha fama de ser mal-assombrada. No ano seguinte, os ruídos – como arranhaduras – notados pelos antigos inquilinos voltaram a ser ouvidos, mas parece que não incomodaram a família Fox até meados de 1848. Dessa data em diante, os ruídos intensificaram-se. Às vezes eram simples batidas, outras vezes soavam como um arrastar de móveis. Tão vibrantes eram os sons que as camas tremiam e se moviam. Conan Doyle<sup>12</sup> registrou:

Finalmente, na noite de 31 de março houve uma irrupção de inexplicáveis sons muito altos e continuados. Foi nessa noite que um dos grandes pontos da evolução psíquica foi alcançado, desde que foi nessa noite que a jovem Kate Fox desafiou a força invisível a repetir as batidas que ela dava com os dedos [...] Conquanto o desafio da mocinha tivesse sido feito em palavras brandas, foi imediatamente respondido. Cada pedido era respondido com um golpe [...].

Segundo depoimento posterior de Mrs. Fox, sua filha menor, Kate, dissera na ocasião, batendo palmas: “Sr. Pé-Rachado, faça o que eu faço”, seguindo-se imediatamente o som com o mesmo número de palmadas. Logo após, Margareth dissera brincando: “Agora, faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro”, e bateu palmas, produzindo-se os ruídos como antes.

Mrs. Fox explica em seu depoimento:

Pensei em fazer um teste de que ninguém seria capaz de responder (idade dos filhos). Instantaneamente foi dada a idade certa de cada um [...] Perguntei: É um ser humano que me responde tão corretamente? Não houve resposta. Perguntei: É um Espírito? Se for, dê duas

batidas, e elas foram ouvidas. Então eu disse: Se foi um Espírito assassinado dê duas batidas, e elas foram ouvidas imediatamente, produzindo um tremor na casa. Perguntei: Foi assassinado nesta casa? A resposta foi como a precedente [...].<sup>13</sup>

Mrs. Fox ainda revela:

Pelo mesmo processo verifiquei que fora um homem que o assassinara nesta casa e que seus despojos encontravam-se enterrados na adega; que a sua família era constituída de esposa e cinco filhos, dois rapazes e três meninas, todos vivos ao tempo de sua morte, mas que depois a esposa morrerá. Então perguntei: continuarás a bater se chamar os vizinhos para que também escutem? A resposta afirmativa foi alta. Meu marido foi chamar Mrs. Redfield, nossa vizinha mais próxima [...]. Ela veio imediatamente – seriam cerca de sete e meia [...]. Fiz algumas perguntas por ela e as respostas foram como antes. Deram-lhe a ideia exata. Ela então chamou o marido e as mesmas perguntas foram feitas e respondidas. Então, Mr. Redfield chamou Mr. Duesler e a esposa e várias outras pessoas [...]. Alguns permaneceram em casa naquela noite. Eu e as meninas saímos [...].<sup>14</sup>

Mesmo assim – sem a presença da mãe e das filhas, Kate e Margareth –, os fenômenos continuaram. Formou-se uma espécie de “comissão de investigação de maliciosa feição ianque”, que levou parte da noite de sexta-feira, de 31 de março de 1848, entre perguntas e respostas com a inteligência

invisível. Foi Mr. Duesler quem, pela primeira vez, usou o alfabeto para obter as respostas. Assim foi obtido o nome do morto – Charles B. Rosma.

Mais tarde, foram realizadas escavações na adega da casa, em busca de confirmação das informações recebidas, mas os resultados não foram conclusivos. Tudo o que aconteceu abalou intensamente a vida da família Fox, que caiu em descrédito e zombarias, tendo de se mudar para muito longe dali, em direção à costa oeste do país. Somente 56 anos depois – em 21 de novembro de 1904 – foi feita uma descoberta que provou, acima de qualquer dúvida, que alguém realmente havia sido enterrado na adega dos Fox.

Conforme relata Conan Doyle<sup>15</sup>, essa constatação apareceu no *Boston Journal* – uma folha não espírita – de 23 de novembro de 1904, assim redigida:

O esqueleto do homem que se supõe ter produzido as batidas, ouvidas inicialmente pelas irmãs Fox, em 1848, foi encontrado nas paredes da casa ocupada pelas irmãs e as exime de qualquer sombra de dúvida concernente à sua sinceridade na descoberta da comunicação dos Espíritos [...]. A descoberta foi feita por meninos de escola, que brincavam na adega da casa de Hydesville [...].

**Rompe-se o véu do mistério** – vista até então como algo misterioso e inexplicável, a partir desse “episódio de Hydesville”, a comunicação entre vivos e mortos mostrara-se, objetivamente como acontecimento, passível de ser reconhecida. No *episódio de Hydesville*, sua causa era simplesmente um Espírito de pessoa comum que desencarnara e conseguira se comunicar com “os vivos”, narrando como havia acontecido a morte de seu corpo. Portanto, estava comprovada a comunicação mediúnica como “fato”, o que foi extraordinário, inaugurando-se, assim, uma nova época de compreensão do fenômeno

**Novos acontecimentos** – na obra *Iniciação espírita*<sup>16</sup>, de Allan Kardec, encontra-se um relato de que nos Estados Unidos, também no ano de 1848, “fenômenos estranhos como ruídos, batidas e movimentação de objetos

aconteciam por toda parte, chamando a atenção das pessoas”. Dentre eles, destacavam-se as pequenas “mesas girantes” que rodopiavam na presença de “certas” pessoas. Para nosso entendimento como espíritas, era mesmo necessária a participação dessas “certas” pessoas para o acontecimento do fenômeno, uma vez que se tratavam de *médiuns de efeitos físicos*.

Dos Estados Unidos, esse “divertimento de salão” passou para a França – onde esse tipo de mesinha era conhecido como “*gueridon*” – e, em seguida, para toda a Europa.

**O surgimento do Espiritismo** – aos 50 anos, o professor, pedagogo e literato francês Hippolyte Léon Denizard Rivail – que fora discípulo de Pestalozzi, sendo, portanto, de formação positivista – tomou conhecimento dos fenômenos. Ele nasceu na cidade de Lion, França, e na época residia em Paris. É interessante notar-se que nesse momento ele era bem idoso, visto que nas melhores regiões da Europa, em meados do século XIX, a média de vida humana não chegava aos 40 anos, sendo válida a lembrança de que a alta incidência de óbito na primeira infância “puxava” um pouco esse dado para baixo.

Oportuno esclarecer aos novatos no Espiritismo que, uma vez convencido da realidade do fenômeno mediúnico e de suas causas, o professor Rivail passou a trabalhar na codificação da nova ciência, que nomeou como Doutrina Espírita ou Espiritismo, sob o pseudônimo de Allan Kardec.

Em *Obras póstumas*<sup>17</sup>, lê-se o relato do próprio codificador a respeito de acontecimentos importantes que antecederam o surgimento do Espiritismo e que serão apresentados, a seguir, resumidamente, em ordem cronológica.

**1854** – o professor Rivail ouve sobre as mesas girantes pela primeira vez:

Foi em 1854 que pela primeira vez ouvi falar das mesas girantes. Encontrei um dia o magnetizador Senhor Fortier, a quem eu conhecia desde muito tempo e que me disse: “Já sabe da singular propriedade que se acaba de descobrir no Magnetismo? Parece que já não são somente as pessoas que se podem magnetizar, mas também as mesas, conseguindo que elas girem e caminhem à vontade [...] não só se consegue que uma mesa se mova,

magnetizando-a, como também que ela fale. Interrogada, ela responde”.

O professor Rivail retruca: ““Só acreditarei quando o vir [o fenômeno] e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula. Até lá, permita-me que eu não veja no caso mais do que um conto para fazer-nos dormir em pé””.

Kardec comenta:

Era lógico esse raciocínio: eu concebia o movimento por ação de uma força mecânica, mas ignorando a causa e a lei do fenômeno, afigurava-se-me absurdo atribuir-se inteligência a uma coisa puramente material. Achava-me na posição dos incrédulos atuais, que negam porque apenas veem um fato que não compreendem. Há 50 anos, se a alguém dissessem, pura e simplesmente, que se podia transmitir um despacho telegráfico a 500 léguas e receber a resposta dentro de uma hora, esse alguém se riria e não teriam faltado excelentes razões científicas para provar que semelhante coisa era materialmente impossível. Hoje, quando já se conhece a lei da eletricidade, isso a ninguém espanta, nem sequer ao camponês. O mesmo se dá com todos os fenômenos espíritas. Para quem quer que não conheça a lei que os rege, eles parecem sobrenaturais, maravilhosos e, por conseguinte, impossíveis e ridículos. Uma vez conhecida a lei, desaparece a maravilha, o fato deixa de ter o que repugna à razão, porque se prende à possibilidade de ele produzir-se.

**1855** – durante cerca de uma hora, seu amigo há 25 anos, Sr. Carlotti, conta a Kardec sobre as mesas girantes:

O Sr. Carlotti era corso de temperamento ardoroso e enérgico, eu sempre lhe apreciara as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, porém desconfiava da sua exaltação [nos comentários sobre as mesas girantes]. Foi o primeiro que me falou na intervenção dos Espíritos e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentou-me as dúvidas [...]. Passado algum tempo, pelo mês de maio de 1855, fui à casa da sonâmbula Sra. Roger, em companhia do Sr. Fortier, seu magnetizador. Lá encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison, que daqueles fenômenos também me falaram no mesmo sentido em que o Sr. Carlotti se pronunciara, mas em tom muito diverso. [...] e quando me convidou [o Sr. Pâtier] a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grange-Batelière, 18, aceitei imediatamente. A reunião foi marcada para terça-feira, às oito horas da noite. Foi aí que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti então a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas ideias estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo.

Kardec continua o relato informando que, em uma das reuniões da Sra. Plainemaison, travou conhecimento com a família do Sr. Baudin, que residia à rua Rochechouart (Paris), recebendo dele o convite para assistir às sessões hebdomadárias (semanais) que se realizavam em sua casa e das quais se tornou frequentador assíduo. Os médiuns eram as duas senhoritas Baudin, que escreviam em uma *ardósia*, com o auxílio de uma *cesta* (Fig. 1.2), chamada *carrapeta*.<sup>18</sup> Segundo explica, esse processo exige o concurso de duas pessoas e exclui a possibilidade de intromissão das ideias do médium:

Aí tive ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes, até, a perguntas mentais que acusavam, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha. [...] Dava o nome de Zéfiro, o Espírito que costumava manifestar-se [...] e que se dissera protetor da família. [...] Não era um Espírito muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos superiores, auxiliou-me nos meus trabalhos.

**1856** – nesse ano, o professor Rivail passou a frequentar, ao mesmo tempo, as reuniões espíritas que se celebravam à Rua Tiquetone (Paris), em casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, médium sonâmbula, sendo as comunicações realizadas com auxílio da cesta de bico (Fig. 1.2).



Fig. 1.2 – Uma das versões da “cesta de bico”, apetrecho que era utilizado, na época de Kardec, para realização do fenômeno mediúnico da “escrita indireta”

**1856** – no dia 25 de março, o professor Rivail recebeu uma mensagem de seu guia espiritual, que se apresentou como “A Verdade” ou “Espírito da Verdade” ou “Espírito Verdade”.

É interessante aqui colocar um trecho da Bíblia que se refere ao Espírito da Verdade (Jo 14: 15-17 e 26):

Se me amardes, observareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e (ele) vos dará outro Paracleto<sup>19</sup> a fim de que esteja convosco para sempre. O Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o contemplou nem o conhece; vós o conheceis porque permanece entre vós e estará entre vós. [...] Mas o Paracleto, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas (as coisas)e vos lembrará todas (as coisas) que vos disse.

Com esse enfoque, o Espiritismo pode ser considerado o “consolador” que vem nos demonstrar e reafirmar, pela razão e pelo entendimento, na época devida, os ensinamentos de Jesus.

**1856** – 30 de abril, o professor Rivail teve a primeira revelação de sua missão.

**1856** – 7 de maio – surpreso com a importância e o volume da tarefa, o professor Rivail expôs suas limitações e ouviu a seguinte orientação: “Deixa que a Providência faça a sua obra [...]”.

**1856** – 12 de junho – o professor Rivail insistiu em perguntar: “E se eu falhar?” O Espírito Verdade respondeu direta e objetivamente: “Neste caso, outro te substituiria, porque os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem”.

Assim, com a assessoria dos Espíritos comunicantes, o literato Hippolyte Léon Denizard Rivail codificou uma nova *ciência de observação* de fatos relativos à comunicação entre vivos e mortos e de busca de suas causas e explicações. Assumiu, como codificador dessa nova doutrina – o Espiritismo –, o pseudônimo de Allan Kardec. Ao considerar que coisas novas devem ser

indicadas por novas designações, criou os termos “Espiritismo” e “Doutrina Espírita”, para rotular esse novo ramo do conhecimento, e “espírita” e “espiritista”, para nomear seus adeptos.

Em que pese o respeito que devemos a outras correntes filosóficas e religiosas da atualidade, temos de admitir ser imprópria e inadequada a utilização desses termos dentro de qualquer outro contexto que não seja o da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec.

**O “método” utilizado pelo codificador** – ao narrar sua experiência nas sessões mediúnicas na casa do Sr. Baudin, que constam no livro *Obras póstumas*<sup>20</sup>, Kardec revela a maneira como desenvolveu suas observações em relação ao fenômeno mediúnic, ou seja, seu “método”.

Destaca-se aqui o conceito de *método* exarado por antigo e respeitável docente de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), professor Renato Locchi (1896-1978), de saudosa memória. Sempre ensinava ser, o método, a maneira como o Espírito se conduz na busca do conhecimento, da verdade. Sendo científico ou racional, o método deveria ter como base a lógica, a razão. Na sua concepção, portanto, o termo “método” compreende todos os procedimentos que nos levam à busca e eventual conquista de algum conhecimento, sejam ligados ao rigor de busca da literatura pertinente, aos cuidados na observação dos fatos e ainda na pertinência das conclusões. No contexto acadêmico, não se pode confundir esse conceito com o das diferentes “técnicas”, muitas delas laboratoriais, que são indicadas para cada caso e que se acham inseridas no “método”.

Com base no *método racional* ou *científico*, Kardec<sup>21</sup> conduziu seus estudos sobre os fenômenos de comunicação entre vivos e mortos, conforme demonstra seu relato a seguir:

Foi nessas reuniões [em casa do Sr. Baudin] que comecei os meus estudos sérios do Espiritismo [...] Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei ideias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por

válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão [...]. Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução que eu procurara em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção e não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.

A utilização da razão como “método” torna-se evidente na obra *Iniciação espírita*, em que Kardec<sup>22</sup> comenta:

O Espiritismo fundamenta-se na existência dos Espíritos, mas como os Espíritos nada mais são do que as almas dos Homens, desde que existiram Homens, existiram Espíritos. O Espiritismo nem os descobriu nem os inventou [...]. A doutrina que os espíritos ensinam nada tem de nova. Ela é encontrada, aos fragmentos, na maioria dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia e, de forma integral, nos ensinamentos do Cristo. O que vem, pois, fazer o Espiritismo? Vem trazer novas confirmações, demonstrar através de fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, restabelecer, em seu verdadeiro sentido, as que foram mal interpretadas [...] **O que é moderno é a explicação lógica dos fatos**, o conhecimento mais perfeito da natureza dos Espíritos, de seu papel e de seu modo de ação [...] (grifos nossos).

Kardec<sup>23</sup> complementa:

Em resumo, o Espiritismo suaviza o amargor dos desgostos da vida, acalma o desespero e as agitações da alma, dissipa as dúvidas ou os temores da vida futura, afasta a ideia de abreviar a vida pelo suicídio. E, desse modo, torna felizes aqueles que nele se aprofundam, sendo este o grande mistério de sua rápida propagação.

Portanto, podemos concluir que a novidade trazida pelo Espiritismo, em relação aos fenômenos de comunicação entre vivos e mortos, foi o “método”, ou seja, a maneira racional e lógica com que esses fenômenos, a partir de Kardec, puderam ser estudados, sendo filtrados seus resultados pelo crivo da razão e, assim, entendidos.

## Conclusões de Kardec

**Existência do mundo dos Espíritos** – Kardec<sup>24</sup> compara a descoberta do mundo dos Espíritos com a descoberta do mundo dos micróbios, que sempre existiu, mas apenas foi evidenciado com a invenção do microscópio. Assim, comenta:

Afirma-se que seres inteligentes se comunicam. E por que não? Antes da invenção do microscópio desconfiava-se da existência daqueles milhões de animálculos [...] Onde está a impossibilidade material de que existam no espaço seres que escapam aos nossos sentidos? [...] A descoberta do mundo dos invisíveis seria bem diferente da descoberta dos infinitamente pequenos; seria mais que uma descoberta, seria uma revolução das ideias! Quanta luz

pode dela jorrar! Quantas coisas misteriosas explicadas!

Em seguida, Kardec<sup>25</sup> justifica a dificuldade de aceitação dessa descoberta revolucionária:

Aqueles que hoje creem nesses fatos, caem no ridículo; o que prova isso? Não foi dessa maneira que se passou com todas as grandes descobertas? Não foi Cristóvão Colombo repellido, repleto de desgostos, tratado como um insensato? [...] àquele que dissesse, há um século, que em alguns minutos haveria comunicação de um lado a outro do mundo; que em algumas horas atravessar-se-ia a França; que, com o vapor de um pouco de água fervente, um navio andaria rapidamente; que se extrairiam da água os meios de iluminação e de aquecimento; quem tivesse proposto iluminar toda Paris em um instante [...] seria ridicularizado. Seria, por acaso, coisa mais prodigiosa ser o espaço povoado de entidades pensantes, as quais, após terem vivido na Terra, tenham abandonado seu envoltório material? Não se encontra nesse fato a explicação de uma quantidade de crenças que remontam à mais longínqua antiguidade? Semelhantes fatos valem bem a pena de ser aprofundados!

**Existência da alma – Kardec<sup>26</sup> assim se refere a respeito:**

A crença nos espíritos constitui, de fato, a sua base [do Espiritismo], mas não basta para fazer um espírita esclarecido, assim como a

crença em Deus não basta para fazer um teólogo [...]. No Espiritismo, a questão dos Espíritos está em segundo lugar, não constituindo o seu ponto de partida. E é esse, precisamente, o erro em que se cai e que acarreta o fracasso de certas pessoas [que tentam convencer outras]. Sendo os Espíritos simplesmente as almas dos Homens, **o verdadeiro ponto de partida é então a existência da alma**. Como pode o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele mesmo se considera apenas material? Como pode crer na existência de Espíritos ao seu redor, se não admite o seu próprio Espírito? Todo ensino metódico deve partir do conhecido para o desconhecido. Para o materialista, o conhecido é a matéria. Parti, pois, da matéria e tratai de lhe demonstrar, antes de tudo, que há nele alguma coisa que escapa às leis materiais. Numa palavra, antes de torná-lo espírita, procurai fazê-lo ESPIRITUALISTA (grifos nossos).

**Falibilidade dos Espíritos: uma conclusão de máxima importância** – voltando ao texto do livro *Obras póstumas*, nota-se que um dos primeiros resultados que Kardec<sup>27</sup> colheu, das suas observações, foi de grande relevância para orientar nossa conduta, até hoje, na interpretação do conteúdo das mensagens mediúnicas, como segue:

[...] os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos Homens, não possuem nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau que haviam alcançado de adiantamento, e a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o início essa verdade, preservou-me do

**grave escolha de crer na infalibilidade dos Espíritos** e impediu-me de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles. Vi logo que cada Espírito, em virtude da sua posição pessoal e de seus comentários, desvendava-me uma face daquele mundo, do mesmo modo que se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes seus de todas as classes [...]. Para mim, eles foram, do menor ao maior, meios de me informar, e não **reveladores predestinados** (grifos nossos).

Em *O livro dos médiuns*<sup>28</sup>, item 299, há outro texto a respeito:

Como só aos Espíritos perfeitos é dado tudo conhecer, para os demais, como para nós, há mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo as suas ideias e sobre os quais podem formar opiniões mais ou menos justas, que por seu amor-próprio querem fazer prevalecer e gostam de repetir em suas comunicações. O erro está na atitude de alguns de seus intérpretes, esposando com muita precipitação opiniões contrárias ao bom senso e fazendo-se os seus divulgadores responsáveis. Assim, as contradições de origem espírita só têm por causa a diversidade natural das inteligências, dos conhecimentos, da capacidade de julgar e da moralidade de certos Espíritos que ainda não estão aptos a tudo conhecer e compreender.

Essa observação de Kardec, de que os Espíritos respondem às perguntas formuladas segundo o volume de sua bagagem cultural e estatura moral, leva-nos a considerar a importância do “método” empregado por Kardec na

codificação do Espiritismo, qual seja, o de necessariamente passar pelo crivo da nossa razão e da lógica todo o tipo de comunicação espiritual e de informação que nos seja transmitido.

Assim, há de se ter em mente que mesmo os Espíritos que assessoraram Kardec, nos trabalhos da codificação, eram luminosos com expressivo grau de conhecimento, mas nenhum deles se encontrava no estágio de “Espíritos perfeitos, a quem é dado tudo conhecer”, conforme o texto supracitado. Disso resulta que o que se lê nas obras mediúnicas representa a visão de Espíritos desencarnados sobre determinados fenômenos e questionamentos, na medida do grau de elevação intelectual e moral de cada um deles naquele momento.

**Caráter progressista da Doutrina Espírita** – outra consequência inerente à constatação da falibilidade dos Espíritos é o caráter progressista da Doutrina Espírita, pois muitas das informações que os Espíritos prestaram a Kardec, há mais de 150 anos, merecem ser atualizadas, em face ao progresso do conhecimento, que se faz em contínua aceleração. Voltaremos a esse assunto no item correspondente às características da Doutrina Espírita.

Kardec<sup>29</sup> (item 13) assim pronuncia-se:

Uma última característica da revelação espírita, que ressalta das próprias condições em que ela é feita, é que, apoiando-se em fatos, ela é, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação [...]. Caminhando com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma nova verdade se revela, ele a aceita.

Essa importante observação de Kardec a respeito do caráter progressista da Doutrina Espírita leva-nos a uma reflexão sob dois aspectos, descritos a seguir.

Em primeiro lugar, o fato de, motivado pela Revolução Científica do século XVII, o conhecimento ter sido libertado das amarras da religião e tornado-se de caráter relativista, podendo ser atualizado constantemente. Portanto, como ciência de observação, necessariamente, o Espiritismo deve ter um caráter relativista, de modo que os conhecimentos de ordens técnica e científica possam ser frequentemente atualizados.

Em segundo lugar, nesta reflexão que estamos fazendo, vale ressaltar que no contexto da Doutrina Espírita são identificáveis dois aspectos: sua estrutura e o conteúdo de seus textos. Se, por um lado, o conteúdo dos textos fica subordinado à característica de ser o Espiritismo uma ciência relativista (o conhecimento pode ser atualizado a qualquer momento), sua estrutura é impecável! O Espiritismo é a única forma de ciência que “desemboca” na moral enquanto bem comum. Pelo conhecimento, adquirimos as informações; pela reflexão filosófica, buscamos o significado desse conhecimento, o que nos possibilita a escolha adequada de pensamentos e ações (aspecto moral da Doutrina Espírita).

**Dados histórico-espirituais sobre Allan Kardec, o codificador** – são muito interessantes algumas informações a respeito do passado reencarnatório de Kardec. Herculano Pires<sup>30</sup> assim se expressa a respeito de Léon Denis e Allan Kardec:

Léon Denis foi o consolidador do Espiritismo. Não foi apenas o substituto e continuador de Kardec [...]. Como Kardec, o apóstolo de Tours era um **druída reencarnado** e, como ele, um **celtista militante**, interessado em reerguer a flama do **espírito celta** na França e fazê-lo irradiar pelo Mundo [...] (grifos nossos).

Segundo conhecimento geral<sup>31</sup>, os “celtas” compreendiam múltiplas tribos (celtas propriamente ditos, gálatas, bretões, gauleses e outras), pertencentes à família linguística indo-europeia, que se espalhou pela maior parte do Oeste da Europa (região das atuais República Tcheca, República Eslovaca, Áustria, sul da Alemanha, leste da França e da Espanha, alcançando a Grã-Bretanha) a partir do II milênio a.C. (Fig. 1.3). Para Rainer Sousa<sup>32</sup>, os *celtas* eram

tipicamente guerreiros, mas também um povo com muita ciência unida à mística. Lendas belíssimas, como as histórias do Rei Arthur e os cavaleiros da Távola-Redonda, Tristão e Isolda, são de origem celta. Além disso, os celtas inventaram quase todos os contos de fada, que naturalmente foram se modificando com o tempo. Chegaram a desenvolver uma complexa escrita, que era considerada mágica, sendo que somente seus sacerdotes, os famosos *druidas*, é que a aprendiam.

*Druidas* (no feminino *druidesas* ou *druidisas*) eram pessoas da comunidade celta encarregadas das tarefas de aconselhamento e ensino, bem como de orientações jurídicas e filosóficas. Eram, portanto, mais filósofos do que sacerdotes. A palavra “druida” vem de *deru* = carvalho e *wid* = saber, o que tem a ver com o chamado “Espírito celta”, uma espécie de enérgica motivação do povo para as conquistas, não apenas no plano político e geográfico, mas também espiritual. Os *druidas* eram adeptos de uma “filosofia natural”, pois ligavam sua vida à fonte espiritual presente na natureza e, dessa forma, reconheciam oito períodos ao longo do ano, marcados por rituais especiais. São considerados resíduos dessa postura os eventos atuais do Halloween e do Dia dos Mortos. Tinham convicção na continuação da existência, sendo diretores espirituais dos eventos, e não intermediários entre os deuses e os seres humanos.



Fig. 1.3 - Mapa de territórios de ocupação celta

Os *dolmens* celtas<sup>33</sup> são monumentos megalíticos (com grandes pedras) tumulares coletivos (datados desde o fim do V milênio a.C. até ao fim do III milênio a.C. na Europa, e até ao I milênio, no Extremo Oriente). O nome deriva do bretão *dol* = mesa e *men* = pedra. Também são conhecidos por *antas*, *orcas*, *arcas* e, menos vulgarmente, por *palas*. Popularmente, são também por vezes designados por *casas de mouros*, *fornos de mouros* ou *pias*.

Os *dolmens* (Fig. 1.4) caracterizam-se por terem uma câmara de forma poligonal ou circular utilizada como espaço sepulcral. A câmara dolmênica era construída com grandes pedras verticais que sustentam uma grande laje horizontal de cobertura. As grandes pedras em posição vertical, denominadas *esteios* ou *ortóstatos*, são em número variável entre seis e nove. A laje horizontal é designada de *chapéu*, *mesa* ou *tampa*. Existem câmaras dolmênicas que chegam a ter a altura de seis metros. Quando a superfície da câmara dolmênica não supera o metro quadrado, considera-se que é um monumento megalítico denominado *cista*.



Fig. 1.4 – *Dólmen* celta exibindo sua estrutura característica, com grandes pedras dispostas verticalmente sustentando outra pedra de disposição horizontal à guisa de teto.

Muito interessante é a comparação que se pode fazer entre os *dolmens* celtas e o *dólmen* (túmulo) de Kardec, no Cemitério Père Lachaise, em Paris (Fig. 1.5).



Fig. 1.5 – Dólmen do túmulo de Kardec no Cemitério Père Lachaise, em Paris

Herculano Pires<sup>34</sup> revela bem a característica fundamental do chamado “Espírito celta”, aludindo à missão de Léon Denis:

Cabia-lhe desenvolver os estudos doutrinários, continuar as pesquisas mediúnicas, impulsionar o movimento espírita na França e no mundo, aprofundar o **aspecto moral da Doutrina** e consolidá-la nas primeiras décadas do século (grifos nossos).

Conforme veremos no capítulo seguinte, o trabalho de Kardec, ao fazer do objetivo da Doutrina Espírita o aperfeiçoamento moral da humanidade, representa projeto ousado, pois foge de muitas propostas anteriores, com viés religioso, que sujeitavam as condutas morais a julgamentos e punições. Como o Espiritismo vem libertar as consciências, traz a cada indivíduo que desperta para a grandeza da criação a responsabilidade dos próprios atos.

---

- [8](#) Curioso assinalar que o codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, tem essa data marcada em sua história de vida, uma vez que desencarnou em 31 de março de 1869.
- [9](#) DOYLE, Arthur Conan. O profeta da nova revelação. In: DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1992.
- [10](#) Herculano Pires, que fez o prefácio dessa obra em sua edição brasileira, destacou a figura de Conan Doyle como escritor espírita, uma vez que é mais conhecido mundialmente por suas três famosas séries: *Sherlock Holmes*, *Ficção científica* e *Contos e novelas fantásticas*.
- [11](#) A respeito do médium norte-americano, Kardec diz: “Chamamos novamente a atenção dos nossos leitores para a interessante brochura da Srta. Clémence Guérin, intitulada: *Ensaio biográfico de Andrew Jackson Davis*, um dos principais escritores espiritualistas dos Estados Unidos” (KARDEC, Allan. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano V, n. 4, p. 141-181, abril de 1862. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019).
- [12](#) DOYLE, Arthur Conan. O episódio de Hydesville. In: DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1992.
- [13](#) DOYLE, O episódio de Hydesville...
- [14](#) DOYLE, O episódio de Hydesville...
- [15](#) DOYLE, O episódio de Hydesville...
- [16](#) KARDEC, Allan. O Espiritismo em sua mais simples expressão. In: KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977. Essa obra é composta por três livros do codificador: *O Espiritismo em sua mais simples expressão*, *O que é o Espiritismo* e *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*.
- [17](#) KARDEC, Allan. A minha primeira iniciação no Espiritismo. In: KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
- [18](#) KARDEC, Allan. Psicografia. In: KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989. Nesse capítulo, Kardec explica todo o processo pelo qual passou a psicografia, valendo-se inicialmente de pranchetas, cestas e pedras (ardósia), até chegar ao ato simples de se colocar o lápis na mão do médium.
- [19](#) “Aquele que protege, que defende alguém; advogado; intercessor; mentor”. No catolicismo corresponde à figura do Espírito Santo (PARÁCLITO). In: DICIONÁRIO Aulete Digital. [2019?]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/paraclito>. Acesso em: 10 mar. 2019).
- [20](#) KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
- [21](#) KARDEC, A minha primeira iniciação no Espiritismo...
- [22](#) KARDEC, Allan. Histórico do Espiritismo. In: KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.
- [23](#) KARDEC, Histórico do Espiritismo...
- [24](#) KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. In: KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.
- [25](#) KARDEC, O que é o Espiritismo...
- [26](#) KARDEC, Do método. In: KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.
- [27](#) KARDEC, A minha primeira iniciação no Espiritismo...
- [28](#) KARDEC, Allan. Das contradições e das mistificações. In: KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.
- [29](#) KARDEC, Allan. Caracteres da revelação espírita. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudero Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- [30](#) PIRES, José Herculano. Introdução e revisão doutrinária. In: LUCE, Gaston. *Léon Denis: vida e obra*. 2. ed. São Paulo: EDICEL, 1978.
- [31](#) CELTAS. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- [32](#) SOUSA, Rainer. *Celta*. [2018?]. Disponível em: <https://historiadomundo.uol.com.br/celta/>. Acesso em: 10 out. 2018.
- [33](#) CELTAS...
- [34](#) PIRES, Introdução e revisão doutrinária...







# Estrutura e característica da Doutrina Espírita

Herculano Pires<sup>35</sup> assim se expressa sobre o contexto da doutrina Espírita: “O Espiritismo é uma doutrina que abrange todo o conhecimento humano. O mundo é seu objeto de estudo, a razão é o seu método e, a mediunidade, o seu laboratório”. Espírito sagaz, Herculano conseguiu compactar, nessa

única frase, a característica fundamental dos alicerces do Espiritismo como ciência. De fato, foi pela observação criteriosa do fenômeno mediúnico, servindo-se do crivo da razão e da lógica, que Kardec conseguiu desvendar o grande mistério que até então envolvia o intercâmbio entre vivos e mortos.

Apoiando-se nesse alicerce da ciência, Kardec<sup>36</sup> ainda expandiu a estrutura do Espiritismo para outros campos, conforme o definiu:

Espiritismo é a ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos espíritos e de suas relações com o mundo corporal. É, ao mesmo tempo, uma **ciência de observação** e também uma **doutrina filosófica**. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as **consequências morais** desse conhecimento (grifos nossos).

Vejamos, a seguir, com mais detalhes, cada um dos aspectos da Doutrina Espírita – científico, filosófico e moral.

## O Espiritismo como ciência

Que ciência? Será que o Espiritismo, como ciência, tem as mesmas características da ciência acadêmica? Vamos ver!

Durante mais de quinze séculos, chegando até o século XVII, tínhamos o saber (a ciência ainda não havia sido estruturada nos moldes que hoje a caracterizam) integrando monobloco cultural de que participavam também o Estado e a religião. As informações exaradas pelos grandes mestres eram “sagradas”, ou seja, não podiam ser contestadas nem modificadas. A fiscalização dessa norma era da responsabilidade da religião, por conta do Tribunal do Santo Ofício ou Tribunal da Santa Inquisição que julgava e, eventualmente, condenava o infrator a duras penas, como aconteceu com Giordano Bruno e Galileu Galilei, que tiveram a audácia de contestar o *geocentrismo*, sistema astronômico que era admitido e defendido pelo

grande mestre Aristóteles (século IV a.C.). Foi a época do conhecimento absolutista.

Com a famosa Revolução Científica do século XVII, de que participaram, entre outras figuras notáveis, Galileu Galilei, Isaac Newton, Francis Bacon e René Descartes, tornou-se possível a emancipação do saber, que, finalmente, *conseguiu libertar-se da sacristia*, como teria dito alguém. Surgiu estruturada uma ciência relativista, em que todo conhecimento poderia ser revisto perante novas evidências. Ela passou a adotar o chamado *método racional ou científico*, possibilitando que a lógica permeasse todo tipo de crítica e de observação.

Essa nova forma de buscar o conhecimento caracterizou-se como a ciência do observar, do medir, do pesar, ou seja, deu prioridade à descrição das propriedades da matéria e ao relato dos fatos observáveis. Em outras palavras, passou a assumir uma visão reducionista dos seres vivos, desprezando os aspectos mentais ou psíquicos mesmo dos seres humanos, tendendo ao materialismo. Até hoje, os diversos ramos da ciência acadêmica, com estrutura materialista, “viram o nariz” para qualquer tipo de abordagem de cunho espiritualista, haja vista o fato de o próprio Conselho Federal de Medicina (CFM) haver decidido, em 21 de outubro de 2013, apoiar a liberação do aborto por vontade da gestante até a 12ª semana de gestação.

O Espiritismo como ciência também se vale do *método racional* ou *científico* (ciência relativista), uma vez que, na expressão de Herculano Pires, Kardec utilizou a razão como método ao codificar a Doutrina Espírita. No entanto, há uma enorme diferença do Espiritismo como ciência em relação à ciência acadêmica, uma vez que combate a postura materialista.

Kardec<sup>37</sup> explica a diferença do Espiritismo como ciência (de postura espiritualista) da ciência acadêmica (de postura materialista):

As ciências vulgares baseiam-se nas propriedades da matéria, que pode ser manipulada à vontade; os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais. Os fenômenos do Espiritismo têm por agentes inteligências que possuem sua independência, seu livre-arbítrio e não estão submetidas a nossos caprichos. Escapam, assim,

a nossos processos de laboratório e a nossos cálculos e, logo, não pertencem mais ao âmbito da ciência propriamente dita [ciência acadêmica] [...]. A ciência, portanto, enganou-se quando quis experimentar os Espíritos como uma pilha voltaica. Fracassou, e assim devia ser, pois operou em vista de uma analogia que não existe. Em seguida, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário, que o tempo se encarrega todos os dias de alterar, como alterou tantos outros [...].

Kardec<sup>38</sup> continua sua argumentação:

Não existe efeito sem causa, e os efeitos mais vulgares podem trazer ao caminho os maiores problemas. Se Newton tivesse desprezado a queda de uma maçã, se Galvani tivesse despedido a sua empregada, tomando-a por louca e por visionária, quando esta lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez ainda ignorássemos a admirável lei da gravitação universal e as proveitosas propriedades da pilha. O fenômeno que se designa com o burlesco nome de dança das mesas não é mais ridículo que o da dança das rãs e esconde, talvez, também, alguns dos fenômenos da natureza que provocarão revolução na humanidade quando tivermos a sua chave [...]. Evitaremos, portanto, negar a possibilidade do que não compreendemos, temendo receber cedo ou tarde um desmentido que não seria elogioso à nossa perspicácia.

Em *O livro dos Espíritos*, Kardec<sup>39</sup> expõe alguns desses comentários, acrescentando:

Quando a Ciência sai da observação material dos fatos e trata de apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo das conjecturas [...]. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do Homem prudente [...]. A Ciência propriamente dita [entenda-se acadêmica], como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria.

**A resistência dos acadêmicos em aceitar as ideias espíritas** – a respeito desse assunto, Kardec<sup>40</sup> refere:

O Anatomista, dissecando o corpo humano, procura a alma e porque não a encontra com o seu bisturi [...] conclui que ela não existe. [...] sem estudo prévio e aprofundado da questão, pronunciam-se [os cientistas] pela negativa e zombam dos que não concordam com a sua opinião, esquecem que o mesmo aconteceu com a maioria das grandes descobertas que honram a Humanidade. Arriscam-se a ver os seus nomes aumentando a lista dos ilustres negadores das ideias novas, inscritos ao lado dos membros da douta assembleia que, em 1752, recebeu com estrondosa gargalhada o relatório de Franklin sobre os para-raios [...] e daquela outra que fez a França perder as vantagens da navegação a vapor ao declarar o sistema de Fulton um sonho impraticável [...].

**O Movimento de Ciência e Espiritualidade** – firmando-se a partir da segunda metade do século XX, um movimento intelectual revolucionário vem acontecendo no sentido de serem valorizados, no ser humano, outros aspectos que não apenas o corpo físico. Iniciou-se com William James (1842-1910), médico formado na Harvard University, onde se tornou professor de Filosofia. Em um de seus livros, *As variedades da experiência religiosa*, comenta: “a religião é um fenômeno real no sentido que seu simbolismo evoca sentimentos e ações concretas que não deveriam ser ignorados pela ciência”. Portanto, segundo sua recomendação, o exame e o tratamento do paciente deveriam levar em conta suas crenças e convicções. Entre outros cientistas que se integraram às ideias de James, destaca-se o romeno Mircea Eliade (1907-1986), que publicou, em 1934, o livro *O sagrado e o profano*, considerando que o pulso do sagrado é tão forte que ele se manifesta mesmo “camuflado” nas expressões profanas.

Hoje, na tentativa de conceituar “espiritualidade”, podemos dizer que se trata de um movimento intelectual, sem vínculo religioso, que tende a uma conotação individual e subjetiva de busca de transcendência, ou seja, de serem conquistados, passo a passo, valores morais que possibilitem acesso a patamares cada vez mais altos de dignidade pessoal e coletiva. Levando em conta que a “vivência do sagrado” é particular a cada um, essa busca de transcendência, no terreno pessoal, pode ser efetuada mesmo por intermédio de crenças e convicções, desde que compatíveis com a ideia original.

No Brasil, na segunda metade do século XX, médicos espíritas dedicados organizaram-se e estruturaram uma entidade afinizada com o movimento internacional de Ciência e Espiritualidade com o propósito de adentrar o espaço da ciência com as evidências racionais da realidade do Espírito e de promover reflexões éticas a respeito desse conhecimento.

Surgiu assim a Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP), em 1968, a AME-Brasil, em 1995, e a AME-Internacional, em 1999. Desse grupo de idealistas, muitos de nós, que pertencemos a essas AMEs, tivemos o privilégio de conviver com a nossa saudosa líder, Dra. Marlene Nobre, integrante do grupo fundador da AME-SP e fundadora da AME-Brasil, tendo presidido essa entidade até seu desencarne, em janeiro de 2015, e deixando um legado de mais de 60 AMEs, estaduais, municipais e regionais, além da AME-Internacional. Nos congressos nacionais e internacionais que promoveu, conseguiu a participação de renomados cientistas, como: Peter Fenwick, neuropsiquiatria, maior autoridade clínica da Grã-Bretanha em

“EQM”; Amit Goswami, físico quântico indiano, radicado nos Estados Unidos, da Universidade de Oregon; Harold Koenig, médico católico, diretor do Centro de Estudos de Religião, Espiritualidade e Saúde, na Duke University, Carolina do Norte, Estados Unidos; Jean Jacques Charbonier, médico francês, autor dos livros *La Médecine face à L’au de Là* e *Les Preuves Scientifiques d’une Vie après la Vie*; Pim van Lommel, cardiologista holandês, eminente pesquisador em “EQM”; Walter van der Laak, médico holandês radicado na Alemanha e pesquisador em “EQM”; Mario Beauregard, egresso da Universidade do Canadá, autor do livro *The Spiritual Brain*.

Em cumprimento às propostas da AME-Brasil, seu Departamento Acadêmico, que hoje conta com mais de duas centenas de estudantes espíritas, de diversas áreas da saúde, vem desenvolvendo expressivo trabalho na implantação do paradigma médico-espírita dentro das universidades. Com o mesmo objetivo, pelo esforço de profissionais espíritas, vêm sendo criadas disciplinas de Saúde e Espiritualidade – quase sempre de caráter optativo ou eletivo – em muitas das escolas médicas do Brasil. Dessa forma, reconhece-se o grande trabalho dessas instituições e a dedicação de seus integrantes.

**Uma ciência pós-materialista** – muitos cientistas, em todo o mundo, reconhecem que o modelo materialista da ciência acadêmica não mais dá suporte a reflexões sobre questões básicas do pensamento humano, como o do significado da vida. Assim é que, organizado por Gary E. Schwartz e Mario Beauregard (Universidade do Arizona), com colaboração de Lisa Miller (Universidade de Columbia), ocorreu um debate acadêmico no estado do Arizona, nos Estados Unidos, em fevereiro de 2014, com o objetivo de discutir o impacto da ideologia materialista na ciência e o da emergência de um paradigma pós-materialista para a ciência, espiritualidade e sociedade. Nesse evento, concluíram que o chamado “materialismo científico”, que considera a matéria como a única realidade existente, não passa de um pressuposto reducionista e dogmático que não mais atende às demandas do mundo moderno. Esse *Manifesto para uma ciência pós-materialista*, como ficou conhecido o documento, foi assinado por mais de cem cientistas internacionais.

O futuro é promissor!

## **O Espiritismo como filosofia**

Em uma abordagem muito simples, pode-se entender que o aspecto filosófico do Espiritismo implica na reflexão que somos levados a fazer sobre o significado do conhecimento adquirido. Por exemplo, pelos estudos realizados a respeito do fenômeno mediúnico, ficamos sabendo que existem Espíritos de pessoas que um dia viveram aqui em nosso plano, com suas realizações e desacertos, e que necessitam voltar ao corpo físico para continuarem seu processo evolutivo e terem novas oportunidades de reajuste. Com base nesse entendimento não nos surpreendemos com os desafios que se apresentam no transcurso das reencarnações. Como na dinâmica de um caleidoscópio, as diferentes personagens vão surgindo aqui e ali, justificando-se as assertivas da Lei de Causa e Efeito em consonância com a misericórdia divina.

Também como consequência dessa reflexão, passamos a entender as diversas nuances do processo reencarnatório e, conseqüentemente, a respeitar e a defender a vida, colocando-nos contra as opções do aborto, da eutanásia, do suicídio assistido e da pena de morte. Essa nossa postura, resultante do exercício do nosso livre-arbítrio, pela qual expomos o que pensamos e sentimos, caracteriza o aspecto moral da nossa doutrina.

**Uma análise acadêmica: a dialética espírita** – basta a leitura da “Introdução ao livro dos Espíritos”, de autoria do filósofo brasileiro Herculano Pires<sup>41</sup>, na 50ª edição de *O livro dos Espíritos*, para se reconhecer que esse tema – o Espiritismo como Filosofia – merece uma análise bem mais profunda por parte de quem realmente entende do assunto. Assim, Herculano valoriza a assertiva de Kardec ao “estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, livre dos prejuízos do espírito de sistema”, o que seria a própria negação dos objetivos da Doutrina. Herculano cita Max Scheller que, no meu entender, esclarece a respeito do “Espírito de sistema”, ao comentar: “Dispomos de uma antropologia científica, outra filosófica e outra teológica, que se ignoram entre si”.

Entende-se que, como o propósito de Kardec era o da ampla divulgação dos princípios doutrinários, “contê-los” em uma estrutura de “sistema” certamente não atenderia ao seu objetivo.

Herculano justifica ainda o fato de Kardec ter utilizado, em sua obra, uma linguagem acessível ao grande público, e não destinado a especialistas, assim como o fizera Descartes, que escreveu *O discurso do método* em francês – para dar-lhe maior divulgação – quando o latim era a língua oficial da Filosofia.

Igualmente, Herculano aceita o modelo didático de exposição adotado por Kardec – como Espinosa em sua obra *A ética*, sem qualquer prejuízo –, pois de forma lógica construiu o texto mediante perguntas e respostas, intercaladas de comentários e explicações, compondo o que referiu como “a dialética espírita”, uma vez que a dialética implica em diálogo. Cita Hegel, que definiu a estrutura e a função do diálogo, identificando as suas leis com as do próprio ser: tese, antítese e síntese. Entretanto, valoriza Hamelin, que o definiu – o diálogo – “em seu aspecto mais fecundo, como um processo de fusão necessária da tese e da antítese, na produção de uma nova ideia ou nova tese”. Herculano<sup>42</sup> expressa, a respeito, maravilhoso comentário:

Esse é o processo dialético do Espiritismo, que em vez de dar ênfase à contradição em si, à luta dos opostos, prefere dá-la à harmonia, à fusão dos contrários, para uma nova criação. E é nesse sentido que se desenvolve o diálogo em *O livro dos Espíritos*. Nunca houve, aliás, um diálogo como este. Jamais um Homem se debruçou, com toda a segurança do Homem moderno, nas bordas do abismo do incognoscível para interrogá-lo, ouvir as suas vozes misteriosas, contradizê-lo, discutir com ele, e afinal arrancar-lhe os mais íntimos segredos.

Concluindo seus comentários, Herculano<sup>43</sup> esclarece:

O método dialético é o processo natural do desenvolvimento, tanto do pensamento como de todas as coisas. Emmanuel, certa vez, comparou o Velho Testamento a um apelo dos Homens a Deus, e o Novo Testamento, à resposta de Deus. Aceitando essa imagem, podemos dizer que *O livro dos Espíritos* é a síntese desse diálogo, é o momento em que, segundo a definição de Hamelin, o apelo e a

resposta se fundem na compreensão espiritual, abrindo caminho a uma nova fase da vida terrena.

**Filosofar é preciso** – em sua tese *A mente humana: uma aproximação filosófica no seu conhecimento*, Vieira<sup>44</sup> comenta que só há sabedoria sobre os chamados fenômenos naturais quando há, sobre estes, conhecimentos científicos e filosóficos que se complementam, os primeiros explicando o processo do acontecer dos fenômenos e, os últimos, buscando a significação dos fatos. O pesquisador complementa:

Assim sendo, ao se “reaproximar” dos fenômenos, a Filosofia questiona, não à maneira da ciência, o “como?” dos fenômenos, mas, sim, “o quê?” dos mesmos [...] é o olhar filosófico que vai dar sentido aos processos pelos quais os fenômenos se manifestam, esclarecendo não apenas sobre suas origens, como também sobre suas finalidades, pois que estas residem nas essências que os sustentam.<sup>45</sup>

Com base nesses comentários de Vieira, pode-se perceber a motivação de Kardec ao associar, aos conhecimentos científicos resultantes de “como” se desenrola o processo de manifestação dos vários fenômenos estudados, a busca do “significado” desses acontecimentos, bem como da “essência” ou “natureza” de seus agentes causais.

Assim é que pergunta aos seus guias: “O que é o Espírito?” (LE 23); “O que é a alma?” (LE 134 e 224) e, de maneira mais surpreendente: “O que é Deus?” (LE 1). É o desenrolar da “dialética espírita”, ou seja, do diálogo de Kardec com seus assessores espirituais em busca do conhecimento do processo (“como?”), bem como do conhecimento do significado do processo e da essência ou natureza de seus agentes causais (“o que é?”).

Percebe-se, portanto, que o codificador estruturou com tal sabedoria a doutrina que sulcou o terreno de suas indagações de modo a que o fluxo do conhecimento científico e filosófico adquirido “desembocasse” na moral, enquanto bem comum. Que trabalho admirável!

## O Espiritismo buscando a moral

A que moral Kardec se refere? De modo geral, tem-se a impressão que o conceito de moral implica em um viés geográfico, pois alguém há de dizer que tal costume – como o casamento – aqui no Ocidente é monogâmico, mas que em outros países, no Oriente, pode ser diferente – poligâmico! Outras pessoas poderão questionar a existência de um aspecto temporal no conceito de moral, justificando que, nos tempos atuais, pensa-se de determinada maneira sobre alguma coisa, mas que antigamente não era assim. Vamos dirimir essas dúvidas, relendo a questão n. 629 de *O livro dos Espíritos*:

Que definição se pode dar à Moral?  
Resposta: A Moral é a regra da boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal [...]. O Homem se conduz bem quando faz tudo tendo em vista **o bem e para o bem de todos**, porque então observa a lei de Deus (grifos nossos).<sup>46</sup>

Portanto, tudo o que estudamos na farta literatura da Doutrina Espírita, tudo o que aprendemos, discutimos e absorvemos como conhecimento, nada mais representa que uma forma de atividade-meio para que possamos chegar à conquista de um patamar espiritual bem alto, escolhendo, de maneira espontânea, fazer **o bem e para o bem de todos**, conforme o que acabamos de ver em *O livro dos Espíritos*, item 629. Assim podemos entender a “moral” como objetivo da Doutrina Espírita.

Não por outra razão, em face ao exposto, há repetidas recomendações nos escritos do codificador a respeito. Na *Revista Espírita*, de Kardec<sup>47</sup>, encontramos o registro:

O objetivo da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas não é apenas a pesquisa dos princípios da Ciência Espírita. Ela vai mais longe: estuda também as suas **consequências morais**, pois é principalmente nestas que está a sua verdadeira utilidade (grifos nossos).

Em *O livro dos médiuns*<sup>48</sup>, item 303, lemos: “O objetivo da Doutrina Espírita é o **aperfeiçoamento moral** da humanidade” (grifos nossos). Em mensagem mediúnica do Espírito Arago<sup>49</sup> também se encontra reforçada a necessidade do progresso moral:

Nosso globo, como tudo quanto existe, está sujeito à lei do progresso [...]. A humanidade realizou até agora incontestáveis progressos [...] do ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhe ainda um imenso progresso a realizar, o de fazer reinar entre os Homens a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o **bem-estar moral**. Hoje não são as entranhas do globo que se agitam, são as da humanidade [...]. É um movimento que se opera no sentido do **progresso moral** (grifos nossos).

Parece que Arago está se dirigindo a todos nós nos dias de hoje! Entretanto, basta lembrar que a primeira edição de *A gênese*, de Kardec, que contém essa mensagem, data de 1868!

## **A moral segundo Jesus**

Kardec teve o discernimento de basear o aspecto moral do Espiritismo na figura e nos ensinamentos de Jesus, após consulta aos Espíritos que o assessoravam. Em *O livro dos Espíritos*, item 625, encontramos a indagação de Kardec: “Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao Homem para lhe servir de guia e modelo? Resposta: vede Jesus”. Assim, Kardec acoplou ao Espiritismo os ensinamentos de Jesus, colocando-os em *O evangelho segundo o Espiritismo*.

Ainda em *O livro dos Espíritos*<sup>50</sup>, Kardec comenta:

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam, ou seja, fazer o bem e não o mal. O Homem encontra, nesse princípio, a regra universal de conduta, mesmo para as menores ações.

## O aspecto moral da Doutrina Espírita caracteriza como religião?

Allan Kardec<sup>51</sup> refere:

Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras, sendo, porém, independente de qualquer culto em particular [...]. Como moral, é essencialmente cristão, porque a doutrina que ensina nada mais é que o desenvolvimento e a prática daquela do Cristo, a mais pura dentre todas, cuja superioridade ninguém contesta, prova evidente de que é a expressão da lei de Deus. Ora, a moral está ao alcance de todos.

Na *Revista Espírita* de 1859, Kardec<sup>52</sup> responde a um artigo de autoria do abade François Chesnel, publicado no *L'Univers*, como resumidamente segue:

Senhor Abade [...] destes ao vosso artigo o título “Uma religião nova em Paris”. Supondo que este fosse, realmente, o caráter do Espiritismo, aí estaria um primeiro erro, pois

que ele está longe de circunscrever-se a Paris. Conta milhões de aderentes espalhados nas cinco partes do mundo. Paris não foi o foco primitivo. Em segundo lugar, é ele uma religião? Fácil é demonstrar o contrário. O Espiritismo está baseado na existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço e que não são outra coisa senão as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos, onde deixaram seus invólucros materiais [...]. Assim, pois, os fenômenos cuja fonte é esse mundo invisível devem ter-se produzido e se produziram em todos os tempos [...]. Seu verdadeiro caráter [do Espiritismo] é, pois, o de uma ciência, e não o de uma religião [...]. Do contrário, teria seu culto, seus templos, seus ministros. Em resumo, o Espiritismo ocupa-se da observação dos fatos, e não das particularidades desta ou daquela crença; da pesquisa das causas, da explicação que os fatos podem dar dos fenômenos conhecidos, tanto na ordem moral quanto na ordem física, e não impõe nenhum culto aos seus partidários [...].

Desses comentários expressos por Kardec, podemos entender que a Doutrina Espírita não se caracteriza como religião em termos cerimoniais, uma vez que não tem templos, ministros, hierarquia, cultos e rituais. Entretanto, tendo por objetivo o aperfeiçoamento moral da humanidade, a fidelidade da criatura com esse compromisso impulsiona sua religião com o Criador.

## **A moral como consequência do conhecimento**

A Doutrina Espírita tem uma característica peculiar, qual seja, a de sua “moral” resultar do conhecimento. Em *O livro dos Espíritos*<sup>53</sup>, lemos a

pergunta:

780a. Como o progresso intelectual pode conduzir ao progresso moral?

Resposta – Dando a compreensão do bem e do mal, pois então o Homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio segue-se ao desenvolvimento da inteligência e aumenta a responsabilidade do Homem pelos seus atos.

Sempre eu me perguntei por que pessoas tão intelectualizadas apresentam, às vezes, comportamentos de baixa moralidade? Portanto, eu não conseguia ver essa conexão entre progresso intelectual e progresso moral a que se refere a questão n. 780a do LE. No entanto, recentemente, assisti a uma palestra da Dra. Célia Jorge, psicóloga clínica espírita que reside em Ribeirão Preto-SP, que comentava exatamente sobre esse aspecto. Ela esclareceu que o *link* entre uma coisa e outra só se fará mediante vivências e exemplificou: se você tem dificuldade de perdoar, a vida vai colocá-lo diante de situações de ingratidão e de injustiça, assim você vai resgatar seu conhecimento a respeito da natural fragilidade das pessoas, descobrir o benefício do exercício do perdão e vai se propor a perdoar.

O Dr. Alberto Almeida, prezado amigo da Associação Médico-Espírita do Pará, em palestra realizada em Maceió, em dezembro de 2018, voltou ao tema, esclarecendo que essa “vivência”, que estabelece a ponte entre o intelecto e a moral, pode resultar do exercício da mediunidade. De fato, ao perceber e sentir as emoções do Espírito comunicante, poderá resultar de forma proveitosa, para o médium, sua participação no episódio.

Como o aspecto moral da Doutrina Espírita encontra-se atrelado ao “escolher”, vale a lembrança da recomendação exarada por Chico Xavier: “Somos livres para decidir sobre os nossos atos, muito embora nos tornemos escravos de suas consequências. A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”.

## **Os ensinamentos dos Espíritos**

Em seu livro *Iniciação espírita*, Kardec<sup>54</sup> expõe um resumo dos ensinamentos que os Espíritos transmitiram a ele – suporte dos textos componentes dos livros da codificação. Seguem sintetizados:

- Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.
- Deus criou a matéria que constitui os mundos e os seres inteligentes que chamamos Espíritos. Eles povoam os espaços e são seres individuais, revestidos por um envoltório imponderável, o perispírito.
- Os Espíritos foram criados simples e ignorantes e desenvolvem seu livre-arbítrio juntamente com suas ideias.
- A diversidade de aptidões inatas, morais e intelectuais é prova de que a alma viveu outras vidas.
- O Espírito, em suas encarnações sucessivas e tendo se aperfeiçoado por intermédio do trabalho, chega ao término de suas existências corpóreas pertencendo à ordem dos Espíritos Puros ou anjos.
- Estando os Homens na Terra, contam com seus Espíritos protetores ou Anjos da Guarda e ainda com Espíritos em missão na Terra, como Moisés e Cristo.
- O Espiritismo é uma nova luz, pondo fim às interpretações errôneas, devendo unir os Homens em uma só crença, porque há somente um Deus e suas leis são as mesmas para todos.
- Os males que afligem os Homens na Terra têm por causa o orgulho, o egoísmo e todas as más paixões. Serão substituídos pela caridade e humildade, reinando entre todos a concórdia e a justiça.
- Como a Terra chegou ao tempo marcado para tornar-se a morada da felicidade e da paz, os maus Espíritos irão expiar seu endurecimento em mundos menos avançados, onde trabalharão novamente para seu adiantamento.
- Ao mesmo tempo que a geração proscrita vai desaparecendo, vai surgindo uma nova geração cujas crenças serão baseadas no *Espiritismo cristão*. A transição já se opera, prelúdio da renovação moral da qual o Espiritismo assinalou o advento.

A respeito desse último item, Herculano Pires<sup>55</sup>, como revisor dessa edição da obra, assim se expressa em nota de rodapé:

A expressão “cujas crenças serão baseadas no Espiritismo cristão” deixa claro que os princípios espíritas, como desenvolvimento dos princípios cristãos, serão a base da nova consciência terrena. O Espiritismo não pretende ser “uma religião dominante”, mas apenas oferecer à Terra transformada, os princípios necessários à sua nova orientação. Trata-se de um processo histórico bem exposto na introdução de *O evangelho segundo o Espiritismo* e no primeiro capítulo de *A gênese* (de Kardec).

## Fora da caridade não há salvação

A *Revista Espírita* de Kardec do ano de 1869 foi publicada após o desencarne do codificador, que aconteceu em 31 de março daquele ano, constando dessa obra diversos textos de homenagem ao amigo que partira. Um desses textos corresponde ao resumo do discurso proferido no dolmen, por Camille Flammarion. No segmento de maio, volume 5, consta a biografia de Allan Kardec, lendo-se, em determinado trecho, uma das ideias fundamentais defendidas pelo codificador:

Em vez do princípio “Fora da Igreja não há salvação”, que alimenta a divisão e a animosidade entre as diversas seitas, e que tem feito correr tanto sangue, o Espiritismo tem por máxima: “Fora da Caridade não há salvação”, isto é, a igualdade entre os Homens perante Deus, a tolerância, a liberdade de consciência e a mútua benevolência.<sup>56</sup>

Na mesma temática, Kardec<sup>57</sup> refere-se assim em relação a uma das máximas extraídas do ensino dos Espíritos:

Com o egoísmo, os Homens estarão em luta permanente; com a caridade, viverão em paz [...]. Com a verdadeira caridade, tal como foi ensinada e praticada pelo Cristo, não haverá mais egoísmo, orgulho, ódio, inveja ou maledicência; desaparecerá o apego desordenado aos bens deste mundo. É por isso que o Espiritismo cristão tem por máxima: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Vale lembrar o que de fato se acha inserido no contexto da caridade, conforme o que se lê em *O livro dos Espíritos*, questão 886: Kardec pergunta aos Espíritos: “Qual o verdadeiro sentido da palavra ‘caridade’, como a entende Jesus?” A resposta é surpreendente: “Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas”.

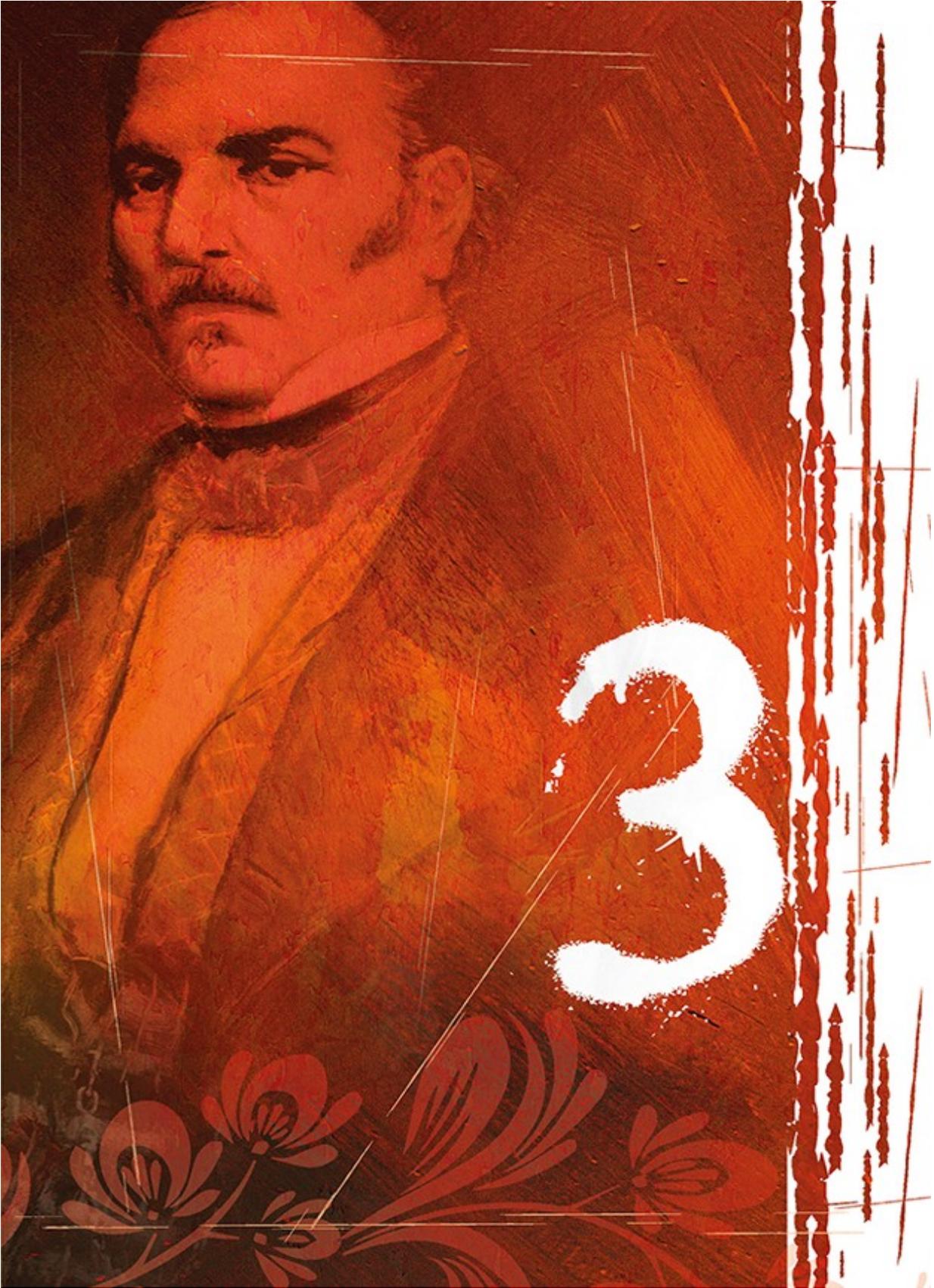
No comentário que se segue a essa questão, Kardec acrescenta que, de fato, o amor e a caridade – que não se limitam à esmola – são o complemento da lei de justiça, uma vez que amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Assim, a caridade, segundo Jesus, abrange todas as relações com os nossos semelhantes, proibindo-nos humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica.

---

- [35](#) PIRES, *Mediunidade: vida e comunicação...*
- [36](#) KARDEC, Allan. Preâmbulo. In: KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.
- [37](#) KARDEC, Allan. O cético – oposição da ciência. In: KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.
- [38](#) KARDEC, O cético – oposição da ciência...
- [39](#) KARDEC, Allan. Introdução ao estudo da Doutrina Espírita. In: KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Tradução de Herculano José Pires. 50. ed. São Paulo: LAKE, 1991.
- [40](#) KARDEC, Introdução ao estudo da Doutrina Espírita...
- [41](#) PIRES, Introdução ao livro dos Espíritos...
- [42](#) PIRES, Introdução ao livro dos Espíritos...
- [43](#) PIRES, Introdução ao livro dos Espíritos...
- [44](#) VIEIRA, Raymundo Mano. *A mente humana: uma aproximação filosófica no seu conhecimento*. 1985. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1985.
- [45](#) VIEIRA, *A mente humana...*
- [46](#) KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Tradução de José Herculano Pires. 50. ed. São Paulo: LAKE, 1991.
- [47](#) KARDEC, Allan. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano II, n. 7, p. 255-295, julho de 1859. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirta/Revista1859.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- [48](#) KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.
- [49](#) KARDEC, Allan. Sinais dos tempos. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- [50](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [51](#) KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.
- [52](#) KARDEC, Allan. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano II, n. 5, p. 171-253, maio de 1859. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirta/Revista1859.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- [53](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [54](#) KARDEC, *Iniciação espírita...*
- [55](#) PIRES, Introdução ao livro dos Espíritos...
- [56](#) KARDEC, *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, maio de 1869...
- [57](#) KARDEC, O Espiritismo em sua mais simples expressão...









Os livros da  
Codificação  
Espírita

Após o lançamento de *O livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857, data considerada como a do surgimento do Espiritismo para o mundo, Allan Kardec publicou outras obras que, em seu conjunto, são consideradas como a literatura de base para estudos da Doutrina Espírita.

Na edição comemorativa do centenário de *O livro dos Espíritos*, publicada em 1957 pela Editora LAKE, o professor José Herculano Pires fez uma preciosa introdução à obra, com minuciosa análise dos livros de autoria de Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, conforme segue, em ordem cronológica de publicação:

- *O livro dos Espíritos* – 1857.
- *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* – 12 volumes publicados de 1858 até 1869.
- *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas* – 1858.
- *O que é o Espiritismo* – 1859 (corresponde a *O principiante espírita*, que contém o mesmo texto mais a biografia de Kardec).
- *O livro dos Espíritos* – 1860 (2ª edição, que passou a ser a obra definitiva).
- *O livro dos médiuns* – 1861.
- *O Espiritismo em sua mais simples expressão* – 1862.
- *O evangelho segundo o Espiritismo* – 1864.
- *O céu e o inferno* – 1865.
- *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo* – 1868.
- *Obras póstumas* – 1890.

Cinco obras de Allan Kardec constituem o núcleo da codificação espírita, compondo o que ficou conhecido como “pentateuco espírita”:

- *O livro dos Espíritos*.
- *O livro dos médiuns*.
- *O evangelho segundo o Espiritismo*.
- *O céu e o inferno*.
- *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*.

Obras apenas à codificação

- *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* – 12 volumes.
- *Obras póstumas*.
- *Iniciação Espírita* – que reúne em uma só publicação:

- *O Espiritismo na sua mais simples expressão.*
- *O que é o Espiritismo.*
- *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas.*

## **O pentateuco espírita**

### ***O livro dos Espíritos***

O *livro dos Espíritos* (LE) representa a pedra fundamental e o marco inicial da codificação, contendo os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os Homens, as leis morais, a vida futura e o porvir da humanidade (segundo ensinamentos de Espíritos Superiores por intermédio de diversos médiuns).

**1ª edição** – foi lançada em 18 de abril de 1857, em Paris, e contém apenas 501 perguntas e respostas. Em 1957, foi publicada aqui no Brasil (Fig. 3.1) com texto bilíngue (português e francês) em comemoração ao primeiro centenário desse livro.<sup>58</sup>

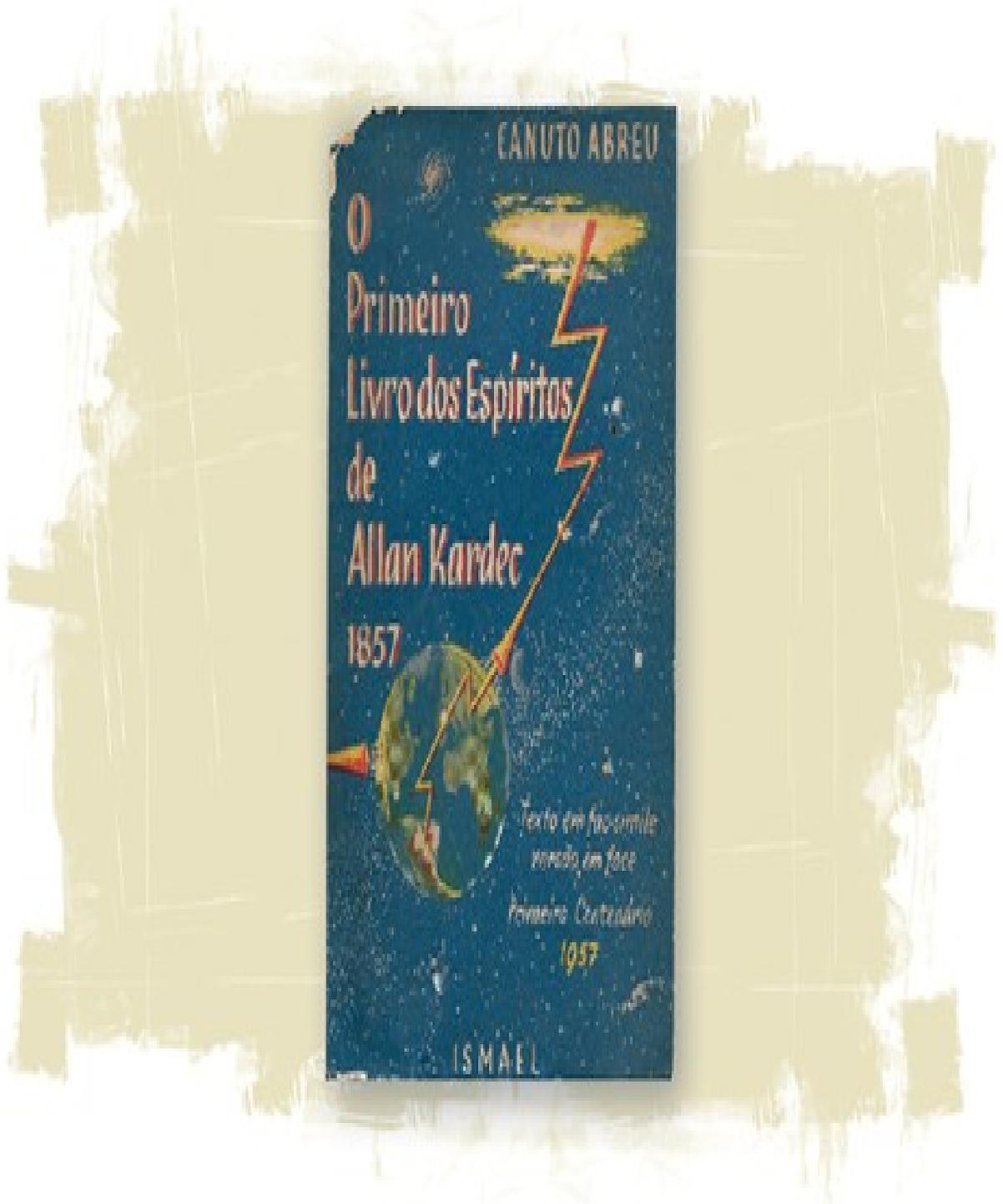


Fig. 3.1 – Capa de obra comemorativa do primeiro centenário de *O livro dos Espíritos*

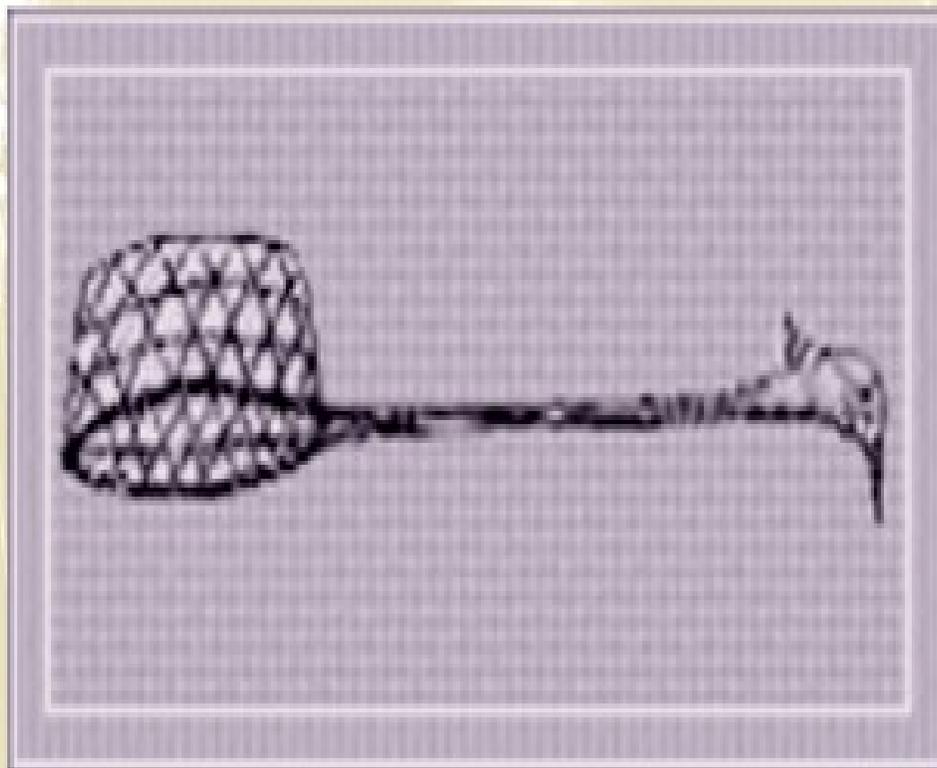


Fig. 3.2 – A *Corbelha Tupia*, espécie de cesta com 15 a 20 centímetros de diâmetro e uma espécie de bico com um lápis na ponta, que escrevia sobre uma ardósia. Ela foi utilizada pelas médiuns Caroline e Julie Baudin nas manifestações mediúnicas que serviram de base para a edificação de *O livro dos Espíritos*

O tradutor dessa obra, Canuto Abreu<sup>59</sup>, comenta logo de início (em resumo):

Na primeira edição [...] A psicografia, na maior parte, realizou-se pela *Corbelha Tupia*

(Fig. 3.2). No início dos trabalhos, em agosto de 1855, o médium principal, Caroline Baudin, tinha dezesseis anos [...] e sua irmã Julie, quatorze. E essa iniciação na Doutrina Espírita levou quinze meses a fio, até janeiro de 1857, sem interrupção nem férias de verão.

Seguem-se mais informações exaradas pelo tradutor:

Os dois médiuns eram as meninas Baudin, que escreviam numa ardósia por intermédio da corbelha chamada Tupia. Esse processo exige a participação de duas pessoas e exclui toda possibilidade de participação das ideias do médium. Os Espíritos respondiam-lhe as perguntas pela Corbelha, através desses dois médiuns dóceis e sem cultura filosófica. E ele apostilava em seguida, no silêncio de seu gabinete de trabalho, na Rue des Martyrs, 8 [...].<sup>60</sup>

Em 2004, foi publicada outra tradução da 1ª edição de *O livro dos Espíritos* pelo Instituto de Pesquisa e Ensino da Doutrina Espírita (IPECE)<sup>61</sup>, de que constam, logo nas páginas iniciais, figuras e comentários a respeito do processo de uso da cestinha (“cesta de bico”). Os próprios Espíritos comunicantes preferiram sua utilização para impedir, dessa maneira, interferência do médium no teor das comunicações.

**2ª edição** – veio a público em 1860, contendo 1.019 questões (Fig. 3.3).

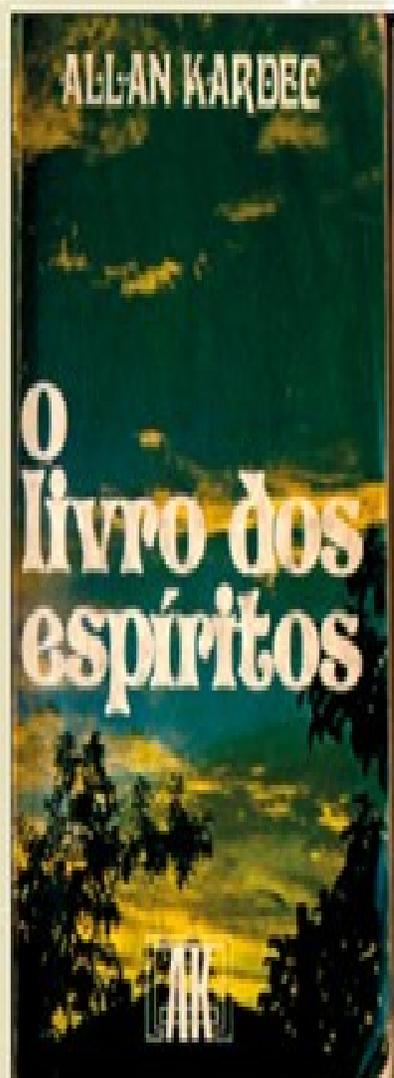
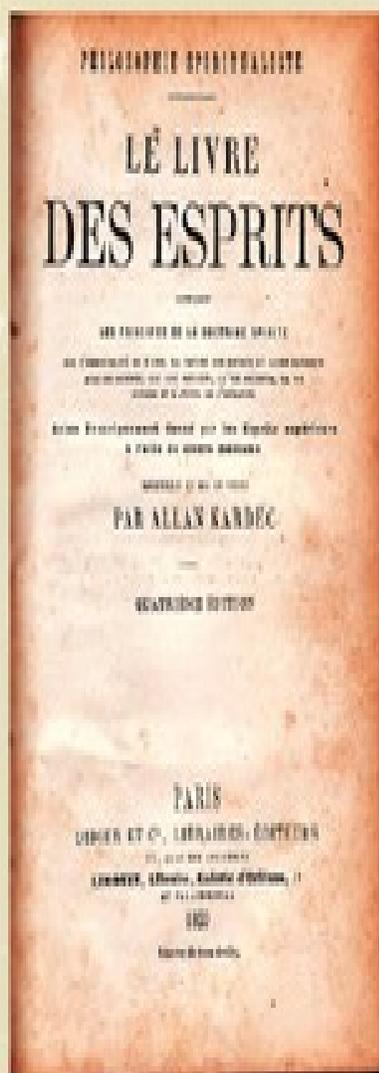


Fig. 3.3 – Capa da 2ª edição francesa de *O livro dos Espíritos* (1860) e capa da 50ª edição da obra editada pela LAKE em 1991

Um dado interessante a ser lembrado refere-se ao fato de que o britânico Charles Darwin (1809-1882) e o francês Allan Kardec (1804-1869) foram contemporâneos, sendo que o primeiro editou sua expressiva obra – *A origem das espécies* – em 1859, enquanto Kardec publicou a 2ª edição de *O livro dos Espíritos* logo em seguida, em 1860, contendo, nos itens complementares à primeira edição, assuntos relacionados a questões evolutivas.

Mais tarde, em 1868, Kardec lançou *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, com dois capítulos imperdíveis em relação a essas questões: o Capítulo X – “Gênese orgânica” – e o Capítulo XI – “Gênese espiritual”. Há de se referir que, embora Darwin tenha sido corajoso ao publicar os achados de seus estudos em Biologia sobre o processo evolutivo dos seres, pode-se dizer que Kardec fora, além disso, audacioso ao tratar do assunto não apenas do ponto de vista orgânico, mas também espiritual.

Sobre a primeira edição, esclarece Canuto Abreu<sup>62</sup>:

Na edição primitiva, temos o ensinamento espírita direto, imediato, genuíno, espontâneo, puro de origem e vivo como água de rocha, inteiramente novo ou renovado para a época, dado por Espíritos Prepostos através de médiuns inconscientes. Este ensinamento era providencial e visava a estabelecer os fundamentos da verdadeira Doutrina Espírita, imune de erros e prejuízos.

Canuto<sup>63</sup>, em relação à segunda edição de *O livro dos Espíritos*, acrescenta:

Na edição definitiva, vê-se o ensinamento espírita indireto, mediato, assimilado, meditado, depurado e cristalizado, sem o sabor da novidade, procedente de fontes diversas, através de diferentes médiuns. Esse

ensinamento foi colhido, estudado, retocado e coordenado pelo Homem e visava a estabelecer os fundamentos de uma filosofia racionalista, isenta dos prejuízos de rotina.

Essa 2ª edição de *O livro dos Espíritos* é a fonte da tradução que hoje se encontra nas livrarias e casas espíritas, contendo 1.019 perguntas e respostas (ou 1.018, dependendo da tradução). Portanto, ela é que serviu de base para todas as edições futuras. Essa obra contém quatro livros:

- Livro Primeiro (As causas primárias, deus e a criação).
- Livro Segundo (O mundo dos Espíritos).
- Livro Terceiro (As Leis Morais).
- Livro Quarto (Esperanças e consolações).

O professor Herculano explica que muitas das partes de *O livro dos Espíritos* serviram de base para os outros livros da codificação, como segue:

- Livros Primeiro e Segundo, este até o capítulo V – contém texto inerente ao próprio LE.
- Introdução e Prolegômenos – base para *O principiante espírita* e *O que é o Espiritismo*.
- Livro Primeiro (caps. II, III e IV), Livro Segundo (caps. IX, X e XI) e partes do Livro Terceiro, que tratam dos problemas genésicos e da evolução física da Terra, foram base para *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*.
- Livro Segundo (do capítulo VI até o final) – base para *O livro dos médiuns*.
- Livro Terceiro – base para *O evangelho segundo o Espiritismo*.
- Livro Quarto – base para *O céu e o inferno*.

### ***O livro dos médiuns***

Em *O livro dos médiuns* (LM) – 1861 – constam observações científicas sobre o fenômeno mediúnic (Fig. 3.4). Segundo a Ficha Catalográfica da edição com a qual está sendo ilustrado: “O ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o Mundo Invisível, o desenvolvimento da mediunidade,

as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo”.

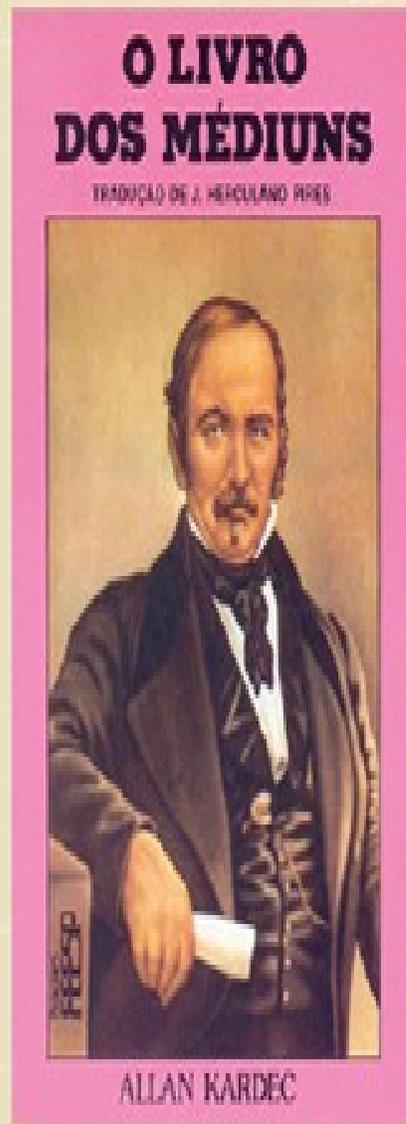
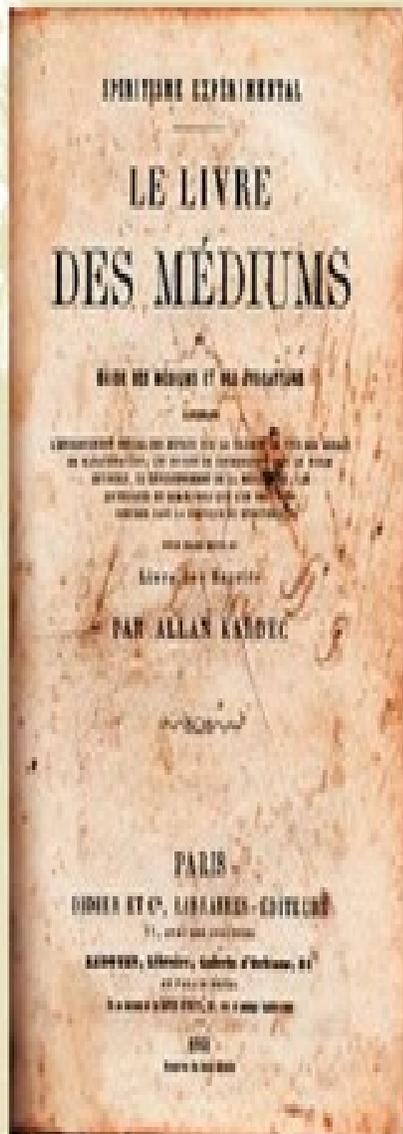


Fig. 3.4 – Capa da edição francesa de *O livro dos médiuns* e capa da 2ª edição da obra editada pela FEESP (1989)

De acordo com José Herculano Pires<sup>64</sup>, em “Notícia sobre o livro”,

assim como o Livro dos Espíritos teve uma edição inicial de contato, ampliada definitivamente na segunda edição, também *O livro dos médiuns* foi precedido de um pequeno volume intitulado “Instruções práticas sobre as manifestações espíritas”. Publicado em 1858, esse pequeno volume foi substituído, em janeiro de 1861, pela primeira edição de “O livro dos médiuns”.

Herculano Pires<sup>65</sup> ainda esclarece:

A presente tradução foi feita da segunda edição, lançada por Didier & Cie, em 1862, sob revisão pessoal de Kardec, “com o concurso dos Espíritos e acrescida de grande número de novas instruções”, como se lê no original francês. Foi essa a edição definitiva [...]. A tese fundamental deste livro é a da existência do perispírito ou corpo energético dos Espíritos, elemento de ligação do Espírito ao corpo material, sendo essa ligação, do tipo energético ou vibratório, o princípio da mediunidade.

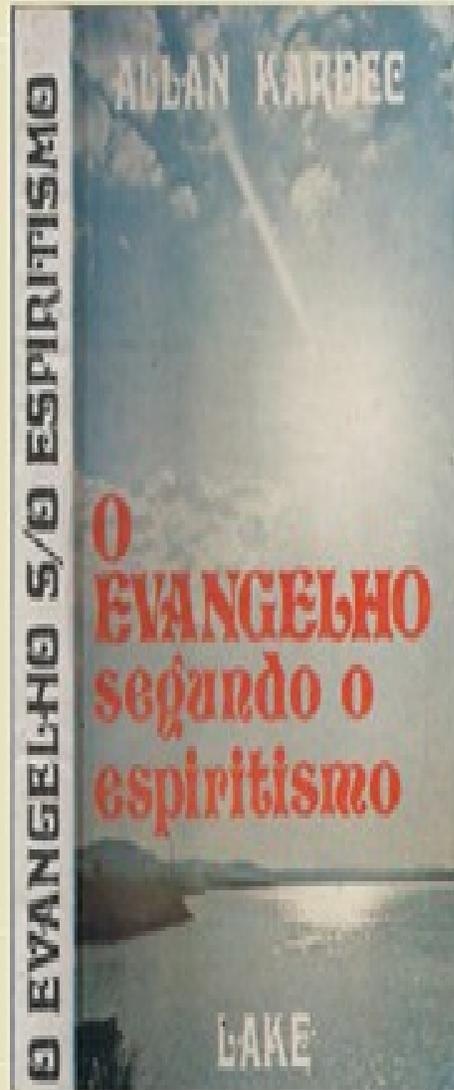
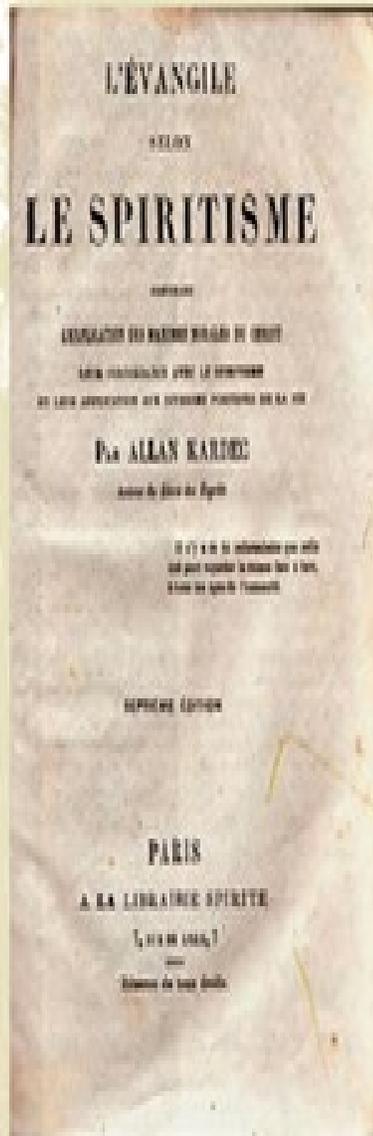


Fig. 3.5 – Capa de edição francesa de *O evangelho segundo o Espiritismo* e capa da 23ª edição da obra editada pela LAKE (1981)

## ***O evangelho segundo o Espiritismo***

*O evangelho segundo o Espiritismo* – 1864 – dedica-se, particularmente, às Leis Morais (Fig. 3.5).

Na 14ª edição (EDICEL, 1981), o tradutor José Herculano Pires, nas páginas iniciais, em “Explicação”, comenta que essa obra fora publicada, inicialmente, com o título de “Imitação do evangelho”, mas por força das observações reiteradas do Sr. Didier e de outras pessoas, Kardec acabou mudando-o para *O evangelho segundo o Espiritismo*. Ainda conforme o tradutor, Kardec<sup>66</sup> recebera, a 9 de agosto de 1863, uma comunicação dos seus guias a respeito da elaboração desse livro, conforme segue:

Este livro de doutrina terá uma influência considerável, porque explana questões de interesse capital. Não somente o mundo religioso encontrará nele as máximas de que necessita, como as nações, em sua vida prática, dele haurirão instruções excelentes. Fizeste bem ao enfrentar as questões de elevada moral prática, de ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos.

Na data de 14 de setembro de 1863 – continua Herculano<sup>67</sup> – Kardec recebeu outra comunicação sobre o assunto, com os dizeres: “Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já podemos ver-lhe a cúpula a desenhar-se no horizonte”.

A respeito da composição dessa obra, Kardec esclarece o seguinte<sup>68</sup>:

Podemos dividir as matérias contidas nos evangelhos (de João, Mateus, Lucas e Marcos) em cinco partes: 1) os atos comuns da vida do Cristo; 2) os milagres; 3) as profecias; 4) as palavras que serviram para o estabelecimento dos dogmas da Igreja; 5) o ensino moral.

O codificador considerou que as quatro primeiras partes sempre foram motivo de divergência entre as religiões e em nada ajudam o ser humano a evoluir, sendo que somente a última – o ensino moral – é comum a todas elas. Portanto, de *O evangelho segundo o Espiritismo* consta apenas o ensino moral contido nos evangelhos, além de textos correspondentes aos assuntos, provenientes de comunicações espirituais.

### ***O céu e o inferno***

*O céu e o inferno* – 1865 – tem como foco questões teológicas e escriturísticas, penas e gozos, esperanças e consolações (Fig. 3.6). Kardec<sup>69</sup> esclarece, com a assessoria dos amigos espirituais, que a figura do céu e a do inferno, conforme são consideradas em antigos escritos religiosos, não passam de alegorias representativas dos estados da alma. Assim, na primeira parte, capítulo III, lemos:

A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto. Ainda que juntos, um pode estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro [...].

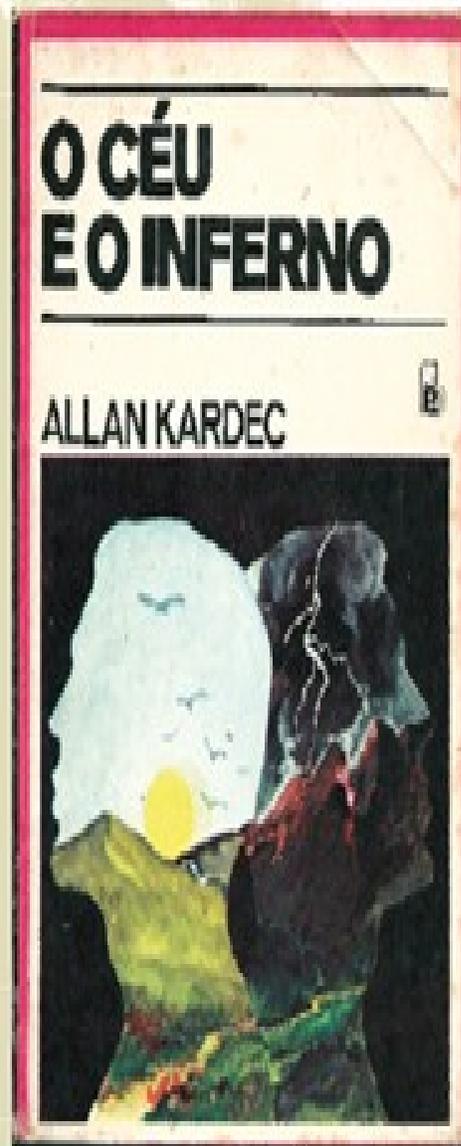


Fig. 3.6 – Capa de edição francesa de *O céu e o inferno* e capa da 34ª edição da obra editada pela FEB (1987)

## ***A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo***

*A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo* – 1868 – trata da criação, dos reinos mineral, vegetal e animal e ainda da gênese orgânica e da gênese espiritual (Fig. 3.7).

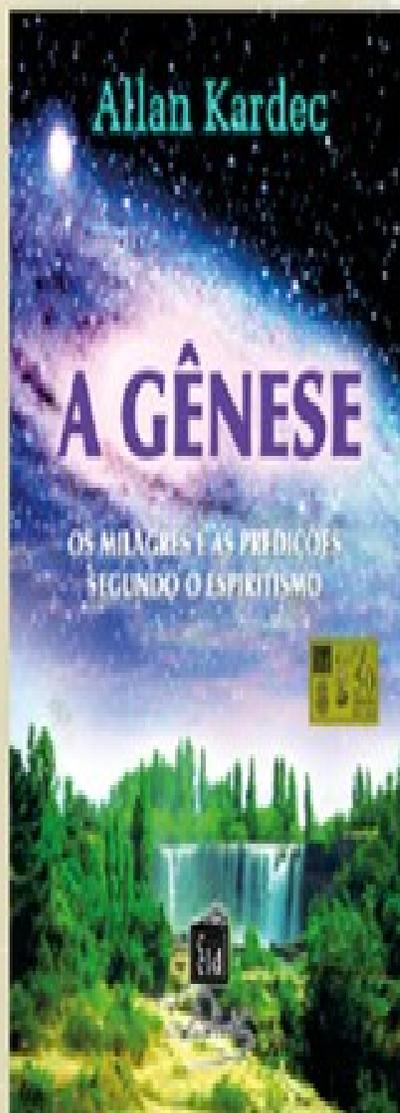
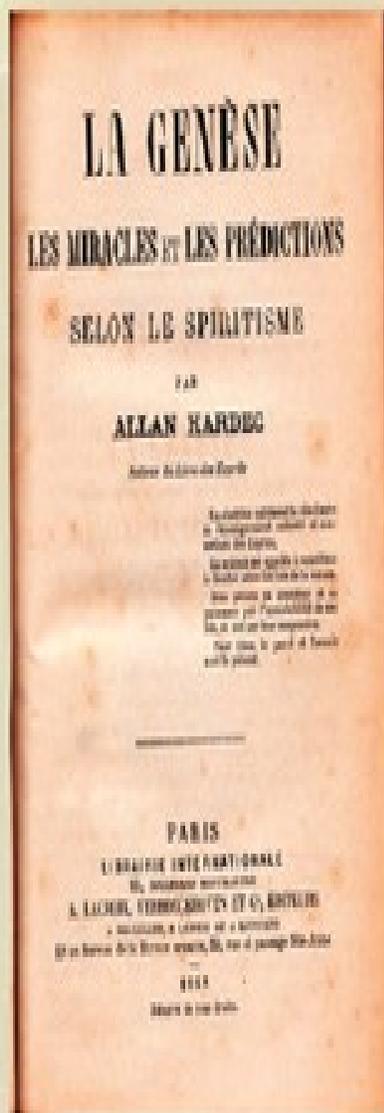


Fig. 3.7 – Capa da edição francesa de *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo* e capa da 3ª edição do livro editado pela CELD (2010)

Nessa obra, o Espiritismo demonstra, de maneira inequívoca, a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material e dá solução a uma infinidade de fenômenos mal compreendidos. O relato desses fenômenos existe nas *Escrituras*, e é pelo desconhecimento da lei que os rege que os comentários a respeito, seja sob qual ponto de vista for, não satisfazem a razão. Portanto, nesse livro, Kardec coloca um complemento das aplicações do Espiritismo, fazendo uma releitura, sob o crivo da razão, de escritos antigos, como é o caso dos alusivos aos chamados *milagres* e as *profecias*.

Os dois temas instigantes tratados nessa obra, gênese orgânica (cap. X) e gênese espiritual (cap. XI), apesar de conterem informações de 1868, acham-se absolutamente concordantes com dados atuais da Antropologia. A respeito, sugere-se o curso *on-line A saga da humanidade*<sup>20</sup> sobre o processo de evolução humana, ministrado pelo professor Walter Neves, da Universidade de São Paulo (USP), considerado o maior conhecedor do assunto no Brasil.

## **Obras apenas à codificação**

### ***Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos***

A *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos* foi publicada em 12 volumes entre 1858 e 1869 (Fig. 3.8). No ano da primeira publicação dessa revista, foi criada a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE) e foi lançado o livro *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*.



No frontispício dessa obra lemos:

Contendo o relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo: O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do Homem e o seu futuro; a história do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.<sup>71</sup>

Como referem comentaristas da obra, em suas quase sete mil páginas admiráveis da versão brasileira desfilam os assuntos mais diversos, desde a fenomenologia mediúmica nos seus variados matizes até as dissertações da mais pura moral evangélica, a vida no mundo espiritual, a sorte futura reservada aos que praticam e aos que não praticam o bem, a justiça da reencarnação, a bondade e a misericórdia divinas, enfim, os princípios fundamentais em que se assenta o Espiritismo.

### ***A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE)***

Pela sua criação no mesmo ano da *Revista Espírita* e pelo “[...] papel que ela representou na marcha do Espiritismo e das comunicações a que deu lugar”, seguem algumas informações sobre essa instituição. Em *Obras póstumas*, Kardec<sup>72</sup> (2ª parte) faz o seguinte comentário:

Havia cerca de seis meses eu realizava, em minha casa, à Rua des Mártires, uma reunião com alguns adeptos, às terças-feiras. Conquanto

o local não comportasse mais de 15 ou 20 pessoas, até 30 lá se juntavam às vezes [...]. Nada cômoda por essa disposição, a sala, em breve, tornou-se muito acanhada. Alguns dos frequentadores deliberaram cotizar-se para alugar uma que mais conviesse. Sendo necessária autorização legal, o Sr. Dufaux, que se dava pessoalmente com o Prefeito de Polícia, encarregou-se do caso [...], sendo a autorização concedida também pelo Ministério do Interior (por outras vias). A Sociedade, igualmente constituída [...] passou a reunir-se todas as terças-feiras em compartimento alugado no Palais Royal, Galeria de Valois [...] transferindo-se depois de algum tempo, com reuniões às sextas-feiras, para um dos salões do Restaurante Douix, no mesmo Palais Royal, Galeria Mont-Pensier, de 01 de abril de 1859 a 01 de abril de 1860, época em que se instalou em um local seu, à rua e passagem Sant'Ana, 59.

### ***Iniciação espírita***

A *Iniciação espírita* (Fig. 3.9) é uma coletânea de três obras do codificador:

- *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas* – 1858.
- *O que é o Espiritismo* – 1859.
- *O Espiritismo em sua mais simples expressão* – 1862.

As **Instruções práticas sobre as manifestações espíritas** – 1858 – foi o precursor de *O livro dos médiuns*, contendo a exposição completa das condições necessárias à comunicação com os Espíritos e os métodos para o desenvolvimento da faculdade mediúnica. Kardec havia divulgado que não reeditaria o livro, antecipando a intenção de lançar *O livro dos médiuns*, que o substituiria, o que acabou acontecendo.

A editora O Clarim, que mais tarde reeditou a obra, fez o seguinte comentário no Prefácio (assinado por Wallace Leal V. Rodrigues):



Fig. 3.9 – Capa do livro *Iniciação espírita*, 5ª edição, editado pela EDICEL (1977)

O dinâmico e inesquecível Jean Meyer<sup>23</sup> (1855-1931), que se

encontrava à frente da “Casa dos Espíritas”, em Paris, julgou de bom alvitre relançar o pequeno livro. Uma “segunda edição” foi então impressa em 1923, isto é, 65 anos após a sua publicação inicial. Lendo-o, Cairbar Schutel teve seu interesse despertado. *Instruções práticas* revelava-se um livro singelo, porém dotado de extraordinário poder de síntese. Assim, não apenas um simples valor histórico motivava a sua reedição, porém bem mais do que isto: Schutel, como Meyer, homem de olhar agudo, capaz de devassar o futuro, antevia o momento dos “Dicionários”, das “Enciclopédias” de doutrina espírita. O pequeno volume continha a primeira tentativa nesse sentido e era o Codificador, com sua própria mão, quem redigia o primeiro “Vocabulário Espírita”. Isso justificava plenamente a edição das *Instruções Práticas*. [...] A esse respeito, Schutel comunicou-se com Jean Meyer e deste veio-lhe não apenas o estímulo, mas a autorização especial para a tradução da obra em língua portuguesa. E, no mesmo ano em que as *Instruções* ocupavam as vitrinas livrarias de Paris, Cairbar Schutel entregava-as ao leitor brasileiro.<sup>74</sup>

**O que é o Espiritismo** – 1859 – corresponde a *O principiante espírita*, que contém o mesmo texto mais a biografia de Kardec. Refere-se ao conhecimento do mundo invisível pelas manifestações dos Espíritos e faz um resumo dos princípios da Doutrina Espírita com resposta às principais objeções.<sup>75</sup>

No livro *Iniciação espírita*, o capítulo primeiro trata, sob a forma de diálogo, das mais ferrenhas objeções à doutrina, por parte daqueles que ignoram seus primeiros fundamentos: o primeiro diálogo é com um crítico; segundo diálogo, com um cético; terceiro diálogo, com um padre. Por sua vez, o capítulo segundo é dedicado à exposição sumária das partes da ciência

prática e experimental. É de certa forma um resumo de *O livro dos médiuns*. Por fim, o capítulo terceiro representa resumo de *O livro dos Espíritos*, pois contém a solução, pela Doutrina Espírita, de certo número de problemas psicológicos, morais e filosóficos, do mais alto interesse em nossa vida diária.

No final do Preâmbulo, surgem condensados os ensinamentos contidos na obra:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.<sup>76</sup>

**O Espiritismo em sua mais simples expressão** – 1862 – foi escrito após Kardec sentir a necessidade de oferecer aos interessados da Doutrina um texto resumido e simples a respeito do conteúdo de *O livro dos Espíritos* (1857) e de *O livro dos médiuns* (1861). Apesar disso, não devemos nos iludir quanto a sua aparente simplicidade.

Essa obra – com apenas 30 exemplares no original francês – contém um resumo do Espiritismo, tanto de sua teoria quanto prática, um resumo geral do ensino dos Espíritos (princípios doutrinários fundamentais) e uma coletânea de máximas tiradas daquele ensino. É a primeira e única obra de Kardec a nos apresentar essa forma curiosa e eficaz de familiarizar o leitor com o ensino espírita por meio de uma série de pensamentos e raciocínios extraídos dos textos.

No frontispício do livro, acham-se registrados três dos principais fundamentos da Doutrina Espírita:

- Fora da caridade não há salvação.
- Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, essa é a Lei.
- A única fé inabalável é a que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade.

## ***Obras póstumas***

As *Obras póstumas* – 1890 – contêm escritos de Kardec que foram publicados após seu desencarne, ocorrido em 31 de março de 1869.

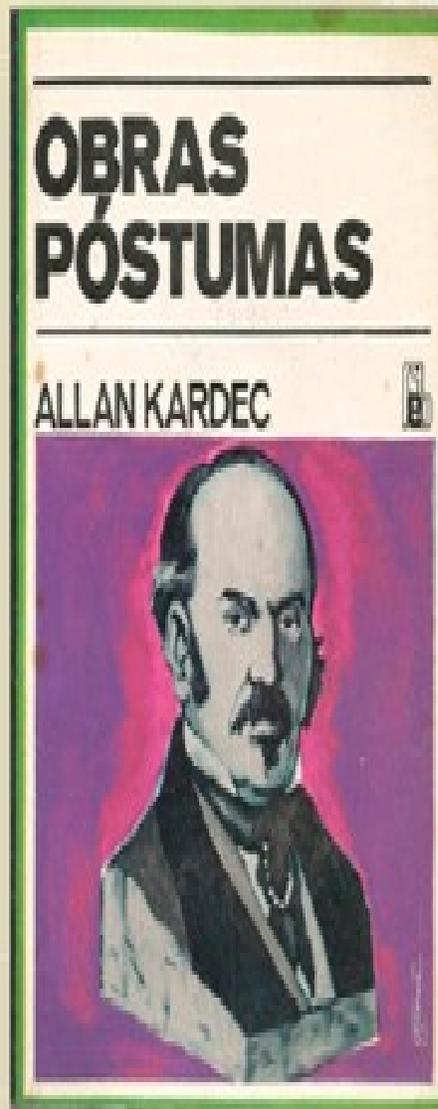


Fig. 3.10 – Capa de uma das edições francesas de *Obras póstumas* e capa da 22ª edição dessa obra editada pela FEB.



Fig. 3.11 - Figura de Kardec e seu dólmen tumular que se encontra na página inicial de *Obras Póstumas* (FEB, 1944)

A FEB<sup>77</sup> (Figs. 3.10 e 3.11) divulgou esta obra da seguinte forma:

Publicado após a desencarnação de Allan Kardec, este livro apresenta, logo no começo, bem escrita biografia do Codificador, seguida do discurso pronunciado por Camille Flammarion quando do seu sepultamento. Reúne importantes registros deixados por Allan Kardec e se divide em duas partes. A primeira aborda assuntos como: profissão de fé espírita raciocinada; caráter e conseqüências religiosas das manifestações dos Espíritos; estudo sobre a natureza do Cristo; influência perniciosa das ideias materialistas; as expiações coletivas; o egoísmo e o orgulho; liberdade, igualdade, fraternidade etc. A segunda inclui apontamentos acerca da iniciação espírita de Allan Kardec; sua missão na Terra; mensagens do Espírito de Verdade e de outras entidades venerandas; o auto de fé de Barcelona; o roteiro missionário do Codificador, assim como uma “exposição de motivos”, apresentada na “Constituição do Espiritismo”, como legado do mestre lionês às sociedades espíritas do futuro.

## **Algumas agruras de Kardec**

Interessante assinalar a repercussão que teria *O evangelho segundo o Espiritismo*, pois os Espíritos advertem Kardec quando do lançamento dessa nova obra, conforme mostra a segunda parte das *Obras póstumas*<sup>78</sup>:

O clero gritará – heresia, porque verá que atacas decisivamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia a sua influência e o seu crédito [...]. Aproxima-se a hora em que te será necessário

apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo [...]. Entretanto, amigo, se a tua coragem ainda não desfaleceu sob a tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo que foste feliz ao presente, mas que é chegada a hora das dificuldades. Sim, caro Mestre, prepara-te para a grande batalha; o fanatismo e a intolerância, exacerbados pelo bom êxito da tua propaganda, vão atacar-te e aos teus com armas envenenadas. Prepara-te para a luta [...]. Coragem, pois, e que a tua obra se complete. Conta conosco e conta sobretudo com a grande alma do Mestre de todos nós, que te protege de modo muito particular.

Kardec passou por vários episódios de humilhação e desentendimentos, haja vista o que ficou conhecido como Auto de Fé<sup>79</sup>, em Barcelona, Espanha, segundo relata o próprio codificador:

A pedido do Sr. Lachâtre, então residente em Barcelona, eu lhe enviara certa quantidade de *O livro dos Espíritos*, de *O livro dos médiuns*, das coleções da *Revista Espírita*, além de diversas obras e brochuras espíritas, perfazendo um total de 300 volumes [...]. Antes de os entregarem, houve que ser entregue uma relação das obras ao bispo, pois, naquele país, a polícia de livraria competia à autoridade eclesiástica. O bispo, tomando conhecimento da relação dos livros, ordenou que eles fossem apreendidos e queimados em praça pública pela mão do carrasco, o que aconteceu em 09 de outubro de 1861, às 10:30 hs da manhã.<sup>80</sup>

Kardec<sup>81</sup> comenta, na sequência do texto, o que lhe disseram os Espíritos a respeito:

Poderás reclamá-las [as obras] [...] mas desse auto de fé resultará maior bem do que o que adviria da leitura de alguns dos volumes. A perda material nada é a par da repercussão que semelhante fato produzirá em favor da Doutrina. Deves compreender quanto uma perseguição tão ridícula, quanto atrasada, poderá fazer a bem do progresso do Espiritismo na Espanha. A queima dos livros determinará uma grande expansão das ideias espíritas e uma procura febricitante das obras dessa doutrina [...].

De fato, o próprio texto refere que os principais jornais da Espanha deram conta minuciosa do fato.

Agrura após agrura, Kardec venceu corajosamente a enorme tarefa que lhe foi designada. Em apenas 15 anos, desde que conheceu o fenômeno das mesas girantes, em 1854, até seu desencarne, em 1869, o codificador trabalhou dia e noite, com dedicação e afinco para semear e divulgar as revelações que lhe estavam sendo apresentadas pelos bons Espíritos que o assessoraram nessa missão. Seguiu o lema “É preciso propagar a Moral e a Verdade”, como mostra o frontispício de *Obras póstumas*.

Conforme referiu Camille Flammarion<sup>82</sup>, em discurso ao pé do dólmen de Kardec em seu sepultamento:

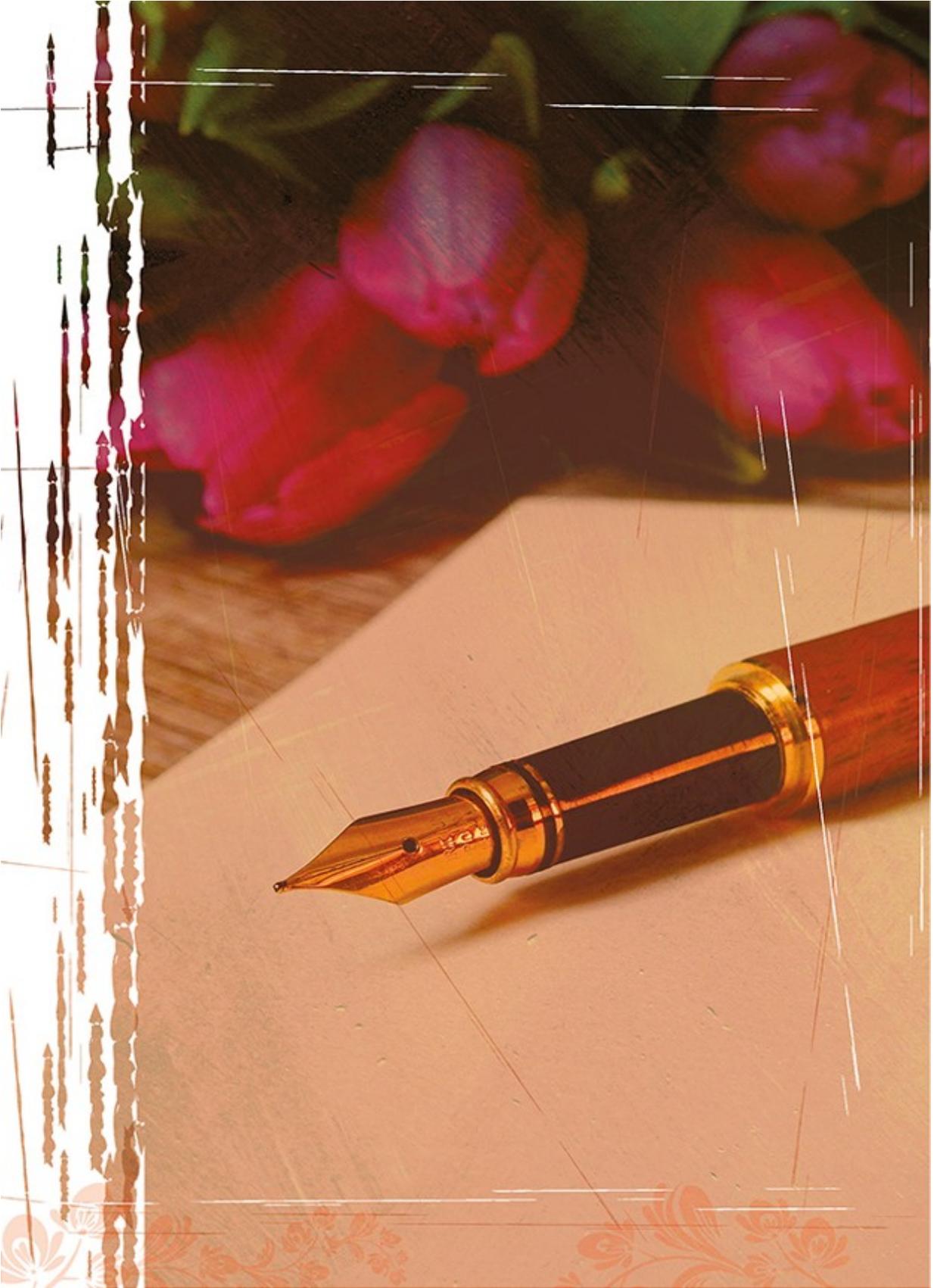
Os que têm a vista restringida pelo orgulho ou pelo preconceito não compreendem, absolutamente, os anseios de nossas mentes ávidas de conhecer e lancem sobre este gênero de estudos, seus sarcasmos ou anátemas, pouco importa. Colocamos mais alto as nossas contemplações! [...] Aos nossos pés dorme o teu envoltório, extinguiu-

se o teu cérebro [...]. Mas, não é nesse envoltório que colocamos a nossa glória e a nossa esperança [...]. Encontrar-nos-emos num mundo melhor onde usaremos das nossas mais preciosas faculdades para continuar os estudos [...].

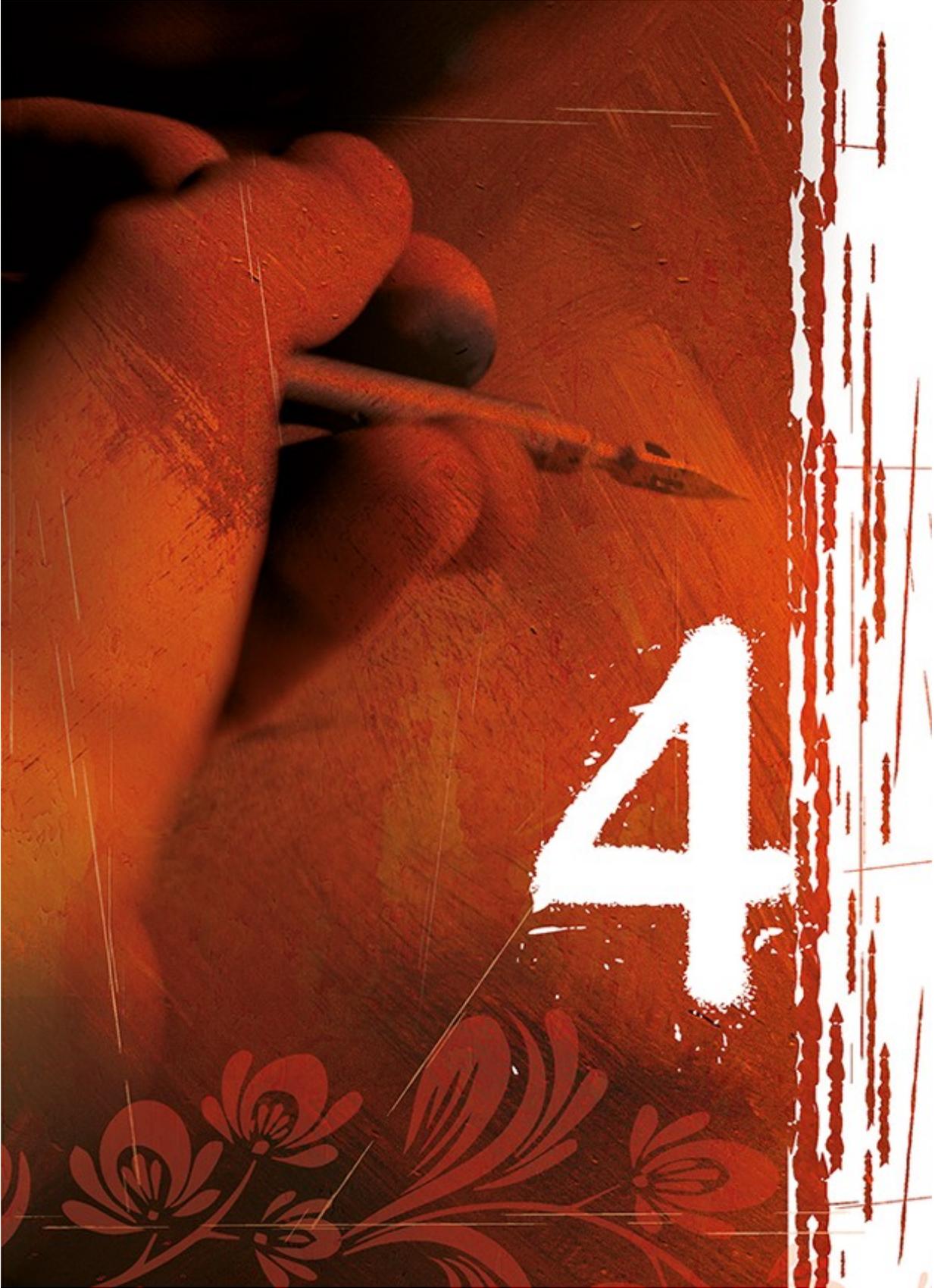
A união faz a força! E juntos faremos crescer esse maravilhoso movimento de divulgação da Doutrina Espírita, porque liberta as consciências!

---

- [58](#) KARDEC, Allan. *O primeiro livro dos Espíritos*. Tradução de Canuto de Abreu. São Paulo: Cia. Editora Ismael, 1957. Texto bilíngue. Foram tirados em papel especial 100 volumes autografados pelo tradutor, destinados a instituições federativas e a pessoas reconhecidas como de tarefa meritória na divulgação da Doutrina Espírita.
- [59](#) KARDEC, *O primeiro livro dos Espíritos...*
- [60](#) KARDEC, *O primeiro livro dos Espíritos...*
- [61](#) KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Tradução de Wladimir Sanchez e Claudine T. Carneiro. São Paulo: IPECE, 2004. Texto bilíngue.
- [62](#) KARDEC, *O primeiro livro dos Espíritos...*
- [63](#) KARDEC, *O primeiro livro dos Espíritos...*
- [64](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [65](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [66](#) KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de José Herculano Pires. 14. ed. São Paulo: EDICEL, 1981.
- [67](#) KARDEC, *O evangelho segundo o Espiritismo...*
- [68](#) KARDEC, *O evangelho segundo o Espiritismo...*
- [69](#) KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 34. ed. Brasília: FEB, 1987.
- [70](#) NEVES, Walter. *A saga da humanidade*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=xT3oBWXPyYI>. Acesso em: 10 out. 2018.
- [71](#) KARDEC, Allan. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano I, n. 1. São Paulo: EDICEL, 1950.
- [72](#) KARDEC, *Obras póstumas...*
- [73](#) Jean Meyer, escritor, cientista, filantropo e filósofo suíço, foi uma das mais destacadas figuras espíritas no início do século XX. Convertendo-se ao Espiritismo após ter lido as obras de Allan Kardec e Léon Denis, dedicou-se de corpo e alma à grandiosa tarefa de divulgação da Doutrina dos Espíritos. É considerado um dos continuadores de Kardec.
- [74](#) KARDEC, Allan. *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*. 12. ed. Matão, SP: O Clarim, 1978.
- [75](#) KARDEC, *Iniciação espírita...*
- [76](#) KARDEC, *Iniciação espírita...*
- [77](#) KARDEC, *Obras póstumas...*
- [78](#) KARDEC, *Obras póstumas...*
- [79](#) Cerimônia em que eram proclamadas e executadas as sentenças do Tribunal de Inquisição.
- [80](#) KARDEC, *Obras póstumas...*
- [81](#) KARDEC, *Obras póstumas...*
- [82](#) KARDEC, *Obras póstumas...*









# A mediunidade como laboratório

Os fenômenos mediúnicos existem desde a mais remota antiguidade, pois sendo resultado de uma faculdade humana, certamente passaram a se manifestar desde que surgiram seres humanos no planeta. Essa afirmativa gera imediatamente uma reflexão: no livro *A gênese*, itens 15-16, Kardec<sup>83</sup> apresenta, como hipótese, uma possibilidade de surgimento do corpo humano em nosso planeta, argumentando que “corpos de macacos poderiam muito bem ter servido de vestimenta aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco adiantados, que tenham vindo encarnar na Terra”.

Haveria, portanto, uma fase de transição, caracterizando o perfil do “Homem primitivo” a que se refere André Luiz em *Evolução em dois mundos*.<sup>84</sup>

Assim, surge naturalmente o interesse em saber em qual momento de seu processo evolutivo esse ser em transição passaria a expressar, fenomenicamente, a faculdade que é inerente à sua natureza – a mediunidade. Ainda não temos essa informação, que, certamente, um dia deverá chegar até nós.

## **A mediunidade desde sempre**

Emmanuel<sup>85</sup> reporta-se a várias citações históricas alusivas à mediunidade. Entre elas, lembra como os discípulos de Sócrates referiam-se ao amigo invisível que os acompanhava constantemente; relata que Nero, nos últimos dias de seu reinado, via-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e de Otávia, sua mãe e esposa, ambas assassinadas por sua ordem, a lhe apressarem a queda no abismo; comenta a respeito de Espíritos vingativos que, em torno de Calígula, eram vistos frequentemente rodeando seu túmulo.

Contudo, é no Cristianismo nascituro que a mediunidade atinge culminâncias, pois no exercício de seu ministério, os apóstolos converteram-se em médiuns notáveis, haja vista, entre muitos outros, os fenômenos do dia de Pentecostes (falaram línguas estranhas – psicofonia e xenoglossia), a libertação da prisão injusta, por Espíritos materializados (Atos 5: 18-20), a produção da voz direta, consignando expressiva incumbência a Paulo e Barnabé (Atos 13: 1-4) e a visita, em Espírito, de um varão que se apresentou a Paulo pedindo-lhe concurso fraterno (Atos 16: 9-10). O benfeitor também refere-se aos admiráveis desdobramentos de Tereza d’Ávila, à capacidade de levitação de José de Copertino e às anotações colhidas no plano espiritual por Swedenborg em estados de afastamento do corpo físico.

Da mesma forma, os relatos bíblicos relativos ao Velho Testamento acham-se repletos de fenômenos mediúnicos. Abraão, o patriarca hebreu, “ouvia” a voz do “Senhor”<sup>86</sup>, que orientava todos os passos de sua vida (Gen 12: 1-3). O mesmo “Senhor” acompanha a vida dos descendentes de Abraão, como é o caso de seu filho Isaac, para quem a entidade espiritual lhe “aparece” e lhe “fala” (Gen 26: 2-4). Jacó, filho de Isaac, “viu” e “ouviu” o

“Senhor” em sonho (Gen 28: 12-6). Para Moisés, condutor do povo hebreu em seu êxodo do Egito, “apareceu” o anjo do “Senhor” em uma chama de fogo, do meio de uma sarça que, entretanto, não se consumia, e lhe “falou” (Ex 3: 2-22 e 4: 1-17).

Pela leitura do segundo livro do Velho Testamento, pode-se perceber que Moisés possuía vários tipos de mediunidade, inclusive a de efeitos físicos, pois deve ter sido ele o instrumento fluídico para o acontecimento de vários fenômenos dessa natureza que acompanharam sua trajetória com o povo judeu, como a produção do “maná” que os alimentou, das águas que jorravam das fontes e, principalmente, o recebimento do Decálogo.

## **A proibição bíblica do exercício da mediunidade**

Interessante é o fato de que a prática da mediunidade, ainda em relação ao Velho Testamento, é disciplinada a partir do terceiro livro de Moisés, o Levítico (19: 31): “Não vos dirijais aos mágicos, nem consulteis os adivinhos, para que não suceda que este comércio vos corrompa”. Encontra-se recomendação semelhante em Deuteronômio (18: 9-13): “[...] guarda-te de quem consulte adivinhos, ou observe sonhos e agouros, nem que seja feiticeiro ou encantador [...] nem quem indague dos mortos a verdade [...]”.

Kardec trata do assunto em sua obra *O céu e o inferno*<sup>87</sup>, em que comenta ter sido justa a proibição, uma vez que a evocação dos mortos não se originava nos sentimentos de respeito, afeição ou piedade para com eles, sendo antes um recurso para adivinhações com fins comerciais. Portanto, mais do que uma lei religiosa, essa proibição tinha o caráter de uma lei civil que visava ao exercício de comportamentos de ordem moral.

O codificador chama a atenção para o fato de que essa proibição confirmava plenamente a existência da mediunidade, pois não se proíbe o que não existe! Kardec comenta que as instituições religiosas que a negam colocam a lei mosaica acima da evangélica, uma vez que o próprio Mestre recomendava aos seus discípulos (Mt 18: 8): “Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios. Dai de graça o que de graça recebestes”. O fato de Jesus referir que, para o desempenho dessas tarefas, eles iriam “receber algo de graça”, sugere fortemente o auxílio espiritual com que estariam sendo beneficiados, cada qual, certamente, por intermédio de sua mediunidade.

Em relatos históricos sobre a mediunidade, não é nada agradável a lembrança de acontecimentos relativos à Idade Média, em que os médiuns – chamados então de “bruxos” e “bruxas” – eram imolados ao inconcebível fanatismo religioso da época.

Ainda em se tratando de mediunidade, vale referência sobre a vida do padre Germano<sup>88</sup>, sacerdote da Igreja Católica que viveu provavelmente entre os séculos XVIII e XIX na região norte da Espanha e/ou sudoeste da França, às margens do Mediterrâneo. É surpreendente a ocorrência de vários fenômenos mediúnicos que o envolveram. Certa feita, ao rezar uma missa (cap. 20 – “Recordações”) com inusitada pompa, em que se encontravam os grandes magnatas e as damas mais nobres da Corte, ele iniciou seu sermão exasperando duras críticas à estrutura de poder e de outras características da Igreja, que ele não aceitava. Sentindo-se verdadeiramente inspirado, falou durante três horas da verdadeira missão de um sacerdote, qual seja, a de aliviar as necessidades e os sofrimentos humanos. Durante esse sermão, “das pontas de seus dedos brotavam chispas luminosas [...]”.

Fora afastado para exercer seu sacerdócio em lugares simples e distantes dos grandes centros urbanos. Em um desses cenários (cap. 29 – “À beira-mar”), acolheu um menino órfão, recém-nascido, de nome André, e foi a um povoado de pescadores desejando encontrar para ele uma mãe adotiva. Colocou o pequenino adormecido sobre a areia e se deitou ao lado dele. Estava cansado e em conflito com a situação, imaginando como seria a vida dessa criança. Observando o vaivém das ondas, começou a desejar que uma delas, impelida por um furacão, os arrastasse ao fundo abismo das águas. “Que bom seria morrer, desaparecer”, exclamou.

Mal acabava de pronunciar essa horrível blasfêmia, não sei que súbita transformação se operou em mim, e já perdendo de vista rocas e plagas, encontrei-me em pleno mar. Ondas impetuosas transformavam-se em figuras humanas: homens de todas as raças e hierarquias, pontífices, chefes de Estado e chefes da Igreja, revestidos de púrpura e arminho [...] além de exércitos formidáveis. Vi os aerófagos dos sábios, ouvi discussões de filósofos, assisti à

agonia do mundo antigo [...]. E quando acreditei que havia chegado o momento terrível no qual o anjo do extermínio deveria abrir suas mortíferas asas sobre as multidões agonizantes [...] não sei de onde veio, eis que uma réstia luminosa se condensa e forma uma imagem formosíssima, de tal beleza que nada se lhe compara, na Terra [...] E eu vi Jesus, sim, vi-o. Ele era a figura que se me deparava aos olhos, radiante e majestosa, que falava às multidões, levando luz às consciências [...]. E Jesus avançando, aproximou-se de mim. Seu dulcíssimo olhar inundou de luz os meus olhos e, por fim, com voz maviosa falou assim: – Que fazes aqui desterrado? No começo da jornada, dar-se-á o caso de já te faltarem forças para prosseguir ao caminho? Ergue os teus olhos ao céu e segue-me; sê apóstolo de única religião que deve imperar no mundo – a Caridade – que é amor! Ama e serás forte! Ama e serás grande! Ama e serás justo! E, ao dizê-lo, passou a mão sobre a minha cabeça. Sentindo o calor da vida em todo o meu ser, despertei – embora desperto eu estivesse [...] e pude experimentar a rajada das ondas encapeladas durante o êxtase [...]. Ouvi gemidos, lembrei-me do pobre menino que deixara sobre a areia e, correndo a ele, tomei-o nos braços [...].

Depois de muito caminhar, deparou-se com um quadro comovedor – mulheres, velhos e crianças gesticulavam súplices ao mar, para que não tragasse seus familiares – filhos, esposos e pais que lá se encontravam. Especialmente chamou-lhe a atenção uma jovem desesperada, que temendo a morte do noivo – Adriano – faz um gesto para atirar-se às ondas. Eu detive-a e, possuído de uma fé imensa, disse:

Não chores, mulher! Clama por Jesus, como eu o clamo! E, de fato, por Jesus bradei [...] Estendi a destra convencidíssimo de que Jesus me ouviria e comigo estaria para pacificar os mares. Ei-lo que surge! Vi-o de novo [...] e dominado pelo seu olhar divino [...] me sentia avassalado por uma fé profunda e, braços estendidos para o mar, exclamava: Jesus! Salva os bons, que são a Tua imagem na Terra, e salva também os maus, para que tenham tempo de arrepender-se e entrar no teu reino! Desfez-se a nuvem [...] todos os pescadores volveram à praia para receber as carícias de suas famílias.

Detalhe curioso é o que segue, nas próprias palavras de padre Germano:

Para convencer-me de que não sonhara [ao ver Jesus], Adriano, quando retornou à terra, amparando seu velho pai, acercou-se de mim e disse: – Padre, que milagre vieste fazer! Mas vós não estais só, por isso que vos acompanha um homem formosíssimo, Padre! Ele vos fita carinhosamente e aplaca a fúria das ondas, estendendo sobre elas o seu manto mais alvo que as espumas do mar. Quem sois? – Um proscrito, um desterrado que consagra a vida a Jesus. – É exato! Jesus mo disse. Quando eu pensava que ia morrer, ouvi-lhe a voz que dizia: Homens de pouca fé, não descreiais assim, quando ainda há bons trabalhadores na Terra! E dizendo-o, aproximou-se de vós e eu vos vi sob o manto de Salvador do mundo. Bendito seja Jesus! Ajoelhamo-nos, então, enquanto sua noiva vinha compartilhar nossa prece [...].

No final desse capítulo, padre Germano deixou preciosa recomendação:

Foi na orla do mar que recebi o batismo da vida, e é esse o sítio no qual o Homem deve, de preferência, genufletir para adorar a Deus, porque é ali que Ele se apresenta em toda a sua imponente majestade. Quando as decepções da vida vos acabrunharem; quando a dúvida vos torturar a imaginação, ide-vos lestos à orla do mar e, se no vosso espírito restar um átomo de sentimento, se as fibras do vosso coração ainda se comoverem diante de um espetáculo maravilhoso [...] então, sentai-vos na areia, contemplai o ondular das vagas com o seu manto de espumas, procurai ouvir o que dizem elas no seu eterno murmúrio e vereis como o vosso pensamento se eleva, insensivelmente, buscando ansioso a causa de tão eloquente efeito. Nos templos de pedra, só podereis sentir o frio d'alma; ao passo que, na orla do mar, o calor da vida infinita reanimará vosso ser!

Ao ler essa bela história da vida de padre Germano, a cada episódio vem o questionamento: que tipo de mediunidade ele estava vivenciando agora? Isso não é o que mais importa, pois o essencial é perceber como essa sua faculdade extraordinária – a mediunidade –, mesmo sem que ele dela tivesse conhecimento, foi trabalhada a serviço do bem, e para o bem de todos. Maravilhoso!

## **A mediunidade na pátria do Evangelho**

No Brasil, a história da mediunidade é muito rica, pois muitos foram e são os médiuns com tarefas em destaque, embora grande parte deles mantenha-se no anonimato, merecendo sempre o nosso respeito. Entre os muito conhecidos no meio espírita, temos: Yvonne Pereira, Eurípedes Barsanulfo,

Divado Pereira Franco e Francisco Cândido Xavier, reconhecido em todo o mundo como verdadeiro fenômeno.

etrojo mallet o saiamrocejo  
 enojo noileofa io ienna emem of  
 aib ruitoroem l'iera de o etrojo  
 inojo maifkylopojo saiamrocejo  
 e el noyo o er tae lionio brojo  
 .H08T, eratojo

et erequof abeb inefamab  
 ruor, HHH, tellio del, ametam  
 etilutbellatni ab quivolo auviojal  
 o l' o iuor o sebrojo bioab ab  
 ierame erretab ab et tolatoojo  
 - at egarejo ma terio ab  
 icaiok - ruemaro ab tumpio  
 arioiif enel actuo auof  
 remer auer, eadpa a etoer ab  
 - nam ab auer tel auie, auio  
 ruof geiof. Inemelmut arab  
 arab, iijb ete imp auer, auer  
 ! xub ab ehupiojo el

ainehmal

Divaldo P. Franco  
 Roger Perez  
 Nestor João Masotti

41 C.E.M. - Paris, 02/10/2004.

Texto original da mensagem de Leon Denis, que está rubricada por Divaldo P. Franco, Roger Perez (USFF) e Nestor João Masotti (CEI). (Reformador, Brasília, DF, nov./2004.)

Fig. 4.1 – Texto psicografado pelo médium brasileiro Divaldo Franco, em francês e espelhado, ditado pelo Espírito Léon Denis, durante o IV Congresso Espírita Mundial, em Paris

De Divaldo, entre a inumerável relação de suas meritórias obras e exercício de sua diferenciada mediunidade, presenciei um episódio inesquecível durante o IV Congresso Mundial Espírita, em 2004, em Paris. Minha filha Flávia e eu nos acomodamos no mezanino, na mesma direção em que Divaldo, sentado à mesa diretora, se localizava no piso inferior. Em determinado momento, percebemos que ele escrevia alguma coisa, e qual não foi nossa surpresa quando o presidente do congresso, Roger Perez, anunciou que Divaldo havia psicografado uma página em francês, espelhada, ditada pelo Espírito Léon Denis (Figs 4.1, 4.2 e 4.3).

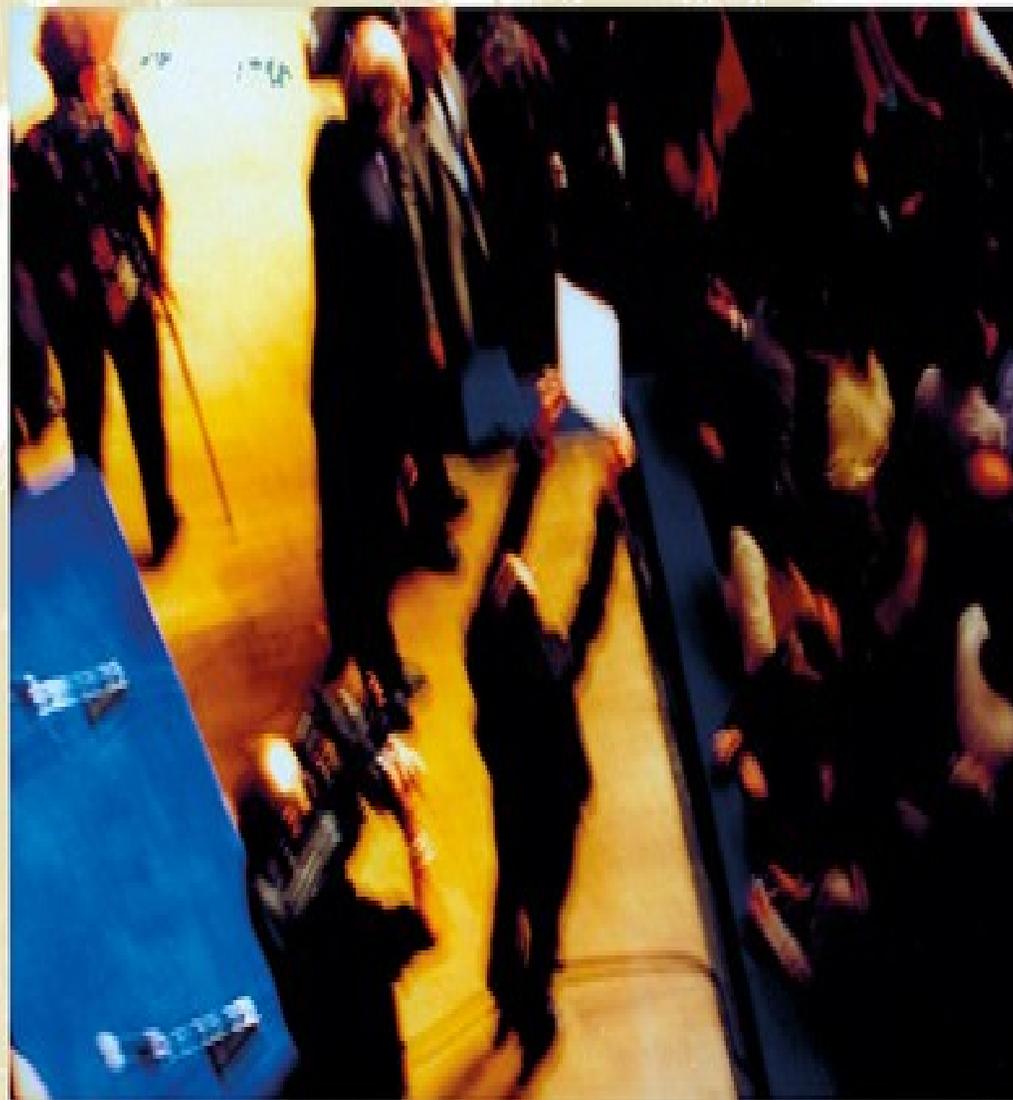


Fig. 4.2 – Momento em que o texto da figura anterior era colocado contra a luz, com a página vista pelo seu verso, para que se pudesse ler a mensagem, conforme mostra a figura a seguir - Fonte: A autora (2004).

Reconnaissance à Allan Kardec

La même année où Napoléon Bonaparte a été sacré l'Empereur des Français, Hippolyte Jean Denizard Rivail est né à Lyon, le 3 Octobre, 1804.

Transféré de la pougère de Constance, le 7 juillet, 1845, pour les jours glorieux de l'intellectualité de Paris, Kardec a voué à l'apostolat de la doctrine enseignée et prêchée par Jésus.

La vie et son ouvrage témoignent sa grandeur - Missionnaire de la Verté!

Nous autres bénéficiaires de votre sagesse, vous remercions, émus et vous de mandons humblement: priez pour nous, vous qui êtes déjà dans le Royaume des Cieux!

Léon Denis

Texto original da mensagem de Léon Denis, que está impressa por Divaldo F. Franco, Rôger Pires (USFF) e Nestor João Mazotti (CEI). (Reformador, Brasília, DF, nov. 2004).

Fig. 4.3 – Texto da mensagem psicografada por Divaldo Franco, em francês e espelhada, observado e lido pelo verso, contra a luz, portanto, “revertido”

A respeito do incomparável médium Chico Xavier, como era referido entre amigos, ouvi muitos relatos de ocorrências e de casos, contados a todos nós das AMEs pela nossa eterna líder, Dra. Marlene Nobre, com quem tivemos o privilégio de conviver e absorver expressivas lições. Também é imperativa a sugestão de leitura do livro que ela escreveu, pouco antes de sua partida para a pátria espiritual, *Chico Xavier – meus pedaços do espelho*, repleto da narrativa de sua vivência com o médium, que foi praticamente diária, durante o curso de Medicina que, não por acaso, foi fazer em Uberaba-MG, onde ele residia.

Chico Xavier, como é bastante divulgado no meio espírita, psicografou mais de 400 obras de autores espirituais. Entre elas destaco, por afinidade pessoal, a primeira, *Parnaso de além-túmulo*, publicada em 1932 (Chico teria, então, 22 anos), com a participação de 56 poetas com estilos próprios, que ditaram ao médium mais de 200 poemas. Há ainda toda a coleção de André Luiz, Espírito que, à guisa de repórter espiritual, trouxe para o plano físico, por intermédio da psicografia do Chico, como verdadeiras revelações, conhecimentos científicos que se anteciparam, em décadas, das descobertas efetuadas pela ciência acadêmica.

A vida e obra de Chico Xavier são exemplos de dedicação à causa espírita e merecem, de todos nós, atitude de respeito e eterna gratidão.

## **A Física explica as bases de manifestação da mediunidade: o circuito mediúnico**

Em seu livro *Mecanismos da mediunidade*, André Luiz<sup>89</sup> trata, nos capítulos IV, V e VI, da dinâmica do que chama de circuito mediúnico ou circuito mental, à custa do que se estabelece o fenômeno mediúnico. Em resumo bastante simplista, resultante de minha leitura desses capítulos, apreendi alguns conceitos, como segue:

**Afinidade e sintonia** – um circuito elétrico somente se estabelecerá se houver igualdade de características (afinidade) entre os dois ou mais corpos que dele irão participar. Penso ser o caso de duas bolas de metal, uma com carga elétrica e a outra sem carga elétrica; ao serem aproximadas, uma parte da carga elétrica da primeira transfere-se para a segunda, que “devolve” um pouco da carga recebida, e nesse vaivém estabelece-se uma “comunicação” (circuito) entre elas, ou seja, elas entram em sintonia, lembrando que essa

palavra é formada por outras duas: “sim”, que sugere concordância, e “tônus”, que identifica o nível de funcionamento do circuito. Entretanto, se estivermos diante de outras duas bolas, uma de metal com carga elétrica e outra de borracha, por falta de afinidade entre elas, o circuito não se estabelecerá (Fig. 4.4).

Com o recurso dessa metáfora, podemos entender como funciona o circuito mental ou mediúnico, ou seja, desde que duas ou mais mentes estejam emitindo seus pensamentos e sentimentos dentro da mesma faixa vibratória (afinidade), entrarão em contato (sintonia). Isso acontece porque, segundo ensinamentos de André Luiz<sup>90</sup>, a mente é, ao mesmo tempo, uma estação receptora e transmissora de ondas mentoeletromagnéticas que mantém interligados todos aqueles, sejam encarnados ou desencarnados, que pensam e sentem no mesmo padrão vibratório. Portanto, se vibramos ódio, mágoa ou desejo de vingança ou, por outro lado, amor, tolerância e resignação, o circuito mental de que estaremos participando envolverá várias outras mentes que também estejam emitindo estes ou aqueles sentimentos.

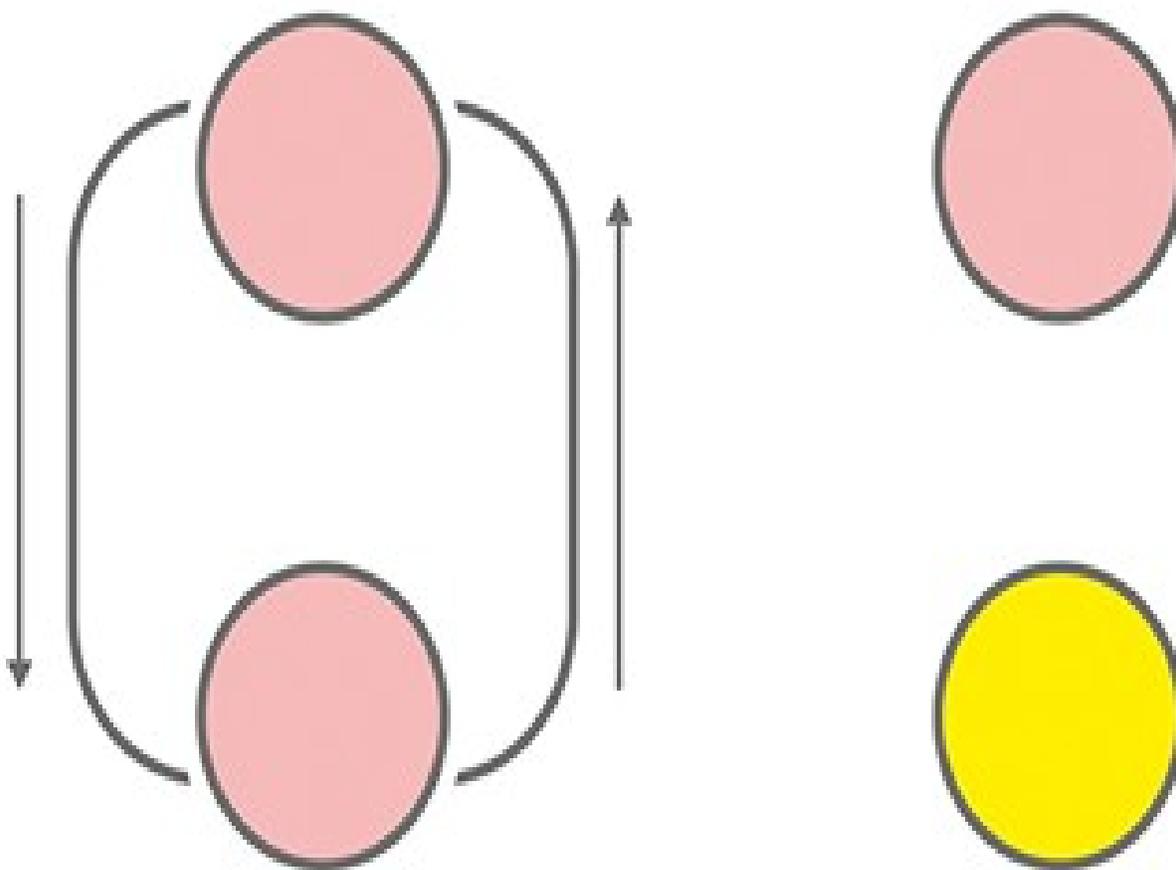


Fig. 4.4 – Metáfora de um circuito elétrico como recurso para o entendimento da dinâmica do circuito mental ou mediúnico. Entre os dois corpos à esquerda, que mostram afinidade (identidade de características), estabelece-se sintonia (relacionamento), o mesmo não acontecendo com os dois corpos à direita, não se estabelecendo, entre eles, sintonia, por falta de

Por vezes, em museus de Física, deparamo-nos com um aparelho muito simples que nos exemplifica claramente os conceitos de afinidade e de sintonia (Fig. 4.5).

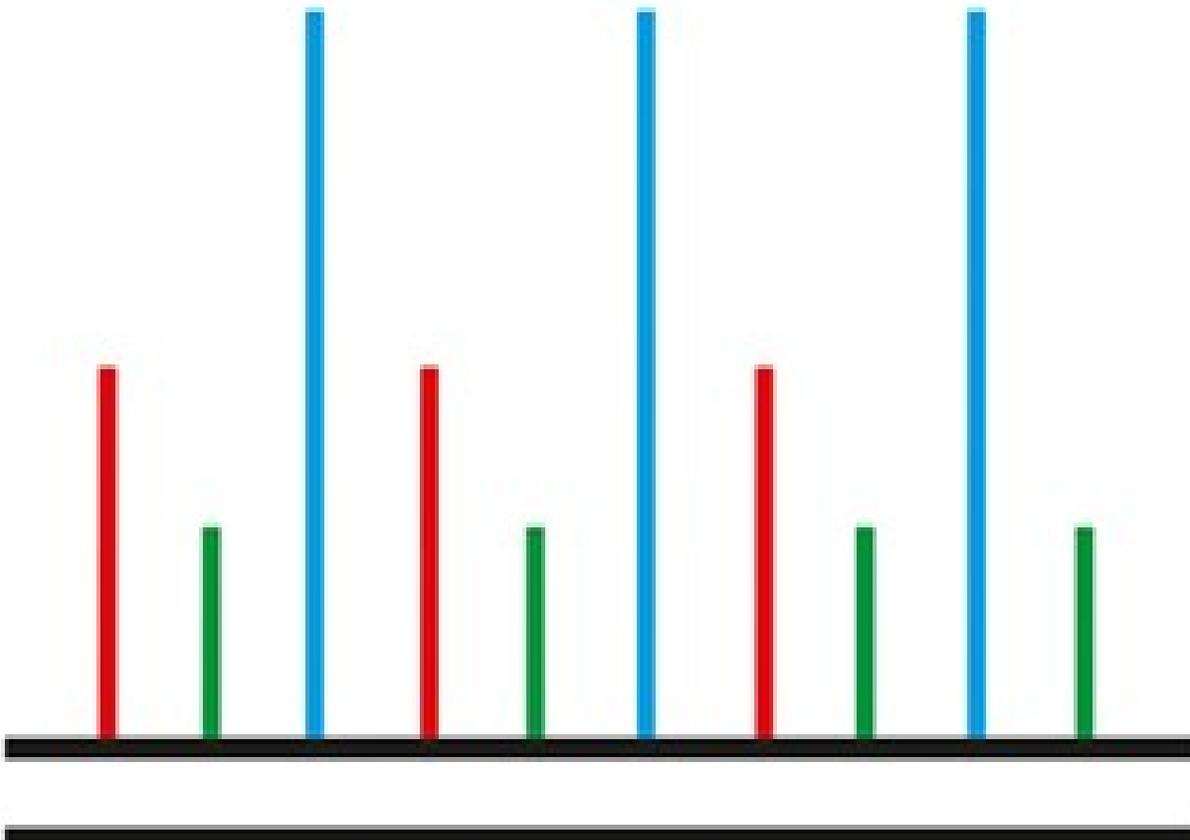


Fig. 4.5 – Figura sugestiva de aparelho simples em que se notam hastes com três dimensões e características diferentes. Fazendo vibrar uma delas, somente as outras similares (afinidade) vibrarão também (sintonia) - Fonte: A autora (2019).

**Atitude de aceitação** – André Luiz, em repetidas oportunidades, refere-se à necessidade de que seja expresso, por parte da mente receptora, um pensamento de aceitação ou de adesão do conteúdo emitido pela mente transmissora, para que se estabeleça o circuito mental. Lemos isso com certo alento, pois mesmo recebendo pensamentos que nos são estranhos e que não desejamos reter, temos a opção de rejeitá-los, pela atuação firme da nossa vontade.

Esse quesito da aceitação é tão importante que, em seu livro *Libertação*<sup>91</sup> (cap. V), André Luiz comenta um caso de licantropia em que uma mulher desencarnada encontra-se diante de um julgador implacável no plano

espiritual. Este, percebendo as fragilidades em seu perispírito por crimes que cometera, incide sobre ela todo o poder de sua força magnética, por intermédio das mãos, ao mesmo tempo em que repetia: “[você] não passa de uma loba, de uma loba, de uma loba [...]”. À medida que ouvia a condenação, a mulher, profundamente influenciável, modificava a expressão fisionômica, passando a assumir o aspecto que lhe havia sugerido hipnoticamente o julgador – o de uma loba. Gúbio, o mentor espiritual, esclarece que

ela não passaria por essa humilhação se não a merecesse e, além disso, se se adaptou às energias potentes do juiz cruel, poderia também, a qualquer momento, esforçar-se intimamente, renovar a vida mental para o bem supremo e afeiçoar-se à influência de benfeitores que nunca escasseiam na senda redentora.

Ele acrescenta o ensinamento: “Tudo, André, em casos como este, se resume a problema de sintonia. Onde colocamos o pensamento, aí se nos desenvolverá a própria vida”. Em caso positivo de atuação da atitude de aceitação, encontra-se o médium, em tarefa meritória, que se dispõe a receber, em seu psiquismo – com a supervisão dos amigos espirituais –, pensamentos e emoções de entidades sofredoras que encontram, nesse gesto de fraternidade, alívio para suas dores e suporte para a retomada de caminhos redentores.

**Agentes de indução** – em *Mecanismos da mediunidade*, André Luiz<sup>92</sup> comenta:

Assim como no domínio da energia elétrica, a indução significa o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmiti-las a outro corpo sem contato visível, no reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico,

porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize.

Pelo que o autor espiritual continua a esclarecer sobre o assunto, pode-se entender que, em nossa rotina, aquilo que se vê ou se ouve, a depender da qualidade vibratória que carrega, traz uma sugestão para a vivência de pensamentos e sentimentos mais nobres ou menos nobres. Por exemplo, a leitura de uma página edificante, um gesto de ternura, uma prece de gratidão, um abraço fraterno e a visão de uma paisagem repousante certamente são convites a estados vibratórios de elevação espiritual, enquanto cenas de violência, gestos agressivos e palavras de insulto são convites a estados vibratórios por vezes lamentáveis. Cabe a cada um de nós, com discernimento, procurar pelos primeiros e, com força de vontade, livrar-se dos outros.

## As manifestações inteligentes

Em *O livro dos médiuns*, Kardec considera que o fenômeno mediúnico se expressa segundo duas opções: como manifestação inteligente (LM, 2ª parte, III) ou como manifestação física (LM, 2ª parte, II). Kardec, em relação às manifestações inteligentes, usa também por vezes a expressão “manifestações intelectuais”.

**O papel do médium como “intermediário”** – conforme refere o prezado e saudoso confrade Hermínio C. Miranda em *Diversidade dos carismas*<sup>93</sup> (cap. XII): “fenômeno mediúnico, de fato, na plenitude de sua conotação semântica, é o de efeito intelectual, no qual o sensitivo funciona, realmente, como o canal de comunicação entre encarnados e desencarnados”. Hermínio afirma assim que, no rigor conceitual do termo, fenômeno mediúnico, de fato, é aquele no qual existe a participação direta do *médium como intermediário* entre os planos espiritual e físico (Fig. 4.6).

Vejamos algumas características das manifestações inteligentes (LM, 2ª parte):

- XIX 225: “com a irradiação do pensamento”.

- XIX 223. 9: “Para uma comunicação inteligente, há necessidade de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium”.
- XVI 189: “[...] No médium escrevente, mesmo que a escrita seja completamente mecânica, o cérebro tem sempre um papel ativo”.
- XVI 189: “Os efeitos inteligentes são os que o Espírito produz, servindo-se dos elementos existentes no cérebro do médium [...]”.

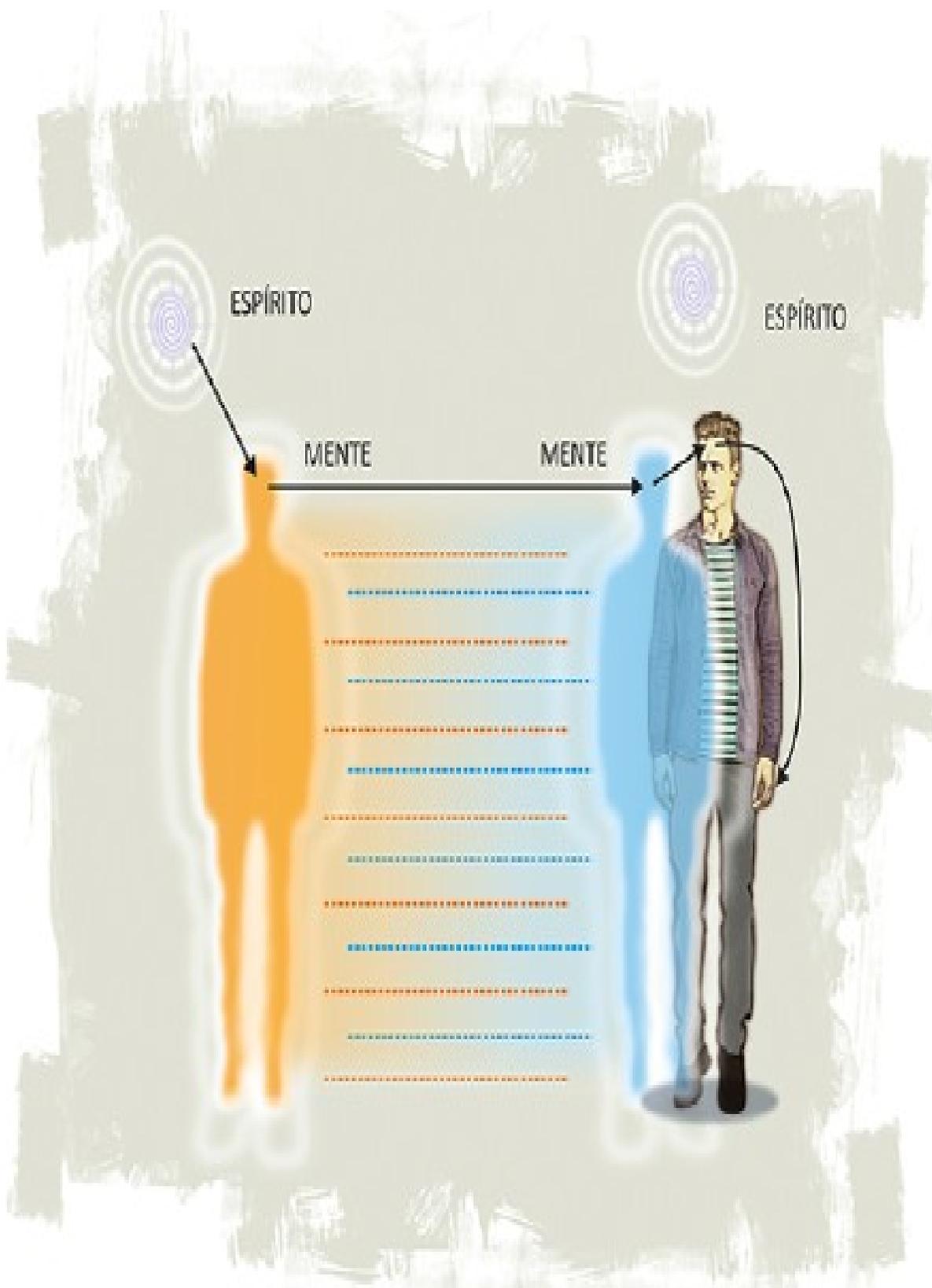


Fig. 4.6 – Figura representativa do mecanismo de ocorrência do fenômeno de manifestação inteligente (caso da psicofonia e da psicografia) - Fonte: A autora (2019).

Em relação a esta última referência, lembro-me de palestra que ouvi, há algum tempo, proferida pelo prezado confrade Divaldo Franco, em que relata o seguinte acontecimento: estava ele na alameda de saída de um cemitério, em Salvador-BA, onde fora acompanhar o sepultamento de um amigo, quando veio ao seu encontro um Espírito que se apresentou como Dr. Fulano de Tal, que fora médico naquela cidade, com reconhecida obra meritória em prol da comunidade carente. Combinou com Divaldo que teria de lhe dar aulas, pois daí em diante alguns Espíritos nobres gostariam de orientá-lo nas palestras, com alguma abordagem científica.

Assim, toda terça-feira, recolhido em seus aposentos em determinada hora da noite, Divaldo começou a receber as lições, sendo a primeira sobre o Sistema Nervoso Simpático. Semana após semana, ele começou a desesperar-se com tanto conteúdo e resolveu contar isso ao professor, confessando-lhe que não estava entendendo nem se lembrando de nada! O mestre sorriu e respondeu a Divaldo que ficasse tranquilo! Precisava apenas prestar atenção nas aulas para que as informações ministradas ficassem retidas em seu banco de memória, para serem resgatadas pelos amigos espirituais comunicantes quando necessário.

Isso explica bem as facilidades para isto ou para aquilo que todos manifestamos e que resultam das experiências acumuladas nas “gavetas” dos nossos arquivos de memória. Caracterizam-se, nesse tipo de manifestação inteligente, a psicofonia e a psicografia. Como bem ilustra a Figura 4.6, para que o fenômeno aconteça, é necessário que o fluido do perispírito do Espírito comunicante “combine” com o fluido do médium, criando assim a “atmosfera” fluídica apropriada para que o pensamento do Espírito comunicante alcance a mente e o cérebro do médium.<sup>94</sup>

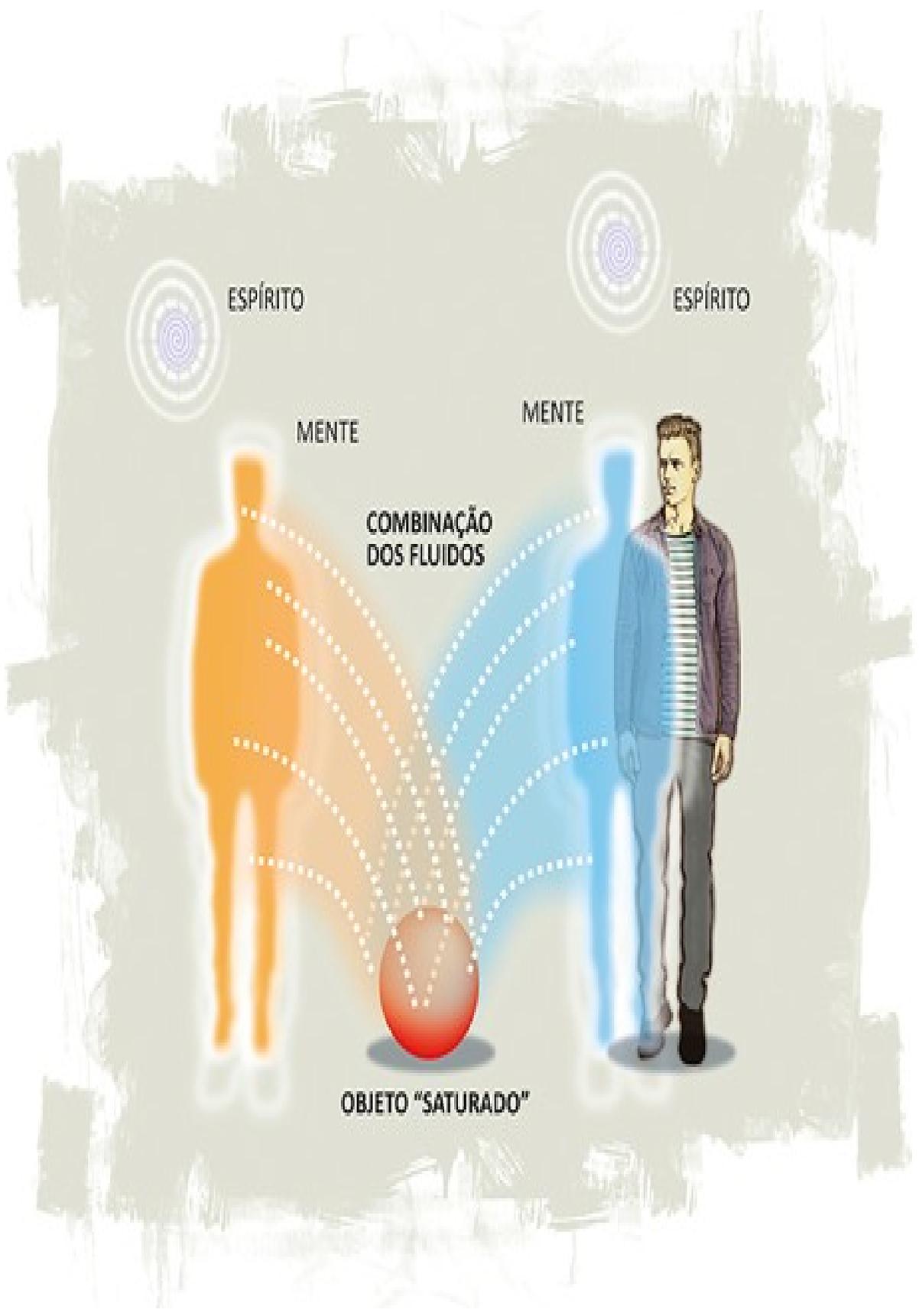
## As manifestações físicas

Em *O livro dos médiuns*<sup>95</sup>, encontram-se os esclarecimentos sobre as manifestações físicas, em que, diferentemente do caso anterior, o encarnado não age como intermediário. Nesse caso, o médium é um *colaborador* do fenômeno.

**O médium como “colaborador” do fenômeno** – no caso das manifestações físicas, o médium doa – consciente ou inconscientemente – fluidos que, “combinados” com fluidos do Espírito agente, “saturam” a

matéria – objeto do fenômeno (Fig. 4.7). Kardec<sup>96</sup> esclarece que “O Espírito precisa da matéria para agir sobre a matéria”, ou seja, o Espírito necessita valer-se da matéria mais sutil, os fluidos, para agir sobre a matéria mais grosseira, como é o caso das aparições, das movimentações de objetos e da materialização. Erasto<sup>97</sup>, item 236, complementa:

os espíritos agem sobre a matéria inerte com os elementos que ele (o médium) lhes fornece. Assim, o envoltório fluídico (mais sutil) do espírito, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico (mais animalizado) do médium permite ao espírito movimentar os objetos.



ESPÍRITO

ESPÍRITO

MENTE

MENTE

COMBINAÇÃO  
DOS FLUIDOS

OBJETO "SATURADO"

Fig. 4.7 – Figura representativa do mecanismo de ocorrência do fenômeno de manifestação física, em que o médium não participa como intermediário entre os planos espiritual e físico, sendo simplesmente o colaborador, doando fluidos que, “combinados” com fluidos do espírito-agente, “saturam” a matéria do objeto que será “manipulado” pela vontade do Espírito comunicante - Fonte: A autora (2019).

No caso da participação do médium como colaborador do fenômeno físico, temos interessante passagem na segunda parte (cap. V, item 95) de *O livro dos médiuns*: Kardec<sup>98</sup> evoca um Espírito perturbador, que se encontrava causando movimentação de objetos e outras ocorrências assustadoras, em vizinhança da Rue Des Noyers, em Paris. Ao ser inquirido se havia alguém que lhe servia de auxiliar nas peças que pregava aos moradores, ele responde afirmativamente, dizendo que havia encontrado um bom instrumento – uma criada. Kardec questiona se ela o auxiliava sem saber, ouvindo do Espírito a resposta: “Oh! Sim, pobre moça! Era a mais assustada!” Pormenores sobre esse relato podem ser encontrados na *Revista Espírita* de agosto de 1860.

Em casos como esse, o médium é totalmente inconsciente de sua atuação, o que difere das situações em que ele se dispõe voluntariamente para participar de tarefas mediúnicas meritórias, de efeitos físicos, que se passam nas casas espíritas, como ectoplasma em favor de doentes.

**Os seres vivos como fonte de fluido vital** – a expressão “fluido animalizado” refere-se ao *fluido vital* do ser que tem o *anima*, ou seja, que tem vida, que é encarnado. Aliás, em *O livro dos médiuns*<sup>99</sup> (2ª parte, cap. V, item 98), lemos: “o fluido vital, apanágio exclusivo do encarnado [...]”. Eu sempre me perguntava a razão de os Espíritos precisarem do nosso concurso para determinados procedimentos. Com a informação de que o fluido vital tem como fonte os encarnados, entende-se que, de fato, seja necessária uma vinculação com as pessoas, particularmente, mais doadoras de fluido vital (médiuns de efeitos físicos), para a realização de determinados fenômenos.

Assim, é interessante lembrar que os Espíritos buscam em elementos da natureza determinadas “substâncias” de que necessitam para o auxílio de encarnados ou desencarnados. Curiosamente, no livro *Entre a terra e o céu*<sup>100</sup> (cap. V), de André Luiz, o Ministro Clarêncio exara preciosa lição:

O oceano é precioso reservatório de forças; até aqui, muitos companheiros de nosso plano trazem os irmãos doentes, ainda ligados ao corpo da Terra, de modo a receberem refazimento e repouso.

Enfermeiros e amigos desencarnados desvelam-se na reconstituição das energias de seus tutelados. Qual acontece na montanha arborizada, a atmosfera marinha permanece impregnada por infinitos recursos de vitalidade da Natureza. O oxigênio sem mácula, casado às emanações do planeta, converte-se em precioso alimento de nossa organização espiritual, principalmente quando ainda nos achamos direta ou indiretamente associados aos fluidos da matéria densa.

Ora, o mar tem uma infinidade de seres vivos, e o fluido vital que ali existe, certamente, vem deles e são adequadamente modificados para que possam ser utilizados na terapia de Espíritos humanos. Esse é um fenômeno de ectoplasmia, que conta com a participação de vários tipos de seres vivos que se acham na condição de doadores de fluidos vitais, com certeza com a intervenção necessária dos Espíritos benfeitores.

De início, parece estranho que fluidos vitais de outros seres vivos possam ser utilizados em prol de seres humanos, por isso, para entender esse processo, é importante buscar as informações contidas em obras da codificação, conforme segue:

Em *O livro dos Espíritos*, itens 61-66, lemos:

O princípio vital [...] é comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. [...]  
Nos corpos orgânicos a matéria é animalizada [...] pela sua união com o princípio vital [...] que tem como fonte o fluido cósmico universal.  
A vida é um efeito produzido pela ação de um agente sobre a matéria. Esse agente, sem a matéria, não é vida, da mesma forma que a matéria não pode viver sem ele. É ele que dá vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.<sup>101</sup>

Em *A gênese*<sup>102</sup>, item 17, temos mais informações:

Como os odores, eles [os fluidos] [...] trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão etc.

E no item 14, elas se completam:

[...] os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais [...] empregando o pensamento e a vontade [...] pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam [...] **mudam-lhes as propriedades** (grifos nossos).

Com isso, podemos entender que os Espíritos benfeitores, desejando beneficiar entidades necessitadas, podem buscar à beira do mar ou em outros ambientes da natureza fluido vital de diferentes espécies de seres, *modificando-lhes as propriedades* para que se adéquem aos fins desejados.

## **Animismo ou mediunidade?**

Em *Obras póstumas*, Kardec<sup>103</sup> comenta que, na ocorrência de determinados fenômenos, cabe discutir se trata-se mesmo de mediunidade (com participação de Espíritos) ou de animismo (manifestação da própria mente do médium sem a participação de algum Espírito). Seria o caso da vidência, da audiência, dos sonambúlicos e sensitivos ou impressionáveis e

também dos médiuns curadores, conforme refere em *O livro dos médiuns*<sup>104</sup>, itens 175-189.

Referindo-se aos médiuns videntes, Kardec<sup>105</sup> comenta:

Seria, porventura, demasiado considerar essas pessoas como médiuns, porquanto a mediunidade se caracteriza unicamente pela intervenção dos Espíritos, não se podendo ter como ato mediúnico o que alguém faz por si mesmo. Aquele que possui a vista espiritual vê pelo seu próprio espírito, não sendo de necessidade, para o surto de sua faculdade, o concurso de um espírito estranho.

A observação feita em relação aos “médiuns” videntes pode ser estendida aos “médiuns” auditivos e sensitivos ou impressionáveis, uma vez que, nesses casos, entende-se que o fenômeno é anímico, e não propriamente mediúnico.

Em *O livro dos médiuns*<sup>106</sup>, item 173, há um relato sobre um rapazinho de curta inteligência e limitada instrução que, em estado sonambúlico, dava provas de extraordinária lucidez, principalmente no tratamento de doenças. Certo dia, atendendo a um doente, descreveu sua moléstia com exatidão, mas quando lhe solicitaram a receita, respondeu simplesmente: “não posso [...] meu anjo doutor não está aqui”. Portanto, esse sonâmbulo via a doença pelo seu próprio Espírito, que para isso não precisava de assistência, mas a indicação dos remédios era feita por outro Espírito. Assim, sozinho, ele era apenas sonâmbulo (estado anímico); assistido pelo seu “anjo doutor”, era médium sonâmbulo.

## **A ciência estudando o fenômeno mediúnico**

Os estudos científicos iniciais sobre o fenômeno mediúnico foram realizados pelo codificador, valendo-se da razão como “método” e da dialética como recurso filosófico para obter, dos Espíritos, as informações que desejava. Eram os instrumentos de que dispunha Kardec em sua época e

que, em absoluto, não estão superados. Hoje, entretanto, com o avanço de tantas inovações tecnológicas, surgem outras possibilidades de investigação do fenômeno, particularmente à luz da Neurociência.

Com o entendimento de que o “cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente”, conforme refere Calderaro no livro *No mundo maior*, de André Luiz<sup>107</sup> (capítulos 3 e 4), naturalmente foi aflorando, nos investigadores, o interesse em conhecer quais e de que maneira as várias estruturas cerebrais do médium são participativas durante o transe.

Trabalho pioneiro nessa área foi realizado, em 2012, por cientistas brasileiros liderados pelo Dr. Julio Peres<sup>108</sup> em parceria com o Dr. Andrew Newberg, da University of Pennsylvania, dos Estados Unidos. Foram levados para lá dez médiuns brasileiros de psicografia, sendo que cada um deles foi submetido à análise de seu cérebro pela técnica de neuroimagem SPECT – scanner. A pesquisa acha-se documentada com imagens das estruturas cerebrais, que se apresentaram “marcadas”, o que é indicativo de sua participação durante a ocorrência do transe mediúnico.

Pesquisa com o mesmo objetivo foi efetuada na Alemanha – na Medical School, RWTH Aachen University, Aachen – com a participação de cientistas brasileiros – Dr. Julio Peres e Dr. Alexander Moreira-Almeida.<sup>109</sup> Os autores efetuaram estudo de neuroimagem funcional em oito médiuns mentalmente saudáveis e oito controles. Os resultados mostraram a participação de várias áreas corticais durante o transe mediúnico, sendo interessante o envolvimento do *córtex pré-frontal*, o que, segundo os pesquisadores, indica haver um controle intimista do médium na experiência do transe.

Esse dado é muito interessante, pois confirma informações do mentor Áulus, constantes no capítulo 5 do livro *Nos domínios da mediunidade*, de André Luiz.<sup>110</sup> Ao relatar casos de psicofonia, o autor espiritual indica que durante o transe mediúnico,

o mentor aplica forças magnéticas sobre o córtex cerebral da médium, ligando sua frente [que corresponde, no plano neural, ao córtex pré-frontal], ao Espírito comunicante, o que a mantém informada dos pensamentos do

Espírito e de todas as palavras que pretenda dizer.

Estudo muito interessante, que resultou em artigo publicado em revista de alto impacto de divulgação no meio científico, foi efetuado por membros da AME-Brasil e da AME-Internacional, liderados pelo Dr. Giancarlo Luccetti.<sup>111</sup> Para explicar esse estudo, é relevante expor aqui a importância da *glândula pineal*, que segundo a obra de André Luiz<sup>112</sup>,

é a glândula da vida mental [...] segrega “hormônios psíquicos” ou “unidades-força” [...], comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade [...], sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os órgãos [...].

Além de sua atuação no desenrolar dos processos medianímicos, os autores fizeram uma “varredura” das informações constantes sobre essa estrutura em todas as obras de André Luiz, comparando-as com dados da literatura acadêmica. Concluem pelo pioneirismo das revelações emitidas pelo autor espiritual, que precederam de décadas dados correspondentes do meio acadêmico.

Pesquisa recente de Marco A. V. Bastos Jr.<sup>113</sup> teve como objetivo investigar eventual variação de sinais fisiológicos (atividade cerebral, pulso e pressão arterial etc.) durante o transe mediúnico em 20 médiuns espíritas experientes, do sexo feminino. Em todas as médiuns, foi realizado o eletroencefalograma (EEG), para avaliação da atividade cerebral, e verificada a frequência cardíaca (VFC) em três momentos: antes, durante e após a comunicação mediúnica. Foram também mensurados os níveis plasmáticos (no sangue) de hormônios e substâncias neuroativas, como a noradrenalina, o hormônio tireoestimulante (TSH), a prolactina e a creatina fosfoquinase. Os resultados obtidos foram comparados com os do grupo controle, constituídos por 20 participantes não médiuns, do sexo feminino, no mesmo contexto religioso.

A importância da aquisição de conhecimentos pela ciência é incontestável e se acha bem expressa nas palavras de Emmanuel<sup>114</sup>, psicografadas por Chico Xavier:

A fenomenologia, nos domínios do psiquismo, em vosso século [refere-se ao século XX, pois a mensagem data de 1938], visa ao ensinamento, à formação da profunda consciência espiritual da humanidade, constituindo, desse modo, um curso propedêutico para as grandes lições do porvir. É por essa razão que necessitamos operar ativamente para que a Ciência descubra, nos próprios planos físicos, as afirmações da espiritualidade.

---

- [83](#) KARDEC, Allan. Gênese espiritual – hipótese sobre a origem do corpo humano. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- [84](#) LUIZ, André (Espírito). Palavra e responsabilidade. In: LUIZ, André (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.
- [85](#) EMMANUEL (Espírito). Prefácio. In: LUIZ, André (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1959.
- [86](#) Conforme veremos adiante, Espíritos de diferentes categorias eram simplesmente elevados à categoria da divindade (o “Senhor”).
- [87](#) KARDEC, Allan. Da proibição de evocar os mortos. In: KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 34. ed. Brasília: FEB, 1987.
- [88](#) PADRE GERMANO (Espírito). *Memórias do Padre Germano*. Registradas por Amália Domingo Soler. Tradução de Manuel J. Quintão. Rio de Janeiro: FEB, 1909.
- [89](#) LUIZ, *Mecanismos da mediunidade...*
- [90](#) LUIZ, *Mecanismos da mediunidade...*
- [91](#) LUIZ, André (Espírito). *Libertação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1971.
- [92](#) LUIZ, *Mecanismos da mediunidade...*
- [93](#) MIRANDA, Herminio C. *Diversidade dos carismas. Teoria e prática da mediunidade*. Niterói, RJ: Arte & Cultura, 1999.
- [94](#) No último item deste capítulo, veremos o papel do cérebro nos casos de psicofonia consciente e inconsciente.
- [95](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [96](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [97](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [98](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [99](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [100](#) LUIZ, André (Espírito). *Entre a terra e o céu*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1954.
- [101](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [102](#) KARDEC, Allan. Os fluidos. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- [103](#) KARDEC, Allan. A segunda vista. In: KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.
- [104](#) KARDEC, *O livro dos médiuns...*
- [105](#) KARDEC, *Obras póstumas...*
- [106](#) KARDEC, Allan. Dos médiuns. In: KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.
- [107](#) LUIZ, *No mundo maior...*
- [108](#) PERES, Julio Fernando; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; CAIXETA, Leonardo; LEAO, Frederico; NEWBERG, Andrew. Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation. *PLOS ONE*, v. 7, p. e49360. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0049360>.
- [109](#) MAINIERI, Alessandra Ghinato; PERES, Julio; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; MATHIAK, Klaus; HABEL, Ute; KOHN, Nils. Neural Correlates of psychotic-like experiences during spiritual-trance state. *Psychiatry Research Neuroimaging*, v. 266, p. 101-107, 2017. Doi: 10.1016/j.psychres.2017.06.006.
- [110](#) LUIZ, André (Espírito). *Nos domínios da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1955.
- [111](#) LUCCHETTI, G.; DAHER Jr, JC.; IANDOLI Jr, D. *et al.* Historical and cultural aspects of the pineal gland: comparison between the theories provided by Spiritism in the 1940s and the current scientific evidence. *Neuroendocrinology Letters*, v. 34, n. 8, p. 745-755, 2013.
- [112](#) LUIZ, André (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.
- [113](#) BASTOS JR., Marco Aurélio Vinhas. *Melatonina e catecolaminas plasmáticas, atividade elétrica cerebral e atividade autonômica cardíaca durante experiências anômalas em um contexto religioso*. 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.
- [114](#) EMMANUEL (Espírito). *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 28. ed. Brasília: FEB, 2013.









# Mediunidade e cérebro triúno

No livro *No mundo maior*, de André Luiz<sup>[115](#)</sup>, capítulos 3 e 4, o mentor Calderaro oferece-nos preciosa lição a respeito da composição de nossa casa mental em três andares, cada um deles interagindo com um dos três blocos constituintes do cérebro humano – o *cérebro inicial*, a *zona intermediária* e os *lobos frontais*. Essas informações e os comentários que se seguiram motivaram a publicação do livro *O cérebro triúno a serviço do Espírito*<sup>[116](#)</sup>, que elaborei em parceria com meus prezados amigos Dr. Décio Iandoli Jr. e Dr. Sérgio Lopes.

Conforme relatamos de maneira mais detalhada nesse livro, Calderaro considera nossa casa mental disposta em três andares, cada um deles interagindo com uma das partes do cérebro, como segue:

- Primeiro andar – “*porção da nossa individualidade*”: mantém o arquivo de experiências do passado, atua na expressão de atos instintivos e automatizados e interage com o *cérebro inicial* – porção profunda da massa encefálica que, no meu entender, compreende todas as estruturas subcorticais (Fig. 5.1), quais sejam, *tronco encefálico, cerebelo, região talâmica (diencéfalo), sistema límbico* (conjunto de estruturas relacionadas à expressão de comportamentos acompanhados de emoções) e *núcleos da base*, massas de substância cinzenta situadas profundamente em cada um dos hemisférios cerebrais, lateralmente ao *tálamo*.

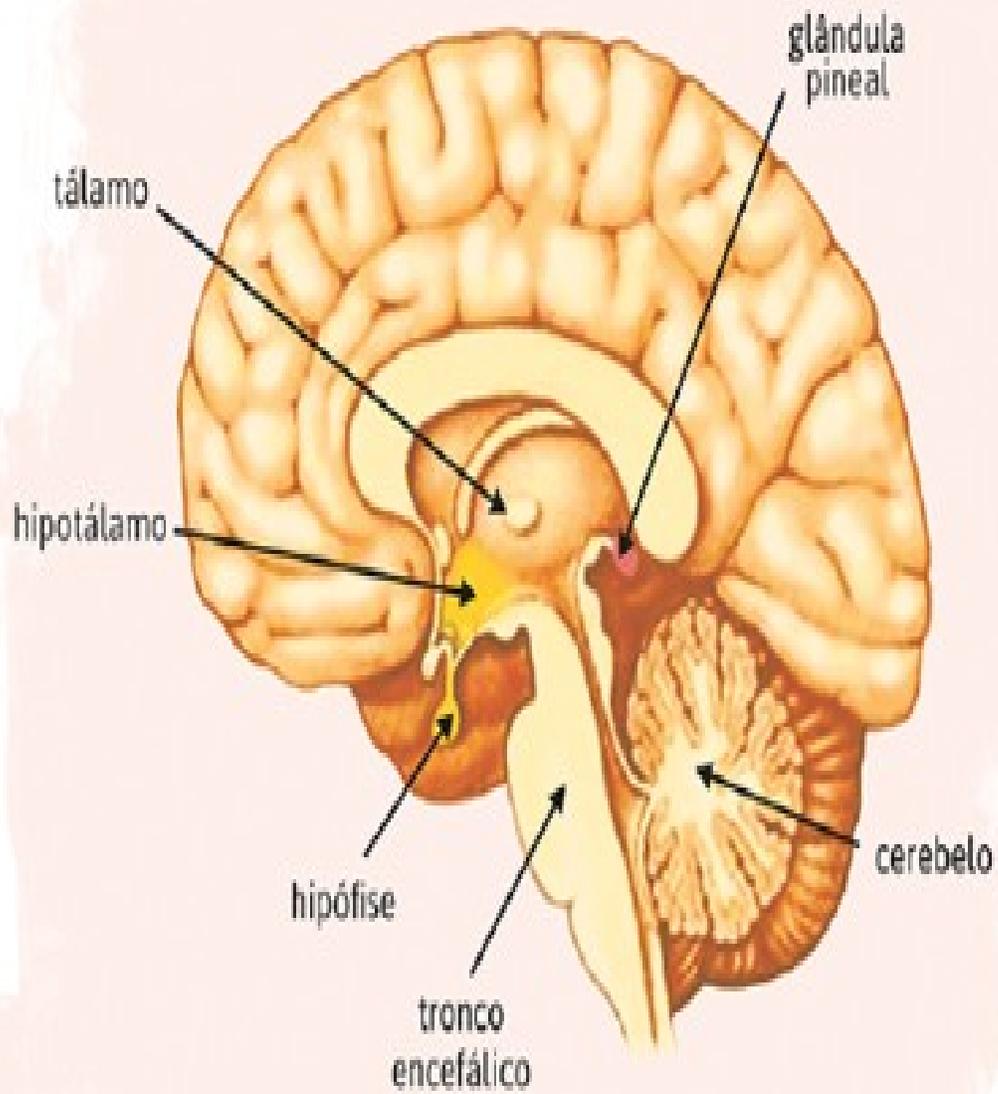


Fig. 5.1 – Esquema representativo do encéfalo humano em corte longitudinal, com vista medial do antímero direito. O *diencefalo* ou *região talâmica* compreende a *glândula pineal*, o *tálamo* e o *hipotálamo*, do qual faz parte a *hipófise*. Estão localizados também o *tronco encefálico* e o *cerebelo*. Todas essas estruturas integram o bloco do cérebro que Calderero chama de “cérebro inicial”

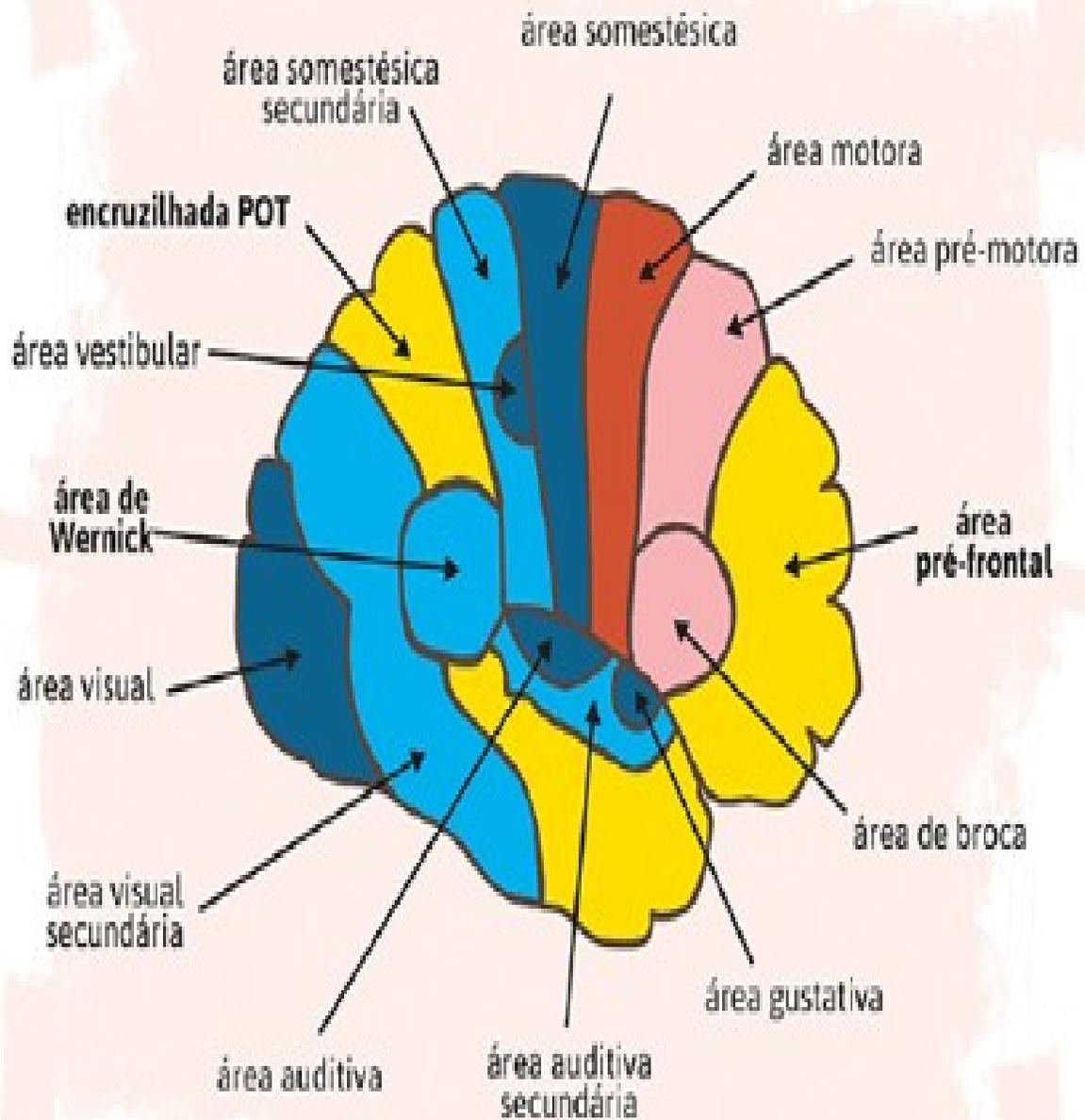


Fig. 5.2 – Esquema demonstrativo de *áreas corticais do encéfalo humano*, em vista lateral do antímero direito. Aham-se indicadas, na cor azul, as *áreas sensoriais* e, em vermelho, as *áreas motoras*. Em destaque, na cor amarela, as *áreas de córtex terciário associativo*, ou seja, a *área pré-frontal* e a *encruzilhada POT* - Fonte: A autora (2019).

- Segundo andar: diz respeito ao presente, ao aqui e agora, em que dispndemos esforço e vontade, e interage com o segundo bloco do cérebro – a *zona intermediária* – que corresponde ao *córtex motor*. Entretanto, como essa *área motora* é a “foz” de todo um processo, poderíamos considerar, como pertencente a esse bloco, o *córtex cerebral* (ou *neocórtex*) como um todo, menos a porção mais anterior dos lobos frontais (*área pré-frontal*) (Fig. 5.2). Em outras palavras, a meu ver, a *zona intermediária* do cérebro acha-se integrada por todas as *áreas sensoriais* e *áreas motoras* do *córtex cerebral*.

- Terceiro andar: diz respeito ao futuro, e aí colocamos nossas metas e ideais a serem atingidos. Segundo Calderaro, ele interage com os *lobos frontais*, dos quais podemos distinguir a porção mais anterior, chamada de *área pré-frontal* (Fig. 5.2), por ser a que se relaciona à expressão das chamadas funções cognitivas, como associação de ideias, crítica do que está acontecendo, planejamento de ações futuras, mecanismos de memória e de censura e exercício do livre-arbítrio.

Com base nesse contexto, vamos analisar o papel desses três blocos do cérebro do médium no transe mediúnico, focalizando o caso de manifestações inteligentes, por ser o mais adequado para esse tipo de estudo. Vale lembrar o conceito de médium, conforme o entendimento de Kardec.

Em *O livro dos médiuns*<sup>117</sup>, item 159, lemos: “Todo aquele que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium”. Dessa forma, é possível inferir que a mediunidade, a meu ver, em sua natureza, alicerça-se em um fenômeno de sensopercepção, ou seja, é necessário que o indivíduo, para ser considerado médium, tenha a capacidade de “perceber” e de “sentir”, de alguma maneira, a influência do Espírito com o qual se encontre sintonizado. É o início do processo em que será possível a comunicação espiritual. Assim, podemos identificar as seguintes etapas (Figs. 5.2 e 5.3):

- Etapa do “perceber” – afeta as áreas sensoriais do córtex cerebral, como as áreas somestésica (de sensibilidade geral), auditiva e visual.

- Etapa do “sentir” – é subjetiva, intimista e tem a ver com a participação de áreas nobres do córtex cerebral, como a área pré-frontal. Aí a informação é processada, o que de modo geral se

realiza com base em nosso arquivo de memória (por isso se diz que “gato escaldado tem medo de água fria”). Em seguida, é emitida uma “ordem” para que se cumpra a correspondente “resposta”. De acordo com o Dr. Sérgio Lopes<sup>118</sup>, podemos cogitar que a comunicação mediúnica fica sempre submetida ao tipo de representações mentais que o médium construiu ao longo de sua vida, seus próprios pensamentos, sua capacidade de simbolizar, representar e subjetivar. Quanto mais rica a vida interna do médium, tanto maiores são as possibilidades de a comunicação ser transmitida de maneira mais clara. Uma mente muito concreta – do médium – exerce caráter limitante e engessado à comunicação, que fica sujeita às limitações de suas crenças e convicções.

- Etapa motora – a “resposta” é efetuada com a participação das áreas motoras do córtex cerebral, quais sejam, a área de Broca, a área pré-motora e a área motora, da qual partem fibras nervosas que irão estimular nervos e músculos do aparelho fonador – para o caso de uma psicofonia – ou do braço e mão do médium – para o caso de uma psicografia.

**Proposta de um modelo** – havendo comunicação entre a mente do Espírito comunicante e a mente do médium, o que se fará com o envolvimento do perispírito de ambos (veja Fig. 4.3), o *cérebro* do médium será ativado, conforme o esquema proposto, a seguir, na Fig. 5.3.



Como é possível observar nesse esquema, a informação, que veio do Espírito comunicante e foi absorvida pela mente do médium, vai ser transmitida ao seu *cérebro* por meio do *centro coronário* de seu perispírito, alcançando diretamente a *região talâmica (diencéfalo)*, que compreende o *tálamo* (propriamente dito) e a *glândula pineal* e, indiretamente, o *córtex cerebral*, por intermédio do *tálamo* e do *centro cerebral*.

**Os “transdutores” cerebrais** – é interessante notar que as informações estão sendo transmitidas da dimensão espiritual (da mente) para a dimensão física (do cérebro). Segundo Vieira<sup>120</sup>, as estruturas cerebrais que permitem esse fluxo (da mente para o cérebro e vice-versa) funcionariam à maneira de uma porta de dupla folha, pois as informações passam ora da mente para o cérebro, ora do cérebro para a mente. São os *transdutores cerebrais*, como é o caso da *região talâmica* e de áreas diferenciadas do *córtex cerebral* – a *área pré-frontal (PF)* e a *área de confluência parietoccipital temporal* (chamada também de *área cerebral de Locchi* ou simplesmente *de encruzilhada POT*). Ambas as áreas corticais trabalham com funções sofisticadas, a primeira delas (*área pré-frontal*) com processos cognitivos e, a segunda, com noção espacial, linguagem simbólica e esquema corporal (Fig. 5.4).

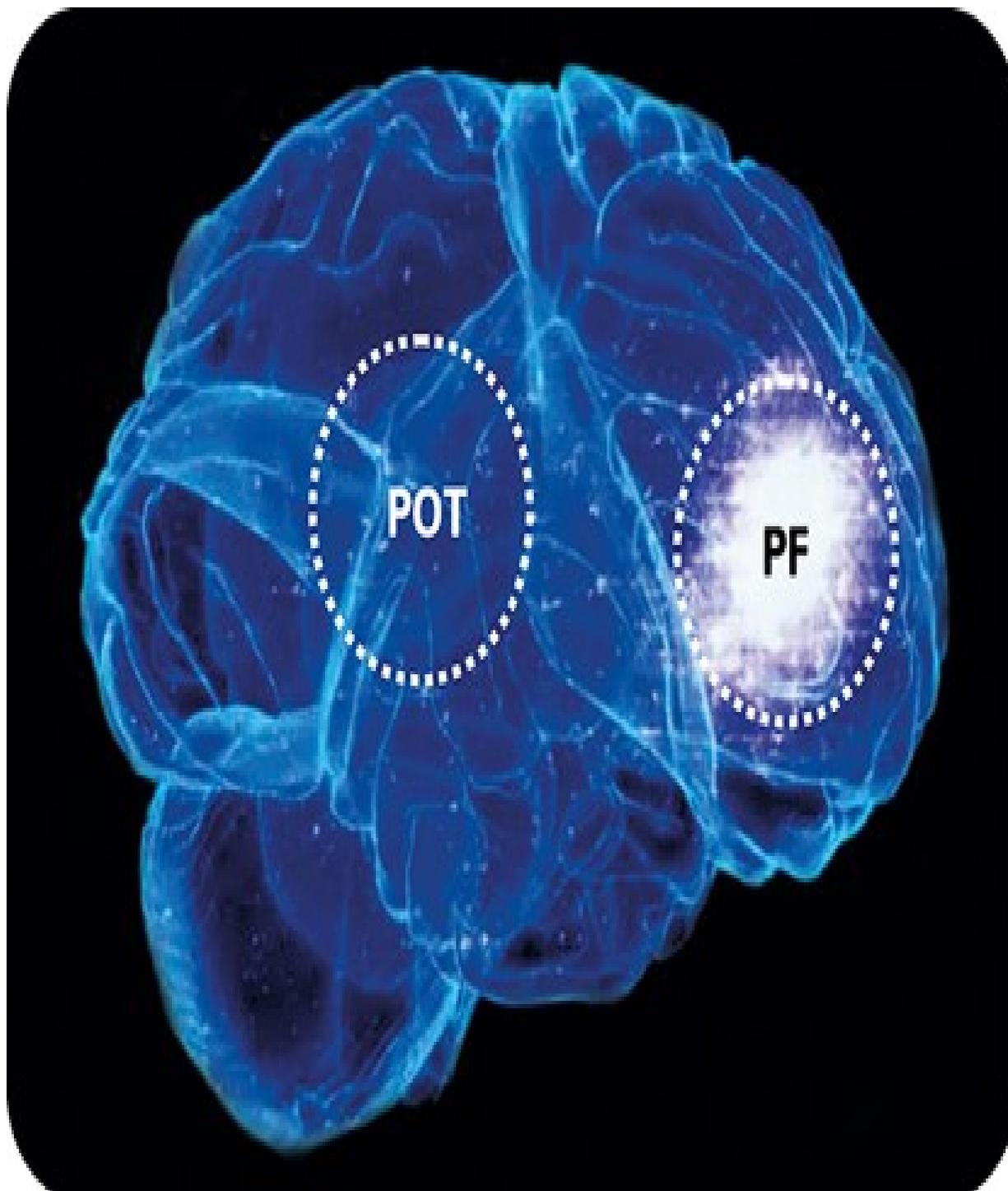


Fig. 5.4 – Figura demonstrativa da localização aproximada da *área pré-frontal* (PF) e da *encruzilhada POT*, regiões cerebrais de córtex diferenciado, onde acontece – mediante interação com a mente – a fase de processamento das informações procedentes das *áreas sensoriais do córtex cerebral*

Esse fluxo de informações – de mão dupla – entre a mente e o cérebro é tão intenso que a cientista americana Dra. Candace Pert<sup>121</sup> propõe a

utilização de um único termo – “corpomente” – para designar essa “unidade” que se estabelece entre as duas dimensões – mente e corpo.

André Luiz<sup>122</sup> assim manifesta-se quanto à atuação do *centro coronário* no *tálamo*:

O centro coronário, através de um conjunto de núcleos do diencéfalo, possui no tálamo [...] vasto sistema de governança do espírito. Aí, nessa delicada rede de forças [...] verte o pensamento ou fluido mental, por secreção sutil não do cérebro, mas, da mente, fluido que influencia primeiro toda a **região cortical (córtex cerebral)** [...] para sem seguida [...] espalhar-se em torno do corpo físico [...] organizando-lhe a psicofera ou halo psíquico qual ocorre com a chama de uma vela [...].

Quanto à abordagem indireta do córtex cerebral, André Luiz<sup>123</sup> esclarece:

No diencéfalo [...], o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, e dessa junção de forças, o espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos [...].

Pelo exposto, pode-se perceber que as informações transmitidas pelo centro coronário ao cérebro do médium não chegam diretamente ao seu córtex. Do ponto de vista orgânico, são a ele transmitidas pelas vias neurais provenientes do **tálamo** (via radiação talâmica) e, na abordagem vibratória, pelas irradiações emitidas pelo **centro cerebral** ou **frontal**.

**Uma revelação** – o mentor Calderaro, no livro *No mundo maior*, de André Luiz<sup>124</sup>, antecipou um importante conhecimento quanto ao comportamento dos neurônios cerebrais: “Há neurônios [...] que recebem as sensações exteriores e os que recolhem as impressões da consciência”. Apesar de essa informação ter sido transmitida ao plano físico via mediúncia por Chico Xavier há mais de 70 anos, a ciência acadêmica ainda não soube identificar quais seriam esses neurônios, nem como funcionariam. Sequer sabemos se eles se localizam no tálamo, no córtex cerebral ou em ambas as estruturas.

Em relação ao papel da *glândula pineal*, André Luiz<sup>125</sup> considera:

É a glândula da vida mental [...] poderosa usina [...] ligada à mente através de princípios eletromagnéticos [...] glândula da vida espiritual do homem; preside aos fenômenos nervosos da emotividade; segrega “hormônios psíquicos” ou “unidades-força”; conserva ascendência em todo o sistema endócrino; comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade; sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os órgãos; sua atuação na experiência sexual é básica e absoluta.

**Uma curiosidade**<sup>126</sup> – durante a Idade Média, acreditava-se que a demência seria causada por uma “pedra da loucura” que, por vezes, era extraída por um “cirurgião”, em cerimônia de que participavam religiosos (Fig. 5.5). Ora, sabe-se que a *glândula pineal* contém concreções de elementos minerais, sendo, portanto, muito provável que ela tenha sido interpretada como a tal “pedra da loucura”, até porque sua localização é de fácil acesso (Fig. 5.6) para que seja retirada. De fato, procedendo-se à trepanação (abertura da tábua óssea da calota craniana), exatamente como demonstra a Fig. 5.5, entra-se no espaço existente entre os dois hemisférios cerebrais (à esquerda na Fig. 5.6) até encontrar o *corpo caloso* (à direita na

Fig. 5.6). A *glândula pineal* situa-se logo abaixo da curvatura posterior dessa estrutura, que é chamada de *esplênio do corpo caloso*.



Fig. 5.5 – “A extração da pedra da loucura” (1485), tela do pintor italiano Hieronymus Bosch (1450-1516). Um cirurgião extrai a “pedra da loucura” de um demente, segundo concepção medieval, enquanto religiosos assistem à operação

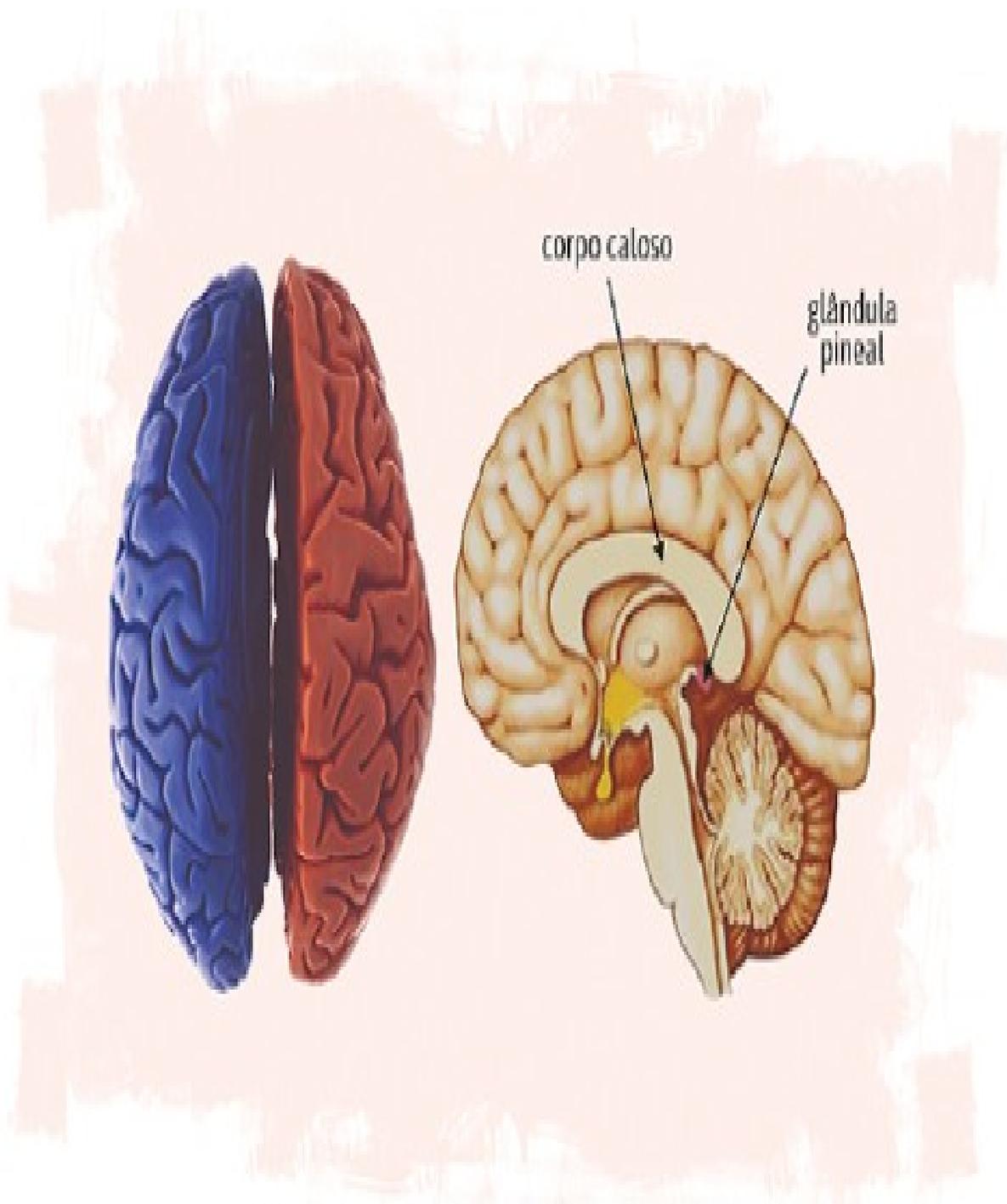


Fig. 5.6 – À esquerda, vista dorsal dos dois hemisférios cerebrais, com destaque para o espaço que existe entre eles; à direita, encéfalo humano em corte longitudinal, com vista medial do antero direito, destacando-se a localização da *glândula pineal* e do *corpo caloso*

A *glândula pineal* foi motivo de importante artigo de autoria de integrantes da AME-Brasil<sup>127</sup>, que compararam informações constantes das obras de André Luiz a respeito dessa estrutura com as da literatura acadêmica vigente, evidenciando-se o pioneirismo da literatura espírita em relação a várias dessas informações. Como referiu um dos autores, em palestra, a partir dessa publicação, Chico Xavier e André Luiz já podem constar do PubMed, um dos mais expressivos bancos de dados da literatura médica.

**Fluxo orgânico e fluxo energético** – conforme é possível observar na Fig. 5.3, há um fluxo de informações de que participam componentes da dimensão espiritual, como o *perispírito*, o *centro coronário* e o *centro cerebral*, que se acham destacados na cor azul. Uma vez estimuladas as diferentes estruturas cerebrais que participam do processo, passa a haver um fluxo de informações no terreno orgânico, a serem transmitidas por neurônios e suas fibras, além de secreções de hormônios e de outras substâncias.

Vejamos o papel dessas estruturas:

- *Tálamo* – recebe do *centro coronário* impulsos provenientes da mente e os transmite a áreas sensoriais do *córtex cerebral* (Fig. 5.3) por intermédio de um conjunto de fibras nervosas que compõem a chamada *radiação talâmica*.
- *Córtex cerebral* – das *áreas sensoriais*, os impulsos são transmitidos para áreas nobres do córtex cerebral, como é o caso da *área pré-frontal*, onde é processada a informação e emitida uma “ordem”, que, por intermédio das *áreas motoras do córtex*, vários feixes de fibras e nervos são levadas às células do corpo físico, onde deve ser cumprida a “resposta” motora que foi selecionada. Todas as formas de sensibilidade – menos a olfativa –, colhidas a nível celular são endereçadas ao *tálamo*, o que mantém o fluxo de mão dupla.
- *Glândula pineal* – por intermédio de seu hormônio *melatonina* e de substâncias que secreta, como *neuropeptídios*, atua diretamente nas células do corpo físico.
- *Hipófise* – recebe impulsos do *centro cerebral* e, como comandante de todas as outras *glândulas endócrinas* (que lançam sua secreção diretamente na corrente sanguínea), também exerce

influência, diretamente, pelos seus próprios hormônios, e indiretamente, por intermédio delas, no território celular.

Contudo, é imperativo que se reconheça, particularmente quanto à *glândula pineal*, seu papel na manutenção de um fluxo vibratório, energético, que alcança todo o território de nossos bilhões de células, pois, conforme esclarece André Luiz<sup>128</sup>, ela “segrega ‘hormônios psíquicos’ ou ‘unidades-força’, comanda as forças subscientes sob a determinação direta da vontade e, sob sua direção, efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os órgãos”. Da mesma forma, devemos reconhecer que nossa leitura em relação a esse assunto é ainda bastante simplista, dada sua complexidade, que estamos muito longe de abranger em sua totalidade de aspectos.

Vejam agora o papel dessas estruturas em dois casos concretos de transe mediúnico relatados no livro *Nos domínios da mediunidade*<sup>129</sup>, de André Luiz, em que Áulus, o mentor, comenta sobre a participação do cérebro em um caso de psicofonia consciente (cap. 6) e outro de psicofonia inconsciente ou sonambúlica (cap. 8).

**O cérebro na psicofonia** – primeiramente, veremos o caso da psicofonia consciente, analisando por partes a sequência do processo:

*1º trecho:*

O Espírito sofredor aproxima-se da médium Eugênia, enquanto o mentor aplica forças magnéticas sobre o seu córtex cerebral. Promove-se uma enxertia psíquica. Leves fios brilhantes ligam a fronte de Eugênia ao espírito comunicante, e por esse meio Eugênia estará informada dos pensamentos do espírito e de todas as palavras que pretenda dizer.

*Comentário* – quando Áulus aplica forças energéticas sobre o córtex cerebral de Eugênia, fios brilhantes passam a ligar a fronte da médium ao Espírito comunicante. Ora, em relação à fronte (região da testa), a porção correspondente do cérebro é a área pré-frontal dos lobos frontais, nos dois hemisférios cerebrais. Essa área trabalha com funções cognitivas, de modo

que, estando a médium em contato com o Espírito, estará informada dos pensamentos dele e do que ele pretenda dizer, tendo condições de fazer a censura como achar adequada. A capacidade de crítica e de censura é uma das atribuições da área pré-frontal.

*2º trecho* – “O Espírito comunicante utiliza os órgãos vocais de Eugênia”.

*Comentário* – os órgãos vocais da médium estão na dependência das áreas motoras do córtex cerebral (Fig. 5.2), ou seja, a área de Broca (área motora do córtex cerebral implicada na organização mental da palavra), a área pré-motora e a área motora (implicada na emissão da “ordem” a ser executada para a manifestação da palavra), de onde partem feixes de fibras nervosas que vão estimular nervos e músculos do aparelho fonador, lembrando que se fosse o caso de uma psicografia, os músculos estimulados seriam os do braço e da mão da médium.

*3º trecho* – “o Espírito ainda apropria-se do aparato sensorial de Eugênia, conseguindo ver, ouvir e raciocinar por intermédio das energias dela. Eugênia sente as aflições do Espírito, suas dores, seu sofrimento e mal-estar”.

*Comentário* – Segundo Calderaro, o córtex cerebral (fina camada de substância cinzenta que reveste os dois hemisférios cerebrais) corresponde a duas das regiões do cérebro triúno – a zona intermediária e os lobos frontais (Fig. 5.2). A zona intermediária dos dois hemisférios cerebrais compreende áreas sensoriais e motoras, enquanto a porção mais anterior dos lobos frontais (área pré-frontal) trabalha com funções cognitivas, como associação de ideias, formulação de conceitos, crítica do que está acontecendo, censura e planejamento de ações futuras. É por intermédio dessas áreas sensoriais da médium que o Espírito, em “enxertia psíquica” com ela, consegue ver e ouvir, ao mesmo tempo em que, pela participação da área pré-frontal dos dois hemisférios cerebrais, consegue raciocinar por meio das energias dela.

*4º trecho* – “Eugênia comanda, firme, a própria vontade, retornando ao corpo se necessário. Áulus, o mentor, comenta sobre a importância da autoridade moral do médium”.

*Comentário* – Muito interessante o fato de o mentor Áulus ressaltar a importância da estatura moral do médium. Valores morais como retidão de caráter, capacidade de censura e probidade são conquistados pelo esforço e pela vontade da criatura, compondo, por assim dizer, o “repertório” do terceiro andar de nossa casa mental. No caso de Eugênia, possuidora desses valores, ela tinha todas as condições para manter, com firmeza, a própria

vontade (papel da área pré-frontal), assumindo assim por completo o comando da situação.

No caso da psicofonia inconsciente ou sonambúlica, entendemos que o processo de participação das áreas cerebrais da médium, durante o transe mediúnico, deve ser muito parecido com o caso anterior, apesar de acontecerem algumas diferenças. André Luiz relata que a médium Celina se desdobra do corpo físico, perdendo contato com os centros motores do seu cérebro, o que oferece maior permissividade ao Espírito comunicante para interagir com ela. No entanto, assim como Eugênia, do caso anterior, Celina mantém sua autoridade moral, por isso o Espírito fica sob seu controle.

Áulus esclarece sobre o perigo do exercício da mediunidade sonambúlica com baixa moralidade, o que propicia casos de obsessão por subjugação, que por vezes acontecem dentro da casa espírita. André Luiz então questiona se um Espírito intelectualmente superior, contudo de má índole, poderia subjugar o médium de menor estatura moral. Áulus explica que o controle seria realizado pelos mentores do trabalho, o que implica na indispensável seriedade da casa espírita.

O mentor ainda esclarece que, nos casos de mediunidade sonambúlica, o médium registra os fatos ocorridos em sua memória, entretanto não são momentaneamente lembrados por amnésia. Essa informação é importante, pois, de modo geral, tem-se a ideia de que o médium sonambúlico, inconsciente durante o transe mediúnico, jamais poderia se lembrar de alguma coisa, o que não é verdade.

O relato desses dois casos de psicofonia, particularmente pelos comentários do mentor Áulus, é sugestivo de uma profunda reflexão sobre o que depende de nós no desempenho de tarefas na mediunidade. Chegamos à conclusão que são prioridade: boa vontade, disciplina e esforço constante para a conquista de moral elevada. Aliás, é o que nos recomenda *O evangelho segundo o Espiritismo*<sup>130</sup>, item 4: “Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações!”

**Moral e área pré-frontal** – diversas pesquisas vêm demonstrando a relação do trabalho da *área pré-frontal* com a expressão de altos níveis de moralidade e de elevação espiritual. Uma delas foi liderada pelo Dr. Mario Beauregard<sup>131</sup> – autor do conhecido livro *The Spiritual Brain* –, da University of Montreal, Canadá, com o objetivo de identificar quais áreas cerebrais estariam trabalhando durante o evento em foco, portanto,

apareceriam “marcadas” no exame de Ressonância Magnética Funcional (RMF).

Assim, com o auxílio dessa técnica, freiras carmelitas foram submetidas a exame de seus cérebros, na vigência das orações que proferiam. Como resultados, surgiram ativadas: neocórtex terciário da *área pré-frontal* – pelo nível de concentração “sublimada”; neocórtex terciário dos *lobos parietal e temporal (encruzilhada POT)* – pela representação simbólica da imagem do santo ou santa de sua devoção; *córtex visual* – porque o simples pensar na imagem de sua devoção marca a área visual.

Em pesquisa com a mesma finalidade, o Dr. Andrew B. Newberg e colaboradores<sup>132</sup>, da Pennsylvania University, Estados Unidos, examinaram a intensidade de fluxo sanguíneo em áreas cerebrais de monges budistas em meditação. Como no caso anterior, encontraram ativados o *córtex terciário do lobo frontal* e o *córtex visual*. Por outro lado, o *córtex parietotemporal (encruzilhada POT)* mostrou diminuição de seu aporte sanguíneo, justificada pela sensação que os monges relataram de sentirem-se “integrados ao Universo”, perdendo completamente a noção do espaço em que se encontravam. Nesse caso, a área desativada foi a da noção espacial, que faz parte da região cortical da *encruzilhada POT*.

Investigação muito interessante foi efetuada pelo Dr. João Ascenso<sup>133</sup>, nosso companheiro da AME-Brasil e AME-Internacional. Em seu doutorado, no Centro de Pesquisas em Neurociência Cognitiva, no Rio de Janeiro, teve como orientador o Dr. Jorge Moll Neto, que investigava, em sua linha de pesquisa, a correlação entre áreas cerebrais e decisões em “dilemas morais”. Suas pesquisas mostram que, diante de um dilema moral (dar propina ao guarda de trânsito ou assumir seu erro, por exemplo), quando o indivíduo optava por uma atitude de baixo padrão moral (dava propina ao guarda), eram marcadas áreas primitivas de seu cérebro. Ao contrário, quando escolhia por atitudes nobres (assumia seu erro e buscava corrigi-lo ou, em outros dilemas, mostrava atitudes de auxílio ao próximo), era sempre marcada a *área pré-frontal*. No próprio artigo a respeito dessa pesquisa, o Dr. Ascenso comentou que o Dr. Moll não era espírita e jamais leu qualquer livro de André Luiz, o que conferia maior valor às “coincidências” do relatado por Calderaro no livro *No mundo maior*<sup>134</sup>, e os resultados dos trabalhos do Dr. Moll indicam claramente a correlação da *área pré-frontal* com o exercício de altos níveis de moralidade.

Como refere o mentor Calderaro, nos capítulos 3 e 4 do livro *No mundo maior*, de André Luiz<sup>135</sup>, devemos ter livre trânsito pelos três andares de nossa casa mental, sendo que cada um deles interage com um dos três blocos do cérebro. Dispendendo esforço e vontade no andar do meio, que corresponde à grande parte do córtex cerebral, o que na realidade estamos fazendo, nesse trabalho do presente, do aqui e do agora, é projetar para o terceiro andar e respectiva *área pré-frontal*, os ideais e as metas que pretendemos atingir, o que conseguiremos à custa da elevação progressiva de nossos valores morais.

---

- [115](#) LUIZ, André (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.
- [116](#) PRADA; IANDOLI JR.; LOPES, *O cérebro triúno a serviço do Espírito...*
- [117](#) KARDEC, Dos médiuns...
- [118](#) PRADA; IANDOLI JR.; LOPES, *O cérebro triúno a serviço do Espírito...*
- [119](#) PRADA; IANDOLI JR.; LOPES, *O cérebro triúno a serviço do Espírito...*
- [120](#) VIEIRA, Raymundo Mano. *Mente: uma conceituação aproximativa*. In: VIEIRA, Raymundo Mano. *A mente humana: uma aproximação filosófica no seu conhecimento*. 1985. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1985. Este assunto também é comentado em: PRADA, Irvênia L. S. *Os tradutores cerebrais*. In: PRADA, Irvênia L. S. *A alma dos animais*. Matão, SP: O Clarim, 2018.
- [121](#) PERT, Candace; MARRIOTT, Nancy. *Conexão mente, corpo, espírito*. São Paulo: ProLibera Editora, 2009.
- [122](#) LUIZ, André (Espírito). *Alma e fluidos*. In: LUIZ, André (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.
- [123](#) LUIZ, André (Espírito). *Evolução e cérebro*. In: LUIZ, André (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.
- [124](#) LUIZ, André (Espírito). *Estudando o cérebro*. In: LUIZ, André (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.
- [125](#) LUIZ, André (Espírito). *A Epífase*. In: LUIZ, André (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.
- [126](#) BIBLIOTECA CIENTÍFICA LIFE. *A mente*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.
- [127](#) LUCCHETTI; DAHER Jr.; IANDOLI Jr. *et al.*, Historical and cultural aspects of the pineal gland...
- [128](#) LUIZ, *Missionários da luz...*
- [129](#) LUIZ, *Nos domínios da mediunidade...*
- [130](#) KARDEC, Allan. *Sede perfeitos*. In: KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de José Herculano Pires. 14. ed. São Paulo: EDICEL, 1981.
- [131](#) BEAUREGARD M.; PAQUETTE, V. Neural correlates of a mystical experience in Carmelite nuns. *Neuroscience Letters*, v. 405, n. 3, p. 186-190, 2006. Doi: 10.1016/j.neulet.2006.06.060.
- [132](#) NEWBERG, A. B.; WINTERING, N.; WALDMAN, M. R.; AMEN, D.; KHALSA, D. S.; ALAVI, A. Cerebral blood flow differences between long-term meditators and non-meditators. *Consciousness and Cognition*, v. 19, n. 4, p. 899-905, 2010. Doi: 10.1016/j.concog.2010.05.003.
- [133](#) ASCENSO, J. Evidências da neurociência cognitiva provam a tese de Calderaro proposta no livro *No mundo maior*, de André Luiz. *Saúde da Alma*, p. 34-35, ago.-set. 2010. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0001436975f271feb4026>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- [134](#) LUIZ, *No mundo maior...*
- [135](#) LUIZ, *No mundo maior...*







# A mediunidade através dos tempos

O professor Herculano Pires<sup>136</sup>, em seu livro *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*, refere que os novatos no estudo da Doutrina Espírita “dificilmente compreenderão a aparente contradição existente no fato de ser o Espiritismo, ao mesmo tempo, uma doutrina moderna e um processo histórico provindo das eras mais remotas da humanidade”. De fato, apesar de o Espiritismo ter nascido como doutrina moderna após a primeira edição de *O livro dos Espíritos*, em meados do século XIX, ele não surgiu de repente, desgarrado da história e dos

acontecimentos sociais e culturais que marcaram a trajetória do ser humano. Metaforicamente, seu processo de “gestação” aconteceu, ao longo dos tempos, nesse “útero” representado pela mediunidade. Por isso, podemos dizer que a história da mediunidade e a do Espiritismo se interpenetram.

Como faculdade inerente ao ser humano, desde que passaram a existir seres humanos aqui em nosso planeta, concomitantemente a mediunidade também passou a se manifestar por intermédio desses indivíduos, o que deu início a esse processo gestacional do Espiritismo, doutrina que veio à luz, como se convencionou considerar, exatamente a 18 de abril de 1857.

**Fatos espíritas e Doutrina Espírita** – Herculano<sup>137</sup> (cap. I), ao comentar outra fala de Kardec – a de que “o Espiritismo está presente em todas as fases da história humana” –, destaca a necessidade de distinção entre fatos espíritas e doutrina espírita:

Os fatos mediúnicos são espíritas – assim chamados pelo próprio Kardec, mas não são Espiritismo. Porque o Espiritismo se serve dos fatos mediúnicos como de uma matéria-prima, para a elaboração de seus princípios, ou de uma força natural, que aproveita de maneira racional. Exatamente como a hidráulica se serve das quedas d’água ou do curso dos rios para a produção de energia.

O autor dá ênfase ao importante papel desempenhado pelo filósofo Ernesto Bozzano nos estudos da mediunidade:

Kardec já havia esclarecido que os fatos espíritas são de todos os tempos, uma vez que a mediunidade é uma condição natural da espécie humana. Mas é em Bozzano que temos a primeira penetração espírita no exame antropológico e sociológico do homem primitivo, revelando-nos, com base em investigações científicas, as formas pré-históricas

do fenômeno mediúnico. Aliás, os estudos de Bozzano levam-nos mais longe, pois revelam também as origens mediúnicas da religião. Temos, assim, uma teoria espírita da gênese da crença na sobrevivência, que se apresenta como uma síntese das teorias opostas da teologia e da sociologia.<sup>138</sup>

**Uma abordagem antropológica** – pode-se aceitar que, qualquer que seja o estudo relativo ao histórico da mediunidade, ele deve se fazer sempre com uma abordagem antropológica (*antropós* – do grego = ser humano). Em outras palavras, analisando em primeiro plano a história evolutiva do ser humano na Terra, estaremos concomitantemente trazendo à nossa observação a manifestação do fenômeno mediúnico. Com isso, passaremos a entender como as sequentes fases evolutivas do ser humano foram acompanhadas de diferentes formas de manifestação de sua mediunidade – faculdade que lhe é inerente.

Para isso, é importante “rebobinar” o filme da trajetória histórica do ser humano, voltando aos primórdios de sua vivência aqui em nosso planeta. Como observadores do desenrolar desse processo até os nossos dias, adotaremos necessariamente o filtro da razão, condição indispensável para que o nosso procedimento possa ser enquadrado como “científico”, o que o torna compatível com a estrutura da Doutrina Espírita.

Esse assunto será abordado com base, particularmente, no livro *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*, de Herculano Pires<sup>139</sup>, pedindo perdão a esse grande filósofo por eventuais equívocos em minha leitura a respeito das maravilhosas análises que estabelece e dos conceitos que formula.

Herculano baseia-se no chamado “método cultural” de antropólogos ingleses, aplicado por John Murphy<sup>140</sup>, com pleno êxito, em seus estudos sobre as origens e a história das religiões. Esse esquema é constituído pelos “horizontes culturais”, fases metaforicamente correspondentes a etapas do desenvolvimento humano que, a cada degrau conquistado, permite o descortinar de uma paisagem mais ampla. Para Murphy, são eles: tribal, agrícola, civilizado e profético, sendo que a essa lista Herculano acrescentou o horizonte espiritual, com muita propriedade, para expressar a participação

do Espiritismo, nos tempos modernos, em favor do processo evolutivo intelectual e moral do ser humano.

Herculano chama a atenção para o fato de que essas fases não são necessariamente sequenciais, pois o *horizonte agrícola* tem como exemplo a cultura do Egito Antigo, o *horizonte profético* relembra episódios do Velho Testamento, e o *horizonte tribal* foi estudado no final do século XIX e início do XX em tribos da Polinésia, que conservaram características de sua cultura primitiva.

Na análise que faz desses horizontes, Herculano vale-se da óptica espírita de Ernesto Bozzano, filósofo genovês e um dos grandes nomes da literatura espírita, com 52 obras de metapsíquica que se acham preservadas na Fondazione Biblioteca Bozzano – De Boni (Gastone De Boni – 1908-1986, também pesquisador na área do psiquismo), em Bologna, Itália. É oportuno lembrar que Bozzano conviveu com os físicos ingleses William Crookes e Oliver Lodge e com o fisiologista francês Charles Richet, grandes pesquisadores de fenômenos espíritas e metapsíquicos.

Bozzano baseou-se em estudos sobre ocorrências mediúnicas realizados em tribos da Polinésia, particularmente pelo antropólogo francês Andrew Lang<sup>141</sup> (1844-1912), que defendia a tese da origem mediúnica das religiões, e pelo etnólogo americano Max Freedom Long<sup>142</sup> (1890-1971), que viveu durante anos em comunidades autóctones do Havaí. Esse pesquisador estudou a realidade e a natureza de uma “força” primitiva de que se utilizavam os kahunas – curandeiros polinésios –, estudo este que mais tarde foi ampliado por Bozzano, estabelecendo sua relação com o ectoplasma.

Apesar de esses estudos terem acontecido há muitos anos, as conclusões a que os autores chegaram e os conceitos emergentes dessas observações até hoje revestem-se de grande importância para o entendimento do relevante papel da mediunidade na estruturação do “mundo das ideias” do ser humano primitivo, como refere Herculano, do qual passaram a constar, progressivamente, práticas mágicas, crenças populares e até mitos.

Vale lembrar que a Polinésia, como o nome indica, constitui-se de uma infinidade de pequenas ilhas inseridas na imensidão do Oceano Pacífico (Fig. 6.1). Por encontrarem-se distantes dos continentes, com poucas possibilidades, naquela época, de receberem sua influência, muitas delas conseguiram manter, por longo tempo, características primitivas que lhes eram peculiares.



Fig. 6.1 – Mapa-múndi com destaque para a localização da Polinésia, constituída por centenas de pequenas ilhas na imensidão do Oceano Pacífico

Fonte: Figura de um Atlas Geográfico, com detalhes acrescentados pela autora (2019).



Fig. 6.2 – Ernesto Bozzano e capa de seu livro *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali*, em que defende sua teoria sobre a universalidade da crença na sobrevivência

Como resultado de seus estudos nessa área, Bozzano publicou o livro *Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali* (Fig. 6.2), demonstrando a

“universalidade da crença na sobrevivência”. Bozzano, que como seu mestre Herbert Spencer foi positivista, explicava a crença na sobrevivência com base na teoria desse seu orientador, conforme veremos.

Herbert Spencer (1820-1903), sociólogo inglês positivista, filósofo, biólogo, antropólogo (Fig. 6.3), dedicava-se também à literatura, teoria política, economia e psicologia. Por dominar diversas áreas do conhecimento, reconheciam nele um polímata, sendo até considerado pela crítica como um “Aristóteles moderno”. Spencer admitia que “a crença na sobrevivência decorre de experiências concretas – particularmente sensoriais – do Homem primitivo, e não de cogitação filosófica”.



Fig. 6.3 – Herbert Spencer (1820-1903)

## O mediunismo primitivo – o ser gregário

Herculano comenta que os estudos realizados em tribos primitivas da Polinésia mostraram que os indivíduos dessas comunidades conviviam naturalmente com fenômenos mediúnicos, como aparições, materializações e ectoplasmia, que eram aceitos sem nenhuma contestação ou análise racional. Assim, pode-se dizer que o *horizonte tribal* ou *primitivo* se caracteriza pela prática do *mediunismo*, termo criado por Emmanuel para designar a mediunidade em sua expressão natural, ou seja, como simples acontecer do fenômeno. Diz respeito às práticas empíricas da mediunidade. Nessas comunidades tribais, os fenômenos mediúnicos acontecem naturalmente e são aceitos sem contestação ou crítica, ou seja, fazem parte da vivência de sua “realidade concreta”.

**Mediunismo e mediunidade** – é importante lembrar, principalmente em relação aos iniciantes do estudo do Espiritismo, que esse conceito de *mediunismo* difere fundamentalmente do conceito de *mediunidade*, que vem a ser a faculdade, a capacidade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre os Espíritos, sejam encarnados ou desencarnados. Essa faculdade é que permite a ocorrência do fenômeno mediúnico, cuja prática espontânea, sem qualquer análise racional, constitui o *mediunismo*. Os exames sociológicos do *mediunismo* quase sempre se referem impropriamente ao Espiritismo. Herculano esclarece que as práticas do chamado “sincretismo afro-brasileiro”, como a Umbanda e outras correntes religiosas, dizem respeito a um fenômeno sociocultural que difere do Espiritismo, doutrina que tem estrutura de ciência, com proposta de análise racional dos fatos.

**Uma “força misteriosa”** – o primeiro fato concreto desse horizonte primitivo é a existência de uma “força misteriosa” conhecida como *mana* ou *orenda*, evidenciada entre nativos polinésios, tendo sido particularmente estudada pelo etnólogo americano Max Freedom Long. Os kahunas, curandeiros polinésios, consideravam a existência de três formas ou “voltagens” de *mana*: a mais baixa, emitida pelos cristais; a média, proveniente da mente humana; e a superior, oriunda de uma espécie de centro espiritual da mente, que permite ao ser humano prever o futuro e realizar fenômenos físicos a distância, como materialização e desmaterialização de objetos. Os kahunas consideravam essa “força” passível de ser acumulada e trabalhada. É impressionante o entendimento

desses médiuns, os kahunas, a respeito dessa “força misteriosa” que identificamos com os fluidos que tratamos no Espiritismo.

**Vivência com os Espíritos dos mortos** – o segundo fato concreto do *horizonte primitivo*, conforme refere Herculano, é o da vivência natural com Espíritos dos mortos, que agem por intermédio do *mana*. Os estudiosos dessas questões chegaram à conclusão que as superstições dos selvagens e suas práticas mágicas não têm origem abstrata. Bozzano, com base na teoria spenceriana, analisa a importância da vivência desses indivíduos com as diferentes manifestações do fenômeno mediúnico, concluindo que “o pensamento do Homem primitivo é de natureza concreta, não tendo ainda capacidade de abstração. Apoia-se sempre em realidades positivas e fatos concretos”. Em outras palavras, como ainda veremos de maneira mais detalhada, toda a elaboração do psiquismo do ser humano primitivo vai acontecer a partir de suas vivências no terreno do concreto. Dentro desse contexto, como característica psíquica do mundo primitivo, esboçam-se o *antropomorfismo* e o *animismo*, que irão se tornar mais expressivos no *horizonte agrícola*.

**O antropomorfismo** – surgiu como uma maneira de interpretação rudimentar da natureza. O ser humano primitivo, não tendo desenvolvido suficientemente seu psiquismo, interpretava as coisas em termos exclusivamente humanos. Percebia, por exemplo, identidade de construção orgânica entre seu corpo e o corpo dos animais, reconhecendo em si próprio, e neles, cabeça, membros, olhos etc. Observava que os animais também podiam se ferir, fraturar seus ossos, sangrar e morrer. Pode-se aqui recordar o princípio de Protágoras, o sofista: “O Homem é a medida de todas as coisas”. O *antropomorfismo* serviu de fase preparatória do *animismo*.

**O animismo** – enquanto o *antropomorfismo* tinha como base a observação da forma, o *animismo* considerava no outro a existência de “valores”. Assim, ele admira, por exemplo, em algumas aves, a capacidade de voos a grandes alturas e, em predadores, a força física.

**Uma forma de adoração rudimentar** – o *antropomorfismo* e o *animismo* do *horizonte primitivo* são vistos por alguns dos estudiosos como geradores de uma forma de *adoração rudimentar*. Esta desenvolveu-se em um verdadeiro processo, no mundo primitivo, em diferentes fases, não necessariamente sucessivas, mas podendo ser simultâneas: *litolatria* (adoração de elementos minerais, como pedras, rochas e mesmo relevos do solo), *fitolatria* (adoração de plantas, flores, árvores e bosques) e *zoolatria*

(adoração de animais). De alguma forma, respeitam-se ou temem-se características de elementos da natureza, que passam a ser, assim, “adorados”. A *primeira forma de adoração ocorre pelo temor*. Evolutivamente, o ser humano carrega suas heranças que se evidenciam, ainda hoje, em vários sistemas religiosos, sob diferentes manifestações. Como resíduo dessa postura, ainda se ouvem adeptos religiosos referirem que são “tementes a Deus”.

Herculano comenta que o processo de adoração se desenvolve a partir do reino mineral até as fases hominiais, sendo que cada fase é ligada a outra por uma interfase, em que os elementos de adoração se misturam. Os resíduos das diferentes fases permanecem ainda particularmente em sistemas religiosos – como é o caso da *litolatria*, sinalizando que os seres humanos carregam suas heranças culturais através dos tempos. Assim, a persistência mesmo residual do *antropomorfismo* e do *animismo* nas próprias elites culturais da atualidade demonstra que neles havia alguma coisa além de sua simples projeção nos elementos da natureza. Além do conteúdo de memória que todos nós temos – pois certamente estivemos “lá” – e que acumulamos na vivência das sucessivas encarnações, essa “alguma coisa” também pode ser nada mais do que a presença dos “agentes espirituais” que atuam incessantemente sobre os seres humanos e suas comunidades, em todas as fases da pré-história e da história. Basta lembrar o texto da questão n. 459 de *O livro dos Espíritos*<sup>143</sup>, em que lemos: “Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações? Resposta: Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes, porque muito frequentemente são eles que vos dirigem”.

**O processo de racionalização – o ser social** – aos poucos, o ser humano primitivo foi emergindo da simples figura de *observador* dos fenômenos da natureza para a de *pensador*, à medida que conseguiu transferir o conteúdo de informações da realidade concreta para as categorias da razão, o que é chamado de *processo de racionalização*. Para Bozzano, essa é a origem da crença na sobrevivência do indivíduo, das superstições, das práticas mágicas e das crenças populares. Segundo ele, esse conteúdo da realidade abstrata teve, portanto, origem no terreno do concreto.

Bozzano era espiritualista – postura que é vista ainda hoje com preconceito pela ciência de cunho materialista – e mostrou, pelos seus estudos, “o absurdo de admitir-se um processo tão complexo de abstração mental em seres humanos primitivos”. Conforme comenta Herculano<sup>144</sup>,

a tese espírita nos mostra que o processo do antropomorfismo é auxiliado pelos fenômenos mediúnicos. [...] Assim, a razão se forma na experiência, de modo que o ser humano primitivo enquadra o mundo nas categorias nascentes da razão e enche essas categorias com o conteúdo das sensações.

Bozzano era positivista e explicava com detalhes a crença na sobrevivência com base no pensamento de Herbert Spencer. Para este, as origens da crença na sobrevivência residiam nas vivências comuns da vida primitiva, originando-se da *percepção sensorial* de fatos da realidade do dia a dia do ser humano primitivo, como:

- a) Vivência de sonhos.
- b) Sua sombra que o seguia.
- c) Sua imagem refletida na água.
- d) Eco de sua voz.

É extraordinária essa análise de Spencer, pois esses elementos que refere “têm um pé na realidade concreta e outro, na realidade abstrata”. De fato, a criatura é instigada a pensar nos sonhos que teve, que lhe pareciam tão reais, mas ao mesmo tempo, não sendo de fato reais; a sombra que o segue, igualmente, ele vê, conclui que aquilo existe, mas não é palpável, assim como sua imagem refletida na água. O eco de sua voz é outra coisa intrigante, que o motiva a pensar o que seja aquilo e como acontece. Segundo Spencer, esses elementos representam a “ponte” pela qual o ser humano primitivo conseguiu migrar da condição de simples *observador* da natureza (realidade concreta) para a categoria de *pensador* (realidade abstrata).

Bozzano, entretanto, com sua visão espiritualista, acrescenta a esses fatos comuns os de dimensão metapsíquica, compondo assim os elementos constituintes da “ponte” referida:

- a) Sonho premonitório.
- b) e c) Vidência, aparição e materialização de Espíritos dos mortos.
- d) Voz direta dos Espíritos dos mortos.

Coisas como sonhos, sua imagem refletida na água, sua sombra e o eco de sua voz representavam, para o indivíduo do *horizonte tribal*, elementos

indutores de reflexão, pois apesar de serem fatos observáveis, não tinham a mesma natureza dos outros acontecimentos de sua realidade concreta. Entretanto, um sonho premonitório com certeza causaria um impacto muito maior na mente primitiva, ao constatar o acontecimento de um acidente exatamente com o qual sonhara; igualmente, os fenômenos de vidência, aparição e materialização de Espíritos dos mortos, assim como a audição de voz direta determinariam, com mais intensidade, a motivação para o desenvolvimento da capacidade de pensar dessas criaturas. Assim, a crença na sobrevivência do indivíduo, após a morte, passa a ser entendida cientificamente como uma elaboração da mente humana, em seu processo de amadurecimento, ante a possibilidade de transferência de conteúdos da realidade concreta de seu dia a dia, para o terreno do mundo das ideias.

**O elemento sensorial como catalizador** – para Herculano, essa medida do ser humano primitivo – de passagem da figura de *observador* para a de *pensador* – foi afetiva, e não racional. Era pelo sentimento, e não pelo raciocínio, que o ser humano primitivo organizava seu mundo. Portanto, Herculano parece concordar com Spencer, para quem as origens da crença na sobrevivência residiram nas vivências comuns da vida primitiva, originando-se da *percepção sensorial* de fatos da realidade do dia a dia (sonhos, sombra que o persegue, sua imagem na água e eco de sua voz).

Isso é muito interessante, visto que em Neuroanatomia Funcional tem-se a noção de ser, o *elemento sensorial*, o indutor do desenvolvimento das primitivas três vesículas encefálicas: *prosencefalo* – olfato; *mesencefalo* – visão; e *rombencefalo* – equilíbrio, desenvolvimento esse que resulta na conformação final do encéfalo.<sup>145</sup> Aliás, qualquer transformação, seja social, geológica ou espiritual, inicia-se com a percepção de algum estímulo que é processado pelo “sistema”, desenvolvendo-se, a partir daí, todo o processo de “resposta” ao estímulo inicial.

**O antropomorfismo e o animismo acentuam-se** – no *horizonte agrícola*, *antropomorfismo* e *animismo* assumiram novas expressões. Esse horizonte corresponde ao mundo das relações sociais em “assentamentos” que geralmente se estabeleciam na proximidade de fontes naturais de água, lagos, rios e mares, com obtenção de alimento da terra, plantio, domesticação de animais, invenção e emprego de instrumentos, com conseqüente acúmulo de riqueza. São frequentes as *figuras zooantropomórficas* (com características humanas e animais) encontradas particularmente na cultura do Egito Antigo. Hórus, filho do faraó Osíris e da

rainha Ísis, sempre era representado com a cabeça de um falcão ou com um falcão em sua cabeça. O falcão era o símbolo da região montanhosa do Alto Nilo, enquanto a serpente, o do delta do Nilo, região pantanosa (Fig. 6.4).

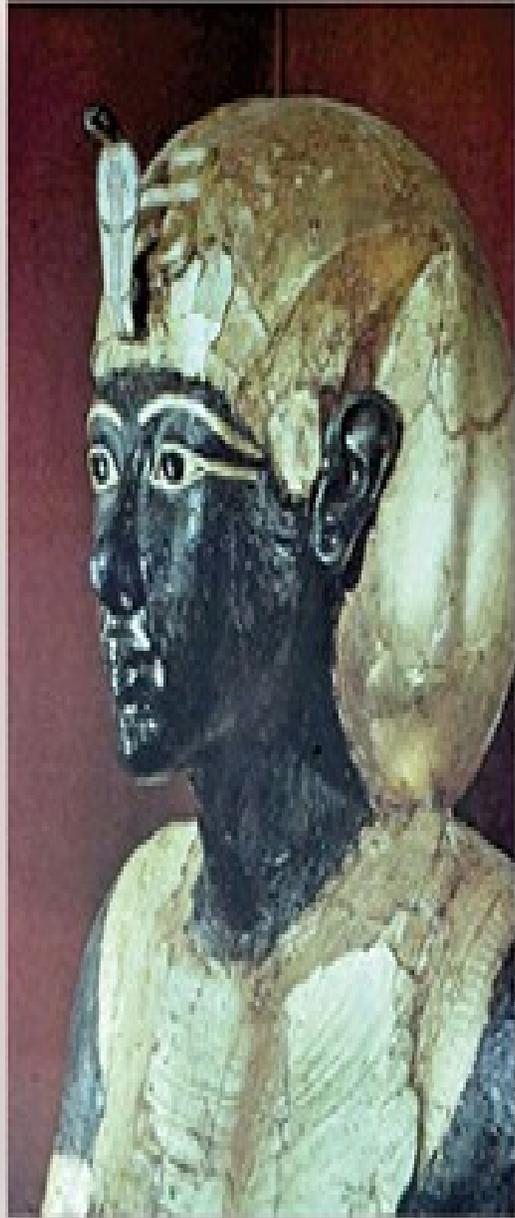
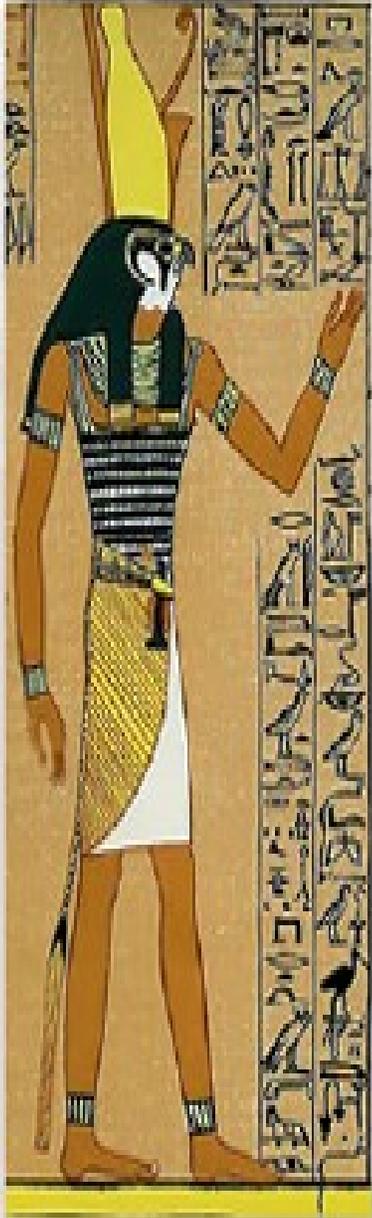


Fig. 6.4 – Imagens representativas do Egito Antigo, com destaque para a figura zooantropomórfica de Hórus (Egito Antigo), à esquerda, com a cabeça de um falcão – símbolo do Alto Nilo – e da figura da serpente – símbolo do Baixo Nilo –, como ornato da cabeça

Por vezes, são encontradas figuras zooantropomórficas com representação anímica, quando nela podem ser reconhecidos “valores” (Fig. 6.5).



**A racionalização anímica – fetiche, mito e rito** – no *horizonte agrícola*, o processo da racionalização anímica apresenta três aspectos distintos:

1.1. Personalização de elementos da natureza ou *fetichismo*, que constitui a base de todo esse processo, do qual surgiram os conceitos de *terra-mãe* e *céu-pai*, que aparecem bem nítidos no pensamento chinês. O céu é o *deus-pai* que fecunda a terra, a *deusa-mãe*. Nessa concepção, a chuva é análoga ao sêmen, o elemento fecundador. *Fetiche*, portanto, é o elemento da natureza que foi objeto de uma representação anímica.

2.2. Criação de uma *mitologia* popular. O *mito* é o objeto da mediação simbólica entre o profano (concreto) e o sagrado (abstrato), e o *rito* ou *ritual* é a expressão cerimonial do *mito*.

3.3. Aparecimento de uma forma de *religião antropomórfica*, consequência da experiência concreta com o culto dos ancestrais.

A transição não se processa sequencialmente em blocos isolados, mas, sim, acontece ao longo de todo o desenvolvimento mental e cultural do ser humano. Conforme apresenta Herculano, o *fetichismo* funde-se com o *culto dos ancestrais*, por intermédio de *práticas místicas*. Os *fetiches*, como a *terra* e o *céu*, misturam-se aos ancestrais, identificam-se com eles, na imaginação em desenvolvimento. Assim, por exemplo, Osíris foi um antepassado e, como tal, recebeu um culto familiar. Depois foi personalizado na terra, com seu poder de fecundação, ou no próprio Nilo, cujas águas sustentam a vida. A projeção anímica realiza-se, portanto, por meio da experiência concreta.

Portanto, como resultado do processo de racionalização anímica, surgem os conceitos de:

- *Fetiche* – elemento da natureza que foi objeto da representação anímica, como *terra-mãe* e *céu-pai* (chuva análoga ao sêmen).
- *Mito* – objeto da mediação simbólica entre o profano (concreto) e o sagrado (abstrato). É o caso de Osíris, que de objeto de culto familiar passou à categoria de deus cósmico pelo *processo de mitificação*.
- *Rito* ou *Ritual* – expressão cerimonial do mito.

Conforme refere Herculano, a China e a Índia, dentre outros, são países que conservam até hoje a estratificação religiosa do *horizonte agrícola*. Os resíduos mágicos, anímicos e mitológicos do *horizonte tribal* e do *horizonte agrícola* apresentam-se ainda bastante fortes no mundo contemporâneo. No entanto, o Antigo Egito oferece-nos, talvez, o quadro que melhor demonstra a passagem de deuses familiares para a categoria de deuses cósmicos ou universais.

O exemplo egípcio fornece-nos as raízes históricas de vários dogmas, sacramentos e instituições das religiões dominantes em nosso mundo. Já vimos o caso de Osíris, cuja existência real é transformada em *mito*. Assim, é opinião de vários estudiosos que os deuses mitológicos haviam sido personagens reais. A *mitologia*, nesse sentido, pode ser encarada como uma forma de racionalização, isto é, de transferência de conteúdos da vivência concreta para as categorias racionais da mente, sendo ao mesmo tempo poderosa fonte de esclarecimento da gênese de aspectos religiosos. Vemos no Egito duas categorias de deuses – cósmicos e familiares. Entre os primeiros, a tríade Osíris, *deus-pai*, Ísis, *deusa-mãe*, e Hórus, *deus-filho*. Como deuses familiares, temos os casos curiosos de Imhotep – médico do rei Dsejer, da 3ª dinastia – e Amenhotep – arquiteto e médico do rei Amenófis III, da 18ª dinastia. Esses deuses familiares passaram lentamente para a categoria de deuses cósmicos ou universais, encarnando a própria medicina e os poderes curadores da natureza.

**A força do mito** – o processo de mitificação, que parece tão simples, é aquele no qual os povos antigos haviam feito de personagens comuns, como os Espíritos de pessoas de nossa vivência, que desencarnaram, entidades especiais. Não é raro, ainda hoje, em nosso meio, pessoas que depois de mortas passaram a ser consideradas com valores admiráveis que nunca tiveram quando encarnadas. “Morreu, virou santo”, como dizem.

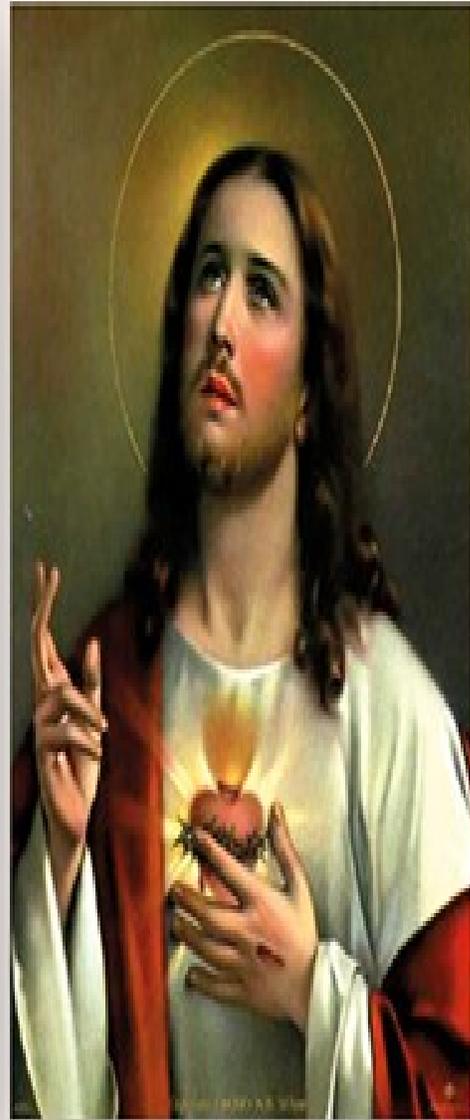
Herculano Pires esclarece como “Os antigos haviam feito desses Espíritos, entidades especiais, isto é, divindades”, fato que representa forte característica de todo o mediunismo do Velho Testamento. Dessa forma, entendemos que o “Senhor” de Abraão (Fig. 6.6), de José, Jacó, Isaac e Moisés era representado simplesmente por entidades espirituais de diferentes níveis evolutivos. Certamente o “senhor” que orientou Moisés na elaboração do Decálogo era um Espírito nobre, mas essa não era a condição de todos. No Levítico, o terceiro livro do Velho Testamento, percebe-se que o “Senhor”, tido como divindade, não passava de Espíritos de diferentes graus

evolutivos, alguns até bem necessitados, quando recomendavam o sacrifício de animais com aspersão de seu sangue pelos altares! É importante refletir sobre que tipo de “divindade” era essa que precisava se valer do fluido vital dos animais sacrificados, obtido em cena tão grotesca.



Fig. 6.6 – Abraão em contato mediúnico com o “Senhor”

**Os mitos de dupla natureza** – ainda transitando pelo processo de racionalização, o ser humano do *horizonte primitivo* concebeu seus *mitos* com dupla natureza: humana e divina (entre o profano e o sagrado). Na Teogamia egípcia (*teo* = deus; *gamia* = casamento), o Faraó era considerado filho da rainha e de uma divindade, assim como depois na Teogamia cristã, concebe-se o Cristo como filho de Maria e do Espírito Santo (Fig. 6.7).



Com o que vimos até agora, podemos entender que o fenômeno mediúnico foi a base do processo de racionalização e a origem da mitologia e das crenças religiosas.

**Resíduos culturais** – será que conservamos resíduos culturais desse passado? Sim, temos muitos desses resíduos, como:

- Adoração de imagens – a imagem representa o lado profano do mito.
- Zoolatria – mitificação de animais.
- Promessas e oferendas – motivadas pelo temor.
- Apego a amuletos – são fetiches.
- Ritualização – cerimonial de homenagem ao mito.

**Uma religião antropomórfica** – surgida no *horizonte agrícola*, ela é resultado do *processo de mitificação* e, ao mesmo tempo, do fato de o ser humano colocar-se como “medida de todas as coisas”. Assim, seus deuses são concepções antropomórficas politeístas, pois são concebidos como homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos que constituem famílias, à semelhança das construções sociais humanas (Fig. 6.8).



Fig. 6.8 – Concepção antropomórfica de uma religião politeísta

## O mediunismo oracular

Com essa forma de expressão mediúnica, entramos no *horizonte civilizado*, caracterizado pelos Estados Teológicos das civilizações greco-romanas.

**Os estados teológicos** – a religião e o Estado modelam-se reciprocamente em um intercâmbio entre o poder divino e o poder humano. Agora surgem amalgamados os dois poderes – o temporal e o divino – “na própria carne dos monarcas”, conforme expressão de Herculano.

Exemplos atuais da permanência de resíduos desse poder em bloco monolítico – estado x religião – são os ambientes políticos como prefeituras, câmaras, Senado Federal e até de universidades (Fig. 6.9).



Fig. 6.9 – Ambiente universitário de reuniões em que se acham representados o poder estatal (bandeiras) e o poder religioso (imagem simbólica), identificando-se, nessa figura, resíduos culturais do *horizonte civilizado* - Fonte: A autora (2019).

Em vários países, ainda hoje temos o comando religioso e estatal exercido por uma única pessoa, como é o caso da Rainha da Inglaterra e do Papa, entre outros exemplos. Aqui no Brasil, no ambiente do Senado Federal, persiste o símbolo religioso (Fig. 6.10), apesar de o nosso país ser politicamente laico, conforme a Constituição de 1988.



Fig. 6.10 – Detalhe de parede do Senado Federal brasileiro, com destaque para a persistência do símbolo religioso

**A expansão do psiquismo – o ser moral** – são consideradas no ser humano desse horizonte três novas características especiais, isto é, a capacidade de formulação de *conceitos abstratos*, de *juízos éticos e morais* e de *princípios jurídicos*. A evolução do ser humano, no plano social, cultural e mental, está bem clara nesse processo de desenvolvimento histórico da humanidade. Na organização tribal, ele libertou-se da condição primitiva, deixando de ser o animal gregário das cavernas e libertando-se do jugo absoluto das forças da natureza. Na organização agrícola, aprendeu a dominar a natureza e a submetê-la a seu serviço, mas caiu prisioneiro da estrutura social. No horizonte civilizado, começa a romper os liames da organização social para descobrir-se a si mesmo. A capacidade de formular princípios jurídicos ou normas reguladoras da vida social aparecem bem cedo, antecedendo a capacidade de formulação dos juízos éticos e morais, para atender às necessidades de organização dos grandes impérios que caracterizaram esse horizonte.

Os oráculos dominam todo o *horizonte civilizado*. Nesse patamar, o ser humano transforma-se num ser moral que supera o ser social, projetando-se em direção ao ser espiritual, do futuro. Por isso mesmo, o mediunismo primitivo, o animismo e o culto dos ancestrais fundem-se numa nova fase de manifestação psíquica, que é o mediunismo oracular.

**O que é oráculo?** A definição de oráculo não é fácil. “O oráculo é, às vezes, a própria divindade, outras vezes a resposta dada às consultas, o santuário ou o templo, o médium, o local das consultas (um bosque sagrado, uma gruta misteriosa, uma fonte miraculosa)”. Os oráculos são procurados por todos: reis e sábios, guerreiros e comerciantes, homens e mulheres do povo. Todos reconhecem e respeitam a presença de uma força sobrenatural nesses locais sagrados. A instituição oracular é de natureza sincrética, pois nela encontram-se mescladas a concepção anímica do mediunismo primitivo, o culto dos ancestrais e a deificação dos elementos naturais (litolatria, fitolatria, zoolatria), tudo isso elaborado num processo de racionalização. Os oráculos não são, portanto, formas simplórias de culto religioso ou simples locais de consulta com as chamadas forças ocultas. Nada explica o mediunismo oracular, nem pode explicá-lo, porque ele está resguardado, de forma racional, pela concepção do sagrado. Nesse contexto, entretanto, existe o indivíduo “sensitivo”, isto é, o elemento de ligação entre a realidade concreta e o sagrado, indivíduo este que é chamado de oráculo e, quando mulher, de pitonisa.

**O caráter impessoal da mensagem mediúnica – o ser ético-moral** – caracteristicamente, na mediunidade oracular, as mensagens eram dadas de forma impessoal por meio do murmúrio de uma fonte, o rumorejar do bosque e outros sons misteriosos, sinais estes que são interpretados por um corpo de sacerdotes (Fig. 6.11). Uma das formas de receber a mensagem mediúnica era a de eviscerar um carneiro (abrir-lhe a barriga) e observar a disposição de alças de seu intestino, que se dispõem em espiral. Se a disposição dessas alças fosse regular, o sinal era de “bom presságio”, por exemplo, iriam vencer uma batalha, concluindo-se o inverso no caso de serem notadas irregularidades em sua disposição.

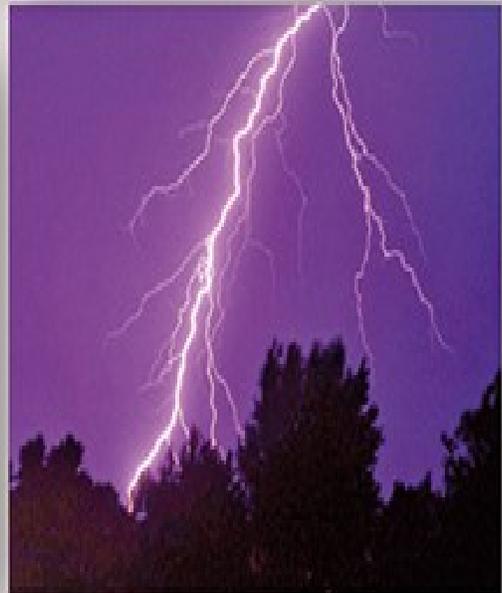
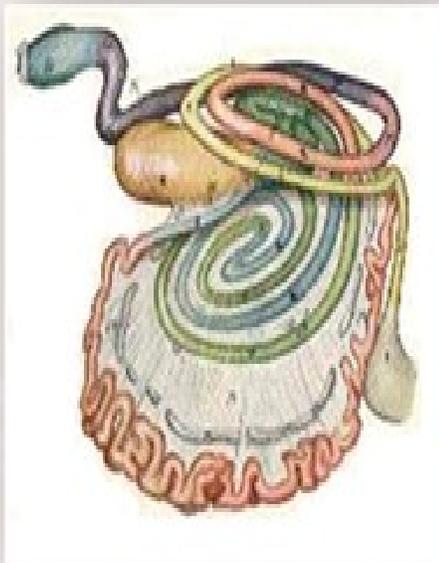


Fig. 6.11 – Alguns dos elementos da natureza nos quais os sacerdotes reconheciam “sinais” de um bom ou mau presságio em relação à consulta formulada. Uma das figuras mostra os segmentos intestinais de um carneiro, observando-se a disposição regular das alças dispostas em espiral (no centro), o que representava, na leitura oracular, bom presságio em relação à consulta formulada

**O Oráculo de Delfos** – um dos mais importantes oráculos da antiguidade foi o de Delfos (cidade que hoje não mais existe), o mais importante centro religioso da Grécia, há cerca de 2.500 anos. Era a sede do principal templo grego, dedicado ao deus Apolo. Destino de grandes personagens da história, o Oráculo de Delfos (Fig. 6.12) recebeu visitas não só de nomes célebres, como Alexandre, o Grande, mas também de cidadãos comuns e embaixadores das cidades-estados gregas e dos impérios contíguos buscando por conselhos, tanto para problemas pessoais como para grandes e complexas questões políticas.



Fig. 6.12 – Oráculo de Delfos

## A mediunidade personalizada

Estamos no *horizonte profético*, o mundo da individualização. Nas palavras de Herculano Pires<sup>146</sup>:

O ser humano toma consciência de si mesmo, de sua potencialidade individual e vai rompendo as malhas do rebanho. Liberdade é bem o termo! O ser humano que se individualiza aprende a pensar por si mesmo, a escolher, a julgar, não se submetendo mais aos moldes coletivos.

Não sendo mais a “ovelha do rebanho”, o ser humano descobre seu próprio poder, o que explica o aparecimento, do século IX ao III a.C., das grandes individualidades de sábios, místicos, poetas e profetas. Aí vemos brilharem a filosofia grega, o profetismo hebraico, o misticismo hindu e o moralismo chinês.

**Surge a figura do profeta** – o Homem assim evoluído chega ao plano do profetismo, que atingiu, entre os hebreus, sua culminância. “O profeta é o elo entre a Terra e o Céu”. A individualização possibilita ao profeta colocar-se em relação direta e pessoal com “deus”, de quem concebe receber as mensagens – o “deus” de Abraão, Jacob, José, Moisés que, como vimos, pode representar entidades espirituais de diferentes níveis evolutivos.

**O “crescente fértil”** – para estudiosos, a área que envolve esse contexto corresponde ao “crescente fértil”, expressão criada por James Henry Breasted (1865-1935), arqueólogo da Universidade de Chicago, Estados Unidos, em referência ao fato de o arco formado pelas diferentes zonas assemelhar-se a uma lua crescente. Irrigada pelos rios Jordão, Eufrates, Tigre e Nilo, a região cobre uma superfície de cerca de 450.000 km<sup>2</sup> e estende-se das planícies aluviais do Nilo, continuando pela margem leste do Mediterrâneo, em torno do norte do deserto sírio e através da Península Arábica e da Mesopotâmia, até o Golfo Pérsico (Fig. 6.13).



**Surge o monoteísmo** – o ser humano individualizado também individualiza a concepção de Deus – surge o monoteísmo. Herculano<sup>147</sup> explica:

Assim como os deuses múltiplos do politeísmo, que formam o rebanho olímpico, reproduzem os vícios e paixões do homem gregário, agora também o Deus único reproduz a dignidade pessoal do homem “egrégio”. Acentuam-se então os atributos éticos de Deus.

**A mediunidade racional – o ser espiritual** – esse contexto se encontra dentro do espaço cultural que Herculano chama de *horizonte espiritual*, expressão que acrescentou à lista dos “horizontes” proposta por Murphy. A busca de sua transcendência permite ao ser humano a superação da animalidade anterior e sua transferência para um plano mental superior, antigamente reservado às divindades, fossem elas benéficas ou maléficas.

**O fenômeno mediúnico como “fato”** – pode-se dizer que esse horizonte se inicia, convencionalmente, na data de 31 de março de 1848, por conta de episódios que envolveram particularmente o médium norte-americano Andrew Jackson Davis e a família metodista de Mr. Fox, nos Estados Unidos. O caso rumoroso da família Fox acabou por demonstrar a ocorrência do fenômeno mediúnico como “fato”, o que fez toda a diferença, pois nos tempos anteriores, que implicam inclusive a Idade Média, um fenômeno mediúnico era sempre tomado como manifestação sagrada ou demoníaca. O ser humano não tinha ainda a condição de entender que o Espírito comunicante era de natureza igual à sua. Em outras palavras, o Espírito do mascate Charles Rosma, que se comunicou por intermédio da mediunidade das irmãs Fox, não mais foi tomado como demônio ou divindade, mas, simplesmente, como o Espírito de um homem, que pode falar de seu passado, de sua família e dar as indicações de sua passagem ocasional pela residência onde foi morto. Sobre isso, comenta Herculano, em Hydesville não encontramos mais o *pajé* nem o *oráculo* ou o *profeta*, e sim o *médium*,

ou seja, o intermediário entre os seres espirituais e carnis, ambos de mesma natureza. O mascate morto transcende sua condição material humana, mas continua humano no plano espiritual.

A partir desses acontecimentos e do fenômeno das “mesas girantes”, o intelectual e pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail passou a interessar-se pelo assunto da comunicabilidade dos Espíritos para com os encarnados. Com o pseudônimo de Allan Kardec, estudou profundamente o fenômeno mediúnico e acabou por estruturar uma nova doutrina, de base científica e filosófica, com consequências morais – o Espiritismo.<sup>148</sup>

**O fenômeno mediúnico à luz da razão** – com o progredir de nossa evolução, passamos a considerar o fenômeno mediúnico não mais no plano do místico, do misterioso, do simbólico, do mítico e do ritualístico do *mediunismo primitivo*, mas, sim, no plano da razão, em que cabem a investigação dos fatos, a formulação do princípio (racional) da imortalidade e as consequências morais das nossas escolhas.

Concluindo, não há mais dúvidas! A Doutrina Espírita permitiu-nos entender que as entidades que se comunicam hoje, nos centros espíritas, são simplesmente seres humanos desencarnados, por vezes amigos ou familiares, outras vezes Espíritos elevados que vêm nos aconselhar e orientar e até mesmo entidades necessitadas de atendimento fraterno.

**“O que é Deus?”** Pelo Espiritismo, o ser humano passou a compreender a verdadeira essência de Deus, do verdadeiro Deus, que não é uma figura mitológica nem um símbolo. Kardec pergunta (LE 1): “O que é Deus?” E os Espíritos respondem: “Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.

Para Herculano<sup>149</sup>, Jesus assinala o surgimento do *horizonte espiritual*, marcando o início de um novo ciclo histórico no Ocidente. Seus ensinamentos modelam uma nova mentalidade. O Deus-Pai de Jesus transcende o Deus-Familiar de Abraão, de Isaac e de Jacó. Por isso, o Deus evangélico que Jesus nos traz não é autoritário, vingativo, sanguinário ou guerreiro – como o “deus” bíblico do *horizonte profético* –, e sim amoroso, justo, misericordioso e pacífico. Não faz discriminações, não exige culto externo nem quer sacrifícios e matanças.

**O rito do batismo** – nem todos entenderam a transição, até mesmo os próprios apóstolos do Cristo. Pedro exigiu dos novos cristãos o rito do batismo na água, além da circuncisão, o que repugna Paulo, para quem o verdadeiro batismo é o do Espírito, representado pela elucidação evangélica.

Herculano<sup>150</sup> afirma: “O cristão não precisa do sacramento de um sacerdote, do beneplácito de uma igreja, mas tão somente da pureza de sua consciência”.

**Um resumo de nossa trajetória** – em suma, na vivência dos horizontes tribal, agrícola, civilizado, profético e espiritual, fomos evoluindo da condição de ser gregário para social, ético, moral e espiritual (Fig. 6.14). Pelo processo de racionalização, efetuado por intermédio do fenômeno mediúnico, conseguimos transferir os conteúdos absorvidos da realidade concreta, como observadores, para as categorias da razão, como pensadores. Aos poucos, depuramos a nossa individualidade, assim como fizemos com a figura de Deus, e, à medida que nossos atributos éticos e morais foram se distinguindo, conseguimos entender melhor a verdadeira natureza do Criador. Da litolatria, fitolatria e zoolatria, passamos pela concepção de mitos e de fetiches, de deuses mitológicos e antropomórficos. Da concepção de um único Deus, embora de dupla natureza, humana e divina, finalmente abre-se a nossa mente para o Deus-Pai, trazido por Jesus. Do concreto da pedra (litolatria), chegamos à Inteligência Suprema.



Fig. 6.14 – Esquema representativo das etapas evolutivas do processo de racionalização - Fonte: A autora (2019).

Nessa trajetória evolutiva, passamos pelo mediunismo primitivo do *Velho Testamento* e do mediunismo oracular do *horizonte civilizado* para despertarmos para a mediunidade personalizada e racional (Fig. 6.15).

## MEDIUNIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS



Fig. 6.15 – Esquema representativo das etapas evolutivas de expressão do fenômeno mediúico - Fonte: A autora (2019).

Assim temos, na Doutrina Espírita, precioso recurso de libertação de nossas consciências, de todos os resíduos que possam ainda permanecer, em nossas mentes, desse longo percurso histórico. Aliás, para Emmanuel, a divulgação doutrinária representa mesmo a maior caridade para com o próximo, pois lhe transfere a ferramenta de libertação do “homem velho”.

Como refere Herculano<sup>151</sup>, “o Espiritismo representa, portanto, a vertente do Espiritualismo que superou as fases mágicas de sua evolução e atingiu o plano da razão”. Tem a proposta de abolir definitivamente de nossa postura o apego a mitos, ritos, fetiches, oferendas, imagens, sacrifícios, intermediários.

Essa nova proposta nos permite sair, no contexto de nossas posturas morais, do binômio “pecado-castigo”, que durante tantos séculos nos atormentou a alma, fazendo-nos desembocar em destrutivos complexos de culpa e arquivamento de remorsos. Ela nos liberta das amarras do preconceito, da ignorância, do servilismo e do dogmatismo.

Ao comentar sobre a “mediunidade positiva” (cap. V, item 4), Herculano percebe que o *horizonte espiritual* se abre em espirais crescentes sobre o mundo. Nos primeiros círculos, com participação restrita de apóstolos e adeptos, mas, em seguida, espalhando-se pela Terra, despertando as consciências comprometidas ainda com heranças mitológicas e outros resíduos.

**“Senhor, que queres que eu faça?”** Essa interrogativa de Saulo a Jesus, no caminho de Damasco, podemos repeti-la após conhecermos a mensagem que Emmanuel<sup>152</sup> nos transmite como incentivo às tarefas:

Partindo dos elos que o prendem à estreita família do mundo, o homem que desperta para a grandeza da Criação, deambula na Terra à maneira do viajante incompreendido e desajustado, peregrino sem paria e sem lar, a sentir-se grão infinitesimal de poeira nos Domínios Celestiais. Nesse homem, porém, alarga-se a acústica da alma e embora os sofrimentos que o afligem, é sobre ele que as Inteligências Superiores estão edificando os fundamentos da Nova Humanidade!

É confortante e, ao mesmo tempo, assustador constatar que esse Homem, a que se refere Emmanuel, é cada um de nós, somos todos nós, e que a tarefa nos é oferecida como oportunidade de participação na grande obra de renovação da humanidade.

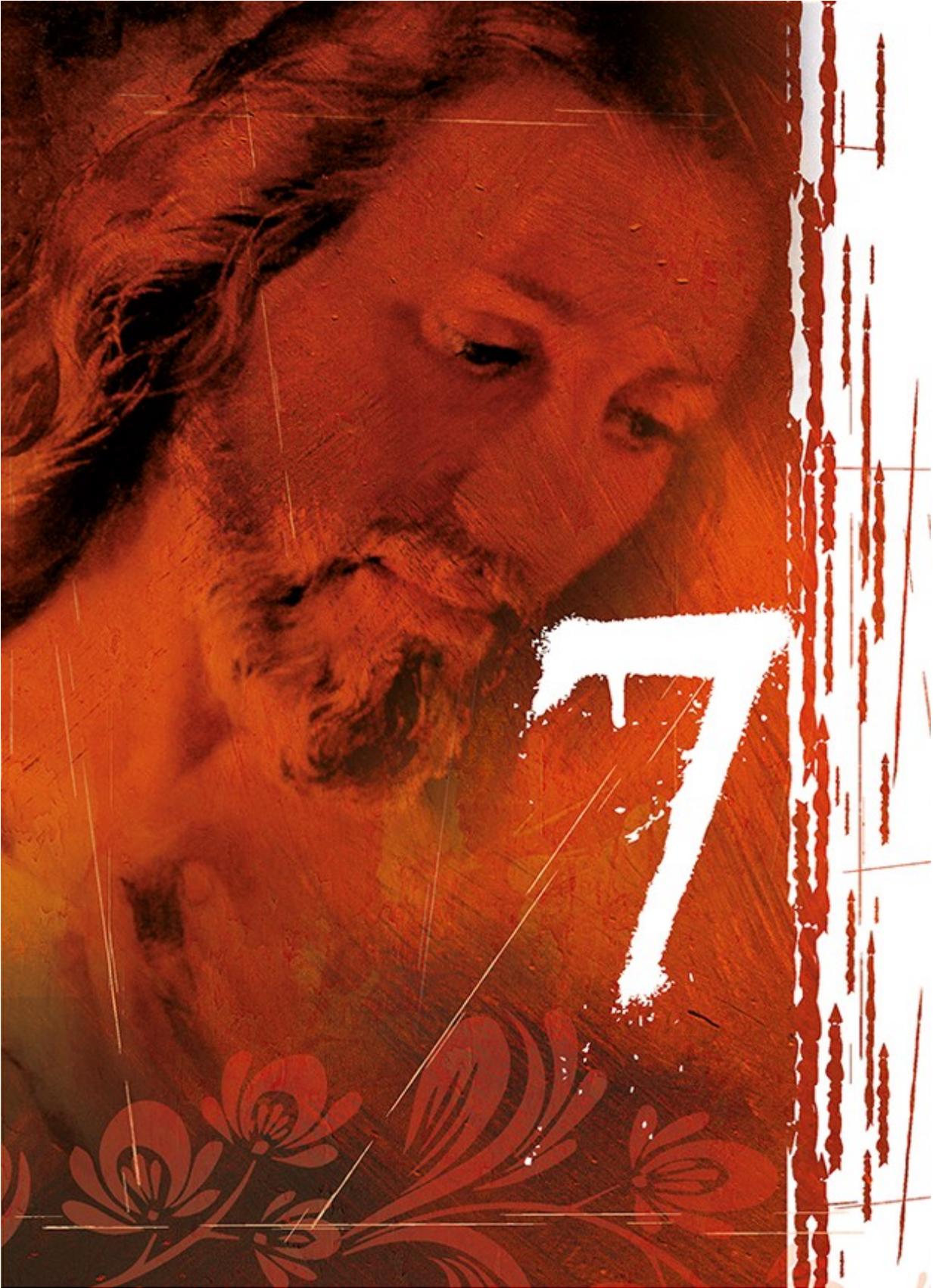
Que bom que já nos encontrarmos matriculados, como diria Paulo, na “Escola do Bem”!

---

- [136](#) PIRES, *O Espírito e o tempo...*
- [137](#) PIRES, *O Espírito e o tempo...*
- [138](#) PIRES, José Herculano. Mediunismo e Espiritismo. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.
- [139](#) PIRES, *O Espírito e o tempo...*
- [140](#) MURPHY, John. *Origines et Histoire des Religions*. Payot: Paris, 1951.
- [141](#)-Andrew Lang, autor dos livros *Myth, Ritual and Religion*, de 1887, e *The making of religion*, de 1900.
- [142](#) Max Freedom Long, autor do livro *The Secret Science behind Miracles*, de 1948.
- [143](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [144](#) PIRES, José Herculano. Horizonte tribal e mediunismo primitivo. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.
- [145](#) PRADA, Irvênia L. S. Filogenia do sistema nervoso. In: PRADA, Irvênia L. S. *Neuroanatomia funcional em medicina veterinária. Com correlações clínicas*. Jaboticabal: Editora Terra Molhada, 2014.
- [146](#) PIRES, *O Espírito e o tempo...*
- [147](#) PIRES, *O Espírito e o tempo...*
- [148](#) A história do surgimento do Espiritismo e as características de sua estrutura acham-se relatadas no Capítulo 1.
- [149](#) PIRES, José Herculano. Horizonte espiritual: mediunidade positiva. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.
- [150](#) PIRES, Horizonte espiritual...
- [151](#) PIRES, José Herculano. Antecipações doutrinárias. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.
- [152](#) EMMANUEL (Espírito). O Homem ante a vida. In: EMMANUEL (Espírito). *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1952.









# Moral - Jesus é a referência

O Espiritismo é a única forma de ciência comprometida com a moral enquanto bem comum, atendendo ao postulado de *O livro dos Espíritos*<sup>153</sup>:

629: A moral é a regra da boa conduta e, portanto, da distinção entre o bem e o mal. Funda-se na observação da lei de Deus. O homem se conduz bem quando faz

tudo tendo em vista o bem e para o bem de todos, porque então observa a lei de Deus.

621: E onde está escrita a lei de Deus? Resposta – Na consciência.

O “Espiritismo vem libertar as consciências”, portanto tudo se encaixa, como as peças de um quebra-cabeça que vai se modulando à nossa frente à guisa de tradutor de nossos enigmas e questionamentos.

Nesse contexto do “fazer o bem e para o bem de todos”, vale como exemplo uma situação de gravidez indesejada, como tem acontecido com centenas de adolescentes. Alguém há de argumentar que essa garota deve concluir seus estudos, seguir sua vida de jovem, com tantas coisas ainda por fazer e então, pensando (equivocadamente) no seu “bem”, propõe o aborto como forma imediata de “livrá-la” desse embaraço. É o momento exato de perguntar (imaginar a pergunta) a outra parte envolvida na questão – o embrião/feto – se para ele isso seria um “bem”. Sendo negativa a resposta a essa pergunta, e como tirar a vida de outrem, no caso um ser completamente indefeso, é inimaginável como conduta acertada, a decisão pelo aborto está, portanto, completamente fora de questão, uma vez que não preenche o princípio de se “fazer o bem e para o bem de todos”!

Certamente inspirado pelos seus amigos espirituais, Kardec teve o discernimento de codificar uma doutrina em favor desse “Homem que desperta para a grandeza da criação” – na expressão de Emmanuel –, oferecendo-lhe um caminho que trilhará com seus esforços, colocando, em cada passo, a responsabilidade pelos seus atos. Essa opção não é fácil, mas é generosa. Atavicamente acostumado à figura de um intermediário que o carrega no colo, ouve suas queixas e o perdoa das faltas, surge agora, para esse Homem, como um grande desafio, a oportunidade de caminhar sobre suas próprias pernas, carregar seu fardo e assumir a consequência de suas atitudes.

É o ser que reconhece em sua natureza a realidade do Espírito, cujo destino é o da transcendência. Em nota de rodapé, Herculano<sup>154</sup> comenta em relação ao item 629 de *O livro dos Espíritos*:

Descartes, na terceira de suas Meditações Metafísicas, declara que a ideia de Deus está impressa no homem “como a marca do obreiro em sua obra”. Essa ideia de Deus é inata no homem e o impele à perfeição. Embora as escolas modernas de Psicologia neguem a existência das ideias inatas, o Espiritismo a sustenta [...] as ideias de Deus, da sobrevivência e do bem e do mal existem e sempre existiram entre todos os povos. A lei de Deus está escrita na consciência do homem, como a assinatura do artista em sua obra.

Espiritismo como ciência e como filosofia “desembocando” na moral. E qual a referência para se tomar como “guia e modelo”? Em LE 625 encontra-se a resposta: Jesus. Em comentário de Kardec<sup>155</sup>, que se segue a essa questão, lemos: “Jesus é, para o homem, o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei [...]”.

## **Jesus, nosso guia e modelo**

Falar de Jesus chega a ser um atrevimento, tal a ordem de grandeza desse Espírito missionário. Jesus dividiu a história do mundo ocidental em antes e depois de seu nascimento. Inspirou literatos e artistas do mundo todo, entre eles nosso Catulo da Paixão Cearense<sup>156</sup>, o *poeta do sertão* (1863-1946), que fala de Jesus em expressivo poema:



## A flor do maracujá

*Encontrando-me com um sertanejo  
Perto de um pé de maracujá  
Eu lhe perguntei:  
Diga-me, caro sertanejo,  
Por que razão nasce roxa  
A flor do maracujá?*

*Ah, pois então eu lhe conto  
A estória que ouvi contá  
A razão pro quê nasce roxa  
A flor do maracujá*

*Quando as flor brotava nele  
Lá pros confim do sertão  
Maracujá parecia  
Um ninho de argodão.*

*Mas um dia, há muito tempo  
Num mês que inté não me alembro  
Se foi maio, se foi junho  
Se foi janeiro ou dezembro.*

*Nosso Sinhô Jesus Cristo  
Foi condenado a morrer  
Numa cruz crucificado  
Longe daqui como o quê*

*Pregaram Cristo a martelo  
E ao ver tamanha crueza  
A natureza inteirinha  
Pois-se a chorar de tristeza*

*Chorava os campo  
As folha, as ribeira  
Sabiá também chorava  
Nos galho da laranjeira*

*E havia junto da cruz  
Um pé de maracujá  
Carregadinho de flor  
Aos pés de Nosso Sinhô*

*E o sangue de Jesus Cristo*

*Sangue pisado de dor  
Nos pé do maracujá  
Tingia todas as flor*

*Eis aqui, seu moço,  
A estória que ouvi conta  
A razão proquê nasce roxa  
A flor do maracujá!*

## **Jesus – alguns dados históricos**

O nome “Jesus”, que consta do nosso vernáculo, resulta de uma adaptação do latim *Iesus*, do grego *Iesous* e ainda do aramaico *Yeshuãs*. Os primeiros padres da Igreja ligaram o nome e o messianato de Jesus a Josué, que guiara o povo de Israel na travessia do Rio Jordão e na conquista da Terra Prometida. Segundo essa fonte, representava forte traço da cultura judaica a figura de um *salvador*, como teria sido Josué e como esperava-se também que fosse Jesus. Mas não apenas um salvador no sentido religioso, que guiaria o “novo Israel” pelas águas do batismo para a “salvação”, mas também um salvador no sentido político, pelos motivos expressos na sequência.

Na época de Jesus, a região onde ele nasceu e viveu – ora chamada de Palestina, ora de Israel – encontrava-se sob a dominação romana, sob o jugo do Império Romano, que conquistou grande parte da Europa, o norte da África e parte do que hoje chamamos de Oriente Médio. A Palestina era então politicamente dirigida por dupla autoridade: romana, representada por Pôncio Pilatos, e judaica, representada por Herodes, que tinha assessoria do Conselho de Sacerdotes judeus (Caifás era o sacerdote-mor), que se reuniam no *sinédrio*.

Como característica cultural, os judeus esperavam ansiosamente um “messias”, um “salvador” que viesse conduzi-los do ponto de vista religioso, mas também libertá-los de Roma (salvação também política). Com base nesses dois perfis que os judeus pretendiam identificar em Jesus, os historiadores identificaram com enfoques diferentes duas figuras: a de “Jesus Histórico” (enquanto pessoa humana) e a de “Jesus Cristo” (enquanto messias) – a expressão “Jesus histórico” refere-se a uma tentativa de reconstrução acadêmica da figura de Jesus de Nazaré, conceitualmente diferente do *messias*, do *cristo*. O messianismo é, em termos restritos, a

crença na vinda – ou no retorno – de um enviado divino libertador, um messias (*mashiah* em hebraico, *christós* em grego), com poderes e atribuições que aplicaria em favor da causa de um povo ou um grupo oprimido.

Para esses historiadores, Jesus Histórico tem uma abordagem física, enquanto Jesus Cristo tem uma abordagem metafísica. Apesar de os judeus desejarem ver em Jesus um salvador político, ele sempre deixou claro que sua missão não era essa, razão pela qual os historiadores consideram esse um forte motivo para que os judeus jamais tenham aceitado Jesus como o messias que esperavam.

Em uma das passagens interessantes da vida de Jesus (Mt 22:15), para provocá-lo e testá-lo, perguntaram-lhe o que achava dos altos impostos que Roma cobrava dos judeus. Ele pede que lhe digam de quem é a figura estampada nas moedas (Fig. 7.1). Eles respondem: “É de César, o imperador romano”. Então ele complementa: “Então, dai a César o que é de César [...]”.

Em outras passagens, Jesus repetia com o mesmo significado: “Meu reino não é deste mundo”.

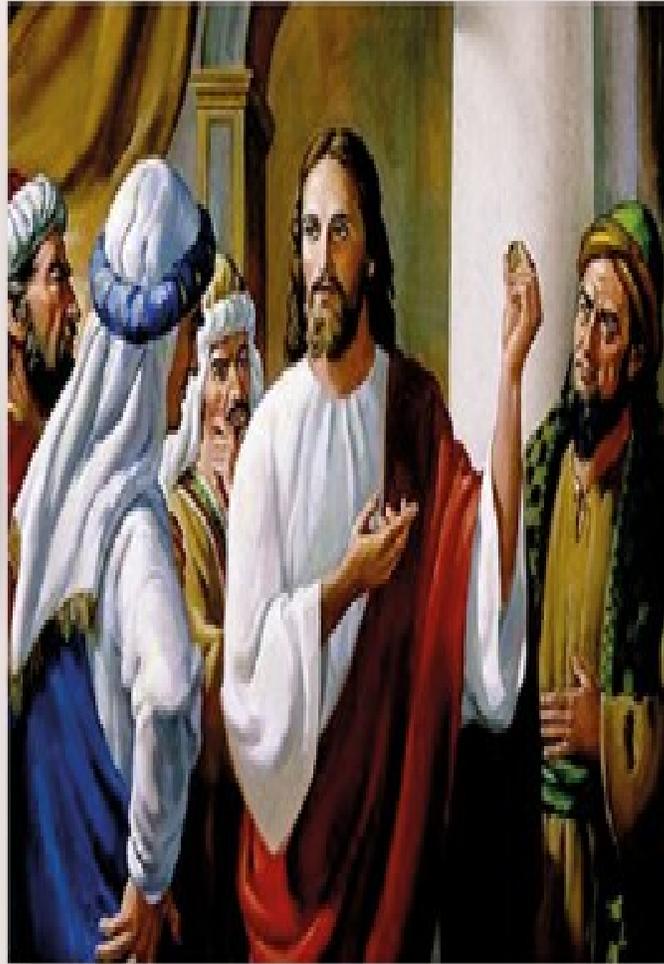


Fig. 7.1 – Expressiva passagem de Jesus perante a questão do que achava dos altos impostos romanos

Em geral, os estudiosos da vida de Jesus argumentam que essa figura de “Jesus histórico”, enquanto pessoa humana, foi um judeu que nasceu em Belém, na Judeia, um dos três principais territórios de Israel: Judeia, Samaria e Galileia (Fig. 7.2).



Fig. 7.2 – Mapa da Palestina (Israel), com destaque para a localização da cidade de Belém, na Judeia, onde teria nascido Jesus

É interessante uma observação acurada dos mapas da Galileia, região norte da Palestina, onde Jesus viveu muitas de suas passagens (Fig. 7.3).



Fig. 7.3 – Detalhe da figura anterior onde se identificam as cidades de Nazaré e Cafarnaum, o lago de Tiberíades (ou Mar da Galileia) e ainda o Rio Jordão

Os historiadores, de modo geral, queixam-se da falta de dados concretos a respeito de Jesus, pois, no contexto histórico e cultural, as informações são poucas e muito imprecisas. A maior parte das referências sobre Jesus consta no evangelho de Lucas, como segue:

- Nasceu em Belém (Mt e Lc) – em 8 a.C. e 4 a.C. Como se vê, nem sequer temos certeza da data do nascimento de Jesus.
- Quando criança, viveu em Nazaré, sendo carpinteiro como José, seu pai.
- Com cerca de 30 anos, o “Filho do Homem” – como era referido por Lucas – foi batizado por João Batista e iniciou seu ministério (Lc), sendo morto depois de um ano (Mc); outro dado impreciso, pois tem-se a ideia de que o messianato de Jesus teria durado três anos. Ou teria sido apenas um?

## Jesus no contexto espiritual

A superioridade da natureza de Jesus é referida no livro *A gênese* de Kardec<sup>157</sup>:

- “Como homem, ele tinha a mesma organização dos seres carnais” – essa informação é muito importante pois há, mesmo no meio espírita, quem defenda a tese do “corpo impassível” (ou fluídico). Segundo essa tese, Jesus não teria encarnado em um corpo físico, como nós, mas teria sempre se mostrado com seu perispírito. A Doutrina Espírita rejeita essa tese.
- “Seu Espírito [puro, da ordem mais elevada] dominava a matéria de maneira absoluta”. Emmanuel<sup>158</sup>, em *A caminho da luz*, confirma a condição de Jesus como Espírito puro ao referir:

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos do nosso sistema existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias [...]. Nessa Comunidade de seres angélicos e

perfeitos, Jesus é um dos membros divinos [...].

- “Seu perispírito era alimentado pela parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres”. Mesmo assim, fico pensando como fora penoso, para Jesus, como Espírito puro absorver, em seu perispírito, fluidos do nosso planeta, ainda de expiação e provas.
- “Sua alma era ligada ao corpo apenas por laços sutis, o que lhe conferia extraordinária vista dupla” [vista espiritual ou vista psíquica]. Segundo Kardec<sup>159</sup>, com essa faculdade, não se vê com os olhos do corpo físico, pois trata-se de uma percepção psíquica.
- “Jesus possuía imenso poder magnético, potencializado pelo desejo incessante de fazer o bem”.
- “Nas curas que operava, agia como médium?” Na sequência do texto, lê-se:

Não, pois o médium é um intermediário, um instrumento do qual se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não tinha necessidade de assistência, ele é que assistia e auxiliava os demais; agia, pois, por si mesmo, em vista de seu poder pessoal [...]. Aliás, qual seria o Espírito que ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se ele recebesse um influxo estranho, só poderia ser de Deus; segundo a definição dada por um Espírito, era o médium de Deus.

## A vista dupla em Jesus

Como bem demonstra *A gênese*, em várias passagens evangélicas nota-se a manifestação da faculdade de dupla vista ou vista psíquica de Jesus, como a da “traição de Judas” (“Aquele que deve me trair está perto”) e a da “negação de Pedro” (“Antes de o galo cantar, me negarás três vezes [...]"). Vejamos algumas delas com mais detalhes a seguir.

## **A vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus (Fig. 7.4):**

Ora, andando Jesus ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos – Simão, chamado Pedro e André –, os quais lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; e ele lhes disse: “Segui-me e eu os farei pescadores de homens”. Logo eles deixaram suas redes e o seguiram. Dali, prosseguindo, viu dois outros irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam num barco com Zebedeu, pai de ambos; acomodavam suas redes, e ele os chamou. No mesmo momento abandonaram suas redes e seu pai e seguiram-no (Mt, 4: 18 a 22). Jesus, saindo dali, viu ao passar um homem sentado à mesa dos impostos, chamado Mateus, ao qual disse: “Segue-me”; e imediatamente ele ergueu-se e o seguiu (Mt, 4: 9).

Jesus não os chamou ao acaso, e sim porque “sabia” do compromisso desses Espíritos em segui-lo, o que o fizeram prontamente.

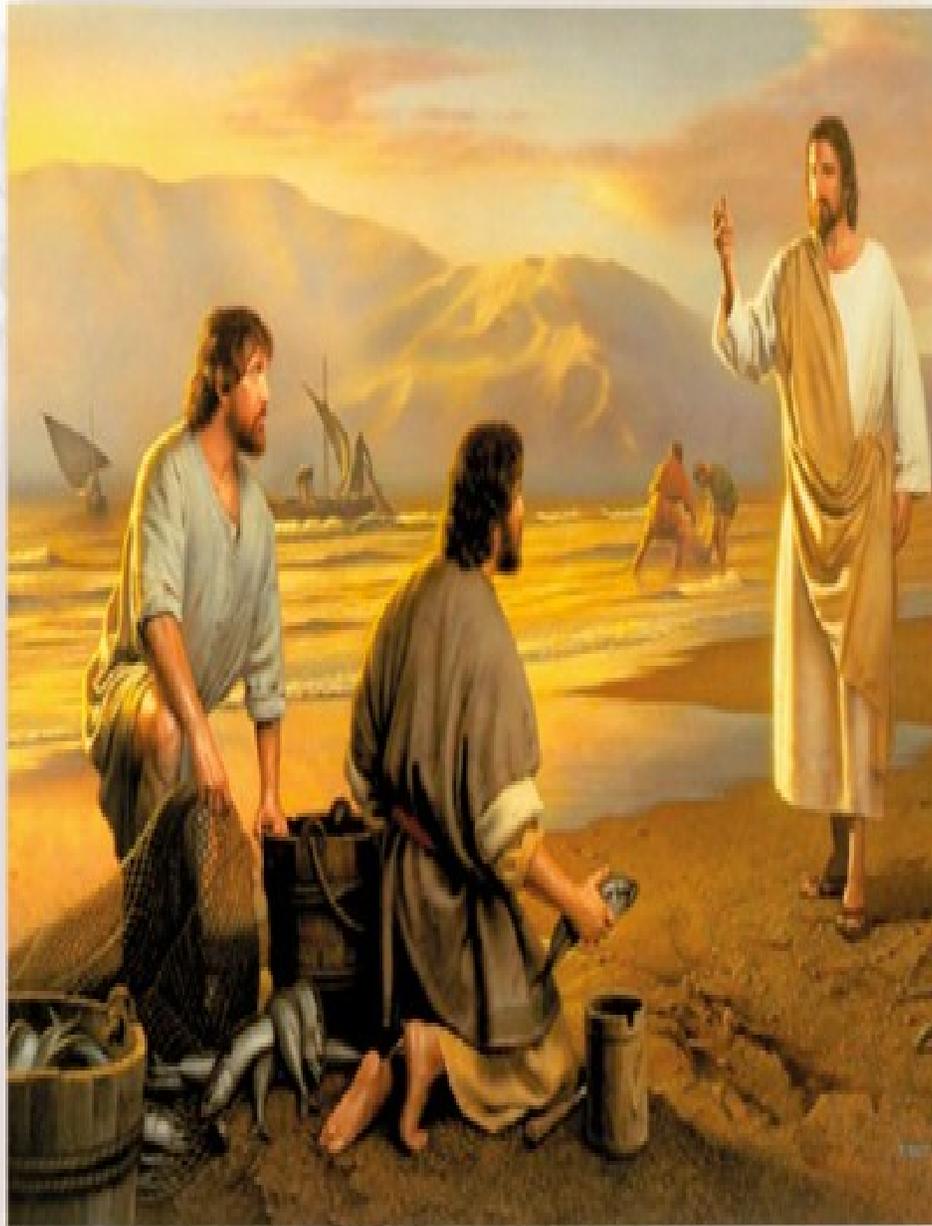


Fig. 7.4 – Cena representativa do chamamento de Jesus aos pescadores Simão, chamado Pedro, e André, para torná-los *pescadores de homens*



Fig. 7.5 – Cena representativa da entrada de Jesus em Jerusalém, enviando à cidade dois de seus discipulos para lhe trazerem a jumenta e seu jumentinho, que lá se encontravam

**A entrada de Jesus em Jerusalém** (Fig. 7.5 ) – outra vivência de Jesus em que se vale de sua excepcional vista dupla é a de sua entrada em Jerusalém:

Quando se aproximaram de Jerusalém, chegados a Betfagé (aldeia das imediações), perto da montanha das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos e lhes disse: “Ide a essa cidade que está diante de vós, e lá chegando, encontrareis uma jumenta amarrada, e seu jumentinho perto dela; desamarrai-a e trazei-mos [...]”. Os discípulos se foram, pois, e fizeram o que Jesus lhes ordenara. E tendo trazido a jumenta e o jumentinho, cobriram-no como suas vestes e o fizeram montar (Mt, 21: 1 a 7).<sup>160</sup>



Fig. 7.6 – Cena representativa do episódio da “pesca milagrosa”, em que Jesus orienta os discípulos a avançarem para águas mais profundas, onde pescaram abundantemente

## A pesca milagrosa (Fig. 7.6):

Num dia, quando Jesus estava sobre as margens do lago de Genesaré [...], viu duas barcas [...] entrou [...] na que era de Simão, e pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; e assentando-se, ensinava ao povo de dentro da barca. Quando cessou de falar, disse a Simão; Avançai para as águas fundas e lançai vossas redes para pescar. Simão lhe respondeu: “Mestre, trabalhamos toda a noite sem nada apanhar, mas apesar disso, devido à vossa palavra, lançarei as redes”. E tendo-as lançado, apanharam tão grande quantidade de peixes [...] e encheram de tal modo as suas barcas que pouco faltou para que afundassem (Lc, 5: 1 a 7).<sup>161</sup>

## A vista dupla e o magnetismo de Jesus

Jesus mostra sua extraordinária faculdade de dupla vista associada ao seu poderoso magnetismo, particularmente nas passagens de “volta dos mortos”. Na realidade, os atendidos por Jesus não estavam realmente mortos, mas possivelmente em letargia<sup>162</sup>, que corresponde a um estado em que o corpo parece morto, pois os sinais vitais se tornam quase imperceptíveis, a respiração reduz-se bastante, e a pessoa facilmente pode ser tomada como morta. O termo “letargia” hoje não é muito utilizado no meio médico, sendo que estados como esse integram o complexo do “coma”, que se apresenta em vários níveis.

A consagrada médium brasileira Yvonne Pereira tinha apenas 29 dias de vida quando lhe ocorreu pela primeira vez esse fenômeno. Após uma crise de tosse, ficou como morta por seis horas. O médico deu o atestado de óbito, e a família providenciou o velório. Sua mãe, porém, não acreditava em sua morte e, quase na hora do enterro, ajoelhou-se e orou com fervor a Nossa Senhora (sua mãe era católica devota). Em sua prece rogava que, se sua filha estivesse morta, aceitaria, porém, se estivesse viva, que voltasse. Ouvia-se a seguir um choro estridente. Felizmente, a menina estava viva!

Vejamos, a seguir, algumas das passagens de Jesus alusivas ao tema.

**A filha de Jairo** (Fig. 7.7) – Jairo, chefe da sinagoga, atirou-se aos pés de Jesus para que Ele salvasse a filha agonizante, que tinha 12 anos de idade, mas nesse momento vieram lhe dizer que a filha já estava morta.

Porém, Jesus, tendo ouvido tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temais, crede, somente. Chegados à casa desse chefe da sinagoga, viram um grupo de pessoas confusas que choravam e lançavam grandes gritos; e entrando, disse-lhes: “Por que fazeis tanto barulho, e por que chorais? Esta moça não está morta, ela apenas está adormecida” – e troçaram dele.<sup>163</sup>

Pediu a todos que saíssem, tomou o pai e a mãe e aqueles que com ele tinham vindo (Pedro, Tiago e seu irmão João) e entrou no local onde estava deitada a moça. Tomou-a pela mão e lhe disse: “‘Talitha cumi’”, isto é, ‘minha filha, levanta-te, eu o ordeno’. – No mesmo instante a moça levantou e se pôs a andar [...] e ficaram todos maravilhados e espantados” (Mc, V: 21 a 43).<sup>164</sup>



Fig. 7.7 – Cena representativa do episódio de “A filha de Jairo”, em que Jesus a desperta após ter sido considerada morta

## O filho da viúva de Naim (Fig. 7.8):

No dia seguinte, Jesus foi a uma cidade chamada Naim, e seus discípulos o acompanhavam com uma grande multidão de povo. Quando estavam perto da porta da cidade, sucedeu que traziam um morto para enterrá-lo; tratava-se do filho único de sua mãe, , que era viúva, e havia grande número de pessoas da cidade com ela. O senhor tendo-a visto, tocou-se de compaixão por ela, e lhe disse: “Não chores mais”. Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e os que o conduziam pararam. Então disse: “Jovem, levanta-te, eu te ordeno”. Ao mesmo tempo o morto se ergueu, sentou-se e começou a falar, e Jesus o entregou à mãe (Lc, VII: 11 a 17).<sup>165</sup>



Fig. 7.8 – Cena representativa da passagem evangélica de “O filho da viúva de Naim”, em que Jesus desperta o jovem que era conduzido ao sepultamento

O comentário que se segue a esses dois casos é bastante elucidativo, pois considera que, de fato, trazer de volta à vida corporal um indivíduo realmente morto seria contrário às leis da natureza.

Há, pois, toda a possibilidade de que, nos dois exemplos acima citados, apenas houvesse síncope e letargia. Jesus mesmo o diz, positivamente, em relação à filha de Jairo: “Esta moça não está morta, está apenas adormecida”. Dado o poder fluídico que possuía Jesus, nada há de espantoso que o fluido vivificante, dirigido por uma forte vontade, haja reanimado os sentidos entorpecidos; que haja mesmo feito voltar ao corpo, o Espírito, prestes a deixá-lo, enquanto o liame perispiritual não estivesse definitivamente rompido. Para os homens daquele tempo, que julgavam estar o indivíduo, morto, desde que não respirasse mais, houve ressurreição, e isso terão podido afirmar, com toda boa-fé; porém, houve na realidade cura, e não ressurreição, na acepção da palavra.<sup>166</sup>

**O caso de Lázaro (Jo 11: 17-45)** – Jesus, outra vez profundamente comovido, foi até o sepulcro. Era uma gruta com uma pedra colocada à entrada (Fig. 7.9).

“Tirai a campa”, disse Jesus. Respondeu-lhe Marta, irmão do morto: “Senhor, ele já cheira mal, porque é já de quatro dias”. Disse-lhe Jesus: “Não te disse eu, que se tu creres, veras a glória de Deus?” Tiraram pois a campa: e Jesus, levantando os olhos ao céu, disse: “Pai, eu te dou graças, porque me tens ouvido!” [...] Tendo dito essas palavras, bradou em alta voz: “Lázaro, sai para fora!” E no

mesmo instante saiu o que estivera morto, ligados os pés e as mãos com as ataduras, e o seu rosto estava envolto num lenço. Disse Jesus aos circunstantes: “Desatai-o e deixai-o ir”.<sup>167</sup>

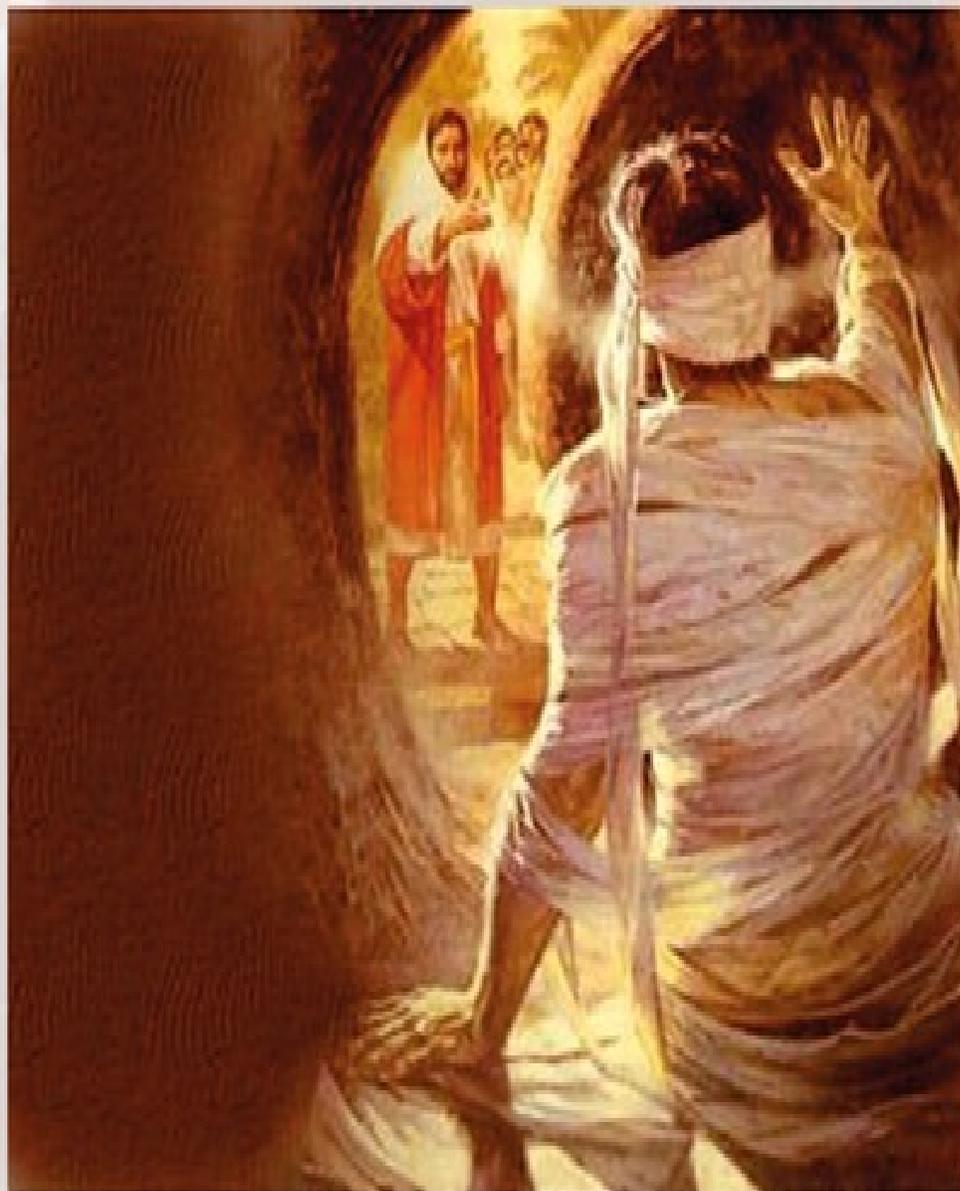


Fig. 7.9 – Cena representativa da chamada “ressurreição de Lázaro”, em que Jesus o desperta após ter sido considerado morto há quatro dias

Em *A gênese*<sup>168</sup>, lê-se a respeito:

Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo, e o perispírito não adere a ele senão por alguns pontos, o corpo tem todas as aparências de morto, situação esta verdadeiramente bem descrita quando se diz que a vida está por um fio. Tal estado pode durar por mais ou menos tempo [...] enquanto o derradeiro fio não for rompido, o Espírito pode ser trazido de volta ao corpo, seja por ação energética da sua própria vontade, seja pelo influxo fluídico estranho, igualmente poderoso.

**O caso do menino Jasbir** – é muito interessante o acontecido, em 1954, com o menino indiano Jasbir, comentado pelo saudoso confrade Hermínio Miranda.<sup>169</sup> Tido como morto, por varíola, depois de algumas horas, o menino revive. Passadas algumas semanas até que se fizesse entender, declara chamar-se Sobba Ram, pertencente a mais alta casta, a dos brâmanes. Recordava-se perfeitamente de pormenores a respeito dessa vivência; e levado à vila de Vehedi, onde havia morado Sobba, reconhece os parentes, cada um em sua categoria. Perguntado ao menino o que havia acontecido após a morte de Sobba Ram, ele respondeu que, depois de morto, havia se encontrado com um Sadhu (homem santo) que lhe havia aconselhado a tomar conta do corpo de Jasbir.

Esse caso foi estudado pelo eminente pesquisador Ian Stevenson, que considerou que ele “não se enquadrava na doutrina reencarnacionista”. Hermínio Miranda também não concorda com a hipótese de um Espírito abandonar um corpo definitivamente pela morte e outro Espírito tomar posse do cadáver e reanimá-lo, uma vez que o Espírito somente se liga ao corpo na reencarnação, pelo processo da gestação. Ele considera mais viável a possibilidade de o Espírito de Sobba Ram, recentemente desencarnado, ter conseguido fascinar o Espírito de Jasbir, que ainda mantinha ligações fluídicas com o seu corpo e, juntos, empreenderam o processo de reanimação, do qual emergiu, temporariamente, a personalidade de Sobba, e

não a de Jasbir. Stevenson, em 1964, revela que quando voltou à Índia, esses acontecimentos tinham esmaecido na memória do menino.

## **O magnetismo e a autoridade moral de Jesus (caso dos possessos ou obsidiados)**

### **Pregação e milagres em Cafarnaum (Fig. 7.10):**

Entraram depois em Cafarnaum. E Jesus, vindo logo nos dias de sábado para a sinagoga, ensinava o povo [...] Ora, na sinagoga havia um homem possesso do espírito imundo, que gritou, dizendo: “Que tens tu conosco, Jesus Nazareno? Vieste a perder-nos?” [...] mas Jesus o ameaçou, dizendo: “Cala-te e sai desse homem”. Então, o espírito imundo agitando-se com violentas convulsões, e dando um grande grito, saiu dele (Mc. 1: 21-27).<sup>170</sup>

### **O surdo e mudo possesso do demônio (Fig. 7. 11):**

Mestre, eu te trouxe o meu filho, possuído de um espírito [...] e roguei a teus discípulos que não o puderam curar [...]. “Oh! Gente incrédula!” – exclama Jesus. Trazei-mo cá [...] Se tu podes crer, tudo é possível àquele que crê. “Senhor, eu creio!” Jesus diz: “Espírito surdo e mudo, eu te ordeno: sai desse moço e não entres mais aí”. Então, dando grandes gritos, e maltratando-o muito, saiu dele [...]. Tomando-o Jesus pela mão, o levantou, e ele se ergueu. Perguntaram-lhe seus discípulos particularmente: “Por que não o pudemos expulsar?” E ele lhes disse: “Esta casta de demônios não se pode expulsar, senão à força da

oração e do jejum (Mc. 9: 16-28)”.<sup>171</sup>



Fig. 7.10 – Cena representativa da passagem evangélica na sinagoga de Cafarnaum, em que Jesus expulsa o espírito imundo que o provocava



Fig. 7.11 – Cena representativa da passagem evangélica de “O surdo e mudo possesso do demônio”

**Que imagem devemos ter de Jesus?**

Depois do que foi exposto a respeito de seu poder magnético, da sua capacidade de dupla vista e de sua autoridade moral, que imagem devemos reter de Jesus?

**1ª possibilidade – a do “salvador”** que sofreu e morreu na cruz para nos salvar? Embora essa ideia pareça inaceitável à nossa razão, é ela que permeia a maior parte das correntes religiosas cristãs (Fig. 7.12). É impressionante como a simbologia do sofrimento tem um peso muito grande nesse contexto. Quantas pessoas profundamente religiosas, diante de dificuldades, impõem a si mesmas grandes sacrifícios e dores, como “moeda de troca” para obter favores divinos. É a herança que retemos em nosso psiquismo de nossa primeira forma de adoração – pelo temor. Ainda se teme esse Deus implacável, punitivo, que nos castiga até que lhe ofertemos algo em troca – alguma forma de sofrimento.



Fig. 7.12 – Figura de Jesus sob intensos sofrimentos, preferida por muitas das pessoas religiosas cristãs que veem nele a figura do “salvador” que sofreu e morreu na cruz para “nos salvar”

Bem, definitivamente, essa figura não faz jus à missão de Jesus.

**2ª possibilidade – Jesus, agente de curas?** Afinal, curou cegos, parálíticos, leprosos e endemoniados (Fig. 7.13).



Fig. 7.13 – Cena de Jesus como agente de curas, favorecendo cegos, paralíticos, leprosos e endemoniados

De fato, Jesus curou os males físicos de muita gente, mas considerá-lo apenas como agente dessas curas ainda não é suficiente.

**3ª possibilidade – Jesus como agente de autocura.** Em *A gênese*<sup>172</sup> vemos:

Jesus ia por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino, e curando todas as fraquezas e todas as moléstias entre o povo [...]. Ao aliviar os sofrimentos, atraía as criaturas para si pelo coração, e fazia prosélitos mais numerosos e mais sinceros do que se eles apenas fossem impressionados com espetáculos para os olhos [...].

Assim, apesar das curas e da ocorrência de outros fatos extraordinários que marcaram a vida de Jesus aqui na Terra, não podemos esquecer da mensagem evangélica que ele nos trouxe e exemplificou (Fig. 7.14). Como refere o texto anterior, Jesus ia por toda a Galileia ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino, transmitindo:

- Bem-aventurados os pobres de Espírito (humildes).
- Bem-aventurados os que têm puro o coração, os mansos e pacíficos, os misericordiosos.
- Amai o vosso próximo como a vós mesmos.
- Fazei aos outros o que desejaríeis que vos fizessem.
- Amai os vossos inimigos.
- Perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados.
- Fazei o bem sem ostentação.
- Julgai-vos a vós mesmos antes de julgar os outros.



Fig. 7.14 – Cena representativa das pregações de Jesus

Em *O evangelho segundo o Espiritismo*, Kardec<sup>173</sup> afirma: “toda a Moral de Jesus se resume na caridade e na Humildade, ou seja, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, Jesus mostra essas virtudes como sendo o caminho para a felicidade eterna”.

O Espiritismo, tendo Jesus como referência, segue o modelo do Mestre, como lemos em *A gênese*<sup>174</sup>:

Ele cura os males físicos, mas cura sobretudo os males morais, e aí estão os maiores prodígios mediante os quais ele se afirma. Seus mais sinceros adeptos não são aqueles que foram atingidos pela observação de fenômenos extraordinários, mas aqueles que foram tocados no coração, pelo conforto; aqueles que foram libertados da tortura da dúvida; aqueles cuja coragem foi revelada nas aflições, que hauriram forças na certeza do futuro que lhes foi revelado, no conhecimento de seu ser como espiritual e de seu destino. Eis aqueles cuja fé é inquebrantável, porque sentem e compreendem.

Por falar em fé, é impressionante como essa questão da autocura – pela cura de nossos males morais – encontra-se associada à fé. Em várias oportunidades, Jesus refere-se à cura da pessoa pelo exercício de sua fé, como elencado a seguir:

- “Recupera a visão! A tua fé te curou” (Lc 18: 41).
- “Oh! mulher, grande é a tua fé! Seja feito a ti conforme queres” (Mt 15: 28).
- “Levanta-te e vai! A tua fé te salvou” (Lc 17: 19).
- “Anime-se grandemente, filha, a tua fé te salvou!” (Mt 9: 22).

A passagem que **Jesus cura 10 leprosos** (Fig. 7.15) é elucidativa:



Fig. 7.15 – Cena representativa da passagem evangélica em que Jesus cura 10 leprosos e apenas um deles, sendo samaritano, volta para agradecer-lhe

[...] a caminho da Galileia, Jesus encontra-se com 10 leprosos e os atende, dizendo: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes”. E em caminho ficaram limpos. Um deles, samaritano, vendo-se curado, voltou, dando glória a Deus e prostrou-se aos pés de Jesus, agradecendo-lhe. Jesus lhe diz: “Levanta-te e vai; **tua fé te salvou!**”

Pergunta-se assim: qual será o verdadeiro significado da fé? Por que a fé tem esse poder a que se referia Jesus? *O evangelho segundo o Espiritismo*<sup>175</sup> (item 12) responde:

A fé é o sentimento inato, no homem, da sua destinação futura. É a consciência das prodigiosas faculdades que traz em germe no íntimo, a princípio em estado latente, mas que ele deve fazer germinar e crescer, através da sua vontade ativa.



Fig. 7.16 – Cena representativa da passagem evangélica em que Jesus cura a mulher que sangrava há 12 anos. Observe que ela toca a barra das vestes de Jesus

No caso da mulher que sangrava há 12 anos (Mc 5: 25-29, Mt 9: 20-22 e Lc 8: 43-48), passamos a entender que ela acessou com vontade própria sua harmonização com a lei, pelos seus méritos (Fig. 7.16).

Curioso reparar que ela tocou a barra das vestes de Jesus. Segundo o que nos lembra o estimado amigo Haroldo Dutra Dias, era tradição entre os judeus, na época de Jesus, a barra das vestes ser bordada, em uma faixa, na cor azul-violeta ou adornada com uma fita de mesma cor. Assim, olhando para ela, todos lembravam-se de cumprir a lei de Deus, pois esse era o objetivo. Essa figura da mulher tocando a barra das vestes de Jesus é significativa de que ela se encontrava em harmonia com a lei de Deus, merecendo, portanto, ser curada. Não por outra razão, Emmanuel teria conceituado saúde como sendo “a perfeita harmonia da alma”.

## **Ensinamento e compaixão**

Gostaria de encerrar este capítulo com uma das mais lindas passagens da vida de Jesus – a da mulher adúltera (Fig. 7.17). Após a interferência de Jesus, depois que todos se afastaram, Jesus lhe pergunta (Jo 8: 10-11): “[...] Ninguém te condenou? [...] Ninguém, Senhor. [...] Nem eu te condeno; vai, e de agora em diante, não peques mais!”



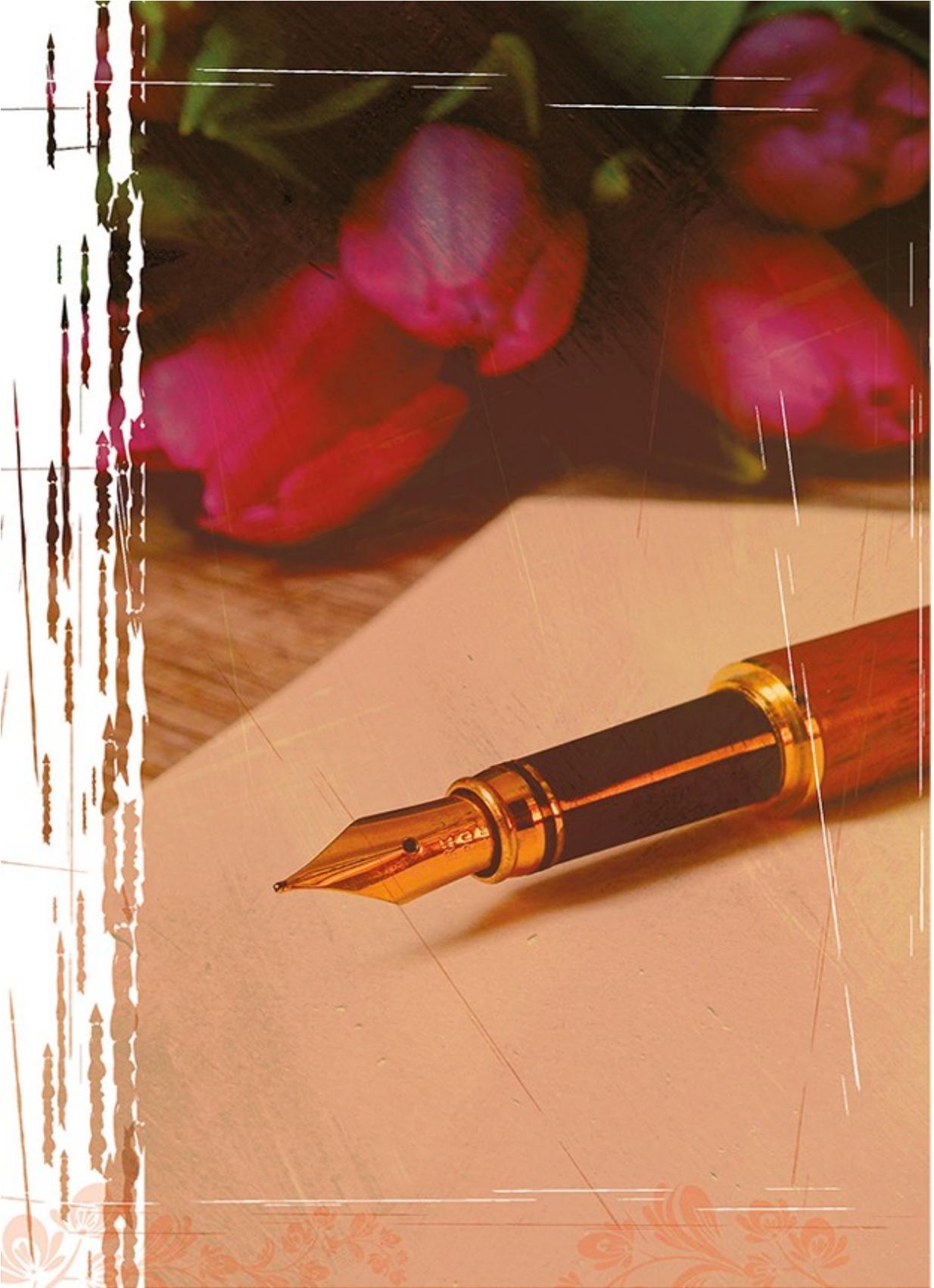
Fig. 7.17 – Cena representativa da passagem evangélica da mulher adúltera, em que Jesus expressa a todos vários ensinamentos

Essa belíssima passagem contém vários ensinamentos, e um deles é o de que podemos, a cada reflexão, assumir a postura de que *não pequemos mais*, passando a manter nossos pensamentos e atos em concordância com a lei divina. Como vimos, ela resume-se na distinção entre o bem e o mal, escolhendo “fazer o bem e para o bem de todos” (LE 629).[176](#)

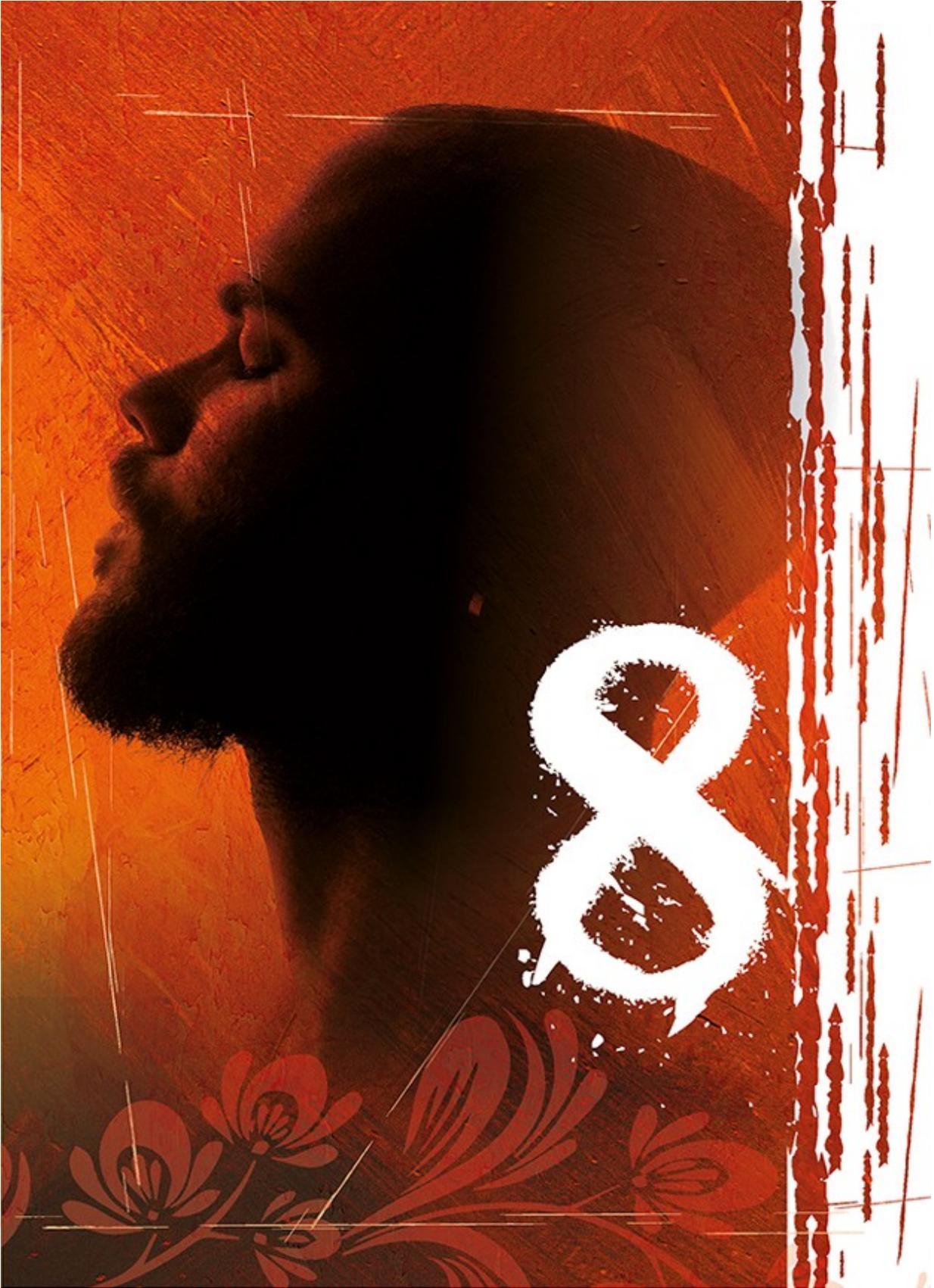
Como dizem os jovens, *simples assim...*

---

- [153](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [154](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [155](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [156](#) CEARENSE, Catulo da Paixão. *Flor de maracujá*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/cpaixao.html#flor>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- [157](#) KARDEC, Allan. Os milagres do Evangelho. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- [158](#) EMMANUEL (Espírito). A gênese planetária. In: EMMANUEL (Espírito). *A caminho da luz. História da civilização à luz do Espiritismo*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.
- [159](#) KARDEC, Os fluidos..., item 22.
- [160](#) KARDEC, Os fluidos..., item 5.
- [161](#) KARDEC, Os fluidos..., item 7.
- [162](#) SAMPAIO, Jáder. *Letargia e catalepsia*. 2008. Disponível em: [espiritismocomentado.blogspot.com/2008/09/letargia-e-catalepsia.html](http://espiritismocomentado.blogspot.com/2008/09/letargia-e-catalepsia.html). Acesso em: 13 mar. 2019.
- [163](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 37.
- [164](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 37.
- [165](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 38.
- [166](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 39.
- [167](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 40.
- [168](#) KARDEC, Os fluidos..., item 30.
- [169](#) MIRANDA, Hermínio C. *Reencarnação e imortalidade*. 2. ed. Brasília: FEB, 1975.
- [170](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 14.
- [171](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 30.
- [172](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., itens 26-27.
- [173](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 3.
- [174](#) KARDEC, Os milagres do Evangelho..., item 28.
- [175](#) KARDEC, Allan. A fé transporta montanhas. In: KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de José Herculano Pires. 14. ed. São Paulo: EDICEL, 1981.
- [176](#) KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Tradução de José Herculano Pires. 50. ed. São Paulo: LAKE, 1991.









É necessário  
viver de novo -  
a reencarnação

O princípio da reencarnação representa um dos elementos básicos no contexto da Doutrina Espírita, tanto que no túmulo de Kardec, no Cemitério Père-Lachaise, em Paris, lê-se, no alto do dólmen: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei” (Fig. 8.1).



Fig. 8.1 – Foto da porção superior do túmulo de Kardec

Apesar da importância da reencarnação para o Espiritismo, não foi ele que a “inventou”. Pelo contrário, a reencarnação é um dos princípios integrantes de diversos sistemas do pensamento humano, desde os tempos mais antigos. Assim, encontramos esse princípio na Filosofia Pitagórica (Pitágoras viveu

entre os séculos V e VI a.C.), na Filosofia Socrático-Platônica (Sócrates viveu no século V a.C. e Platão foi seu discípulo), no Hinduísmo – que já pregava esse conceito há cinco mil anos antes de Cristo, no Jainismo e no Siquismo, duas das religiões mais antigas da Índia, na Cabala Judaica e na Teosofia, dentre outros.

Gabriel Delanne<sup>177</sup> refere, no capítulo I de sua obra *A reencarnação*, que a Índia é muito provavelmente o berço intelectual da humanidade, sendo interessante o que se encontra nos *Vedas* e no *Bhagavad Gita* a respeito da reencarnação: “Assim como se deixam as vestes gastas para usar vestes novas, também a alma deixa o corpo usado para revestir novos corpos”.

O autor segue com vários comentários muito interessantes: Pitágoras foi o primeiro que introduziu na Grécia a doutrina dos renascimentos da alma, doutrina que havia conhecido em suas viagens ao Egito e à Pérsia; a Escola Neoplatônica de Alexandria ensinava o princípio da reencarnação como condição para a evolução progressiva da alma; entre os romanos, que receberam a maior parte de seus conhecimentos da Grécia, Virgílio exprimia claramente a ideia da Palingenesia em seus pronunciamentos; entre os druidas (lembrar que Kardec e Léon Denis foram druidas em encarnação anterior), os gauleses acreditavam na unidade de Deus e nas vidas sucessivas – “as almas não perecem e, depois da morte, passam de um corpo para outro”; na Idade Média, a *doutrina palingenésica* ficou velada por ter sido severamente proscrita pela Igreja.

Felizmente – ainda refere o autor –, nos tempos modernos, a liberdade de pensamento e da livre discussão permitiram o renascimento da ideia das vidas sucessivas.

## Conceituação do termo

Vamos conceituar o termo e outras expressões que lhe são correlatas utilizando como base *O livro dos Espíritos*<sup>178</sup>:

- **Reencarnação ou palingenesia** (do grego *palin* = de novo e *genesis* = nascimento) (LE 166-c) é o processo de nascer outra vez, em um novo corpo.
- **Ressurreição** (da carne) (LE 1.010 e 1.010-a) diz respeito a voltar à vida no mesmo corpo.

- **Metempsicose** (LE 611-612) é a doutrina da transmigração da alma, segundo a qual uma alma liberta do corpo, pelo fenômeno da morte, poderia reencarnar inclusive em corpos de animais. Aceita em algumas culturas, como no Egito Antigo, a doutrina da Metempsicose não é aceita pelo Espiritismo. Kardec (LE 612) perguntou aos Espíritos guias sobre a possibilidade de Espíritos humanos reencarnarem como animais, e a resposta foi negativa e taxativa: “Não, o rio não remonta à fonte”.

## Reencarnação – argumentos

Segundo Kardec<sup>179</sup> (LE 222), o conceito de reencarnação foi ressuscitado de Pitágoras, que, por sua vez, tomou a doutrina da metempsicose dos filósofos indianos e dos meios egípcios, onde ela existia desde tempos imemoriais:

A ideia da transmigração das almas [mudança sequencial de corpos] era crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. Por que maneira chegou até eles? Pela revelação ou por intuição? Não o sabemos. Mas, seja como for, uma ideia não atravessa as idades e não é aceita pelas inteligências mais adiantadas, se não tiver um aspecto sério [...] Há, porém [...], entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, a grande diferença de que os Espíritos rejeitam, da maneira mais absoluta, a transmigração do homem nos animais e vice-versa.

Admitindo-se a hipótese de que a alma tenha nascido com o corpo, Kardec (LE. 222) formulou as seguintes indagações (resumidamente):

Por que a alma revela aptidões tão diversas e independentes das ideias adquiridas pela educação? De onde

vem a aptidão extranormal de algumas crianças de pouca idade para esta ou aquela ciência, enquanto outras permanecem inferiores ou medíocres por toda a vida? De onde vem, para uns, as ideias inatas ou intuitivas que não existem para outros? Por que alguns são mais evoluídos que outros? Se as almas são iguais, ao nascer, por que essas tamanhas diferenças de aptidões?

O codificador continua sua argumentação:

Admitindo, ao contrário, uma sucessão de existências anteriores e progressivas, tudo se explicará. Os homens trazem, ao nascer, a intuição do que já haviam adquirido. São mais ou menos adiantados, segundo o número de existências por que passaram ou conforme estejam mais ou menos distanciados do ponto de partida.

Em nota de rodapé, o tradutor Herculano Pires acrescenta algumas evidências a respeito do processo reencarnatório, como as *lembranças de vidas anteriores*, manifestadas por tantas crianças no mundo todo. Diga-se de passagem, centenas desses casos foram estudados cientificamente por vários pesquisadores, entre eles o Dr. Ian Stevenson.<sup>180</sup> Herculano refere ainda, entre outros, os processos de regressão de memória, na *Terapia de Vivências Passadas*.

Herculano também comenta que Platão, em “A República”, apresentou o famoso *Mito da caverna* para explicar a vida espiritual. Kardec<sup>181</sup> (LE 222), por sua vez, nos oferece o *Mito do véu* para esclarecer o problema da reencarnação, como segue:

Reuni em um dia mil indivíduos de um a oitenta anos; supondo que um véu tenha sido lançado sobre todos

os dias anteriores e que julgais, em sua ignorância, todos eles nascidos no mesmo dia: perguntareis, naturalmente, por que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e outros jovens, uns instruídos e outros ignorantes. Mas se a nuvem que vos oculta o passado for afastada, se compreenderdes que todos viveram por mais ou menos tempo, tudo será explicado.

O codificador esclarece: “Deus, na sua justiça, não poderia ter criado almas mais perfeitas e outras menos perfeitas. Mas, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada tem de contrário a mais rigorosa equidade [...]”.

É taxativo o comentário de Gabriel Delanne<sup>182</sup>:

A doutrina da reencarnação é a única que corresponde à ideia que fazemos da Justiça Divina, a única que explica o porquê das desigualdades sociais, intelectuais e morais entre os homens, bem assim os sofrimentos e as mazelas humanas.

## A reencarnação na Bíblia

O saudoso confrade Hermínio Miranda<sup>183</sup> comenta a respeito do que consta na Bíblia sobre reencarnação, como seguem alguns exemplos.

**A perplexidade de Nicodemus** (João, cap. III: 3-5): no capítulo 3 de seu Evangelho, João faz o relato de um encontro noturno de Jesus com Nicodemus, fariseu por formação e importante membro do Sinédrio (*Sanhedrium*, termo adaptado do grego *synedrion* = assembleia, conselho, senado. Funcionava, entre os judeus, como Corte Suprema em assuntos legislativos e judiciários). Entre os ensinamentos de Jesus, um em particular impressionou profundamente o senador – era o de que “para se alcançar o

estado de pureza espiritual, ou seja, o Reino de Deus, era preciso nascer de novo”.

Não entendendo a referência, Nicodemus perguntou a Jesus (Fig. 8.2):

“Como pode um homem já velho, nascer de novo? Terá de entrar novamente no ventre de sua mãe para renascer?” Jesus respondeu: “em verdade, em verdade te digo que, se um homem não nascer da água e do espírito, não pode entrar no reino de Deus [...]”.



Fig. 8.2 – Cena representativa do diálogo entre Jesus e Nicodemus a respeito da necessidade de se nascer de novo para *entrar no Reino de Deus*

Hermínio Miranda, ao comentar essa passagem, refere que Jesus, pacientemente, lembrou a Nicodemus sobre a dualidade do ser humano, que é carne e Espírito. O corpo de carne não pode gerar senão outro corpo de carne – jamais criar um Espírito, que é de outra origem. O Espírito nasce e renasce muitas vezes na carne, até que fique em condições de pureza e sabedoria que lhe permitam *entrar no Reino de Deus*. Nicodemus ficou perplexo ante aquela estranha afirmativa e voltou a perguntar: “Como se pode fazer isso?” Jesus o interpela com outra interrogativa: “És mestre em Israel e não entendes essas coisas?”

Hermínio faz a observação de que, de fato, sendo um *doutor da Lei*, Nicodemus deveria conhecer os mecanismos do renascimento, ou seja, da reencarnação, pois referências inequívocas às vidas sucessivas constam no *Antigo Testamento* (como a da volta de Elias), objeto de estudo de pessoas diferenciadas, como o era Nicodemus.

**A volta de Elias** – o profeta Malaquias (seu ministério ocorreu em algum momento entre 458 e 433 a.C.) profetizara, por volta do ano 450 a.C., que Elias (século IX a.C.), um dos maiores profetas de Israel, voltaria à Terra, a seu tempo, na condição de precursor de alguém de alta hierarquia, infinitamente mais elevada que a dele. “Eis que envio o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E de repente virá ao seu **templo**, o senhor que vós buscais, o anjo da aliança que desejais” (Mal. 3: 1).

Sobre essa profecia, os discípulos perguntaram a Jesus:

Pois por que dizem os escribas que Elias há de vir primeiro? Mas ele, respondendo, lhes disse: Elias certamente há de vir e restabelecerá todas as coisas; digo-vos, porém, que Elias já veio, e eles não o conheceram, antes fizeram dele quanto quiseram [...]. Então compreenderam, os discípulos, que de João Batista é que ele lhes falara (Mt 17: 10-13).

Em comentário sobre essa passagem, Hermínio Miranda<sup>184</sup> esclarece:

Seria enigmática a informação de que o esperado e desejado Senhor viria ao seu **templo**, se não fôssemos encontrar em outra passagem – João 2: 19-21 – a chave certa para abrir o seu sentido ao nosso entendimento, como segue: Destruí este **templo** – disse Jesus – e em três dias o levantarei – Em quarenta e seis anos foi edificado este **templo** – lhe responderam – e tu o levantarás em três dias? Ele, porém, falava de seu corpo – comenta João –, pois “ir para o seu **templo**” corresponde a nascer na carne a fim de viver na Terra entre os homens (grifos nossos).

Em conclusão, essa passagem da volta de Elias é muito significativa do conhecimento comum, naquela época, dos mecanismos da reencarnação, o que fica claro no texto: “[...] virá ao seu **templo**, o senhor que vós buscais, o anjo da aliança que desejais” (Mal. 3: 1), ou seja, iria reencarnar em um corpo de carne, aquele que esperavam, ou seja, Jesus.

De minha parte, estou surpresa com a expressão “em quarenta e seis anos foi edificado este templo” – que João refere como sendo o corpo de Jesus (João 2: 19-21), pois é de consenso a informação de que Jesus teria morrido aos 33 anos. Como explicar?

**O homem cego de nascença, quem pecou?** (João. 9: 1-14) – Jesus, ao passar, viu um homem cego de nascença. Perguntaram-lhe seus discípulos: “Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego, ele ou seus pais?” Respondeu-lhes Jesus: “nem ele pecou, nem seus pais, mas isto se deu para que as obras de Deus nele sejam manifestas!”

É possível observar que a doutrina da reencarnação era familiar aos discípulos, o que se faz evidente pela própria formulação da pergunta: “foi ele quem pecou [...]?” De fato, se não acreditassem numa existência anterior, como iriam perguntar por que um cego de nascença estaria sendo castigado? Se Deus tivesse criado essa alma com o corpo, como explicar a possibilidade de ter pecado antes? Portanto, essa passagem confirma claramente que a ideia das vivências sucessivas era de aceitação comum entre os apóstolos.

## Reencarnação – biologicamente, desde quando?

Aspecto muito curioso, quando tratamos de reencarnação, é o de se determinar a partir de que ponto, no processo evolutivo dos seres, esse processo se manifesta. Outra questão que acompanha essa busca é definir quando se inicia a atuação do *princípio inteligente* na matéria.

O mentor Calderaro assim se expressa no livro *No mundo maior*, de André Luiz<sup>185</sup>: “A crisálida da consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório [...]”. Apesar de esse aspecto ainda ser discutido no meio espírita, pois não há uma ideia de consenso a respeito, Calderaro está sinalizando que essa atuação se faz no reino mineral, ou pelo menos se insinua nos minerais, pois, ao se valer da expressão “crisálida” (a fase de casulo do processo reprodutivo das borboletas), ele está se referindo, metaforicamente, à *potencialidade* que se manifesta, nos cristais, de atuação da consciência, que em última análise representa um dos atributos do *princípio inteligente*.

No entanto, não temos como imaginar qualquer mecanismo reencarnatório do *princípio inteligente* ao atuar nos cristais. A primeira informação que nos leva a admitir o processo reencarnatório em primórdios do processo evolutivo dos seres consta na obra *Evolução em dois mundos*, de André Luiz<sup>186</sup>:

Com o transcurso do evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar, a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e criaturas humanas, renovando-se continuamente, no corpo físico e no corpo espiritual [...].

Em relação a esse texto, desejo destacar três aspectos resultantes do meu entendimento a respeito do que se encontra nele contido, o que em absoluto não significa que essa minha leitura corresponda ao verdadeiro significado das informações transmitidas pelo autor espiritual.

A expressão “surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar” parece-me bem sugestiva de que cada célula corresponde

a um princípio inteligente, que assenhora um corpo espiritual e um corpo físico, conforme consta do texto. Essa verdadeira “colmeia” de células e de princípios inteligentes encontra-se sob a orientação de um princípio inteligente mais nobre, dos animais e das criaturas humanas, como também consta no texto.

Outro aspecto diz respeito à possibilidade de que cada célula corresponda a um corpo espiritual, ou seja, um perispírito rudimentar que faz sua ligação com o correspondente princípio inteligente. Gabriel Delanne<sup>187</sup>, no capítulo V de sua obra *A reencarnação*, faz comentários sobre o conteúdo de texto publicado por Ernesto Bozzano nos *Annales des Sciences Psychiques*, em agosto de 1905. Em face ao exposto por Bozzano, o autor considera como extremamente provável:

Os animais possuem uma forma fluídica que lhes permite desdobrar-se; esse perispírito animal persiste depois da morte, sob uma forma invisível (aos olhos físicos) que pode ser descrita pelos videntes; a materialização desse princípio, que individualiza a alma animal, foi por vezes observada nas sessões espíritas.

André Luiz, em *Evolução em dois mundos*<sup>188</sup>, faz alguma referência à existência do perispírito nos animais:

Nos peixes, os hemisférios cerebrais mostram-se ainda muito reduzidos, nos anfíbios avançam em progresso mais vasto [...], aprimorando-se, com mais segurança, em semelhante fase, na forma espiritual, o centro coronário do psicossoma futuro, a refletir-se na glândula pineal [...].

Uma coisa é certa, se estamos falando em reencarnação, temos de admitir que nesse processo se encontra a função do perispírito, necessariamente em

diferentes fases evolutivas, por ser o elemento intermediário entre o espírito e a matéria.

O último aspecto que desejo considerar relaciona-se à evidência de que esse princípio inteligente que atua a nível celular reencarna continuamente, mediante o processo pelo qual as células estão frequentemente se renovando, no corpo físico e no corpo espiritual, como refere o texto do autor espiritual.

**O mistério das borboletas monarca** – no contexto em foco, é muito interessante o caso da migração dessas borboletas, segundo relato do Dr. Décio Iandoli Jr.<sup>189</sup> em seu livro *A reencarnação como lei biológica*. Todos os anos, 100 a 140 milhões de borboletas monarca migram do Canadá e norte dos Estados Unidos para o México e para a Califórnia. As que vivem a leste das montanhas rochosas, nos Estados Unidos, migram para o México (Fig. 8.3), enquanto as que saem do Canadá migram para a Califórnia. Elas voam até 6 mil km, com média de 50 km/dia. Acontece que cada borboleta vive apenas 2 meses e, como consequência, a quarta geração ou até a quinta geração dessas borboletas é que chega ao destino de volta. Elas seguem a mesma rota e hibernam nas mesmas árvores.

Surge então o questionamento: de que maneira a memória a respeito de todos os detalhes do percurso da viagem e de seu destino passa da primeira geração das borboletas, que partiu do Canadá e do norte dos Estados Unidos, de geração em geração, até chegar à quarta geração?



Fig. 8.3 – Mapa demonstrativo de uma das rotas de migração das borboletas monarca

Levantadas várias hipóteses pelos cientistas, que não são conclusivas, não se pode descartar a possibilidade da reencarnação do mesmo *princípio inteligente* na sequência das quatro gerações, o que permitiria a transferência de memória de uma para outra.

## Por que e quando a reencarnação “saiu” do *canon* da Igreja Católica?

Segundo artigo do professor Vivaldo J. de Araújo<sup>190</sup>, até meados do século VI, todo o cristianismo aceitava a ideia da reencarnação, que aliás a cultura religiosa oriental proclamava milênios antes da era cristã. Aconteceu, porém, que o segundo Concílio de Constantinopla, realizado em 553 d.C., foi constrangido a acatar exigência do Império Bizantino no sentido de abolir da estrutura da Igreja o conceito de reencarnação. Por incrível que pareça, a justificativa para essa exigência é inconcebível! É que Teodora, esposa do famoso Imperador Justiniano, era sabidamente escravocrata desumana, muito preconceituosa e, com o tempo, passou a temer a possibilidade de retornar ao mundo, pela reencarnação, na pele de uma escrava negra. Por intermédio de seu esposo, o imperador, passou a fazer forte pressão sobre o papa da época, Virgílio, que segundo dados históricos subira ao poder por intermédio da criminosa intervenção do general Belisário, para quem os desejos de Teodora eram lei.

Em consequência, esse Concílio de Constantinopla resolveu rejeitar todo o pensamento de Orígenes de Alexandria<sup>191</sup>, um dos maiores teólogos que existiu, passando a condenar o princípio da reencarnação. O autor do artigo faz interessante paralelo a respeito do que aconteceu nesse Concílio, com “A Reunião dos Vaga-lumes”, conto narrado pelo ilustre filósofo e pensador cristão Huberto Rohden em seu livro *Alegorias*. Os pirilampos aclamaram a seguinte sentença, ditada por seu chefe D. Sapiência, em suntuoso trono dentro da mata, na calada da noite: “Não há nada mais luminoso que nossos faróis, por isso não passa de mentira essa história da existência do Sol, inventada pelos que pretendem diminuir o nosso valor fosforescente”.

O professor Araújo conclui comentando que os vaga-lumes, dizendo amém, amém, ao supremo chefe, continuaram a vagar nas trevas, com suas luzinhas mortíferas e talvez pensando: “se havia a tal coisa chamada Sol, deve agora ter morrido”. Lamenta que Teodora, ao invés de cuidar de sua reforma

íntima e praticar o bem para merecer um melhor destino no futuro, preferiu continuar na ilusão de se poder fugir da verdade pela simples modificação das leis terrenas.

## Reencarnação e literatura

É farta a literatura espírita sobre reencarnação, a começar por *O livro dos Espíritos*<sup>192</sup> (Livro Segundo, especialmente cap. IV), além de algumas publicações referidas neste capítulo, dentre outras. Na literatura acadêmica, é pioneiro no assunto, no contexto internacional, com abordagem científica, o livro *20 casos sugestivos de reencarnação*, do psiquiatra norte-americano Ian Stevenson<sup>193</sup> (1918-2007), publicado em 1966, sobre os fenômenos de recordação espontânea de informações sobre vidas anteriores de crianças e jovens. Ele chefiou a Divisão de Parapsicologia do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Virgínia e dedicou mais de 40 anos de sua vida pesquisando cerca de 2.600 casos sugestivos de reencarnação de crianças que em determinado momento passavam a dizer que eram outras pessoas, que haviam vivido em outros lugares, dando inúmeros detalhes, que foram, posteriormente, por ele confirmados.

Seus estudos acham-se divulgados em importante e volumosa publicação, com 2.300 páginas. Aventando várias hipóteses que pudessem explicar o fenômeno que estudou durante tantos anos, o Dr. Ian Stevenson<sup>194</sup> conclui como sendo a mais plausível, a da reencarnação. Acrescenta em seus comentários que “a mais importante consequência da aceitação da reencarnação como lei biológica é o estabelecimento da dualidade corporeamente, pois no conceito reencarnacionista, a mente não depende do corpo para existir”.

É surpreendente a constatação de como a ciência acadêmica vem confirmando, pelos caminhos que lhe são peculiares, o que a Doutrina Espírita revelou à humanidade há mais de 150 anos. De fato, além de reconhecer a validade da ideia reencarnacionista, Stevenson ainda concebeu a existência de um veículo da mente, a que chamou de:

“psychophore”, um intermediário não material que carregaria a individualidade, com todas as suas memórias e características, de uma

vida para outra; modelo que imprimiria no embrião ou feto, as marcas de nascença, malformações ou algum outro tipo de característica física trazida da vida anterior.

Seria desnecessário, se não fosse empolgante, lembrar a correspondência do *psychophore*, concebido pelo Dr. Stevenson, com o *perispírito* da Doutrina Espírita, com o *modelo organizador biológico* referido pelo nosso saudoso confrade Dr. Hernani Guimarães Andrade e, ainda, com os *campos mórficos* ou *morfogênicos* idealizados pelo biólogo britânico Rupert Sheldrake.

Temos muito orgulho, aqui no Brasil, do trabalho pioneiro do saudoso confrade Dr. Hernani Guimarães Andrade<sup>195</sup>, que documentou 75 casos sugestivos de reencarnação, apresentando robustas evidências de comprovação da ideia reencarnacionista. Em um de seus escritos, declara com convicção: “a reencarnação será, em breve, reconhecida como mais uma lei biológica, talvez a mais importante de todas!” Também é imperdível a leitura da obra *Palingênese, a grande lei*<sup>196</sup>, do saudoso mestre Dr. Jorge Andréa, em que são destacados aspectos importantes do fenômeno reencarnatório, como o do substrato energético da glândula pineal.

## **As primeiras reencarnações humanas na Terra**

Considera-se que nosso planeta se formou há 4 bilhões e 54 milhões de anos, tendo surgido a manifestação da vida há 3,5 bilhões de anos. Sobre isso, refere André Luiz<sup>197</sup> em seu livro *Evolução em dois mundos*:

Evidenciam-se desde então, as bactérias rudimentares [...] as algas pluricelulares [...] os equinodermos [...] e crustáceos [...] os ganoides e teleósteos [...] os arqueossauros e labirintodontes [...], os grandes lacertídeos e as aves estranhas [...] e os primeiros mamíferos [...]. Estagiando nos marsupiais e cetáceos [...] nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, equídeos,

canídeos, proboscídeos [...] antropoides inferiores [...] e pitecantropoides [...] a mônada vertida do Plano Espiritual para o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e da seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.

Emmanuel<sup>198</sup>, em sua significativa obra *A caminho da luz* traz informações sobre esse processo inicial de evolução dos seres:

Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo [...] os artistas da espiritualidade edificavam o mundo das células iniciando, nos dias primevos, a construção das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros. O ideal da beleza foi a sua preocupação dos primeiros momentos [...] As formas de todos os reinos da natureza terrestre foram estudadas e previstas [...] tudo obedecendo a um plano preestabelecido pela misericordiosa sabedoria do Cristo.

Impressionante a declaração de Emmanuel de que “o ideal da beleza foi a sua preocupação dos primeiros momentos (a dos artistas da espiritualidade), pois o poeta indiano Tagore, em uma de suas publicações, refere-se exatamente ao fato de que o ser humano somente conquistará os mais altos patamares de sua transcendência por meio da beleza! Eu estive muito pensativa a respeito disso e cheguei à conclusão de que a beleza, a que aludem Emmanuel e Tagore, implica em harmonia e equilíbrio, premissas de fato indispensáveis à conquista do nosso progresso espiritual.

Nesse contexto, vale lembrar a maravilhosa passagem de André Luiz<sup>199</sup>, em seu livro *No mundo maior*, em que ele e o mentor Calderaro solicitam o concurso de Cipriana – espírito angelical – para o atendimento de um caso obsessivo grave. Ela materializa-se, e André Luiz comenta:

Escoados alguns momentos, circundava-a refulgente halo [...] Estava formosa, radiante, qual se fora a materialização da Madona de Murilo, em milagrosa aparição [...]. Perante a sua personalidade transfigurada, quase me prostrei, tal a comoção daquele momento inesquecível.

No primeiro trecho dos dizeres de André Luiz, neste item relativo às primeiras encarnações humanas na Terra, note-se que ao final ele informa sobre o alcance das *faixas inaugurais da razão*, certamente aludindo ao esforço da criatura que estava se insinuando no período da humanidade, para a conquista de patamares evolutivos mais elevados.

Conforme comentei anteriormente<sup>200</sup>, surge o questionamento: se até então apenas existiam aqui animais, como os Espíritos humanos conseguiram suas primeiras encarnações em nosso planeta? Em *A gênese*<sup>201</sup>, encontramos preciosas informações a respeito, no texto que tem como título “Hipótese sobre a origem do corpo humano”. Como o Espiritismo tem a ciência como base de sua estrutura e a ciência trabalha com hipóteses, Kardec foi absolutamente metodológico ao fazer a abordagem do assunto sob esse ângulo:

Corpos de macacos podem muito bem ter servido de vestimentas aos primeiros espíritos humanos, necessariamente pouco adiantados, que tenham vindo encarnar na Terra [...]. Admitida essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nos detalhes [...]. Os corpos

aperfeiçoados, ao se procriarem, reproduziram-se nas mesmas condições, como acontece com as árvores enxertadas, e deram origem a uma nova espécie que, pouco a pouco se afastou do tipo primitivo, à medida que o espírito progredia. O espírito do macaco, o qual não foi aniquilado, continuou a procriar corpos de macaco para seu uso [...] e o espírito humano procriou corpos humanos, variantes do primeiro molde em que ele se estabeleceu [...]. Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram sobre a Terra pouco diferissem do macaco em sua forma exterior e, sem dúvida, também quanto à sua inteligência [...].<sup>202</sup>

Emmanuel<sup>203</sup>, em *A caminho da luz*, esclarece que os amigos espirituais promoveram modificações (certamente mutações genéticas) nos corpos dos macacos que serviram de “vestimentas” às primeiras encarnações humanas: “Extraordinárias experiências foram realizadas então pelos mensageiros do invisível, até fixarem no ‘primata’ os característicos aproximados do homem futuro”.

São impressionantes os textos de *A gênese*<sup>204</sup>, uma vez que a primeira edição desse livro data de 1868! Digo isso porque, atualmente, tanto a Antropologia quanto a Biologia confirmam plenamente o que acabamos de ler nessa obra da codificação espírita. Como exemplo, cito o trabalho do antropólogo brasileiro Professor Walter Neves, que em 2017 disponibilizou um curso *on-line* de 12 aulas sobre a Evolução Humana<sup>205</sup>, o qual recomendo como fonte esclarecedora de informações sobre o assunto. Esse material esclarece que “as diferentes espécies do gênero humano evoluíram do Australopithecus afarensis, espécie de macaco que viveu na África há 3,2 milhões de anos” (Fig. 8.4).



Fig. 8.4 – Imagem idealizada do *Australopithecus afarensis*, com recursos de computação gráfica, a partir da conformação morfológica de fósseis. Segundo estudos em Antropologia, dessa espécie de macaco – que viveu no Sul da África há 3,2 milhões de anos – teriam se originado as várias espécies do gênero humano

De início, eu me preocupei com a possibilidade de essas primeiras encarnações humanas em corpos de macacos corresponderem ao conceito de Metempsicose, que o Espiritismo não aceita (LE 612). Mas acabei entendendo que essa passagem evolutiva do *princípio inteligente* dos animais (no caso, macacos) para *Espírito humano* não se faz em um instante determinado, e sim representa um processo no qual se identificam espécies limítrofes, ainda com algumas características de macacos, e outras humanas. Estudo morfológico realizado em três esqueletos de *Australopithecus* (um adulto, AL 444-2, uma adulta, Lucy, e uma criança de 3 a 4 anos, o Bebê Dikika)<sup>206</sup> revelou que da cintura para cima eram tipicamente macacos, mas da cintura para baixo mostravam características humanas, como a disposição dos ossos das pernas e a conformação dos pés, favoráveis à postura ereta (Fig. 8.5).

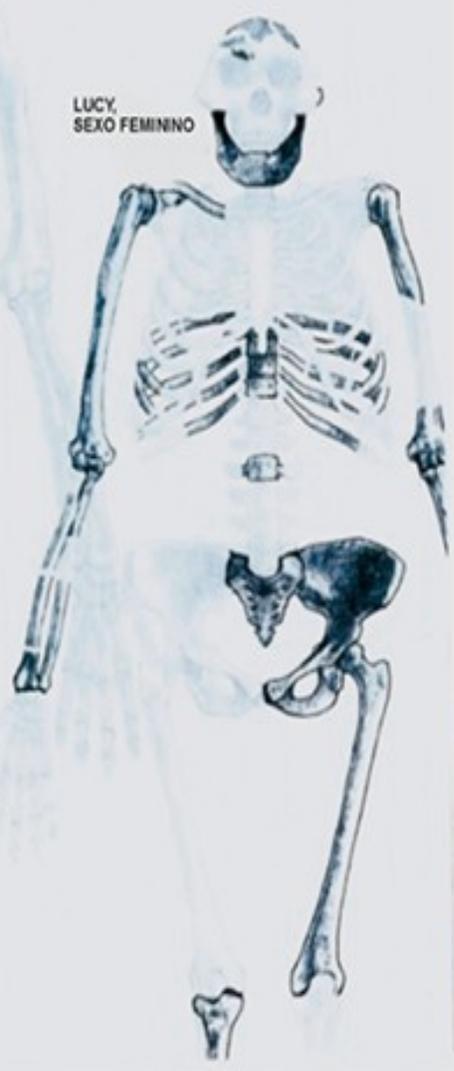
Em *O livro dos Espíritos* (item 849), Kardec<sup>207</sup> perguntou aos amigos espirituais que o assessoravam: “Qual é, no homem em estado primitivo, a faculdade dominante: o instinto ou o livre-arbítrio?” A resposta é esclarecedora em relação ao “processo” referido: “O instinto, o que não o impede de agir com inteira liberdade em certas coisas. Mas, como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se desenvolve com a Inteligência [...]”.

De fato, em várias citações em obras da codificação (LE 607b, LE 609, LE 611, LE 612 e GE XI. 23), lemos: “O espírito, entrando no período de humanidade [...]”. Isso nos leva a compreender que ele se encontra em fase de transição, “emergindo da animalidade primitiva para a espiritualidade humana”, como refere Calderaro em *No mundo maior*.<sup>208</sup>

AL 444-2,  
SEXO MASCULINO



LUCY,  
SEXO FEMININO



BEBÉ DIKKA,  
SEXO FEMININO



Fig. 8.5 – Figura dos três esqueletos de *Australopithecus* que serviram de base para estudo morfológico que mostrou possuírem características tipicamente de macacos, da cintura para cima, e características humanas da cintura para baixo

## A oportunidade da reencarnação

Em *O livro dos Espíritos*<sup>209</sup> (Livro Segundo, cap. IV, item 166) Kardec pergunta aos Espíritos: “A alma que não atingiu a perfeição durante a vida corpórea, como acaba de depurar-se?” Resposta: “Submetendo-se à prova de uma nova existência”. E assim, de reencarnação em reencarnação, as oportunidades de aperfeiçoamento se repetem, sem que atinemos, muitas vezes, para o real valor das experiências que a vida nos oferece. Na questão 182, o codificador esclarece:

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste aproxima-se da natureza espiritual. A matéria se torna menos densa [...] suas necessidades físicas são menos grosseiras [...]. A purificação dos Espíritos reflete-se na perfeição moral dos seres em que estão encarnados. As paixões animais se enfraquecem, o egoísmo dá lugar ao sentimento fraternal. É assim que nos mundos superiores ao nosso, as guerras são desconhecidas, os ódios e as discórdias não têm motivo, porque ninguém pensa em prejudicar o seu semelhante. A intuição do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos fazem que a morte não lhes cause nenhuma apreensão: eles a recebem sem medo e como uma simples transformação [...].

Assim, o Homem que desperta para a grandeza da criação – como refere Emmanuel<sup>210</sup> no final do capítulo 1 de seu livro *Roteiro* – segue com passos determinados em direção a um futuro promissor. Em texto quase poético, o filósofo e escritor Alírio Freire<sup>211</sup> assim se manifestou a respeito, em texto sobre a inteligência humana:

Talvez tenha ocorrido numa noite de rara beleza, repleta de estrelas, quando um astro cadente escrevia sua derradeira trajetória através de um inebriante rastro de luz no céu. Um observador anônimo pode ter se emocionado com aquele singelo momento e tenha tentado erguer o próprio corpo com a esperança de tocar a lua no firmamento. O que ele não imaginava era que aquele inocente gesto de esperança seria o responsável pela fantástica jornada que seus descendentes empreenderiam a partir de então.

---

- [177](#)-DELANNE, Gabriel. *A reencarnação*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1937.
- [178](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [179](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [180](#) STEVENSON, Ian. *Where reincarnation and biology intersect*. Westport: Praeger Publishers. 1997.
- [181](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [182](#) DELANNE, Gabriel. *A reencarnação*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1937.
- [183](#) MIRANDA, *A reencarnação na Bíblia...*
- [184](#) MIRANDA, *A reencarnação na Bíblia...*
- [185](#) LUIZ, André (Espírito). *A casa mental*. In: LUIZ, André (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.
- [186](#) LUIZ, André (Espírito). *Células e corpo espiritual*. In: LUIZ, André (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.
- [187](#) DELANNE, *A reencarnação...*
- [188](#) LUIZ, *Evolução e cérebro...*
- [189](#) IANDOLI JR., Décio. *A reencarnação como lei biológica*. São Paulo: FE Editora, 2004.
- [190](#) ARAÚJO, Vivaldo J. de. *Porque a reencarnação passou a ser condenada pela Igreja Católica*. [2015?]. Disponível em: <https://espírito.org.br/artigos/porque-reencarnacao-passou-condenada-igreja-catolica-3/>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- [191](#) Orígenes de Alexandria ou Orígenes de Cesareia ou Orígenes, o cristão (185-253) foi um teólogo, filósofo neoplatônico patristico, um dos padres gregos convicto defensor da reencarnação.
- [192](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [193](#) STEVENSON, Ian. *20 casos sugestivos de reencarnação*. Virginia: University Press of Virginia, 1966.
- [194](#) STEVENSON, *20 casos sugestivos de reencarnação...*
- [195](#) ANDRADE, Hernani Guimarães. *Reencarnação no Brasil*. Matão, SP: O Clarim, 1998.
- [196](#) SANTOS, Jorge Andréa dos. *Palingênese, a grande lei – reencarnação*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Sociedade Editora Espiritualista F. V. Lorenz, 1990.
- [197](#) LUIZ, André (Espírito). *Evolução e corpo espiritual*. In: LUIZ, André (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.
- [198](#) EMMANUEL (Espírito). *A vida organizada. As construções celulares*. In: EMMANUEL (Espírito). *A caminho da luz. História da civilização à luz do Espiritismo*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.
- [199](#) LUIZ, André (Espírito). *O poder do amor*. In: LUIZ, André (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.
- [200](#) PRADA, Irvênia L. S. *A questão espiritual dos animais*. 12. ed. São Paulo: FE Editora, 2018.
- [201](#) KARDEC, *Gênese espiritual...*
- [202](#) KARDEC, *Gênese espiritual...*
- [203](#) EMMANUEL (Espírito). *A vida organizada...*
- [204](#) KARDEC, *A gênese...*
- [205](#) NEVES, *A saga da humanidade...*
- [206](#) SLOAN, Christopher P. *A aurora da vida humana*. *National Geographic*, nov. 2006.
- [207](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [208](#) LUIZ, André (Espírito). *Estudando o cérebro...*
- [209](#) KARDEC, *O livro dos Espíritos...*
- [210](#) EMMANUEL (Espírito). *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1952.
- [211](#) FREIRE, Alírio. *A origem da inteligência humana*. 2002. Disponível em: <http://origemdainteligencia.blogspot.com/2008/02/origem-da-inteligencia-humana.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.







# Homagem a um pioneiro

Com muito orgulho (no bom sentido!) apresento a vocês meu avô Caetano de Santis, que construiu um dos centros espíritas mais antigos do Brasil e imprimiu em nossa família o exemplo de conduta de um Homem de bem (Fig. 9.1).

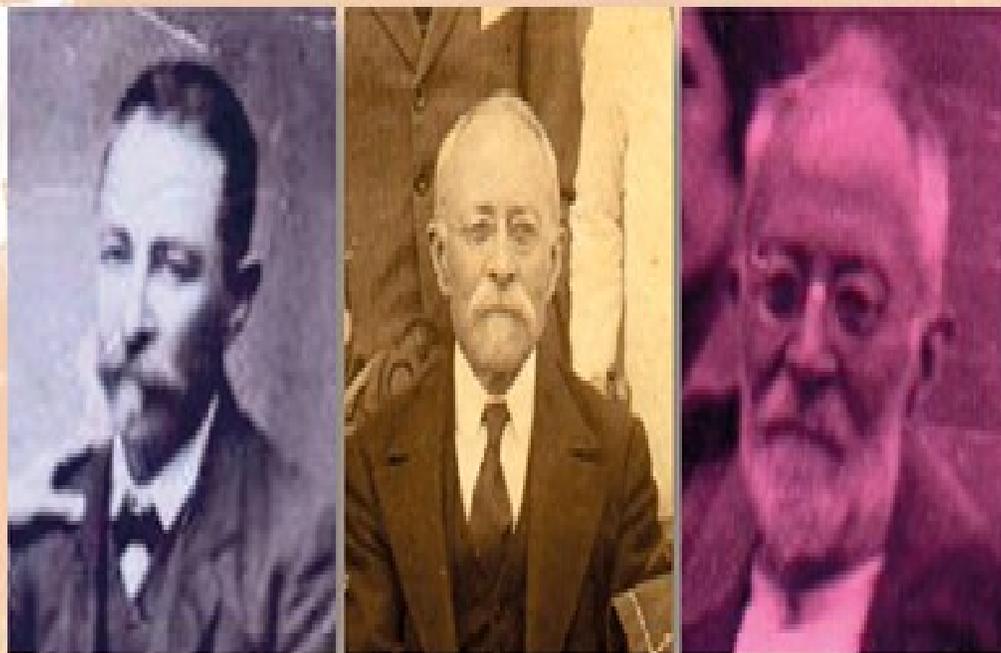


Fig. 9.1 – Caetano de Santis aos 30 anos, quando se casou; aos 61, três anos após ter fundado o centro espírita; e idoso, nos seus mais de 80 anos - Fonte: Acervo familiar da autora.

Ele nasceu em 25 de maio de 1859, na região de Amalfi, Sul da Itália, e veio para o Brasil em 1880, portanto, com 21 anos. Sua vinda foi autorizada pelo Rei Umberto Primo (Fig. 9.2), saindo da Itália em 25 de maio de 1880 e chegando no Rio de Janeiro no dia 5 de julho desse mesmo ano.

RIO DE JANEIRO



Grande do Reino Civil e Militar  
1880  
1900

IN NOME DI SUA MAESTÀ  
**UMBERTO I.**  
PER LAZIA DI DIO E PER VOLONTÀ DELLA NAZIONE  
**RE D'ITALIA**

Nome  
Cognome  
Professione  
Religione  
Ecc.

Il Ministro per gli Affari Esteri  
per le Autorità Civili e Militari di Sua Maestà  
della Città di Rio de Janeiro, in base ai documenti  
di Caetano Santos, si espone che...

Il presente Esposto relativo a *Volontades*  
di *Caetano Santos* per *viagem autorizada*  
entre *o Reino do Brasil*  
e *o Reino da Itália*  
é válido por um anno.

Do Rio de Janeiro  
do Ministro per gli Affari Esteri  
*[Signature]*  
Jan. 1880



Fig. 9.2 - "Passaporte" de Caetano de Santis, documento que corresponde a uma permissão de viagem autorizada pelo Rei Umberto Primo, da Itália, no ano de 1880

Fonte: Acervo familiar da autora.



Fig. 9.3 – Caetano e Philomena em seu casamento, em 1889, em Casa Branca-SP.

## **Sua vida no Brasil**

Meu avô começou a trabalhar na região de Itobi, São Paulo, minha terra natal, vendendo coisas pelas fazendas, em lombo de burro. Segundo minha tia Luzia, a caçula das mulheres, quando ele chegava nas fazendas e encontrava algum escravo no tronco, antes de oferecer sua mercadoria, ia conversar com o fazendeiro até convencê-lo a suspender o castigo.

Em 1889, casou-se com Philomena Borelli, nascida em 8 de dezembro de 1871, em Diamante, Itália (Fig. 9.3).

## **Um grave incidente e uma promessa**

Vamos avançar um pouco no tempo. Chegamos ao ano de 1911, e na pequena vila de Itobi morava o casal – Caetano de Santis e Philomena Borelli de Santis – com seus vários filhos, e Philomena está grávida novamente, da caçula das mulheres – minha tia Luzia. Ela sofreu acidentalmente um envenenamento e ficou entre a vida e a morte. Caetano, católico fervoroso, fez uma promessa de que se ela e a criança se salvassem, ele iria à Itália e de lá traria a imagem de uma santa do tamanho de sua esposa, o que, graças a Deus, acabou acontecendo. Ele acomodou a santa em sua casa, em altar feito especialmente para ela.

A Fig. 9.4 mostra a família de meus avós, Caetano e Philomena, em 1920.



Fig. 9.4 – Família de Caetano e Philomena no ano de 1920. Essa menina, Luzia, com 8 anos, é que, como feto, sobreviveu ao envenenamento. Meu pai, Renato de Santis, de terninho branco, tinha 14 anos - Fonte: Acervo familiar da autora.

À guisa de brincadeira entre familiares, sempre comentamos que talvez isso tenha conferido à nossa querida tia Luzia uma excepcional resistência, pois desencarnou com quase 105 anos!

## **Uma dor de cabeça mudou o rumo da história**

Passaram-se alguns anos, e como comerciante bem-sucedido, o Sr. Caetano tinha uma enorme loja de “Secos e Molhados” em Itobi e algumas casas de aluguel, inclusive em outra cidade – Vargem Grande do Sul. A cada dois meses, um senhor prestava-lhe conta dos aluguéis, mas certo dia, chegando à loja, sentiu falta da presença de minha avó Philomena, que reconhecidamente era muito simpática no trato para com os fregueses.

Meu avô disse que ela estava com sua famosa “dor de cabeça”, que sentia toda semana. O senhor, que era espírita, levou o nome de minha avó para colocá-lo em vibração, e com isso ela foi se sentindo melhor. Meu avô interessou-se em conhecer “como as coisas funcionavam” na casa espírita e passou a receber desse senhor alguns livros básicos da codificação. Meu avô sentiu-se maravilhado com o conteúdo dessas obras e acabou tornando-se espírita, o que motivou uma total reviravolta em sua vida e, conseqüentemente, na vida de toda a nossa família.

O que minha avó tinha era mediunidade sem tarefa! Havia consultado os mais renomados médicos de São Paulo, que não conseguiram aliviá-la de suas terríveis dores de cabeça. Ela acabou harmonizando-se no trabalho mediúnico, no que foi seguida por uma das filhas, minha saudosa tia Carmela (na Fig. 9.4, é a que está totalmente de branco).

## **Caetano de Santis como espírita**

Ao conhecer o Espiritismo e tornar-se convicto de seus princípios, meu avô doou a santa para a igreja e passou a fazer muita caridade, distribuindo bens a todos os necessitados que encontrava. Minhas tias contavam que passaram a comentar na cidade que ele não era mais tão rico porque havia “desprezado” a santa, ao doá-la para a igreja. Segundo comentários da cidade, essa santa depois foi doada pelo padre a uma das servidoras da

igreja. Minha tia Luzia tentou recuperá-la por motivos afetivos, mas jamais conseguiu.

O fato de meu avô ter tornado-se espírita e, ainda mais, haver “desprezado” a santa causou intensa revolta na cidade. Minhas tias contavam que as pessoas, em represália, davam-se ao trabalho de sair de suas casas cedo da manhã para jogar, a tempo, o conteúdo líquido e sólido dos pinicos (você sabem o que é?) nas portas da loja do meu avô. Ser espírita naquela época não era nada fácil...

## **A construção do centro espírita**

Com alguns amigos, meu avô construiu o Centro Espírita Luz e Caridade – Racional e Científico (Fig. 9.5), fundado em 20 de outubro de 1917, tendo sido registrado em 12 de agosto de 1918, à folha n. 6 do Livro 1, Provisório sob n. 11, na Comarca de Casa Branca-SP.



Fig. 9.5 – Foto do centro espírita fundado por Caetano de Santis e amigos

A entidade foi fundada com o nome de “Grupo Espírita Luz e Caridade”, mas nos papéis que tenho consultado consta por vezes essa denominação e, outras vezes, lê-se “Centro Espírita Luz e Caridade”.

A primeira diretoria, após seu registro, ficou assim constituída:

Presidente – Caetano de Santis (58 anos).

Vice-presidente – Marino Pioltini (28 anos).

1º Secretário – João Ferreira do Carmo.

2º Secretário – José Del Mastro.

Procurador – Attilio Pioltini (20 anos).

Zelador bibliotecário – André de Santis (18 anos).

Tesoureiro – Angelina de Santis (16 anos).

## **Quem eram essas pessoas**

Caetano de Santis – meu avô paterno; nascido em Amalfi, no Sul da Itália, em 25 de maio de 1859. Portanto, ao ser criado o Centro Espírita, ele tinha 58 anos.

– Marino Pioltini – membro da família Pioltini, na ocasião com 28 anos, com descendentes que até hoje moram em Itobi e atualmente cuidam do Centro Espírita.

– João Ferreira do Carmo – era considerado médium de grandes possibilidades, com atuação importante na casa espírita.

– José Del Mastro – também responsável pelo Correio de Itobi na época.

– Attilio Pioltini – pai da sra. Amália Pioltini e sra. Maria José Pioltini Vieira, que atualmente se responsabilizam pelo Centro Espírita. Em 1917, o sr. Attilio tinha 20 anos.

– André de Santis – meu tio, filho de Caetano e Philomena. Em 1917, tinha 18 anos.

– Angelina de Santis – minha tia, também filha de Caetano e Philomena. Em 1917, tinha 16 anos.



Fig. 9.6 – Membros da primeira diretoria do Centro Espírita Luz e Caridade. Da esquerda para a direita: Caetano de Santis, Attilio Pioltini, André de Santis e Angelina de Santis. A última foto é de Vergílio Pioltini – avô da sra. Amália –, que trabalhou como pedreiro na construção do centro espírita - Fonte: Acervo familiar da autora.

## **Estatutos nota 10!**

Menos de um ano após o registro do Centro Espírita, foram elaborados seus Estatutos (Fig. 9.7), devidamente registrados na Comarca de Casa Branca, em 12 de agosto de 1918.

**ESTATUTOS**  
— DO —  
**GRUPO ESPIRITA**  
**“LUZ E CARIDADE”**

Racional e Científico

— ITOBY —  
ESTADO DE SÃO PAULO



SÃO PAULO  
Estab. Graph. Dranger  
— 1915 —

Fig. 9.7 – Estatutos do Grupo Espirita Luz e Caridade, registrados na Comarca de Casa Branca - Fonte: Acervo familiar da autora.

Constam nesses Estatutos, entre outros, os seguintes dizeres:

Capítulo I, Art. 1º. – Do Grupo e seus fins – O Grupo Espírita Luz e Caridade, fundado nesta Villa de Itoby, Estado de São Paulo, aos 20 de outubro de 1917, é uma aggremação constituída para a unificação das idéias, a propaganda da doutrina Espírita e para o estudo das sciencias psychológicas, tendo um número limitado de sócios, de todas as classes e nacionalidades.

Capítulo I, Art. 2º. – Partindo dos princípios da solidariedade, de orientação das associações coirmãs, o Grupo “Luz e Caridade” procurará fazer a diffusão da luz, quer pela palavra, quer pela escripta e em outros meios, esforçando-se, sobre tudo, em estudos por meio de exemplos, e tendo como elemento principal de ensino, a moral cristã: Prestar a Caridade por todos os meios moraes e materiaes ao seu alcance.<sup>212</sup>

Impressiona-nos o discernimento que tiveram na elaboração dos Estatutos, dos quais constam aspectos fundamentais do alicerce da Doutrina Espírita, como a *unificação das ideias* (tão defendida pelo Dr. Bezerra); a *propaganda da doutrina Espírita e a difusão da luz* (que Emmanuel valoriza como sendo a maior forma de caridade, pois liberta as consciências); o *estudo das ciências psicológicas* (aludindo à estrutura de ciência do Espiritismo); os *estudos por meio de exemplos* (o que motiva a reforma íntima de cada um), tendo como elemento principal de ensino a *moral cristã* (de fato, a moral como exercício do bem comum representa o objetivo final da Doutrina Espírita – LE 629); e, finalmente, *prestar a caridade por todos os meios morais e materiais ao seu alcance*.

Tudo isso além do próprio título da casa espírita – Grupo Espírita Luz e Caridade. Racional e Científico! Isso mostra que haviam entendido a característica fundamental da estrutura da Doutrina Espírita

Absolutamente admirável!

## Fundação do Abrigo Padre Vitor

Além da construção do Centro Espírita, com auxílio dos companheiros mencionados e que compuseram a primeira diretoria, meu avô construiu com eles também o Abrigo Padre Vitor (Fig. 9.8), inaugurado em 15 de maio de 1929, recebendo ajuda das famílias de obsidiados que foram curados no Grupo Espírita Luz e Caridade.



Fig. 9.8 – Fotos atuais do Abrigo Padre Vitor - Fonte: Acervo familiar da autora.

**Por que o nome de Padre Vitor?** Como é do conhecimento popular e divulgado pela Internet, Francisco de Paula Victor nasceu na cidade de Campanha-MG em 12 de abril de 1827 e foi batizado em 20 de abril do mesmo ano. Era filho da escrava Lourença Maria de Jesus. Em 1848, D. António Ferreira Viçoso, bispo de Mariana-MG, visitou a cidade de

Campanha, onde foi procurado pelo então alfaiate Francisco de Paula Victor, que lhe manifestou a vontade de seguir a vida religiosa. Assim, em 5 de junho de 1849, Francisco entrou para o seminário na cidade de Mariana. Em 14 de junho de 1851, foi ordenado padre e regressou à sua cidade natal (Fig. 9.9).



Fig. 9.9 – Figura de Padre Victor, reconhecido no Centro Espírita Luz e Caridade como Espírito protetor e orientador, a quem recorriam em suas preces e que acabou nomeando o Abrigo anexo ao centro

Em 14 de junho de 1852, padre Francisco de Paula Victor foi transferido para a cidade de Três Pontas, onde começou seus trabalhos sociais. Foi ali pároco durante 53 anos, até a data de sua morte. Sua dedicação e suas virtudes fizeram-no admirado por todos, pois assumiu a direção da paróquia com zelo e carinho, colocando-se sempre acima de todas as críticas. Procurou catequizar e instruir seu povo, criando a escola Sagrada Família. Por lá passaram brasileiros de grande projeção social: D. João de Almeida Ferrão, primeiro bispo de Campanha-MG, e Cônego José Maria Rabello, que foi seu coadjutor em Três Pontas. O padre Francisco de Paula Victor instruiu muitos filhos de famílias humildes, fazendo deles grandes homens de cultura, que passaram a viver da inteligência nas mais variadas profissões.

Ele pregou, pelo exemplo, a fé, a esperança, a fortaleza, a prudência, a justiça, a obediência, a castidade, a temperança, a humildade e, sobretudo, a caridade. Amava a Deus na pessoa do seu semelhante, de modo especial nos mais pobres. Os paroquianos, nas suas necessidades, recorriam a ele. Padre Victor vivia de esmolas e doava esmolas.

Como o município de Itobi fica próximo do Sul de Minas Gerais, a “fama” de Padre Victor havia chegado lá, sendo que no contexto do Centro Espírita ele era reconhecido como Espírito protetor, a quem recorriam em suas preces.

**O papel do Abrigo Padre Victor** – nos modestos quartos desse abrigo moravam pessoas obsidiadas vindas, por vezes, de lugares longínquos, para tratamento, e eu me lembro, desde tenra infância, do medo que sentia quando passava por lá, pois embora sem saber exatamente do que se tratava, sabia que ali tinha “alguma coisa” diferente.

Esse abrigo ficou famoso na região. Meu pai, Renato de Santis, contava emocionantes histórias dos casos que eram atendidos no centro e no abrigo. Pena que não me venha à memória agora o conteúdo dessas histórias, mas em um dos escritos deixados por meu pai, ele se refere a um livro em que foram registradas, segundo ele:

[...] histórias iniludíveis, as mais reais e comoventes, que levaram para além das divisas do nosso Estado, a imagem de nossa pequena Itobi, pelos braços abençoados do nosso recanto de caridade, o

“Abrigo Padre Vitor” e do nosso templo de orações, o “Centro Espírita Luz e Caridade”.

Não é preciso dizer que estou fazendo todos os esforços possíveis para encontrar esse livro, que até agora não apareceu!

## O contexto espírita da época – breve resumo

Eu sempre fiquei curiosa em tentar inserir a fundação do Centro Espírita lá em Itobi, em 1917, no contexto do movimento espírita da época no Brasil. O que estaria acontecendo naquele tempo quanto à difusão da Doutrina Espírita? O que se conhecia a respeito? Em resumo, podemos “pinçar” alguns dados importantes:

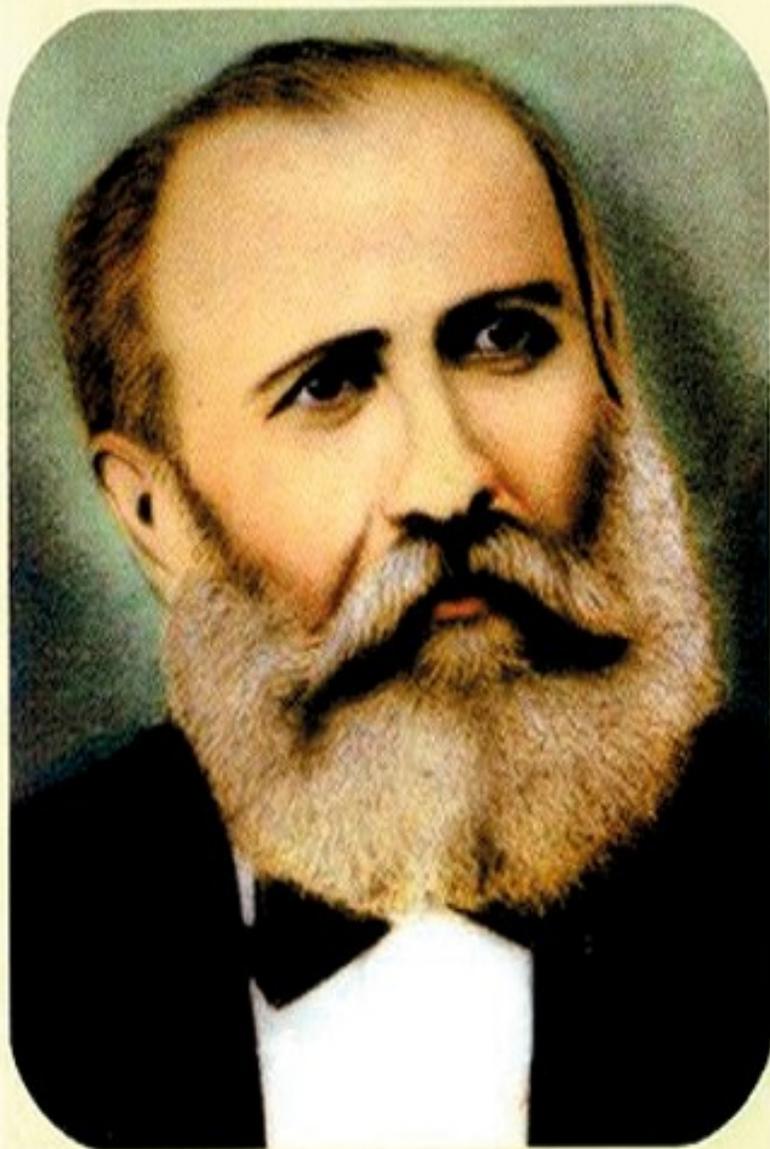
**1865** (8 anos após o surgimento do Espiritismo na França) – segundo literatura consultada<sup>213</sup>, a figura de destaque no Brasil é o Sr. Luís Olympio Teles de Menezes, jornalista e escritor:

- Fundou o primeiro centro espírita do Brasil, o Grupo Familiar de Espiritismo, em Salvador, Bahia.
- Nesse centro foi realizada a primeira sessão espírita no Brasil.
- Aí foi recebida a primeira página psicografada, assinada por Anjo Brasil.
- O Sr. Luís Olympio Teles de Menezes publicou *O Echo D’Além-Túmulo – monitor do Espiritismo no Brasil*, considerado o primeiro jornal espírita do Brasil. Em 1969, conforme a literatura consultada<sup>214</sup>, foi lançado selo comemorativo do “Centenário da Imprensa Espírita no Brasil”, em homenagem ao seu fundador – o jornalista Luis Olympio Teles de Menezes (Fig. 9.10).



Fig. 9.10 – Selo comemorativo do centenário da Imprensa Espírita no Brasil, em 1969, em homenagem ao Sr. Luis Olympio Teles de Menezes

**BEZERRA DE MENEZES**



**O Apóstolo da União e da Unificação**

**1873** – no Rio de Janeiro, foi fundada a Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio, cuja finalidade era a de traduzir as obras de Allan Kardec e de divulgar a homeopatia. O Dr. Joaquim Carlos Travassos traduziu *O livro dos Espíritos* e ofereceu um exemplar a seu colega médico, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, que, embora lendo-o pela primeira vez, não encontrava nele nada que fosse estranho ao seu Espírito, ou seja, sentiu que o conteúdo desse livro lhe era familiar. De fato, o Dr. Bezerra de Menezes (1831-1900), nascido no Ceará, viera preparado para a tarefa missionária no Brasil (Fig. 9.11). Sua missão foi relatada pelo Espírito Humberto de Campos<sup>215</sup> no livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, em que lemos: “Descerás às lutas terrestres com o objetivo de concentrar as nossas energias no país do Cruzeiro [...]”.

**1883** – foi criado o periódico *O Reformador*, por iniciativa e às expensas do Sr. Augusto Elias da Silva, fotógrafo português radicado no Brasil.

**1884** – para tentar congregar tantas forças dispersas, o Sr. Elias da Silva reuniu em sua casa um grupo de dirigentes e fundou, no dia 1º de janeiro de 1884, a Federação Espírita Brasileira (FEB), tendo como primeiro presidente o Sr. Ewerton Quadros, passando a revista *O Reformador* (“órgão evolucionista”), a ser seu veículo oficial de divulgação.

**1889** – Proclamação da República. Nesse ano, o Dr. Bezerra tornou-se presidente da FEB.

**1890** – O Código Penal da República, em seu Art. 157, estabelecia: “É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios [...]. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100\$000 a 500\$000”.

**1895** – Dr. Bezerra reassumiu a Presidência da FEB até seu desencarne em 1900. Trabalhou contra as imposições do Código Penal.

**1904** – circulavam no país 19 periódicos dedicados ao Espiritismo. Em Minas Gerais, destacava-se a figura notável de Eurípedes Barsanulfo.

**1905** – Em Matão-SP, Cairbar Schutel fundou o Centro Espírita e o Jornal *O Clarim*, que persistem até hoje.

**1915** – Em Salvador, Bahia, surgiu a Federação Espírita do Estado da Bahia.

**1926** – Em Minas Gerais, a médium Yvonne do Amaral Pereira frequentava o Centro Espírita de Lavras, começando a receber, por

intermédio de sua extraordinária mediunidade, mensagens de Espíritos de suicidas.

**1927** – ocorreu a primeira sessão espírita na residência dos Xavier, em Pedro Leopoldo, que daria origem ao Centro Espírita Luiz Gonzaga, presidido por José Cândido Xavier, irmão do médium Francisco Cândido Xavier.

## **O Centro Espírita Luz e Caridade no contexto espírita da época**

Em 1917, quando foi fundado o Centro Espírita Luz e Caridade, o Espiritismo no Brasil já se mostrava promissor, o que não o isentava da vivência de dificuldades, resistências e perseguições.

Basta lembrar que, desde 1890, o Código Penal da República afirmava ser crime praticar o Espiritismo. Para início de análise, é evidente que não se entendia o verdadeiro significado do Espiritismo e seus nobres objetivos, uma vez que era colocado no mesmo contexto da “magia e seus sortilégios”, com consequência punitiva de prisão e multa! Ressalte-se que um dos grandes esforços do Dr. Bezerra, enquanto presidente de FEB pela segunda vez (1895 a 1900), foi o de lutar contra as imposições desse Código Penal.

De 1904 em diante, as coisas melhoram bem, com o desempenho notável de vários idealistas, entre eles Eurípedes Barsanulfo em Minas Gerais e Cairbar Schutel no interior do estado de São Paulo. Em 1926, começaram os trabalhos impressionantes da médium Yvonne Pereira e, em 1927, criou-se, em Pedro Leopoldo-MG, o Centro Espírita Luiz Gonzaga, no contexto da Família Xavier, de onde emergiu o incomparável trabalho resultante da mediunidade ímpar de Francisco Cândido Xavier, nosso saudoso Chico.

## **Os descendentes de Caetano e Philomena agradecem**

Todos nós da família de Santis, que seguimos nossos passos na abençoada trilha da Doutrina Espírita, somos eternamente gratos ao meu avô Caetano de Santis e seus amigos e à minha avó Philomena Borelli de Santis, pelo caminho que abriram à nossa frente e nos ofereceram para trilhar.

Eu cresci vendo meu pai, Renato de Santis, meu tio André de Santis e, por vezes, minha tia Carmela de Santis (que por um tempo morou fora), assim como outros espíritas amigos, dedicarem-se de corpo e alma a trabalhos meritórios no Centro Espírita e no Abrigo. Na minha infância e adolescência – final dos anos 1940 e 1950 –, existia a poucos quilômetros de nossa cidade um leprosário (chamava-se assim mesmo), local onde ficavam internados e reclusos pacientes hansenianos, sendo que muitas de suas famílias, sempre as mais pobres, moravam em Itobi.

Meu pai, meu tio André e seus confrades do Centro Espírita Luz e Caridade prestavam assistência a essas pessoas, sempre com muito respeito e benevolência. Lembro-me de uma vez, quando eu tinha 14 anos e estava com outras crianças nadando no rio (em Itobi ainda não havia piscinas) e meu pai foi me chamar para ir ao enterro de uma criança “lá dos leprosos”. Eu resisti, de início, dizendo que eu nem os conhecia, nem sabia quem era essa criança, mas meu pai insistiu para que eu e minha irmã fôssemos acompanhar o sepultamento daquele “anjinho” desconhecido e discriminado. Aos 14 anos eu resisti, mas “tive de ir”. Hoje, entendo perfeitamente a atitude do meu pai, em respeito a uma família que vivia a desventura de ter um dos seus em reclusão social, pois naquele tempo não havia tratamento para essa afecção, o que depois acabou acontecendo, pela misericórdia de Deus. Portanto, foram muitos os exemplos que tivemos de exercício da caridade e da verdadeira fraternidade!

Os “de Santis” da minha geração acabaram saindo de Itobi e, na sequência, alguns integrantes da família Pioltini, também fundadora do Centro Espírita e do Abrigo, juntamente com amigos da cidade, continuaram e continuam, até hoje, o trabalho dos pioneiros, inclusive organizando, em 2017, o evento comemorativo dos 100 anos do Grupo Espírita, conforme Fig. 9.12, a seguir.

Todos declaramos nossa eterna gratidão em tributo ao ideal e trabalho dos pioneiros na implantação do Espiritismo em nossa pequena Itobi e, mais do que isso, na consciência de todos nós que tivemos o privilégio dessa vivência.

Que Jesus os abençoe e a nós também!



# 100 anos

Grupo Espírita Luz e Caridade

## 1ª Semana Espírita de Itobi

15 a 21  
de  
Outubro  
de 2017

DATA	HORA	PALESTRANTE	TEMA
15 OUTUBRO Domingo	10:00	Dra. Irenia de S. Prada	<i>Papel da casa espírita</i>
16 OUTUBRO Segunda	19:30	Fábio Fadel	<i>Mestre Jesus</i>
17 OUTUBRO Terça	19:30	Allan Wilches	<i>Família</i>
18 OUTUBRO Quarta	19:30	Dr. Wladimir Massaro	<i>Convívio na casa espírita</i>
19 OUTUBRO Quinta	19:30	Luis Françoso	<i>Transição planetária</i>
20 OUTUBRO Sexta	19:30	Prof. Márcio Correa	<i>Amor ao próximo</i>
21 OUTUBRO Sábado	15:00	Prof. Vergílio Pioline	<i>Ação e Reação</i>

Rua Antonio Luiz Pires, 583 – Itobi – SP  
<https://www.facebook.com/Celcitobi/>

**ENTRADA FRANCA**

Fonte: A autora (2019).

---

[212](#) Manteve-se a escrita original.

[213](#) WANTUIL, Z. *As mesas girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

[214](#) BARBOSA, P. F. *Espiritismo básico*. 3. ed. Brasília: FEB, 1987; LARA, Eugênio. *História ilustrada do Espiritismo no Brasil*. Santos: CPDoc, 2002.

[215](#) CAMPOS, Humberto de (Espírito). *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1938.



ANDRADE, Hernani Guimarães. *Reencarnação no Brasil*. Matão, SP: O Clarim, 1998.

ARAÚJO, Vivaldo J. de. *Porque a reencarnação passou a ser condenada pela Igreja Católica*. [2015?]. Disponível em: <https://espirito.org.br/artigos/porque-reencarnacao-passou-condenada-igreja-catolica-3/>. Acesso em: 30 mar. 2019.

ASCENSO, J. Evidências da neurociência cognitiva provam a tese de Calderaro proposta no livro *No mundo maior*, de André Luiz. *Saúde da Alma*, p. 34-35, ago.-set. 2010. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0001436975f271feb4026>. Acesso em: 10 mar. 2019.

BARBOSA, P. F. *Espiritismo básico*. 3. ed. Brasília: FEB, 1987.

BASTOS JR., Marco Aurélio Vinhas. *Melatonina e catecolaminas plasmáticas, atividade elétrica cerebral e atividade autonômica cardíaca durante experiências anômalas em um contexto religioso*. 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

BEAUREGARD M.; PAQUETTE, V. Neural correlates of a mystical experience in Carmelite nuns. *Neuroscience Letters*, v. 405, n. 3, p. 186-190, 2006. Doi: 10.1016/j.neulet.2006.06.060.

BIBLIOTECA CIENTÍFICA LIFE. *A mente*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

CAMPOS, Humberto de (Espírito). *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1938.

CEARENSE, Catulo da Paixão. *Flor de maracujá*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/cpaixao.html#flor>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CELTAS. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>. Acesso em: 4 mar. 2019.

DELANNE, Gabriel. *A reencarnação*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1937.

DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1992.

\_\_\_\_\_. O episódio de Hydesville. In: DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1992.

\_\_\_\_\_. O profeta da nova revelação. In: DOYLE, Arthur Conan. *A história do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 1992.

EMMANUEL (Espírito). *A caminho da luz. História da civilização à luz do Espiritismo*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

\_\_\_\_\_. A gênese planetária. In: EMMANUEL (Espírito). *A caminho da luz. História da civilização à luz do Espiritismo*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

\_\_\_\_\_. A vida organizada. As construções celulares. In: EMMANUEL (Espírito). *A caminho da luz. História da civilização à luz do Espiritismo*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1939.

\_\_\_\_\_. *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 28. ed. Brasília: FEB, 2013.

\_\_\_\_\_. O Homem ante a vida. In: EMMANUEL (Espírito). *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: LUIZ, André (Espírito). *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro:

FEB, 1959.

\_\_\_\_\_. *Roteiro*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1952.

FREIRE, Alírio. *A origem da inteligência humana*. 2002. Disponível em: <http://origemdainteligencia.blogspot.com/2008/02/origem-da-inteligencia-humana.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

IANDOLI JR., Décio. *A reencarnação como lei biológica*. São Paulo: FE Editora, 2004.

KARDEC, Allan. A fé transporta montanhas. *In: KARDEC, Allan. O evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de José Herculano Pires. 14. ed. São Paulo: EDICEL, 1981.

\_\_\_\_\_. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

\_\_\_\_\_. A minha primeira iniciação no Espiritismo. *In: KARDEC, Allan. Obras póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

\_\_\_\_\_. A segunda vista. *In: KARDEC, Allan. Obras póstumas*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

\_\_\_\_\_. Caracteres da revelação espírita. *In: KARDEC, Allan. A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

\_\_\_\_\_. Da proibição de evocar os mortos. *In: KARDEC, Allan. O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 34. ed. Brasília: FEB, 1987.

\_\_\_\_\_. Das contradições e das mistificações. *In: KARDEC, Allan. O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.

\_\_\_\_\_. Do método. *In: KARDEC, Allan. O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.

\_\_\_\_\_. Dos médiuns. *In: KARDEC, Allan. O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.

\_\_\_\_\_. Gênese espiritual – hipótese sobre a origem do corpo humano. *In:* KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

\_\_\_\_\_. Histórico do Espiritismo. *In:* KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.

\_\_\_\_\_. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.

\_\_\_\_\_. *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*. 12. ed. Matão, SP: O Clarim, 1978.

\_\_\_\_\_. Introdução ao estudo da Doutrina Espírita. *In:* KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. Tradução de Herculano José Pires. 50. ed. São Paulo: LAKE, 1991.

\_\_\_\_\_. O cético – oposição da ciência. *In:* KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.

\_\_\_\_\_. *O céu e o inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 34. ed. Brasília: FEB, 1987.

\_\_\_\_\_. O Espiritismo em sua mais simples expressão. *In:* KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.

\_\_\_\_\_. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de José Herculano Pires. 14. ed. São Paulo: EDICEL, 1981.

\_\_\_\_\_. *O livro dos Espíritos*. Tradução de José Herculano Pires. 50. ed. São Paulo: LAKE, 1991.

\_\_\_\_\_. *O livro dos Espíritos*. Tradução de Wladimir Sanchez e Claudine T. Carneiro. São Paulo: IPECE, 2004.

\_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.

\_\_\_\_\_. *O primeiro livro dos Espíritos*. Tradução de Canuto de Abreu. São Paulo: Cia. Editora Ismael, 1957.

\_\_\_\_\_. O que é o Espiritismo. In: KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.

\_\_\_\_\_. *Obras póstumas*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1944.

\_\_\_\_\_. Os fluidos. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

\_\_\_\_\_. Os milagres do Evangelho. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

\_\_\_\_\_. Preâmbulo. In: KARDEC, Allan. *Iniciação espírita*. Tradução de Joaquim da Silva Sampaio Lobo e Cairbar Schutel. São Paulo: EDICEL, 1977.

\_\_\_\_\_. Psicografia. In: KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução de José Herculano Pires. 2. ed. São Paulo: FEESP, 1989.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano I, n. 1. São Paulo: EDICEL, 1950.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano XII, n. 5, p. 184-225, maio de 1869. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1869.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano V, n. 4, p. 141-181, abril de 1862. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano II, n. 7, p. 255-295, julho de 1859. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1859.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, ano II, n. 5, p. 171-253, maio de 1859. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1859.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. *Sede perfeitos*. In: KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de José Herculano Pires. 14. ed. São Paulo: EDICEL, 1981.

\_\_\_\_\_. *Sinais dos tempos*. In: KARDEC, Allan. *A gênese – os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 3. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2010.

LARA, Eugênio. *História ilustrada do Espiritismo no Brasil*. Santos: CPDoc, 2002.

LUCCHETTI, G.; DAHER Jr., JC.; IANDOLI Jr., D. *et al.* Historical and cultural aspects of the pineal gland: comparison between the theories provided by Spiritism in the 1940s and the current scientific evidence. *Neuroendocrinology Letters*, v. 34, n. 8, p. 745-755, 2013.

LUIZ, André (Espírito). *A casa mental*. In: LUIZ, André (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.

\_\_\_\_\_. *A Epífise*. In: LUIZ, André (Espírito). *Missionários da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

\_\_\_\_\_. *Alma e fluidos*. In: LUIZ, André (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Células e corpo espiritual*. In: LUIZ, André (Espírito). *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Entre a terra e o céu*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

\_\_\_\_\_. *Estudando o cérebro*. In: LUIZ, André (Espírito). *No mundo maior*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.

\_\_\_\_\_. *Evolução e cérebro. In: LUIZ, André (Espírito). Evolução em dois mundos.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Evolução e corpo espiritual. In: LUIZ, André (Espírito). Evolução em dois mundos.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Evolução em dois mundos.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.

\_\_\_\_\_. *Libertação.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1971.

\_\_\_\_\_. *Mecanismos da mediunidade.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Rio de Janeiro: FEB, 1959.

\_\_\_\_\_. *Missionários da luz.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1945.

\_\_\_\_\_. *No mundo maior.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.

\_\_\_\_\_. *Nos domínios da mediunidade.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1955.

\_\_\_\_\_. *O poder do amor. In: LUIZ, André (Espírito). No mundo maior.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília: FEB, 1984.

\_\_\_\_\_. *Palavra e responsabilidade. In: LUIZ, André (Espírito). Evolução em dois mundos.* Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Brasília: FEB, 1999.

MAINIERI, Alessandra Ghinato; PERES, Julio; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; MATHIAK, Klaus; HABEL, Ute; KOHN, Nils. Neural Correlates of psychotic-like experiences during spiritual-trance state. *Psychiatry Research Neuroimaging*, v. 266, p. 101-107, 2017. Doi: 10.1016/j.pscychresns.2017.06.006.

MIRANDA, Hermínio C. *A reencarnação na Bíblia.* São Paulo: Pensamento, 2017.

\_\_\_\_\_. *Reencarnação e imortalidade.* 2. ed. Brasília: FEB, 1975.

\_\_\_\_\_. *Diversidade dos carismas. Teoria e prática da mediunidade*. Niterói, RJ: Arte & Cultura, 1999.

\_\_\_\_\_. *Origines et Histoire des Religions*. Payot: Paris, 1951.

NEVES, Walter. *A saga da humanidade*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?reload=9&v=xT3oBWXPYI>. Acesso em: 10 out. 2018.

NEWBERG, A. B.; WINTERING, N.; WALDMAN, M. R.; AMEN, D.; KHALSA, D. S.; ALAVI, A. Cerebral blood flow differences between long-term meditators and non-meditators. *Consciousness and Cognition*, v. 19, n. 4, p. 899-905, 2010. Doi: 10.1016/j.concog.2010.05.003.

PADRE GERMANO (Espírito). *Memórias do Padre Germano*. Registradas por Amália Domingo Soler. Tradução de Manuel J. Quintão. Rio de Janeiro: FEB, 1909.

PARÁCLITO. In: DICIONÁRIO Aulete Digital. [2019?]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/paracleto>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PERES, Julio Fernando; MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; CAIXETA, Leonardo; LEAO, Frederico; NEWBERG, Andrew. Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation. *PLOS ONE*, v. 7, p. e49360. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0049360>.

PERT, Candace; MARRIOTT, Nancy. *Conexão mente, corpo, espírito*. São Paulo: ProLíbera Editora, 2009.

PIRES, José Herculano. Antecipações doutrinárias. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.

\_\_\_\_\_. Horizonte espiritual: mediunidade positiva. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.

\_\_\_\_\_. Horizonte tribal e mediunismo primitivo. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.

\_\_\_\_\_. Introdução ao livro dos Espíritos. In: KARDEC, Allan. *O livro dos Espíritos*. São Paulo: LAKE, 1957.

\_\_\_\_\_. Introdução e revisão doutrinária. In: LUCE, Gaston. *Léon Denis: vida e obra*. 2. ed. São Paulo: EDICEL, 1978.

\_\_\_\_\_. *Mediunidade: vida e comunicação – conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. São Paulo: EDICEL, 1978.

\_\_\_\_\_. Mediunismo e Espiritismo. In: PIRES, José Herculano. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Espírito e o tempo. Introdução antropológica ao Espiritismo*. 5. ed. São Paulo: EDICEL, 1987.

PRADA, Irvênia L. S. *A alma dos animais*. Matão, SP: O Clarim, 2018.

\_\_\_\_\_. *A questão espiritual dos animais*. 12. ed. São Paulo: FE Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. Filogenia do sistema nervoso. In: PRADA, Irvênia L. S. *Neuroanatomia funcional em medicina veterinária. Com correlações clínicas*. Jaboticabal: Editora Terra Molhada, 2014.

\_\_\_\_\_. *Neuroanatomia funcional em medicina veterinária. Com correlações clínicas*. Jaboticabal: Editora Terra Molhada, 2014.

\_\_\_\_\_. Os tradutores cerebrais. In: PRADA, Irvênia L. S. *A alma dos animais*. Matão, SP: O Clarim, 2018.

PRADA, Irvênia L. S.; IANDOLI JR., Décio; LOPES, Sérgio S. *O cérebro triúno a serviço do Espírito*. São Paulo: AME-Brasil Editora, 2017.

SAMPAIO, Jáder. *Letargia e catalepsia*. 2008. Disponível em: [espiritismocomentado.blogspot.com/2008/09/letargia-e-catalepsia.html](http://espiritismocomentado.blogspot.com/2008/09/letargia-e-catalepsia.html). Acesso em: 13 mar. 2019.

SANTOS, Jorge Andréa dos. *Palingênese, a grande lei – reencarnação*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Sociedade Editora Espiritualista F. V. Lorenz, 1990.

SLOAN, Christopher P. A aurora da vida humana. *National Geographic*, nov. 2006.

SOUSA, Rainer. *Celta*. [2018?]. Disponível em: <https://historiadamundo.uol.com.br/celta/>. Acesso em: 10 out. 2018.

STEVENSON, Ian. *20 casos sugestivos de reencarnação*. Virginia: University Press of Virginia, 1966.

\_\_\_\_\_. *Where reincarnation and biology intersect*. Westport: Praeger Publishers. 1997.

VIEIRA, Raymundo Mano. *A mente humana: uma aproximação filosófica no seu conhecimento*. 1985. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1985.

\_\_\_\_\_. *Mente: uma conceituação aproximativa*. In: VIEIRA, Raymundo Mano. *A mente humana: uma aproximação filosófica no seu conhecimento*. 1985. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1985.

WANTUIL, Z. *As mesas girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1957.

Outra obra da autora lançada pela FE Editora:

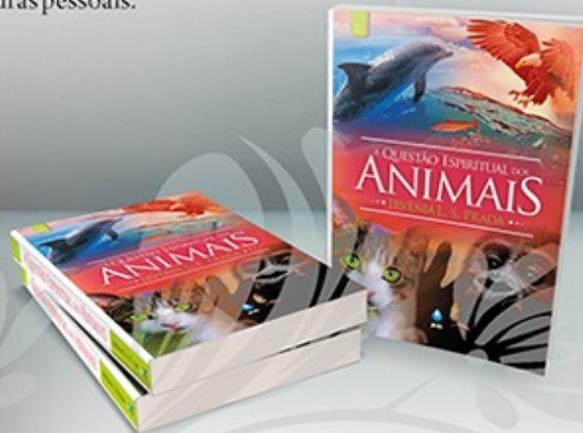
---

A QUESTÃO ESPIRITUAL DOS  
**ANIMAIS**  
••• IRVÊNIA L. S. PRADA •••

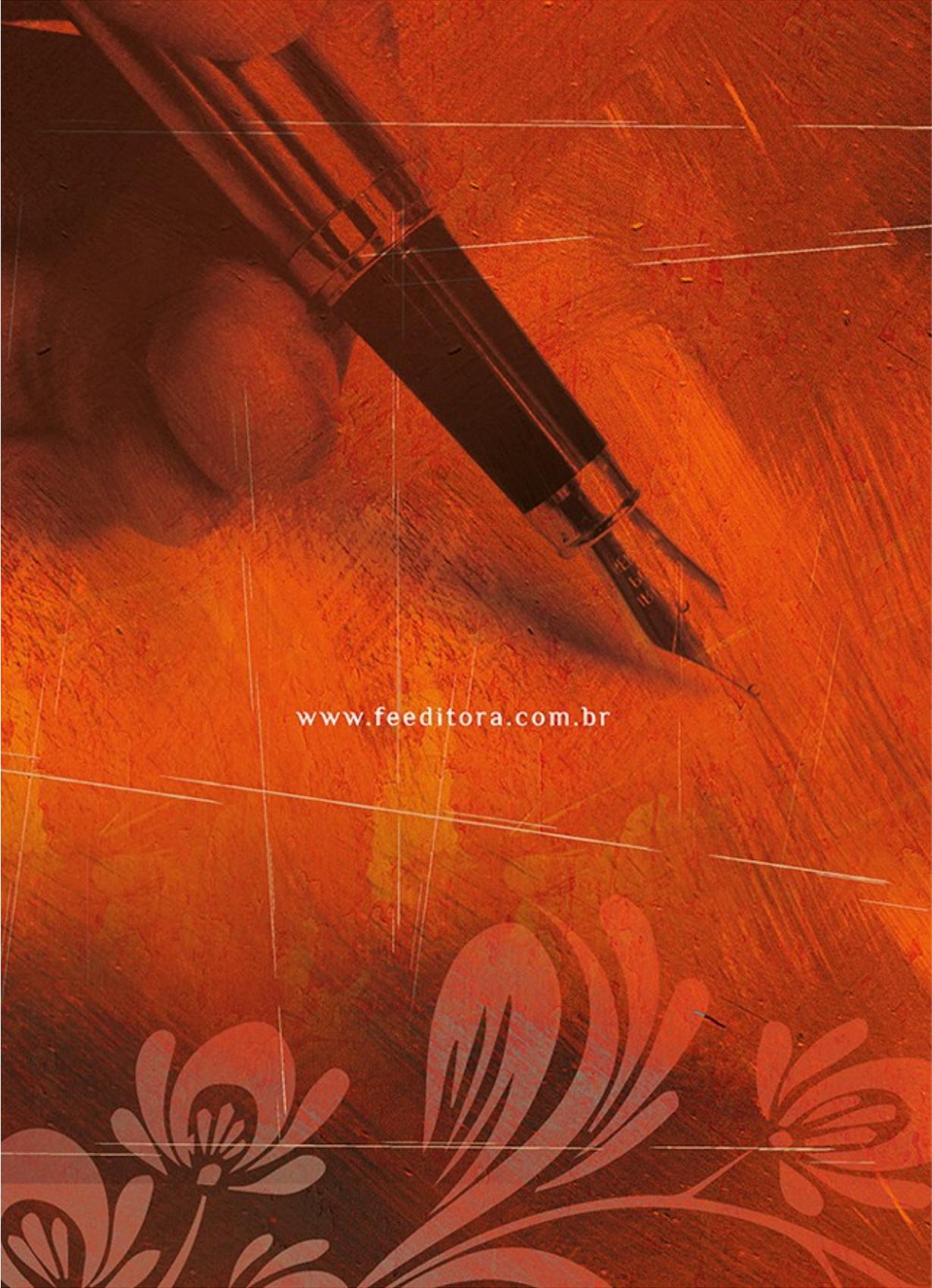
---

Este livro é um convite à reflexão sobre o significado da existência dos animais: suceder de etapas na longa jornada evolutiva do princípio inteligente. Sendo nossos companheiros de morada neste planeta, merecem ser compreendidos, respeitados e, principalmente, amados, ao trilharem os mesmos caminhos que, certamente, já percorremos.

Pretende-se demonstrar, através desta obra, que os animais não são simples máquinas movidas por um “combustível” chamado instinto. Pelo contrário, suas mais variadas espécies e formas orgânicas representam manifestações de atuação do princípio inteligente no cumprimento das sucessivas etapas de sua longa jornada evolutiva. Temas como desencarne e reencarnação, figuras animais no plano espiritual, mediunidade, carma e sofrimento, “espíritos da natureza”, eutanásia, emoções e “humanização” dos animais, bem como os dilemas ético e doutrinário do comer ou não comer carne são aqui tratados de maneira crítica, ou seja, como questão. Vale a pena continuar a estudar, a pesquisar e a aprender. Só não vale passar, em nome da Doutrina Espírita, nossos conceitos, nossas opiniões e posturas pessoais.







[www.feeditora.com.br](http://www.feeditora.com.br)